PATRÍSTICA

SANTO AGOSTINHO

A fé e o símbolo
Primeira catequese aos não cristãos
A disciplina cristã
A continência

PAULUS

SANTO AGOSTINHO

A FÉ E O SÍMBOLO

PRIMEIRA CATEQUESE AOS NÃO CRISTÃOS

A DISCIPLINA CRISTÃ

A CONTINÊNCIA

Índice

A FÉ E O SÍMBOLO - Introdução
A Fé e o Símbolo
PRIMEIRA CATEQUESE AOS NÃO CRISTÃOS - Introdução
PRIMEIRA CATEQUESE AOS NÃO CRISTÃOS
A DISCIPLINA CRISTÃ - Introdução
A DISCIPLINA CRISTÃ
A CONTINÊNCIA - Introdução
A continência

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como "Padres da Igreja", ou "santos Padres", e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção "Sources Chrétiennes", hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de "voltar às fontes" do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora *procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as "fontes" do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento.* Paulus Editora *quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.*

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém séria.

Cada obra tem uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de

compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, das origens dela, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão "teologia patrística" para indicar a doutrina dos Padres da Igreja distinguindo-a da "teologia bíblica", da "teologia escolástica", da "teologia simbólica" e da "teologia especulativa". Finalmente, "Padre ou Pai da Igreja" se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da Antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como "Pai da Igreja" quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não se espere encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a Antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de s. João Damasceno (675-749).

Os "Pais da Igreja" são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda a tradição posterior. O valor dessas obras que agora Paulus Editora *oferece ao público pode ser avaliado neste texto: "Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar esse fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual"*

(B. Altaner e A. Stuiber, Patrologia*, São Paulo, Paulus, 1988, p. 21-22).*

A Editora

A FÉ E O SÍMBOLO
INTRODUÇÃO

Heres Drian de O. Freitas

Ocasião e datação

A obra *A fé e o símbolo* (*De fide et symbolo*), como outras duas que compõe este volume, é, em sua origem, um sermão.[1] Agostinho, contando cerca de dois anos de sacerdócio, pronunciou-o num Concílio Plenário dos bispos africanos[2] em Hipona, em 8 de outubro de 393. Não era usual que um sacerdote fizesse a pregação,[3] menos ainda aos bispos reunidos num Concílio; no entanto, os bispos mesmos determinaram que ali assim fosse.[4]

A matéria tratada por Agostinho, evidente pelo título, foi o Símbolo, ou Credo, com a exposição do conteúdo da fé aí expressa. É possível que os bispos, conhecida a fama de Agostinho – muito rapidamente difusa – e, talvez, tendo sabido que tinha já tratado destas mesmas matérias antes do referido Concílio,[5] encomendassem-lhe não só um pronunciamento, mas também a matéria desse pronunciamento, já que, pelos cânones do Concílio, não é possível concluir que tenha havido discussões a respeito da fé ou do símbolo.[6] Isso é, no mínimo, curioso: por que a exposição de uma matéria da qual não se discutirá? O simples fato de Agostinho ter discorrido, pelo menos, duas vezes antes sobre a fé e sobre o Símbolo explicaria satisfatoriamente, como se acaba de dizer, a encomenda, feita pelos bispos, da matéria do pronunciamento de Agostinho?

A resposta mais plausível deve considerar Santo Agostinho e os bispos conciliares no contexto da teologia norte-africana; uma teologia muito prática, muito atenta ao quotidiano. A leitura de obras de, por exemplo, Cipriano de Cartago, bem como do próprio Agostinho, evidencia isso. O contexto, portanto, ajuda na resposta: pode ter sido uma preocupação – ou mesmo uma necessidade – dos bispos, à parte as discussões que mais tomariam seu tempo durante o referido Concílio, a formação dos recém-batizados na fé que tinham acabado de assumir e sua vivência dessa mesma fé.

De fato, além de uma imprescindivelmente necessária consciência da fé, os contextos sociocultural e religioso-teológico sugerem uma maior exigência de explicação e aprofundamento da fé católica. Quanto ao primeiro, é sabido que, não fazia tanto tempo, o cristianismo havia se tornado religião oficial do império; um império marcado por séculos de tradição pagã. Uma profundamente enraizada tradição na vida social e cultural não desaparece imediatamente, nem mesmo – podemos naturalmente supor – em cristãos verdadeiramente intencionados a deixar o paganismo pela nova fé.[7] Mas o segundo contexto é decisivamente preponderante. Some-se ao primeiro contexto o fato de a fé ser apresentada como *uma*, como *única*, mas com manifestações de aspectos e

matizes que a faziam parecer não uma, não única, e com, ao final, incidência direta sobre o núcleo da fé e da antropologia dela derivante. Referimo-nos às "teologias" então em circulação.

Se o cristianismo, como religião oficial, era relativamente recente, mais recente ainda era a promulgação do Símbolo Niceno-constantinopolitano,[8] que também não foi aceito pacificamente. Havia literatura teológica pré e pós-nicena (e, aqui, pró e antinicena) defendendo teologias ou, mais exatamente, cristologias distintas, que buscavam responder a questões específicas: Jesus Cristo encarnou-se verdadeiramente ou aparentemente? Se verdadeiramente, ele é homem ou é Deus? Se é homem, tem alma humana? Se é Deus, não é ele o próprio Pai feito homem? Se não é o Pai, é igual ou inferior ao Pai? Se é igual, como pode ser *outro* que não o Pai? O Símbolo, de modo conciso, responde a todas essas perguntas. Todas elas, e aqui não há mais que alguns exemplos,[9] incidiam – e incidem – diretamente sobre o conceito de mediador (Jesus Cristo) e a doutrina da salvação do homem.

Dito mais simplesmente: se Jesus Cristo não é homem (realmente homem, com alma humana) e não é, ao mesmo tempo, Deus, como pode ser mediador entre Deus e os homens? (O mediador deve ter, necessariamente, características daqueles entre os quais faz a mediação; o Cristo tem, por um lado, a humanidade, e, por outro, a divindade.) E sem a mediação do Cristo, como o homem poderia aceder, por assim dizer, à esfera da divindade? A distância entre o Criador e a criatura, marcada pelo pecado, seria intransponível por essa última.

É indiscutível que tais circunstâncias exigissem que a fé fosse explicada, e bem explicada. Nesse, chamemos assim, marco circunstancial, é normal que o Símbolo assumisse o lugar da *Regra da Fé*,[10] assinalando as margens dentro das quais a reflexão teológica deveria caminhar sem riscos de destoar da Revelação experimentada e transmitida pelos apóstolos e contida nas Escrituras.

Todo esse contexto explicaria o motivo de Agostinho pôr-se a discorrer sobre a fé para os bispos, ou melhor, de os bispos terem pedido a Agostinho que lhes falasse da fé e do Símbolo. Mas aqui poderia surgir outra pergunta: não seriam os bispos a ter de expor a fé, e expô-la aos fiéis, principalmente aos catecúmenos, como já dito nesta introdução? A resposta é sim, e Agostinho o sabe. Por isso, menciona, em sua exposição, o dever de se expor, de se explicar a fé aos iniciados.[11] É preciso, ainda, considerar que talvez não todos os bispos tivessem facilidade com a atividade da pregação, com o *munus docendi* (a função de ensinar). A esse respeito, é famoso o motivo da ordenação do próprio Agostinho: auxiliar o bispo Valério, de origem grega, com a pregação.[12] Não é implausível que houvesse outros na mesma situação de Valério.[13]

Se outros sermões foram transmitidos como livros à posteridade pela tradição manuscrita, como *A disciplina cristã* e *A continência*, neste mesmo volume, não foi esse o caso do *A fé o símbolo.* Depois de pronunciado, Agostinho mesmo conta que, a pedido insistente de alguns daqueles bispos *que mais familiarmente o amavam*,

publicou-o como livro.[14] Por isso este sermão, diversamente dos que acabamos de indicar, consta nas *Retractationes*, onde o bispo de Hipona revisa pouco da obra que temos em mãos, não fazendo mais que uma, digamos, complementação interpretativa, a que voltaremos oportunamente,[15] de um dos artigos dos Símbolo.

O *Símbolo*, ou *Credo*

O termo *símbolo* (*sýmbolon*) tem origem no verbo grego *syn-bállo*, reunir, dentre outros significados, e designava, mormente, um objeto que, tendo sido partido, permitisse, ao serem reunidas as partes, identificar seus portadores como contraentes, ou herdeiros, de um pacto (estatal, ou familiar, ou pessoal), ou como unidos por laços de família, ou de amizade, ou de cidadania... Daí passou a ter um significado próximo ao de "selo"[16] e de uma espécie de carteirinha de identificação.[17] E assim entrou no cristianismo, como identificação; mas identificação da fé professada,[18] um compêndio que reúne as verdades da fé comum dos membros da Igreja. O Símbolo é também chamado *credo* (*creio*), seu primeiro termo em língua latina.

O cristianismo da primeira hora, no entanto, não tinha um símbolo propriamente dito; no século I, fórmulas trinitárias[19] e cristológicas[20] o precedem.

As fórmulas cristológicas eram mais querigmáticas, de anúncio do Cristo salvador, mas também chegaram a ser usadas no batismo. Já as fórmulas trinitárias eram normalmente litúrgicas. A formulação de ambas era ou mais ou menos variada; também o era, ainda que menos, seu conteúdo. No início do século III, estas fórmulas vão se fundindo e, por este mesmo período, e já como, digamos, uma manifestação *in nuce* do Símbolo, aparece a *Regra da fé* (*Regula fidei*).[21]

Ainda que a nomenclatura da Regra da fé variasse de autor a autor[22] e suas formulações tivessem algumas diferenças, seu conteúdo era fundamentalmente o mesmo. A variação quanto ao conteúdo não poderia ser substancial, já que, como as fórmulas trinitárias e cristológicas, expressavam um conteúdo das sagradas escrituras, ou nelas baseado. Diversamente, no entanto, das fórmulas trinitárias e cristológicas, o contexto da Regra da fé era o da investigação filosófico-teológica, não o da liturgia; por isso era mais parecida, talvez, com uma espécie de "sumário genérico da fé cristã".[23]

Com efeito, a Regra da fé é, neste período, usada como "a prova da ortodoxia e a salvaguarda contra doutrinas errôneas e heréticas".[24] No século IV, porém, será o Símbolo a assumir, de fato, esse critério de ortodoxia, principalmente a partir do Concílio de Niceia (325), quando, findadas as discussões, que versavam mormente sobre a divindade do Filho de Deus, os Padres conciliares apresentaram um Símbolo, um compêndio da fé ortodoxa da Igreja.

O Símbolo de Niceia, ou *Niceno*, será, depois, completado no Concílio de Constantinopla (381)[25] e ficará conhecido como *Símbolo Niceno-*

constantinopolitano.[26] Quanto, porém, ao, assim chamado, *Símbolo dos Apóstolos*, já no final do século IV acreditava-se ter sido composto pelos doze.[27] Esse Símbolo desenvolveu-se a partir de um usado em Roma, por volta de 330 (mas que parece ter tido origem num texto grego do século II), e foi ampliado no sudoeste da França.

Entre Niceia e Constantinopla, porém, surgiram vários outros símbolos, com fórmulas e fortunas diversas, que permitissem unificar católicos e hereges (sobretudo os arianos, que propunham expressões que diluíssem as referências sobre a igualdade do Pai e do Filho). Assim, alguns deles eram muito genéricos nas fórmulas, a ponto de estar bem para todos. Mas isso não permitiria uma interpretação, depois, e de fato, que concordasse com a fé do querigma, a fé recebida desde o início. Em todo caso, todas estas fórmulas, com exceção da Regra de fé, eram usadas na liturgia batismal, ou declarativa ou interrogativamente, ou em outro momento do catecumenato, a preparação para o batismo, mas não na liturgia da missa.

Não houve a recitação do credo na missa até o século VI. E isso, inicialmente, no Oriente, onde a introduzir (515-517) essa prática, que, por lá, difundiu-se rapidamente, foi o patriarca de Constantinopla Timóteo e, mais tarde (568), a sancioná-la foi o imperador Justiniano.

A recitação do símbolo na missa era um sinal de que a comunidade dos fiéis era de fé católica, ortodoxa, e não herética, ou de doutrinas estranhas ou contrárias à fé comum da Igreja. A inserção, então, do símbolo na missa se deve, em parte, a questões teológicas, cristológicas ou pneumatológicas.[28] Mas não só.

Sua recitação era como que o indicador da pertença do fiel à única e mesma família da Igreja, dos filhos de Deus acomunados na fé revelada por Cristo; fé que implica, necessariamente, autoentrega nas mãos daquele em quem se crê e que se renova a cada recitação do símbolo.

No Ocidente, a prática da recitação do símbolo na missa começa no final do séc. VI (III Concílio de Toledo, 589), e, diversamente do Oriente, muito vagarosamente se difunde. Ganha mais terreno no séc. VIII/IX e só é adotada em Roma em 1014. Antes disso, o símbolo era, portanto, tipicamente batismal, e a exposição de Agostinho parece ter esse aspecto presente.[29] Afinal, se o buscar o batismo era já um ato de fé, subsequente, claro, a uma pregação prévia, a explicação do Símbolo aprimoraria essa mesma fé.

Se o batismo requer a fé, assumir a fé requer consciência. Por isso, a Igreja primitiva instituiu um período de preparação dos catecúmenos, os candidatos ao batismo. Em relação ao Símbolo, no século IV/V, dois momentos marcam a referida preparação: a *traditio Symboli* e a *redditio Symboli*, isto é, a *transmissão do Símbolo* e a *restituição do Símbolo*. (Mais exatamente, a *transmissão do Símbolo* concluía o tempo de catecumenato.) Nessa ocasião, o bispo explicava o Símbolo para que, além de aprendido, a fé nele contida se tornasse experiência do catecúmeno.[30] O símbolo, portanto, não é somente um "índice de doutrina ortodoxa".

Ao se falar de fé tornada experiência, fala-se, sim, de um conteúdo doutrinal,

teológico, mas também – e principalmente – de um conteúdo que é animado pela dinâmina da própria fé, um conteúdo vivo e no qual aquele que faz a profissão de fé (*credo*, creio) lança-se sempre de novo. Assim, aquele que faz a profissão de fé torna-se sujeito da fé com Aquele que a doa.[31]

Isso aparece na estrutura fundamental do símbolo. Em seu núcleo, há três artigos sem os quais não se tem um símbolo: o Pai, o Filho, o Espírito Santo; três artigos referidos ao Deus uno e trino de quem o fiel recebe a fé e em quem se lança como sujeito em ato de autoentrega (*eu* creio).[32] Por isso a recitação é no singular.[33]

Os demais artigos partem das e remetem às mesmas pessoas da Trindade. O Espírito Santo santifica universalmente a Igreja e projeta-a para além do tempo (comunhão dos santos), redimindo os pecados do crente enquanto esse caminha na história. E a atividade do Espírito é exercida como dom dado mediante a encarnação, paixão, morte e ressurreição do Filho, em quem se tem a ressurreição; e o Pai é de onde tudo parte e onde tudo se conclui (vida eterna).

Estrutura e aspectos doutrinais

Sendo, em sua origem, um sermão, *A fé e o Símbolo* se desenvolve, depois de uma breve introdução, como comentário sintético dos artigos do Símbolo, cujas partes expomos abaixo. Mas não encontramos o Símbolo comentado na ordem específica de seus artigos. De fato, o próprio Agostinho diz não ter desejado discorrer sobre o Símbolo do mesmo modo que é explicado aos catecúmenos.[34] Aliás, o bispo de Hipona não cita explicitamente o Símbolo, nem o Apostólico, nem o Niceno-constantinopolitano, ainda que os tenha presentes em sua exposição.[35]

A estrutura da obra é bastante simples, bem como a apresentação de seu conteúdo, mas não por isso é superficial. De fato, Agostinho detém-se em considerações trinitárias, cristológicas e eclesiológicas, expondo a fé e, por defendê-la, opondo-se à heresia, às "teologias", as antinicenas, mencionadas acima. A respeito dessas considerações, é preciso dizer que a estrutura da apresentação agostiniana é aparentemente "desproporcional", isto é, o Hiponense não dá espaço homogêneo a cada um dos artigos do Símbolo, como talvez preferiria nossa sensibilidade contemporânea. Por exemplo, enquanto é brevíssimo seu comentário sobre a remissão dos pecados (X, 22), são um pouco mais longas suas considerações sobre a Igreja Católica (X, 21) e a ressurreição da carne (X, 23-24) e muitas, esparsas ao longo do sermão, são as "seções" sobre Cristo e a Trindade.[36]

Na verdade, Agostinho parece ter uma clara intenção cristológico-trinitária, ao ponto de se poder dizer que, neste sermão, temos o primeiro tratado cristológico-trinitário do Hiponense. Claro, isso não significa que se encontra aqui a mesma profundidade de raciocínio e exposição que encontramos em obras posteriores, como as analogias trinitárias de relação do *De trinitate*, ou as razões da cristologia mediadora-soteriológica oferecida em *De civitate Dei*; ainda que alguns desses elementos (analogias e mediação

soteriológica do Cristo) não faltem ao sermão que temos em mãos, cuja divisão que propomos é a seguinte:

Introdução (I, 1);

1) Deus Pai – e a criação – (II, 2 – II, 3);
2) O Filho (II, 2 – VIII, 15); unigênito (III, 3), igual ao Pai (III, 4), não criado (V, 5), modelo de humildade (IV, 6) e imutável (IV, 7); encarnado, pelo Espírito, no seio da Virgem (IV, 8 – 10), morto e sepultado (V, 11), ressuscitado (V, 12), ascendido aos céus (VI, 13), sentado à direita do Pai (VII, 14) e que voltará como juiz dos vivos e dos mortos (VIII, 15);
3) O Espírito Santo (IX, 16 – 21), no "quadro" da Trindade (IX, 16 – 18) e como comunhão e amor (IX, 19 – 21);
4) A Igreja Católica (X, 21), a remissão dos pecados (X, 22) e a ressurreição da carne (X, 23 – 24); Conclusão (X, 25).

Na introdução (I, 1), Agostinho deixa claro o objetivo de seu discurso: a compreensão do conteúdo da fé crida, para que seja custodiada contra o erro da heresia.[37] Em seguida, na primeira parte, ele trata da criação (II, 2 – II, 3), que manifesta a onipotência de Deus. Nessa primeira parte, Agostinho, além da catequese positiva, isto é, da explicação do que a Igreja professa como sua fé comum, aproveita para alertar contra o maniqueísmo, que, em seu sistema de pensamento, nega a onipotência divina. Segundo o maniqueísmo, haveria uma natureza, a matéria, que não teria sido criada por Deus, "escapando", assim, de seu poder (II, 2).

Ele passa, então, a tratar do Filho, na segunda parte (II, 3 – VIII, 15), mas não conforme a ordem do Símbolo. Com efeito, antes de falar do Filho como unigênito (III, 3) e da sua missão redentora (IV, 6), o bispo de Hipona apresenta-o como Verbo, que, mesmo com "muitos outros nomes", é o mesmo Jesus Cristo, "nosso libertador... verdadeiro Filho de Deus... pelo qual tudo foi feito" (II, 3). Vê-se, então, de saída, uma abordagem cristológica e plenamente nicena do Símbolo. Agostinho, por cristocêntrico que possa ser,[38] não concebe o Pai sem o Filho; mesmo que a conexão entre Pai e Verbo, na criação, mediante a alusão a Jo 1,3, tenha uma finalidade antiariana: o Filho não é criatura. O Filho unigênito é gerado pelo Pai (II, 3; III, 3), e dizer que ele "é gerado" equivale a dizer que é coeterno e consubstancial ao Pai; pois o Pai gera de si o que é (III, 4).[39] Por isso o Filho é quem melhor manifesta o Pai.

Aqui, ao falar do Verbo que revela o Pai, Agostinho recorre ao exemplo da palavra humana, usada para que revelemos a outros o que temos dentro de nós. Mas, ao dizermos o que somos ou sentimos, o que temos dentro de nós, não *geramos* a nós mesmos. Daí que nossa tentativa de revelar-nos é *indício* de autorrevelação, ainda que parta de nosso espírito. Quer sejam estes indícios palavras, quer gestos, quer expressões, não *geram* um *outro* nós mesmos; são artifícios. E porque o que temos são artifícios, podemos inclusive mentir (III, 4). Por isso, por contraste, o Verbo do Pai, sem artifícios, na verdade da autorrevelação, é *geração* de um *outro* si mesmo do Pai. Dito mais

simplesmente: o Verbo é igual ao Pai e é diferente do Pai (IX, 16). Sendo igual ao Pai, ele é Deus imutável; sendo diferente do Pai, ele, o mesmo Verbo imutável, entra na história para a salvação do homem e torna-se o modelo de humildade (o percurso oposto ao de nosso pecado por soberba; IV, 6)[40] para que o homem possa retornar ao Pai (IV, 6 – 8). Aqui, o bispo de Hipona alerta tanto contra o maniqueísmo quanto contra o arianismo.[41]

Em seguida ele faz uma digressão sobre a imutabilidade de Deus (IV, 7), que facilmente se conecta com o que a precede e com o que a sucede, seja pela menção aos feitos temporais de Jesus (IV, 6), seja, em seguida (IV, 8), pela refência ao Verbo que assume uma natureza mutável; assim, na referida digressão, ele diz que, tendo entrado no tempo, o Verbo não sofreu ou sofre corrupção alguma (o que repetirá em seguida, IV, 10).

Conforme o Símbolo, Santo Agostinho volta a falar do Filho, de sua encarnação pelo Espírito no seio da Virgem (IV, 8 – 10). Onde a sensibilidade religiosa contemporânea talvez quisesse ler uma mariologia, Santo Agostinho se empenha em teologia da encarnação, cristologia e antropologia teológica. Acerca de Maria, Agostinho não faz mais que, pela primeira vez em suas obras, reconhecer sua virgindade pré e pós-parto (repetida em V, 11).[42] E quando poderia parecer que ele faria alguma consideração de tipo mariológico, por conectar dois textos muito associados à mariologia, Jo 2,4 (a hora do Cristo que não chegou nas Bodas de Caná) e 19,26-27 (Maria aos pés da cruz entregue a João), Agostinho prefere aludir às duas naturezas de Cristo, a divina, lida no primeiro texto joanino, e a humana, lida no segundo.[43] Depois disso, detém-se um pouco mais na questão da ascensão de Jesus (VI, 13).

Estranhamente – ao menos inicialmente – é da ascensão que Santo Agostinho parte para começar a tratar da ressurreição do corpo.[44] É preciso ter em mente que ele, aqui, considera, de saída, uma objeção dos hereges ou dos gentios:[45] qualquer coisa terrestre não pode subir ou ter subido aos céus. Agostinho, com 1Cor 15,44 (“semeado um corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual”), afirma que, assim como corpo psíquico – isto é, animado, vivo – não signica corpo que se tornou alma, também corpo espiritual não significa um corpo que se torna espírito. Ele define corpo espiritual como corpo ressuscitado, sem detalhes, um corpo submisso ao espírito, um corpo puro, estável, o que é conforme à morada celeste. Não se trata, portanto, da consideração de elementos físicos em estados distintos, que não podem ser conjugados, mas consideração de uma conformidade moral, estável, em oposição à instável que se tem enquanto se caminha na história. Assim, se a história é tentativa de submeter o corpo ao espírito, Agostinho projeta esse empenho moral para a eternidade, onde se torna prêmio (cf. X, 23 e observações abaixo).

Agostinho, além disso, parece querer evitar qualquer possível eventual interpretação maniqueísta, que, do corpo humano, passasse a considerar – como de fato consideravam – Deus também como extensão corporal. Assim, sua interpretação da ascensão e do

corpo ressuscitado prepara a alegoria usada em relação ao Cristo sentado à direita do Pai (VII, 14): o estar sentado indica o poder de julgar, o estar à direita indica ter a suma beatitude.

No entanto, acerca do julgamento final (VIII, 15), mesmo oferecendo primeiramente uma explicação alegórica (vivos são os justos, mortos são os pecadores), ele admite uma interpretação literal: vivos são aqueles que o Cristo juiz encontrará na terra antes de morrerem e mortos são os que ressuscitarão. Não é sempre, portanto, que o bispo de Hipona é alegórico em sua leitura das Escrituras.

Na terceira parte (IX, 16 – IX, 21), trata do Espírito Santo. É a explicitação da fé na terceira pessoa da Trindade que faz perfeita a profissão de fé (IX, 16). O Espírito é consubstancial e coeterno tanto ao Pai quanto ao Filho; em nada é inferior a ambos. Cada um dos três é Deus, e, no entanto, tem-se um só Deus. Agostinho serve-se de duas analogias para o explicar: a da água, que se bebe, que procede de uma fonte e corre por um rio, e a da madeira de uma árvore, da raiz, do tronco, dos galhos (IX, 17). Limitamo-nos a apresentar a da água.

Em todos os referidos casos – na fonte, no rio, no copo – tem-se sempre água, mas não se pode dizer que o rio seja a fonte, nem que a fonte seja o rio; nem se pode dizer que se bebe a fonte ou o rio; cada um é diferente do outro; mas trata-se sempre de água, ou seja, são sempre a mesma coisa. Mas o exemplo para aqui. Afinal, não se pode dizer que o Pai comece como Pai, depois passe a ser o Filho e termine por ser o Espírito, como se pode dizer que aquela mesma água brota como fonte, corre como rio e, em determinado momento, vai parar no copo do qual se bebe. Os exemplos servem enquanto evocam a unidade da substância da Trindade. Mais que ao Espírito, propriamente, vê-se, Agostinho dedica-se à consubstancialidade da Trindade. E continua a fazê-lo, mesmo ao passar, mais propriamente, ao Espírito Santo (IX, 19 – IX, 21), o dom de Deus porque Deus dá do que é.

Mas o Espírito não é gerado, nem pelo Pai, nem pelo Filho; é divindade que une Pai e Filho, é a comunhão entre eles; é amor, é caridade e suas manifestações: reconciliação, liberdade, verdade (IX, 19). É amor que une a Deus, mas também ao próximo, de modo que a fé seja frutuosa (IX, 21). E é consubstancial ao Pai e ao Filho, sem confundir-se nem com um, nem com outro (IX, 20).

Ao se falar do Espírito como amor, como caridade e suas manifestações, começa a ser delineada uma eclesiologia[46] de comunhão, esplicitada ao comentar a fé na Igreja (X, 21), onde inicia a quarta parte do sermão (X, 21 – X, 24). O fato de Agostinho fixar-se na nota de *católica* mostra que, aqui, ele teria em mente o Símbolo Apostólico. Se fosse diversamente, dificilmente se explicaria a ausência das outras notas presentes no Niceno-constantinopolitano: *una*, *santa*, *apostólica*.

Da Igreja, diz ele que é "católica sem dúvida. Já que..." e apresenta os dois elementos que, em sua concepção, fazem que a Igreja seja católica: integridade da fé e caridade fraterna. Não basta que uma assembleia seja denominada igreja. Se essa assembleia viola a fé, se considera erradamente Deus, se se separa do dom do amor do Espírito, do amor ao próximo e cria facção, cisma, não é católica. E acrescenta: a Igreja católica

"facilmente ignora os pecados do próximo, porque pede que seja perdoada", tem consciência da impossibilidade de se atravessar esta vida sem pecado; quase como se dissesse que ela é consciente dos pecados do próximo exatamente porque o é dos próprios. E quanto ao perdão desses (X, 22) – talvez acenando à diferença entre graves e leves? (X, 21 – 22) –, alude a Mt 6,15 e vincula o perdão recebido ao perdão dado. Aqui, note-se, tem-se, ainda, reflexos da presença do dom do Espírito.

Importante notar, ainda, acerca da catolicidade da Igreja, que um dos elementos que a faz católica, também a faz una. Agostinho parece sugerir que se separar do dom do amor do Espírito é romper com a unidade, é criar facção e cisma, é faltar com o amor ao próximo e, daí, com o amor ao próprio Deus, que não pode ser amado sem que se ame o próximo. Pensar diversamente seria violar a fé, pensando erradamente sobre Deus. Catolicidade e unidade, então, são inseparáveis. Não é possível, agostinianamente falando, ser católico, pensando preservar a integridade da fé, se não se conserva em unidade de amor com o próximo. Se existe facção, se existe cisma, há algo de errado em alguma consideração sobre o conteúdo da fé, ainda que seu conteúdo seja sempre o mesmo (cf. X, 21). É provável que o bispo de Hipona, aqui, tivesse os donatistas em mente.

Nas considerações acerca da ressurreição (X, 23 – 24), Agostinho se delonga um pouco mais. Aqui, a primeira coisa a ser notar é a bondade do corpo (contra os acusadores "plantonistas" do maniqueísmo agostiniano): "A alma, enquanto deseja os bens carnais é *chamada* carne [...] uma parte dela resiste ao espírito; não pela sua natureza, mas pelo hábito dos pecados" (X, 23, grifo nosso). Isso significa que a distinção que faz entre alma e carne, ou corpo e espírito, não é resíduo de dualismo maniqueu, de que frequentemente se acusa Agostinho, no qual a alma seria identificável com o bem, enquanto o corpo, a matéria, com o mal. Aliás, Agostinho diz que a própria divisão está na alma mesma. Trata-se, na verdade, de uma distinção em que os termos indicam uma divisão moral. Mas mesmo se alma e corpo ressentem a divisão ocasionada pelo pecado do primeiro homem, podem retomar seu estado original pela transformação da ressurreição – ressurreição não só da alma, mas do próprio corpo –, onde a carne não resiste ao espírito; pelo contrário, subordina-se a esse (cf. VI, 13).

Uma brevíssima conclusão (X, 25) fecha o sermão. Mas essa brevíssima conclusão contém algo fundamental na teologia agostiniana: a compreensão segue o crer. A fé é ponto de partida para a compreensão daquilo em que se acredita. É ela que move em busca do conhecimento; é ela que leva à compreensão. Essa, por sua vez, alimenta a fé. Conhecimento e compreensão são precedidos por um anúncio. A cada anúncio, tem-se certa compreensão – mesmo se não plena e não de uma vez – do que foi anunciado e, daí, certo assenso é dado ao conteúdo anunciado. Certa compreensão e certo assenso porque, ainda que a Revelação tenha sido completa, não o é sua compreensão e porque a dinâmica da fé exige renovamento constante – nem tanto no que diz respeito ao conteúdo, quanto ao que diz respeito à relação com esse. Entende-se, assim, porque se crê para entender e entende-se para crer.[47] Isso passa, claro, pelo próprio empenho pessoal de leitura, de pesquisa, como a obra que temos em mãos mostra que o próprio

Agostinho fez.

A esse respeito, poderia ser dito que Agostinho apresenta-se muito "timidamente", já que não assume que é de sua autoria o que diz do Espírito como comunhão entre Pai e Filho (IX, 19), que será mais bem elaborada em *De trinitate*. Mas o fato é que isso não é de sua autoria. Ele lê escritores eclesiásticos[48] para compreender sua fé: "muitos homens doutos e espirituais dissertaram em muitos livros" (IX, 18) e "do Espírito Santo, porém, ainda não falaram muito, tão abundante e atenciosamente, os doutos e os grandes comentadores das Sagradas Escrituras" (IX, 19). Quais esses livros, quem são esses homens doutos e espirituais e grandes comentadores das Escrituras? A resposta, que neste momento não oferece solução segura, contempla, possivelmente, pelo menos, Hipólito, Ambrósio e Mário Vitorino.[49]

A breve obra é também um modelo para os ministros da Palavra, para quem tem o ofício da pregação. É necessário conhecer, e bem, a própria fé. Isso é importante não tanto em vista de uma eventual apologia da mesma quanto em vista de custodiar sua integridade e sanidade para a própria vida e salvação e, daí, para a vida e a salvação do próximo. Além disso, é preciso que a vida do ministro da palavra, do pregador seja conforme a palavra pregada. Note-se que Agostinho fala do explicar a fé, que é acompanhada da "firmeza da caridade e da humildade", que, de fato, conduzem à divina doutrina, que, crida e professada, conduz à salvação.[50] Assim, se a explicação não substitui o próprio Símbolo,[51] tampouco substitui o melhor modo de propagação da fé corretamente professada: o vivenciá-la.

1 Cf. *Retractationes* I, 17.

2 Cf. *Retractationes* I, 17.

3 Cf. POSSÍDIO, *Vida de Santo Agostinho*, 5, 3, Paulus, 2011, p. 41.

4 Cf. *Retractationes* I, 17.

5 Cf. *Sermão* 216, normalmente datado em 391. Além do referido *Sermão*, Santo Agostinho tinha composto, não muito tempo antes, seu *De utilitate credendi* (391). A respeito dos sermões sobre o Símbolo, é estranho que, desses, se conservem somente sete autenticamente agostinianos. Além do já citado e do próprio *De fide et symbolo*, há também os 212-215 e o *Sermão sobre o símbolo aos catecúmenos* (*De symbolo ad catechumenos*; a ser publicado no próximo volume dedicado a Santo Agostinho nesta coleção), que a tradição manuscrita fez chegar até nós como livreto. Essa estranheza deve-se, principalmente, ao fato de o bispo ter, dentre suas tarefas, a de instruir os catecúmenos, e um dos momentos desse processo era a *Transmissão do Símbolo*, quando esse era dito, e explicado, aos que estavam por ser batizados. Agostinho deve tê-lo feito não poucas vezes. Para a datação das obras citadas nesta introdução, ver respectivo verbete em FITZGERALD, A. (org.), *Agostino. Dizionario enciclopedico*, Città Nuova, 2007, e MAYER, C. (org.), *Augustinus-Lexikon*, Schwabe, vol. 1 (1986-1994), vol. 2 (1996-2002), vol. 3 (2004-2010).

6 Ver GLANCY, F. G., *Fide et Symbolo, De*, em, FITZGERALD, A. (org.), *op. cit.*, p. 726-727, p. 726. Se bem que, no referido concílio, os bispos receberam uma versão do Símbolo de Niceia, sem a complementação de Constantinopla; cf. HEFELE, K. J., *Histoire des Conciles d'après les Documents Originaux*, Paris, 1908, vol. 2/1, p. 84. (Este Concílio foi o primeiro a fazer uma relação canônica dos livros que compõem as Sagradas Escrituras. A esse respeito, veja-se METZGER, B., *The Canon of the New Testament*, Oxford, 1987.) Para a história e os cânones do referido concílio, que tratou somente de questões disciplinares, ver HEFELE, K. J., *op. cit.*, vol. 2/1, p. 82-91.

7 Encontramos Agostinho, algumas vezes, comentando de fiéis que participavam na missa, mas também nos festivais pagãos, que, embora proibidos, ainda vigoravam. Ver, a esse respeito, por exemplo, *Explicação da Carta*

aos Gálatas, 51, Paulus, 2009, Coleção Patrística 25, p. 138 e sua nota. Sobre a legislação imperial antipagã, anti-herética e questões afins, veja-se CAMERON, A., *The Later Roman Empire. AD 284-430*, Harvard University Press, 1993. Sobre a Igreja e o Império, veja-se DI BERARDINO, A. e STUDER, B. (ed.), *Storia della teologia*, vol. I: *Epoca patristica*, Institutum Patristicum "Augustinianum", 1993, p. 307-320 (*La situazione ecclesiale*). Sobre os novos cristãos e velhos costumes pagãos, ver BROWN, P., *Religion and Society in the Age of Saint Augustin*, Faber & Faber, 1972.

8 Cf., abaixo, p. 15-16.

9 Mas trata-se dos mesmos exemplos de "teologias" afrontadas por Agostinho no *A fé e o Símbolo*, e que oportunamente serão indicadas.

10 Cf., abaixo, p. 14-15.

11 Cf. I, 1; mesmo se SCHINDLER, A., *Fide et symbolo (De-)*, em MAYER, C. (org.), *op. cit.*, vol. 2, 1996-2002, cc. 1311-1317, c. 1312, sugere que as referências aos batizados – veja-se, abaixo, nota 29 – sejam um recurso de Agostinho para tornar a obra útil além do círculo episcopal conciliar.

12 POSSÍDIO, *Vida de Santo Agostinho*, 5, 2, Paulus, 2011, p. 41.

13 Cf. SCHINDLER, A., *loc. cit*.

14 Cf. *Retractationes* I, 17.

15 Ver, abaixo, p. 58, nota 118.

16 Se bem que, com esse mesmo significado, fora usado em textos clássicos; cf., por exemplo, PLAUTO, *Pseudolus*, I, 1, 55; II, 2, 598 e 4, 696a.

17 Acerca dos diversos significados do termo, vejam-se, *sub voce* "súmbolon", LIDDELL, H. G., SCOTT, R., *A Greek-English Lexicon*, Oxford, 1940, disponível em www.perseus.tufts.edu/hopper no menu *Collections*/*Texts* e, então, em *Greek and Roman materials*, onde está o dicionário (cujo endereço *web* completo não oferecemos dada a dimensão do mesmo); LAMPE, G. W., *A Patristic Greek Lexicon*, Oxford, 1961, p. 1282; e, *sub voce* "symbolus", FORCELINI, E., *Lexicon Totius Latinitatis*, vol. IV, Pavia, 1940, p. 641.

18 O termo, foi dito, passa a fazer parte do vocabulário cristão a partir do grego. Isso talvez se deva ao fato de ter sido o grego a língua litúrgica primitiva, já que o equivalente latino (*tessera*) de *sýmbolon* não é atestado nem na liturgia nem na literatura cristãs primitivas. Tem-se a primeira atestação de *sýmbolon* em CIPRIANO, *Epistula* 69, 7.

19 Cf., por exemplo, Mt 28,19; 1Cor 6,11; 2Cor 13,13; 1Ts 5,18.

20 Cf., por exemplo, Mt 16,16; Mc 8,29; Jo 1,29; At 2,36; 8,37; Rm 1,3; 8,11; 1Cor 6,14; 1Ts 1,10.

21 Sobre a *Regra da fé*, veja-se GROSSI, V., *Regula Fidei* em DI BERARDINO, A. (org.), *Dizionario patristico e di antichità cristiane*, Marietti, 1984, vol. II, cc. 2981-2982.

22 Isto é, podendo ser encontrada como *Regra da verdade*, *Regra da piedade*, *Medida da fé*, *Norma da fé*... Mas essa terminologia diversificada não se deve, exatamente, à quantidade de autores e pode ser encontrada variada até mesmo num único autor. Pouco mais tarde, porém, até mesmo o Símbolo terá, dentre outras designações, a de *norma da fé* (cf. AGOSTINHO, *Sermones* 58, 1 e 212, 2).

23 HANSON, R. P. C., *Confissões e Símbolos de Fé*, em DI BERARDINO, A., *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*, Vozes/Paulus, 2002, p. 321-324, p. 322.

24 HANSON, R. P. C., *op. cit.*, p. 322.

25 A respeito dos referidos Concílios, veja-se CURA ELENA, S. del, *Concílios*, em PIKAZA, X., e SILANES, N., *Dicionário Teológico o Deus Cristão*, Paulus, 1998, p. 167-185, p. 168-173. Sobre os Símbolos, em geral, *Ibid.*, p. 827-836.

26 No século IV, Constantinopla completou o símbolo de Niceia por ter sido aquele um período de fervorosas discussões teológicas, tais como a divindade do Filho e sua dupla natureza – humana e divina –, sua igualdade com o Pai, a divindade do Espírito Santo e de quem procede – do Pai e/ou do/pelo Filho, a disputada questão do *filioque* (= *e do filho*). No entanto, Niceia e Constantinopla não põem fim a todas as questões: Éfeso (431) e Calcedônia (451) são fundamentais para a reflexão trinitária e cristológica. Note-se, no entanto, que, desde Niceia, o Símbolo é usado como compêndio – e norma – de fé em contexto de reflexão teológica, como antes a *Regra de fé*; Agostinho dirá algo a esse respeito em seu *Enchiridion de fide, spe et caritate*.

27 Cf. AMBRÓSIO, *Explanatio Symboli*, 1. Inversamente – parece ser – aos irmãos católicos portugueses, o Símbolo Apostólico é recitado, normalmente, pelos católicos brasileiros cada domingo, enquanto o Niceno-constantinopolitano, nas solenidades. O Símbolo Apostólico não é usado no Oriente, nem pelos irmãos ortodoxos, nem pelas Igrejas Católicas Orientais. Anglicanos e Luteranos, além de alguma outra das grandes igrejas irmãs protestantes, também recitam o Símbolo. Para considerações sobre aspectos ecumênicos do Símbolo, além de históricos e teológicos, recomendamos a obra de PELIKAN, J., *Credo. Historical and Theological Guide to Creeds and Confessions of Faith in the Christian Tradition*, Yale University Press, 2003.

28 O Concílio de Constantinopla, além de voltar à divindade do Filho, tratou também do Espírito Santo, cuja divindade só aparece em questão depois de Niceia.

29 Agostinho alude a catecúmenos e a batizados há pouco tempo: "... que *os iniciantes* e os que estão crescendo na fé, estes que em Cristo renasceram...". Logo em seguida, refere-se de novo a eles: "será explicado a estes *iniciantes*..." (*A fé e o Símb.*, I, 1; grifo nosso) e, na conclusão: "a fé que é dada aos *novos* cristãos..." (*A fé e o Símb.* X, 25; grifo nosso).

30 A fé, o conteúdo do Símbolo, deve conduzir à salvação "pela firmeza da caridade e da humildade" (*A fé e o Símb.*, I, 1), porque "se esta fé não compreender uma assembleia e uma sociedade de homens na qual a caridade fraterna seja operada, será menos frutuosa" (IX, 21). As palavras do Símbolo sejam conhecidas para ser cridas, e, assim, os fiéis "vivam retamente" (*A fé e o Símb.* X, 25).

31 De fato, a fé é *virtude teológica*, isto é, é dom divino. A esse respeito, veja--se VILLANOVA, E., *Fé*, em FLORISTAN SAMANES, C. e TAMAYO-ACOSTA, J.-J., *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*, Paulus, 1999, p. 291-298, especialmente p. 292-293.

32 A esse respeito (e os desdobramentos do sujeito em *religioso*, *cristão* e *espiritual*), veja-se VILLANOVA, E., *Credo*, em FLORISTAN SAMANES, C., e TAMAYO-ACOSTA, J.-J., *op. cit.*, p. 145-152, especialmente p. 149-151.

33 Exceto na formulação do Credo de Niceia, onde os Padres, para enfatizar a fé ortodoxa comum, em contraposição à fé heterodoxa de alguns, usaram o plural *cremos* (*pisteúomen*). Acerca da fé como experiência pessoal, ver VILLANOVA, E., *op. cit.*, p. 291-298, especialmente p. 294-295; GELABERT, M., *Fé, Confiança*, em PIKAZA, X., e SILANES, N., *op. cit.*, p. 340-344, especialmente 340.

34 Cf. *Retractationes*, 1, 17.

35 Cf.: II, 3; III, 4 e IV, 6 evocam, nitidamente, o Niceno-constantinopolitano. Já as referências seguintes podem remeter a um ou a outro dos Símbolos; mas, mais possivelmente, ao Apostólico: IV, 8; V, 11; V, 12; VI, 13; VII, 14; VIII, 15; IX, 16; X, 21; X, 22.

36 Contudo, mesmo ao tratar do Cristo, há pontos privilegiadamente comentados, enquanto de outros não é dito muito. Por exemplo, há ênfase na igualdade entre o Pai e o Filho (III, 4; IV, 5; IV, 6; IX, 16; IX, 17; IX, 18; IX, 20), enquanto da sua ressurreição não se tem mais que poucas palavras (V, 12).

37 Cf. *Da fé e do Símb.,* I, 1 e X, 25. Acerca da heresia, em geral, na obra e no pensamento de Agostinho, veja-se WURST, G., *Haeresis, haeretici*, em MAYER, C., *op. cit.*, vol. 3, 2004-2010, cc. 290-302.

38 Veja-se, a esse respeito, STUDER, B., *Gratia Christi – Gratia Dei bei Augustinus von Hippo: Christozentrismus oder Theozentrismus?*, Roma, 1993.

39 A esse respeito, ver também IX, 18.

40 Sobre a humildade do Verbo, ver também V, 11.

41 Mesmo que Agostinho, ou a Igreja africana no tempo de Agostinho, não tenha tido que afrontar o arianismo nas mesmas proporções de Ambrósio, ou da Igreja milanesa, por exemplo, o bispo de Hipona deve ter tido algum contato com esse durante sua estadia em Milão. E se diretamente não o teve, seguramente ouviu alguma pregação antiariana de Ambrósio. Isso explica por que o antiarianismo não ocupa tanto espaço nas obras de Agostinho quanto, por exemplo, o donatismo. Quanto ao arianismo na África, sua presença, em grande escala, coincide com a invasão dos vândalos, nos últimos meses da vida de Agostinho, portanto. A disputa, face a face, de Agostinho com o ariano Maximino (*Conlatio cum Maximino Arianorum episcopo*) é de poucos anos antes (427-428) e o *Contra sermonem Arianorum*, anterior ao precedente em cerca de dez anos (419), deve-se a um texto enviado a Agostinho para que fosse respondido. A esse respeito, veja-se VIAN, G. M., *Ariani d'Africa*, em MARIN, M. e MORESCHINI, C. (orgs.), *Africa Cristiana. Storia, religione, letteratura*, Morcelliana, 2002, p. 241-254, p. 243-244 e 249-250.

42 A esse respeito, veja-se DODARO, R., *Maria uirgo et mater*, em MAYER, C., *op. cit.*, vol. 3, 2004-2010, cc. 1171-1179, especialmente, cc. 1173-1175. A questão da virgindade de Maria não encontra oposição na Igreja Primitiva. As "teologias", neste momento, gravitam em torno da cristologia e da Trindade. Maria estará sob mira teológica pouco mais tarde, nas discussões acerca da *Theotokos*, se é certo ou não chamá-la *Mãe de Deus* (Éfeso, 431).

43 Sobre as duas naturezas de Cristo, ver também IX, 18.

44 "Iniciar" porque voltará a comentar sobre a ressurreição abaixo: X, 23 – 24.

45 É possível que se trate dos maniqueus; cf. Pieretti, A., *Introduzione, traduzione e note*, em *Sant'Agostino. La fede e il Simbolo*, Città Nuova [Nuova Biblioteca Agostiniana VI/1], 1995, p. 245-295, p. 271, nota 45.

46 Quanto à eclesiologia de Agostinho, em geral, ver BOUYER, L., *The Church of God: Body of Christ and Temple of Spirit.* Franciscan Herald Press, 1982.

47 O *crer para entender, entender para crer*, culminará no, assim chamado, *círculo hermenêutico agostiniano*; a

este propósito, e para referências, veja-se PACIONI, V., *Agostino d'Ippona. Prospettiva storica e attualità di una filosofia*, Mursia, 2004, p. 31-43.

48 Cf. SCHINDLER, A., *op. cit.*, c. 1312.

49 Cf. AYRES, L., *The Fundamental grammar of Augustine's Trinitarian theology*, em DODARO, R. e LAWLESS, G. (orgs.), *Augustine and his critics*, Routledge, 2000, p. 51-76, p. 57-58.

50 *A fé e o simb.*, I, 1. Agostinho recordará algo semelhante, mas mais desenvolvido, em *De doctrina christiana* IV, 27, 59 e 29, 62. Já no *De catechizandis rudibus*, neste mesmo volume, tratará não pouco do estado de espírito – o que não é insignificante no processo de transmissão da fé – do catequista e do catequizando.

51 *A fé e o simb.*, I, 1.

A FÉ E O SÍMBOLO

Santo Agostinho

A importância do Símbolo

I. 1. Está escrito e confirmado com vigorosa autoridade apostólica que "o justo viverá pela fé";[1] esta mesma fé exige de nós um esforço do coração e da língua, pois, de fato, diz o Apóstolo: "crede com o coração para obterdes a justiça, e com a boca faça-se a confissão de fé para obterdes a salvação".[2] Convém, então, que nos lembremos da justiça e da salvação. Já que somos destinados a uma justiça sempiterna, não podemos ser salvos da maldade deste tempo presente se não nos esforçarmos à salvação dos próximos, também professando com a boca a fé que levamos conosco em nossos corações.[3] Para que tal fé não possa, com a astuta enganação dos heréticos, ser violada em nós, em qualquer parte, devemos nos proteger com piedosa e cuidadosa vigilância. É por isso que a fé católica é dada a conhecer aos fiéis por meio do Símbolo, e mandada à memória, devido à brevidade do texto;[4] para que os iniciantes e os que estão crescendo na fé, estes que em Cristo renasceram e que ainda não foram fortificados por um conhecimento atento e por um entendimento espiritual das Divinas Escrituras, sejam levados a crer, por poucas palavras, naquilo que, com muitas palavras, será explicado a estes iniciantes, conduzindo-os à divina doutrina pela firmeza da caridade e da humildade. Sob estas breves fórmulas que compõem o Símbolo, muitos heréticos tentaram esconder seus venenos, aos quais a divina misericórdia resistiu e resiste através de homens espirituais, que mereceram não somente receber e crer na fé católica, contida naquelas poucas palavras, mas, pela revelação do Senhor, mereceram conhecê-las e entendê-las. De fato, está escrito: "Não compreendereis se não credes".[5] A explicação da fé serve para defender o Símbolo; não que esta explicação, aos que recebem a graça de Deus, como tem de ser aprendida e mandada à memória, tome o lugar do Símbolo, mas para que ela possa, contra as insídias dos hereges, com a autoridade católica, guardar com munida defesa aquilo que o Símbolo contém.

Deus Pai todo-poderoso

II. 2. Alguns, de fato, tentaram persuadir que Deus Pai não é onipotente; não porque ousaram dizê-lo, mas porque, em suas tradições, assim são convencidos a sentir e crer. Quando, porém, afirmam que existe uma natureza que Deus onipotente não teria criado, da qual também foi feito este mundo, o qual admitem ser bem ordenado, eis que negam a onipotência de Deus, não aceitando que tenha criado o mundo, a não ser que, para fazê-lo, tenha se servido de uma natureza que já existia, e que Ele não criara.[6] Naturalmente, se atêm ao costume carnal de ver ferreiros, construtores, e outros

artífices, os quais, sem a ajuda da matéria-prima pronta, não podem realizar suas obras. Assim, concebem o criador do mundo como não onipotente, se não pode criar o mundo, a não ser servindo-se de algum tipo de matéria que ele não tivesse criado. Porém, se admitem que Deus onipotente é o criador do mundo, devem admitir que tenha feito o que fez a partir do nada. De fato, não poderia haver outra coisa, da qual ele não seja criador, sendo que Ele é onipotente. Pois, se fez algo a partir de alguma outra coisa, como o homem do barro, não o fez absolutamente de algo que Ele mesmo não criara, já que a terra, de onde provém o barro, a criara do nada. E se o próprio céu e a terra, isto é, o Universo e tudo o que existe nele, os tivesse criado a partir de uma matéria, como está escrito: "Tu que fizeste o mundo de uma matéria invisível",[7] ou informe, como trazem alguns manuscritos,[8] não se deve absolutamente crer que esta mesma matéria da qual foi feito o mundo, ainda que informe, invisível, de qualquer tipo que fosse, por si mesma pudesse ser coeterna e coexistente com Deus; qualquer que fosse o modo em que se encontrava, para que pudesse ser de qualquer tipo, e pudesse receber formas de coisas distintas, não o seria ou o teria se não tivesse recebido de Deus onipotente, de cujo benefício provém não só qualquer coisa formada, mas qualquer coisa que pode vir a ser formada. Entre o que é formado e o que é que pode vir a ser formado existe esta diferença: o que é formado recebeu já uma forma, o que é formável pode recebê-la. Mas quem assegura forma às coisas é o mesmo que assegura que algo possa ser formado, pois dele provém e nele está todo tipo de ideia belíssima e imutável. E Ele mesmo é o único que permite a qualquer coisa não só ser bela, mas que bela possa ser. Por essa razão, retamente cremos que tudo Deus tenha feito a partir do nada, pois se de alguma matéria foi feito o mundo, essa mesma matéria foi feita do nada, de modo que por uma obra ordenadíssima de Deus, primeiro a esta foi dada a capacidade de formar-se e, depois, de formar-se em qualquer que seja a forma. Dissemos isso, para que ninguém pense que são contrárias ao que dizem as Divinas Escrituras, pois está escrito que Deus criou tudo do nada, e que o mundo foi feito a partir de uma matéria informe.[9]

O Filho, Verbo de Deus

II. 3. Então, crentes em Deus Pai onipotente,[10] devemos pensar que não há criatura que não tenha sido criada pelo Onipotente. E que tudo criou pelo Verbo, e o Verbo é também chamado de Verdade,[11] Virtude e Sabedoria de Deus,[12] e é chamado por muitos outros nomes que mostram que Jesus Cristo, da nossa fé Senhor, nosso libertador, é verdadeiro Filho de Deus. De fato, aquele Verbo, pelo qual tudo foi feito,[13] foi gerado por aquele que tudo criou por si mesmo.

Jesus Cristo, Filho unigênito

III. 3. Cremos também em Jesus Cristo Senhor nosso, Filho de Deus, unigênito do Pai,[14] isto é, único. E não devemos entendê-lo como se fosse o verbo de nossas

palavras, que, pronunciadas com a voz ou pela boca, transitam pelo ar, e não permanecem além do tempo que ressoam; o Verbo permanece imutavelmente; de fato, dele foi dito quando se falava da Sabedoria: "permanecendo em si mesma, renova todas as coisas".[15] Todavia, é dito Verbo do Pai, porque por ele se dá a conhecer o Pai. Assim, pois, como fazemos com nossas palavras quando falamos, o nosso espírito se dá a conhecer ao nosso ouvinte, e qualquer segredo que tenhamos no coração, por tal sinal é levado ao conhecimento de outrem, assim, aquela Sabedoria que Deus Pai gerou, que por si mesma dá a conhecer às almas dignas os segredos do Pai, justamente é chamada de seu Verbo.

Igualdade do Verbo com o Pai

III. 4. Pois entre o nosso espírito e as nossas palavras, através das quais tentamos mostrar o próprio espírito, há uma enorme diferença. Certamente, nós produzimos as palavras que ressoam e as proferimos, mas, proferindo-as, não as tornamos matéria como o corpo. Então, há grande diferença entre o corpo e o espírito. Deus, porém, ao gerar o Verbo, gerou o que Ele mesmo é, e não a partir do nada, ou a partir de alguma matéria já feita ou constituída, mas de si mesmo, o que Ele mesmo é. É isto o que também nós tentamos fazer, quando dizemos, se diligentemente consideramos o desejo da nossa vontade; porém, não quando mentimos, mas quando dizemos a verdade. O que, então, intencionamos, se não transferir o nosso próprio espírito, se fosse possível, ao espírito do ouvinte para que o conheça e observe? Assim, permanecendo em nós mesmos e não nos separando de nós, o outro nos vem a conhecer e podemos dar algum indício e, por quanto é consentido, a partir do nosso espírito, é como que criado um outro espírito que nos revela. Fazemo-lo tentando com palavras, e com o próprio som da voz, com expressões do vulto e com os gestos do corpo. São tantos, pois, artifícios aos quais recorremos para mostrar o que está dentro de nós. Mas, já que não podemos realizar tal feito, e quem fala não consegue dar-se a conhecer completamente, nos abrimos também à mentira. Deus Pai, porém, que podia e queria dar-se a conhecer verdadeiramente às almas destinadas a tal conhecimento, para mostrar-se a si mesmo, gerou o que Ele mesmo é: também chamado de sua Virtude e Sabedoria, pois por ele operou e dispôs todas as coisas. Por isso, dele é dito: "se estende de um extremo a outro fortemente, e tudo ordena com suavidade".[16]

O Filho não é criado. Por ele tudo foi feito

IV. 5. Pois o Filho de Deus é unigênito e não criado pelo Pai, pois, como diz o evangelista: "tudo foi feito por meio dele",[17] nem foi gerado no tempo, porque, sendo eternamente sábio, teve sempre consigo sua Sabedoria; nem é diverso do Pai, ou seja, não é inferior a Ele, pois também disse o Apóstolo: "Ele, estando na forma de Deus, não usou de seu direito de ser tratado como um deus".[18] Desta fé católica, portanto, são

excluídos os que dizem que o Filho e o Pai são o mesmo;[19] pois este Verbo não poderia estar com Deus[20] se não fosse Deus Pai, pois não se pode comparar a ninguém quem está só. Também são excluídos os que dizem que o Filho é uma criatura, porém não tal como são as outras.[21] O quão grande digam ser esta criatura, se é uma criatura, foi produzida e feita. Produzir é, de fato, o mesmo que fazer; ainda que no uso da língua latina se use às vezes "criar" para "gerar".[22] Não é assim na língua grega. Em latim, de fato, dizemos "criatura" o que os gregos chamam "ser criado" ou "criação" e, quando queremos falar sem ambiguidade, não dizemos "criar", mas "produzir". Logo, se o Filho é criatura, grande que seja, foi criado. Nós, ao invés, cremos naquele por quem "tudo foi feito",[23] não em quem foi feito depois de outras coisas: não podemos aceitar "tudo" senão como se fosse "toda e qualquer coisa feita".

O Redentor: modelo de humildade

IV. 6. Mas porque "o Verbo se fez carne, e habitou entre nós",[24] a mesma Sabedoria que foi gerada por Deus, se dignou também a ser criada entre os homens. A esse fato, pertence aquela frase que diz: "o Senhor me criou, primícias de sua obra".[25] O princípio de suas obras, de fato, é a cabeça da Igreja, que é Cristo revestido de humanidade, para que por Ele nos fosse dado um exemplo de vida; esse exemplo é o caminho seguro pelo qual chegaremos a Deus. Nós não podíamos, de fato, retornar a Ele, senão através da humildade, pois caímos pela soberba, como foi dito à nossa primeira criatura: "no dia em que dele comerdes, sereis como deuses".[26] Desse exemplo de humildade, então, isto é, desse caminho pelo qual deveríamos retornar, o nosso próprio Salvador dignou-se a mostrar em si mesmo, "ele, estando na forma de Deus, não usou de seu direito de ser tratado como um deus, mas despojou-se, tomando a forma de escravo",[27] para que fosse feito homem no início de seus caminhos; Ele, o Verbo através do qual tudo foi feito.[28] Pois já que é unigênito, não tem irmãos; e, pois, como é primogênito, se dignou chamar irmãos todos os que, após a sua primazia, renascem na graça de Deus por adoção filial,[29] como faz valer a disciplina apostólica.[30] Por natureza, o Filho é o único nascido da mesma substância do Pai, sendo o mesmo que é o Pai: "Deus de Deus, Luz da Luz".[31] Nós, entretanto, não somos luz por natureza, mas somos iluminados por essa Luz, para que possamos brilhar com sabedoria. Está escrito: "Ele era a Luz verdadeira que ilumina a todo homem".[32] Incluímos, pois, à fé nas coisas eternas, também os feitos temporais do nosso Senhor, que se dignou torná-las uma realidade, e oferecê-las a nós para a nossa salvação. De fato, sendo o unigênito de Deus, dele não se pode dizer: "Ele foi", ou, "Ele será", mas somente: "Ele é", pois o que foi já não é, e o que será ainda não é. Ele é, portanto, imutável, sem condição ou mudança no tempo. Não creio que haja um outro lugar de onde possa surgir quem tal nome sugeriu a seu servo Moisés;

pois, quando foi interrogado sobre quem o teria enviado, caso o povo não lhe desse ouvidos, recebeu de quem falava esta resposta: "'Eu sou aquele que é'. Disse mais: 'Assim dirás aos israelitas: Eu Sou me enviou a vós'".[33]

Só Deus é imutável

IV. 7. Do que confio às almas espirituais, será claro que nenhuma natureza poderá ser contrária a Deus. Se, de fato, Ele é, e somente a ele se aplica justamente este verbo (o que, de fato, é verdade, permanece imutável; pois o que é mutável foi algo que já não é, e será o que ainda não é), nada há contrário a Deus. Se a nós, contudo, fosse perguntado o que é contrário ao branco, responderíamos que é o preto; se nos fosse perguntado o que é contrário ao quente, responderíamos o frio; e se fosse perguntado o que é contrário ao veloz, responderíamos o que é lento; e a qualquer coisa do mesmo modo. Mas se é perguntado o que é contrário àquele que é, corretamente responder-se-ia: o que não é!

A encarnação do Verbo

IV. 8. Mas, como disse, operando pela vontade de Deus para a nossa salvação e redenção, a nossa natureza, passível de mudança, foi assumida pela Sabedoria imutável de Deus por uma ação temporal. Eis por que incluímos a fé nas coisas temporais em nossa vida, crendo no Filho de Deus que nasceu pelo Espírito Santo da Virgem Maria.[34] Pelo dom de Deus, isto é, o Espírito Santo, nos foi concedida uma tão grande humildade de Deus, ao ponto de ser assumida totalmente a natureza humana no seio da Virgem, habitando o corpo materno, deixando-o incólume ao separar-se dele.[35] A esse acontecimento temporal, os hereges insidiaram de muitas maneiras.[36] Mas aquele que se manterá na fé católica, para crer que o homem todo foi assumido pelo Verbo, isto é, o corpo, alma, espírito, estará suficientemente munido contra esses hereges.[37] Já que essa assunção da natureza humana se deu para a nossa salvação, devemos nos afastar do crer que algum aspecto da nossa natureza não esteja presente em tal assunção e não se insira em nossa salvação. O homem, pois, feita a exceção dos membros, que a diversos tipos de seres viventes foram dados em maneira diversa, não é diferente dos animais senão porque possui um espírito racional, que também é chamado de mente. Como pode ser sã uma fé com a qual se crê que o que temos em comum com os animais tenha sido assumido pela Sabedoria de Deus, se não assumiu aquilo que é iluminado pela luz da Sabedoria e que é próprio do homem?

Cristo nasceu da Virgem

IV. 9. Há de se detestar aqueles que negam que nosso Senhor Jesus Cristo tenha tido Maria como sua mãe na terra,[38] pois o nascimento honrou a ambos os sexos, masculino e feminino, mostrando que pertence aos cuidados de Deus não só o sexo que assumiu, mas também aquele pelo qual se fez homem, nascendo de uma virgem. Também não nos

force a negar a mãe de Cristo pelo que foi dito por Ele: "Que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou".[39] Queria mostrar, acima de tudo, que Deus, que não tem mãe, se preparava para mostrar a pessoa da majestade divina mudando a água em vinho. Contudo, no que diz respeito à sua cruz, foi crucificado enquanto homem; e aquela era a hora que ainda não tinha chegado quando foi dito: "Que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou", ou seja, a hora de reconhecê-la da cruz. Eis, então, que, como homem crucificado, reconheceu sua mãe e, em modo totalmente humano, recomendou-a a seu amadíssimo discípulo.[40] E não devemos pensar diversamente pelo fato de que, quando lhe anunciaram sua mãe e seus irmãos, ele respondeu: "Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?"[41] Mas, acima de tudo, ensina, para o nosso ministério de anúncio do Verbo de Deus aos irmãos, que, se os parentes nos impedem de exercê-lo, não devemos reconhecê-los. Mas se alguém pensar que ele não teve uma mãe nesta terra, uma vez que disse: "Quem é minha mãe?", então deve pensar também que os apóstolos não tiveram pais na terra, pois os instruiu dizendo: "A ninguém na terra chameis 'pai', pois só tendes o Pai dos Céus".[42]

IV. 10. Que esta fé não diminua em nós o pensamento de que ele nasceu de uma mulher, para que não pareça que se deve recusar tal nascimento de nosso Senhor, pois os insensatos o consideram abominável. Mas o Apóstolo, com razão, disse: "O que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens",[43] e: "Para os puros, todas as coisas são puras".[44] Observem atentamente os raios deste sol, os que creem abominável o Senhor nascer de uma mulher, esses certamente não o consideram uma criatura, mas o adoram como se fosse Deus; seus raios se difundem até por lugares horríveis, inclusive por esgotos, e a estes ilumina segundo sua natureza sem ser por eles contaminado, ainda que a sua luz invisível passe pela sujeira visível. Pois o Verbo de Deus menos ainda poderia ser manchado por contaminação, não sendo corpóreo nem visível e, nascendo de uma mulher, da qual recebeu a carne humana com alma e espírito, seu nascimento não impede a majestade do Verbo de habitar separado da fragilidade do corpo humano. Disso torna-se claro que em nenhum modo o Verbo de Deus poderia contaminar-se pelo corpo humano, pelo qual nem a alma humana é contaminada; de fato, a alma é contaminada não quando rege e vivifica o corpo, mas quando deseja para si os bens mortais. Pois se quisessem evitar as máculas, temeriam, com temor irracional, sobretudo as ímpias mentiras.

Cristo, morto e sepultado

V. 11. Seria pequena a nós a humildade de nosso Senhor só com o nascer; por isso, também se dignou morrer pelos mortais. De fato, "humilhou-se e fez-se obediente até a morte, e morte de cruz"[45] para que nenhum de nós, ainda que podendo não temer a morte, não nos horrorizássemos com um tipo de morte considerada de máxima vergonha. Cremos, portanto, naquele que foi crucificado sob Pôncio Pilatos e

sepultado.[46] Incluiu-se o nome do juiz para que se conhecesse quando se deu tal evento. Em verdade, quando se crê naquela sepultura, recorda-se daquele novo monumento, que daria testemunho daquela novidade, daquele que estava para ressuscitar, assim como o deu o útero virginal para o seu nascimento. De fato, assim como naquele monumento nenhum outro morto foi sepultado,[47] nem antes nem depois, assim, naquele útero nem antes nem depois uma criatura mortal foi concebida.

Cristo, ressuscitado, subiu aos céus

V. 12. Cremos também que ressuscitou dos mortos no terceiro dia,[48] primogênito dos irmãos que viriam a seguir, e que chamou à adoção dos filhos de Deus,[49] os quais se dignou a fazer coparticipantes e coerdeiros seus.

VI. 13. Cremos que tenha subido aos céus,[50] aquele lugar de beatitudes que prometeu também a nós dizendo: "Sereis como anjos nos céus",[51] naquela cidade que é mãe de todos nós, a Jerusalém eterna nos céus.[52] Por outro lado, é frequente que se ofendam os ímpios gentios, ou hereges, com o fato de crermos que um corpo terreno tenha subido aos céus. Os gentios, por sua vez, querem nos instruir, sobretudo com argumentos dos filósofos, que dizem que qualquer coisa terrena não pode estar no céu. Porém, eles não conhecem nossas Escrituras, nem sabem que foi escrito: "Semeado um corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual".[53] Certamente, não foi dito como se o corpo se convertesse em espírito tornando-se tal; pois o nosso corpo atual, que é dito psíquico, ou seja, animado, não se transformou convertendo-se em alma. Mas por corpo espiritual se deve entender um corpo que é de tal modo submisso ao espírito, que esteja de acordo com a morada celeste, quando toda a fragilidade e desonra terrena se converte em pureza e estabilidade espiritual. Esta é a conversão da qual fala o Apóstolo: "Todos seremos transformados".[54] Tal mudança se dará não para pior, mas para melhor. Eis o que diz o mesmo Apóstolo: "Seremos transformados".[55] Contudo, é vã curiosidade querer saber onde esteja e como seja o corpo do Senhor nos céus. Basta somente crer que está nos céus. Não pertence à nossa fragilidade discutir os segredos dos céus, mas é da nossa fé meditar profunda e respeitavelmente a respeito da sublime dignidade do corpo do Senhor.

Glorificado, está à direita do Pai

VII. 14. Cremos também que esteja sentado à direita do Pai.[56] Assim também não se deve pensar em Deus Pai como delimitado em forma humana, de modo que, refletindo sobre Ele, nos venha em mente um lado direito e um lado esquerdo; e também não se deve pensar que Ele, que se senta à direita do Pai, o faça com os joelhos dobrados, para que não caiamos no sacrilégio que o Apóstolo execrou naqueles que transformam a glória

de Deus incorruptível em uma imagem de homem corruptível.[57] É coisa nefasta colocar em um templo cristão tal imagem de Deus; é ainda mais nefasto colocá-lo no coração, que é onde está o verdadeiro templo de Deus, se é purificado da cupidez terrena e do erro. Deve-se entender a expressão "à direita" como se fosse dito "na suma beatitude", onde há justiça, paz e alegria; assim como quando se diz que à esquerda são colocados os bodes,[58] isto é, na miséria, devido às iniquidades, desgraças e tormentos. Logo, quando se diz que Deus está sentado, não se refere à posição dos membros, mas ao poder de julgar, do qual sua majestade nunca carece, concedendo sempre coisas dignas aos que são dignos, ainda que no juízo final muito mais se manifestará entre os homens a claridade do Filho unigênito de Deus, juiz dos vivos e dos mortos.

Virá uma segunda vez para julgamento final

VIII. 15. Cremos, do mesmo modo, que virá daquele lugar em tempo oportuníssimo, e que julgará os vivos e os mortos.[59] Se se quer assim entender, com estes nomes quer dizer os justos e os pecadores; mas também aqueles que encontrará na terra antes de morrerem serão chamados vivos e, por outro lado, mortos aqueles que ressuscitarão em sua vinda; esta disposição temporal não é tal como aquela da sua geração enquanto Deus presente, mas também para o passado e o futuro. De fato, nosso Senhor esteve na terra, e agora está nos céus, e estará em esplendor, juiz dos vivos e dos mortos. E eis que assim virá, do mesmo modo como subiu aos céus, segundo o testemunho validíssimo contido nos Atos dos Apóstolos.[60] Dessa disposição temporal fala o Apocalipse, onde está escrito: "Diz o Senhor Deus, aquele que é, aquele que era e aquele que virá".[61]

O mistério da Trindade

IX. 16. Ordenadas estas coisas, e entregues à fé, além da geração divina ou humana de nosso Senhor e da sua ação humana, se adicione à nossa profissão de fé, para torná-la perfeita, que cremos no Espírito Santo,[62] que não é em natureza inferior nem ao Pai nem ao Filho, mas, direi, consubstancial e coeterno; pois esta Trindade é um único Deus; não que o Pai seja o mesmo que o Filho e que o Espírito Santo, mas que o Pai é o Pai, o Filho é o Filho, e o Espírito Santo é o Espírito Santo, e esta Trindade é um só Deus, como está escrito: "Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor".[63] Todavia, se fôssemos interrogados a respeito de cada um, e nos fosse perguntado: O Pai é Deus? Responderíamos: sim! Se nos fosse perguntado se o Filho é Deus, responderíamos que o é. E se tal pergunta fosse a respeito do Espírito Santo, deveríamos responder que não é outro senão Deus. Temos que tomar cuidado para não aceitar do mesmo modo como foi dito dos homens: "Sois deuses".[64] Não são, de fato, deuses, os que foram feitos e criados pelo Pai,
por meio do Filho como dom do Espírito Santo. É à própria Trindade que alude o

Apóstolo quando diz: "Tudo é dele, por Ele e para Ele".[65] Ainda que fôssemos interrogados acerca de cada um, responderíamos que é de Deus que se trata cada uma das perguntas, seja do Pai, do Filho, ou do Espírito Santo; e que ninguém pense que veneramos três deuses.

IX. 17. Não é de se admirar que digam estas coisas a respeito da natureza inefável, já que se passa o mesmo com estas coisas que vemos distintamente com os olhos do corpo, e que distinguimos com os sentidos do corpo. De fato, se fôssemos interrogados a respeito da fonte, não poderíamos dizer que essa é o próprio rio, nem se fôssemos questionados a respeito do rio poderíamos chamá-lo fonte. Por outro lado, a água de beber que vem da fonte ou do rio, não podemos chamá-la nem de fonte, nem de rio; todavia, chamamos a Trindade de água, e se somos questionados de cada uma das pessoas respondemos ser água cada uma delas. Em verdade, se pergunto se há ou não água na fonte, me será respondido que há água, e se pergunto se há ou não água no rio, responder-se-á que não há que água, como não será outra a resposta a respeito da água de beber; ainda assim dizemos não três águas, mas uma só. Certamente, há de se estar atento para que ninguém imagine a substância inefável da majestade à imagem da fonte, visível e corpórea, do rio e da água de beber. Nestes, é claro, a água que agora está na fonte deságua no rio, e não permanece em si mesma; e quando se torna água de beber do rio ou da fonte, não permanece ali onde surge. Assim, pois, pode acontecer que aquela mesma água ora designe fonte, ora rio, ora a água de beber; quanto à Trindade, dissemos, não pode ser que o Pai às vezes seja o Filho, ou às vezes o Espírito Santo. Como em uma árvore não há uma raiz que não seja uma raiz, não se pode, pois, chamar o que é dito raiz ou tronco ou galhos; nem a madeira que pertence à raiz pode, em qualquer passagem, estar ora na raiz, ora no tronco, ora no galho, mas somente na raiz. Então, permanece a regra dos nomes, pela qual a raiz é madeira, o tronco é madeira e os galhos são madeira, sem se falar de três madeiras, mas de uma só. Mas, se entre estes há alguma diferença de modo que se possa falar de três madeiras sem que seja um absurdo, é pela diferença de consistência. Certamente, todos aceitam que, se com água de uma fonte se enchem três copos, pode-se falar em três copos, mas não se pode falar em três águas, mas somente de uma água; ainda que alguém seja questionado de cada um destes copos que contém água, responderá que sim, mesmo não havendo uma passagem de um copo ao outro, como no caso que dissemos acima da fonte ao rio. Esses exemplos físicos foram dados não por causa de uma semelhança com a divina natureza, mas por causa da unidade, que também é presente nas coisas visíveis, para que se entenda que pode ocorrer que qualquer tríade pode não só ser considerada singularmente, mas também pode ser chamada com um só nome. E que ninguém se admire e creia absurdo que digamos Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, não como uma Trindade de três deuses, mas como um só Deus e uma só substância.

O Filho

IX. 18. Tanto do Pai como do Filho, muitos homens doutos e espirituais dissertaram em

muitos livros, nos quais se esforçaram, o quanto puderam, para mostrar que não é um o Pai e não é um o Filho, mas que são um; e o que seja propriamente o Pai e o Filho: um é aquele que gera, o outro o gerado; um não provém do Filho, o outro provém do Pai; o Pai é princípio do Filho, pois também é chamado cabeça de Cristo,[66] ainda que também o Cristo seja princípio,[67] mas não do Pai, de quem é a imagem,[68] ainda que em nada diverso, e totalmente igual, sem diferença. Esse assunto é tratado mais largamente por outros que por nós, pois querem explicar toda a profissão de fé cristã. Desse modo, o Filho "é", pois o recebeu do Pai, enquanto o Pai não recebeu ser tal do Filho; ele fez-se homem, criatura mutável para mudar-nos para melhor, e o fez no tempo, por uma inefável misericórdia. Muito a esse respeito encontra-se nas Escrituras, que colocou no erro as mentes ímpias dos hereges, desejosos de ensinar antes de conhecer, chegando a acreditar que o Filho não fosse nem igual ao Pai nem da mesma substância. Eis alguns destes passos: "O Pai é maior do que eu";[69] "a origem de todo homem é Cristo, a cabeça da mulher é o homem, e a cabeça de Cristo é Deus";[70] "então, o próprio Filho se submeterá àquele que tudo lhe submeteu";[71] e "subo a meu Pai e vosso Pai, a meu Deus e vosso Deus";[72] e outros do mesmo tipo. Todos esses trechos não são para significar a diferença de natureza e de substância, pois seriam falsos estes trechos: "Eu e o Pai somos um";[73] e "quem me vê, vê o Pai";[74] e ainda: "O Verbo era Deus";[75] "tudo foi feito por meio dele";[76] "não usou de seu direito de ser tratado como Deus;[77] e outras passagens ainda. Essas passagens foram escritas, em parte, para orientar sobre sua condição depois de fazer-se homem, pois é dito: "se despojou",[78] não porque se transformou a divina Sabedoria, já que é completamente imutável, mas porque quis dar-se a conhecer tão humildemente. Em parte, pois, a fim de mostrar sua condição, em parte a fim de mostrar que o Filho deve ao Pai o que é, foram escritos estes trechos, aos quais os hereges caluniam. O Filho, pois, deve também ao Pai, pois é igual ao Pai, igual a Ele; o Pai, porém, a ninguém deve aquilo que é.

O Espírito Santo

IX. 19. Do Espírito Santo, porém, ainda não falaram muito, tão abundante e atenciosamente, os doutos e os grandes comentadores das Sagradas Escrituras, para que facilmente se possa entender o que é próprio dele, o que propriamente faz com que não possamos chamá-lo nem Filho nem Pai, mas somente Espírito Santo. Afirmam que não é senão dom de Deus, para que creiamos que Deus não pode dar um dom menor que Si mesmo. Cuidam também para que se saiba que o Espírito Santo não foi gerado pelo Pai como o foi o Filho – Cristo, pois, é único –; nem pelo Filho, como se fosse neto do sumo Pai. Entretanto, o que ele é se deve ao Pai, do qual tudo existe, para que não estabeleçamos dois princípios sem princípio, o que seria falso e absurdo, não próprio da fé católica, mas próprio dos erros dos heréticos. Alguns ousam crer que o Espírito Santo

seja a própria comunhão entre Pai e Filho, chamada *Theotés*[79] pelos gregos. Pois, se o Pai é Deus, e o Filho é Deus, esta mesma divindade, pela qual são unidos entre si – o Pai enquanto gera, o Filho enquanto unido ao Pai – o tornaria igual a ele por quem é gerado. Essa divindade, pois, que querem seja entendida como o amor e a caridade que têm um pelo outro, dizem chamar-se Espírito Santo. Muitos textos das Escrituras favorecem as suas opiniões, sobretudo aquele que diz: "O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado",[80] e ainda muitos outros testemunhos; e pelo próprio fato de que somos reconciliados com Deus por meio do Espírito Santo, a causa de que este é chamado dom de Deus, querem que a caridade de Deus seja o Espírito Santo. De fato, não somos reconciliados com Ele senão pelo amor, pelo qual somos também chamados filhos de Deus:[81] já não estamos sob o temor, como servos, porque o amor consumado expulsa o temor;[82] e recebemos o Espírito Santo da liberdade no qual clamamos: "*Abba*, Pai".[83] E porque reconciliados e chamados à amizade pela caridade,[84] possamos conhecer todos os segredos de Deus, e por essa razão foi dito do Espírito Santo: "Ele vos guiará na verdade plena".[85] Por isso, a confiança em pregar a verdade, que encheu os Apóstolos na vinda do Espírito Santo,[86] é justamente atribuída à caridade; pois a falta de fé vem do temor, o qual é excluído pela perfeição da caridade. Por essa razão, é dito dom de Deus,[87] pois aquilo que alguém ama não pode ser usufruído a não ser que esse alguém o ame. Ora, usufruir da Sabedoria de Deus nada mais é que estar unido a Ele pelo amor; e, por isso, o Espírito é dito Santo, para que tudo que é sancionado, o seja em modo irrevogável, e não há dúvida de que o termo *santidade* provém da raiz da palavra sancionar. Os que são dessa opinião usam sobretudo aquele passo no qual está escrito: "O que nasceu da carne, é carne; e o que nasceu do Espírito, é espírito",[88] "porque Deus é Espírito".[89] Neste passo, de fato, é aludida a nossa regeneração, que não provém da carne segundo Adão, mas do Espírito Santo segundo Cristo. Por esse motivo, sendo nesse trecho mencionado o Espírito Santo, pois é dito: "por que Deus é Espírito"; os comentadores nos chamam atenção com o fato de que não diz: porque o Espírito é Deus, mas "porque Deus é Espírito",[90] de modo que essa mesma divindade do Pai e do Filho, nesse trecho, ou seja, o Espírito Santo é Deus. Aqui inclui-se também o testemunho que dá o apóstolo João para que se entenda que a mesma divindade é amor: "Tudo é vosso, mas vós, porém, sois de Cristo, e Cristo é de Deus";[91] e: "A cabeça da mulher é o homem, a cabeça do homem é Cristo, e a cabeça de Cristo é Deus";[92] não se faz menção do Espírito Santo. Mas dizem os comentadores que pertence ao fato de que, quando se trata de coisas unidas entre si, não se costuma mencionar o elemento unificador. Daí que os mais atentos parecem reconhecer a Trindade, também naquele passo que diz: "pois tudo é dele, por ele e para ele".[93] "Dele", como daquele que a ninguém deve o que é; "por ele", como por um mediador; e "para ele", como aquele que contém, isto é, aquele que une.

Consubstancialidade das três Pessoas

IX. 20. Contradizem essa opinião os que consideram esta comunhão, a qual chamamos seja divindade, seja amor, seja caridade, como não sendo uma substância;[94] pedem, pois, que, como sendo uma substância, lhes seja exposto o Espírito Santo, nem entendem que não se poderia dizer: "Deus é amor", se o amor não fosse uma substância. Estes são guiados certamente pelos costumes das coisas corporais; pois dois corpos unidos entre si, de modo que um esteja colocado ao lado do outro, não fazem um corpo; e quando forem separados os dois corpos que foram unidos, não se sabe em que modo os corpos se separaram e distanciaram. Estes, que assim pensam, purifiquem seus corações, o quanto lhes é possível, para que consigam compreender que na substância divina não há qualquer coisa desigual, como se, nessa uma coisa, uma seja a substância e outra o que se acrescenta a ela sem ser igual, mas que é substância tudo que nesta pode ser percebido. Em verdade, podem-se dizer facilmente essas coisas, nelas crer, pois estas não podem ser compreendidas, nem ser vistas como são, se não se tem o coração puro. Então, seja esta a verdade, ou qualquer outra, é preciso manter uma fé inabalável para que possamos dizer que Deus é Pai, Deus é Filho e Deus é Espírito Santo, e que não são três deuses, mas que esta Trindade é um só Deus; não de naturezas diversas, mas da mesma substância, nem que o Pai às vezes seja o Filho, e às vezes o Espírito Santo; mas o Pai é sempre o Pai, o Filho sempre o Filho e o Espírito Santo sempre o Espírito Santo. E não afirmemos temer as coisas invisíveis como pessoas sábias, mas como pessoas que creem, pois tais coisas não podem ser vistas senão com o coração purificado. E aquele que compreende nesta vida o que foi dito em parte e de modo enigmático,[95] não pode conseguir que veja aquele de quem fala, se é impedido pelas misérias do coração. "Benditos os de coração puro, porque verão a Deus".[96] Essa é a nossa fé em Deus, criador e recriador nosso.

IX. 21. O amor não nos é pedido somente para com Deus, pois é dito: "Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento",[97] mas também para com o próximo; de fato, também foi dito: "e a teu próximo como a ti mesmo".[98] Assim, se essa fé não compreender uma assembleia e uma sociedade de homens na qual a caridade fraterna seja operada, será menos frutuosa.

A Igreja Católica

X. 21. Cremos também na Santa Igreja católica,[99] católica sem dúvida. Já que também os hereges e os cismáticos chamam de igreja as suas assembleias. E os hereges violam a fé pensando com considerações erradas a respeito de Deus; os cismáticos, por sua vez, com separações iníquas, apartando-se da caridade fraterna, ainda que com a nossa mesma crença. Por essa razão, nem os hereges pertencem à Igreja católica, pois esta

ama Deus, nem os cismáticos, pois ama o seu próximo. E facilmente ignora os pecados do próximo, porque pede que seja perdoada por aquele que nos reconciliou consigo, apagando todos os erros passados e nos chamando a uma vida nova;[100] e até que tenhamos tal vida, perfeita, não podemos não ter pecados: importa, pois, saber quais são estes pecados.

A remissão dos pecados

X. 22. Não devemos somente tratar da diferença dos pecados, mas crer que de modo algum nos serão perdoados os pecados se nós formos inflexíveis em perdoar os pecados de outros.[101] É por isso que cremos na remissão dos pecados.[102]

A ressurreição da carne

X. 23. E porque são três os elementos que constituem o homem: espírito, alma e corpo – por outro lado dizem também que são dois, pois muitas vezes a alma é nomeada junto com o espírito –, a sua parte racional, da qual são privados os animais, é chamada espírito, que é para nós o principal; a vida pela qual somos unidos ao corpo é chamada alma; e por fim o corpo, que é nosso último elemento porque visível. Todos esses elementos, que formam a criatura, gemem e sofrem as dores do parto até hoje;[103] todavia, o Espírito deu frutos porque acreditou em Deus e porque é de boa vontade. Eis que o espírito é também chamado de mente, da qual fala o Apóstolo: "Pela razão sirvo a lei de Deus".[104] Também diz em um outro passo: "Deus é testemunha, a quem presto um culto espiritual".[105] A alma, por sua vez, enquanto deseja os bens carnais, é chamada carne.[106] Porém, uma parte dela resiste ao espírito; não pela sua natureza, mas pelo hábito dos pecados. Daí é dito: "Pela razão sirvo à lei de Deus, pela carne à lei do pecado".[107] Esse hábito passou a ser coisa natural após a geração mortal com o pecado do primeiro homem. Eis por que está escrito: "Éramos por natureza como os demais, filhos da ira",[108] ou seja, da vingança, pela qual se deu que nós servíssemos à lei do pecado. A alma, pois, tem a sua natureza perfeita quando é submissa ao espírito, seguindo-o como este segue Deus. Assim: "O homem psíquico não percebe as coisas do Espírito de Deus".[109] Mas a alma não é facilmente subjugada ao espírito, para a boa ação, tão facilmente quanto o espírito a Deus, para a fé verdadeira e boa vontade; mas, às vezes, o seu ímpeto, que se perde nas coisas carnais e temporais, é reprimido lentamente. Mas já que essa é purificada, readquirindo a estabilidade da sua natureza pelo domínio do espírito, que é a cabeça que a comanda, assim como é Cristo que comanda a cabeça,[110] não há de se desesperar para que também o corpo seja restituído à sua própria natureza; mas não tão facilmente quanto a alma, e esta não tão facilmente quanto o espírito, mas no tempo oportuno, na última trombeta, "quando os mortos

ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados".[111] E assim cremos também na ressurreição da carne;[112] não só porque a alma será renovada, a qual, por causa das afeições carnais, é agora chamada carne, mas também porque esta carne visível, que é carne por natureza e cujo nome a alma recebeu não por sua natureza, mas por causa das afeições carnais. Esta carne visível, pois, que é justamente chamada "carne", sem dúvida, deve-se crer que ressuscitará. Parece, todavia, que o Apóstolo Paulo a mostra quase que com o dedo quando diz: "É necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade".[113] Quando, pois, diz "este", é como se apontasse o dedo. Pois o que é visível pode ser mostrado com o dedo. Também a alma pode ser dita corruptível, pois, de fato, esta é corrompida pelos maus costumes. "É necessário que este ser mortal revista a imortalidade";[114] quando lidas estas palavras, deve-se entender a própria carne visível, porque é como se o dedo do Apóstolo continuamente fosse apontado a esta. A alma, de fato, pode ser dita corruptível por causa dos maus costumes, e também por esta razão pode ser dita mortal. A morte da alma certamente é o afastar-se de Deus,[115] que na Sagrada Escritura foi o seu primeiro pecado no Paraíso.

X. 24. Ressurgirá, então, o corpo, segundo a fé cristã, que não pode enganar. E a quem parece uma coisa inacreditável, é porque considera o que a carne é agora, e não o que será no futuro; pois, naquele tempo da transformação angelical, não haverá corpo e sangue, mas somente o corpo. O Apóstolo, falando da carne, disse: "Outra é a carne dos quadrúpedes, outra a dos pássaros, outra a dos peixes. Há corpos celestes e há corpos terrestres".[116] De fato, não disse: carne celeste, mas disse, ao invés, "corpos celestes e corpos terrestres". Certamente, toda carne é corpo; entretanto, nem todo corpo é carne; primeiramente, se vê nas realidades terrestres, pois a madeira é um corpo, mas não carne; por outro lado, o corpo dos homens e dos animais é também carne; nas realidades celestes, ao invés, nada é carne, mas corpos simples e luzentes, que o Apóstolo chama de espiritual e que outros chamam de etéreos. E não por isso contradiz a ressurreição da carne aquilo que diz: "A carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus",[117] mas prediz o que será no futuro o que agora é carne e sangue.[118] Quem não crê que esta carne possa transformar-se em tal natureza deve ser conduzido à fé por graus. Se, pois, lhe é perguntado se a terra pode converter-se em água, pela proximidade dos dois elementos, não lhe parecerá inacreditável. Por fim, se lhe perguntam se a água pode ou não se transformar em ar, responderá que isso tampouco é absurdo, pois são próximos entre si; e se lhe perguntarem a respeito do ar, se pode transformar-se em um corpo etéreo, ou seja, celeste, a própria proximidade dos elementos o persuadirá. Se então, por estes graus, pode admitir que a terra seja transformada em corpo etéreo, por que, não tomando parte na vontade de Deus, pela qual um corpo humano pode caminhar sobre as águas,[119] rapidamente possa ocorrer tal transformação, como está escrito: "num abrir e fechar de olhos",[120] sem qualquer de tais graus, do mesmo modo como a fumaça se transforma em chama com enorme rapidez? Nossa carne, porém, vem certamente da

terra, mas os filósofos, cujos argumentos frequentemente resistem à ressurreição da carne, pois afirmam que não pode haver um corpo terreno no céu, admitem que um corpo possa converter-se em qualquer outro corpo. Acontecida, porém, a ressurreição do corpo, liberto da condição do tempo, deleitemo-nos com uma vida eterna, de caridade inefável, e de uma estabilidade incorruptível. Então, acontecerá o que está escrito: "A morte foi absorvida na vitória. Morte, onde está tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão?"[121]

X. 25. É esta a fé que é dada aos novos cristãos, para que guardem com poucas palavras no Símbolo. Estas poucas palavras são dadas a conhecer aos fiéis para que, crendo, se submetam a Deus e, submissos, vivam retamente; e vivendo retamente purifiquem o coração, e com o coração purificado compreendam aquilo que creem.

1 Hab 2,4; Gl 3,11; Rm 1,17.
2 Rm 10,10.
3 Note-se como Agostinho vê relacionados justiça e salvação, salvação própria e salvação de outros, com o conteúdo da fé. E esse conteúdo não é mera série de conceitos dogmáticos mentalmente aderidos; esse conteúdo da fé implica um modo de viver.
4 Cf. 1Cor 2,15. Com "brevidade do texto", Agostinho alude ao Símbolo Apostólico. Em seguida, refere-se novamente ao Símbolo Apostólico "com poucas palavras" e "breves fórmulas".
5 Is 7,9; conforme a *Septuaginta*.
6 O bispo de Hipona, aqui, muito provavelmente tem sob mira os maniqueus. Esses acreditavam que Deus, o Deus bom do Novo Testamento, é o Criador de tudo o que espiritual, enquanto um deus mau teria criado tudo o que é material. Sobre o maniqueísmo, ver RIGGI, C., *Mani e maniqueísmo*, e DI BERARDINO, A., *Literatura Maniqueia*, ambos *sub voce* "Mani – Maniqueísmo", em *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*, Paulus/Vozes, 2002, p. 874-876.
7 Sb 11,18.
8 Note-se como, desde cedo em sua atividade de pregador, o bispo de Hipona, ainda que não faça *crítica textual*, em senso técnico, está atento às variantes textuais.
9 Cf. Gn 1,2.
10 Cf. Símbolo Apostólico.
11 Cf. Jo 14,6.
12 Cf. 1Cor 1,24.
13 Cf. Jo 1,3.
14 Cf. Símbolos Apostólico e Niceno-constantinopolitano.
15 Sb 7,27.
16 Sb 8,1.
17 Jo 1,3.
18 Fl 2,6.
19 Agostinho refere-se aos monarquianos, que, querendo salvaguardar a unicidade de Deus, negavam que o Filho fosse uma pessoa distinta do Pai. Ao longo da história, houve várias escolas monarquianas, com nuanças diferentes, ou fundamentadas em diferentes passagens evangélicas, como, por exemplo, o modalismo e o patripassionismo. No primeiro, o Filho era concebido com um modo do Pai mesmo se revelar; no segundo, era o próprio Pai que sofria a Paixão na cruz. Com rigor, o patripassionismo é um modalismo. A esse respeito, veja-se SIMONETTI, M., *Monarquianos*, e Id., *Adocionistas*, ambos em *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*, Paulus/Vozes, 2002, p. 955 e 43.
20 Cf. Jo 1,1-2.
21 Aqui, o bispo de Hipona volta-se contra os arianos. Sobre o arianismo, veja-se SIMONETTI, M., *Ario – Arianismo*, em *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*, Paulus/Vozes, 2002, p. 149-153, e, do mesmo autor, o ótimo estudo sobre a matéria (personagens, cronologia, questões teológicas, escolas e nuanças), *La crisi ariana nel IV secolo*, Roma, Augustinianum, 1975.

22 Note-se que a "produção", aqui, não corresponde à produção da palavra, afirmada acima (III, 4). A produção da palavra, de fato, não cria propriamente um ser distinto, diferente de nós, mas ela "*como que* cria", já que a palavra revela nosso espírito sem que saiamos de nós mesmos. Aqui a distância de que fala Agostinho entre corpo e espírito, entre nós e Deus, já que Deus gera o que ele mesmo é (III, 4). Assim, diversamente de como crido pelo arianismo, Jesus é outro que não o Pai, mas não é criado; e, por isso, é igual ao Pai. "Criação", então, diz somente diferença em relação ao Pai; "geração" diz, simultaneamente, a diferença e a igualdade.
23 Jo 1,3.
24 Jo 1,14.
25 Pr 8,22.
26 Gn 3,5.
27 Fl 2,6-7.
28 Cf. Jo 1,3.
29 Cf. Lc 8,21.
30 Cf. Hb 2,11.
31 Símbolo Niceno-constantinopolitano.
32 Jo 1,9.
33 Ex 3,14.
34 Cf. Símbolo Apostólico.
35 Primeira referência, em toda a obra de Agostinho, à virgindade de Maria pós-parto.
36 O bispo de Hipona não se refere, como poder-se-ia pensar no caso de uma leitura veloz, à virgindade pós-parto de Maria, não questionada então, mas à encarnação real do Verbo, como indica em seguida.
37 Os apolinaristas, que defendiam que Cristo não tinha assumido o homem todo, isto é, não uma alma humana. A esse respeito, veja-se KANNENGIESSER, C., *Apolinário de Laodiceia (apolinarismo)*, em *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs* (DPAC, a partir daqui assim), Paulus/Vozes, 2002, p. 132-134.
38 Provavelmente os docetistas, com suas variantes, que, em qualquer delas, negavam que Cristo tivesse tido mãe, porque ele tinha somente aparência de homem. Sobre o docetismo, veja-se STUDER, B., *Docetismo*, em DPAC, p. 421.
39 Jo 2,4.
40 Jo 19,26-27.
41 Mt 12,48.
42 Mt 23,9.
43 1Cor 1,25.
44 Tt 1,15.
45 Fl 2,8.
46 Cf. Símbolo Apostólico.
47 Cf. Jo 19,4.
48 Cf. Símbolo Apostólico.
49 Cf. Ef 1,5.
50 Cf. Símbolo Apostólico.
51 Mt 22,30.
52 Cf. Gl 4,26.
53 1Cor 15,44.
54 1Cor 15,51.
55 1Cor 15,52.
56 Cf. Símbolo Apostólico.
57 Cf. Rm 1,23.
58 Cf. Mt 25,33.
59 Cf. Símbolo Apostólico.
60 At 1,11.
61 Ap 1,8.
62 Cf. Símbolo Apostólico.
63 Dt 6,4.
64 Sl 82(81),6.
65 Rm 11,36.
66 Cf. 1Cor 11,3.
67 Cf. Jo 8,25; conforme a *Vulgata*.

68 Cf. Cl 1,15.
69 Jo 14,28.
70 1Cor 11,3.
71 1Cor 15,28.
72 Jo 20,17.
73 Jo 10,30.
74 Jo 14,9.
75 Jo 1,1.
76 Cf. Jo 1,3.
77 Cf. Fl 2,6.
78 Fl 2,7.
79 Isto é, divindade, deidade; pode designar a própria natureza divina. Acerca de onde Agostinho colheu a informação, veja-se *Introdução*, p. 28.
80 Rm 5,5.
81 Cf 1Jo 3,1.
82 Cf. 1Jo 4,18.
83 Rm 8,15.
84 Cf. Rm 5,8-10.
85 Jo 16,13.
86 Cf. At 2,4.
87 Cf. Ef 3,7.
88 Jo 3,6.
89 Jo 4,24.
90 1Jo 4,16.
91 1Cor 3,22-23.
92 1Cor 11,13.
93 Rm 11,36.
94 Os pneumatômacos; cf. SIMONETTI, M., em *DPAC* p. 1173 e Id., *Macedônio (macedonianos) DPAC,* p. 868-869.
95 Cf. 1Cor 13,12.
96 Mt 5,8.
97 Lc 10,27.
98 Lc 10,27.
99 Cf. Símbolo Apostólico.
100 O fato de a Igreja ter experimentado o perdão torna-se causa e facilitação do perdão oferecido. Mas também porque a Igreja, enquanto não tiver entrado na eternidade, sabe que não está isenta do pecado, como o bispo de Hipona dirá em seguida. O fiel é chamado a fazer o mesmo que a Igreja.
101 Cf. Mt 6,15.
102 Cf. Símbolo Apostólico.
103 Cf Rm 8,22.
104 Rm 7,25.
105 Rm 1,9.
106 Note-se que não se trata de oposição *alma – carne/corpo*, ou *espírito – carne/corpo*, propriamente, mas de identificação de desejos que se opõem. Agostinho não faz, aqui, portanto, um tratamento maniqueísta da relação *carne – espírito/alma*. Pelo contrário, como será claro em seguida, seu argumento, invocando a bondade da natureza (corrompida pelo vício do pecado), é antimaniqueu.
107 Rm 7,25.
108 Ef 2,3.
109 1Cor 2,14 e respectiva nota na *Bíblia de Jerusalém*. *Psíquico* refere-se à alma, que Agostinho designou, acima, "a vida pela qual somos unidos ao corpo", mas não necessariamente fazendo uso da razão.
110 Cf. 1Cor 11,13.
111 1Cor 15,52.
112 Cf. Símbolo Apostólico.
113 1Cor 15,53.
114 1Cor 15,53.
115 Cf. Ecl 10,12.

116 1Cor 15,39-40.
117 1Cor 15,50.
118 Acerca desta questão de toda carne ser corpo, mas nem todo corpo ser carne, e da carne e sangue que não herdarão o reino, em sua leitura de 1Cor 15,50, Agostinho especificará, anos mais tarde, ao revisar suas obras, que "o Apóstolo não negou que a substância da carne possa entrar no reino de Deus, mas que ou deu o nome de carne e sangue aos homens que vivem segundo a carne, ou designou assim a corrupção da carne, corrupção que desaparecerá". Assim, se alguém interpretar a referida passagem de Paulo de modo a considerar "que o corpo terreno, que agora possuímos, se transformará, na ressurreição, em um corpo celestial, de modo a não ter nem seus membros, nem a substância da carne, deve ser corrigido sem hesitação" (*Retractationes*, 1, 17).
119 Cf. Mt 14,25.
120 1Cor 15,52.
121 1Cor 15,54-55.

PRIMEIRA CATEQUESE AOS NÃO CRISTÃOS
INTRODUÇÃO

D. Paulo Antonino Mascarenhas Roxo, OPraem

À Ordem Premonstratense, seguidora da Regra de Santo Agostinho

Introdução

A introdução[1] se reduz ao estritamente essencial para encaminhar o texto à leitura e reflexão. Ao longo do texto serão oferecidas pequenas notas explicativas que ajudem na sua compreensão.

Procurando deixar transparecer na própria tradução algo do estilo, do jeito de se expressar de Agostinho, deixamos ao próprio leitor o esforço de desconstrução e interpretação do texto. Sem ser literal, mas, sempre fiel ao pensamento do autor, a tradução faz tocar um pouco a mente e o coração de Agostinho.

As referências bíblicas são da própria edição latina.

Data do escrito

Foi num período de grande fecundidade literária que Santo Agostinho compôs o *De Catechizandis Rudibus* (*Primeira catequese*, abreviadamente *Prim. cat.*). Ele mesmo enumera vinte e um escritos, nesta mesma época, em *Retractationes*, II, 6-16.

Das pesquisas feitas, chega-se à conclusão de uma data aproximativa: pelo ano 400.[2]

A ocasião do escrito

Sobre a origem da obra é o próprio Agostinho que conta, logo no seu início: é resposta ao pedido de um diácono catequista de Cartago chamado Deogratias.

Apesar de procurado e solicitado por ser um bom catequista, Deogratias nem sempre estava satisfeito com a sua maneira de ensinar, tantas são as situações diferentes a enfrentar, como, por exemplo, o jeito do pagão que o procura, sua cultura, sua origem, o conteúdo mais ou menos longo do discurso, a lógica da narrativa e outras circunstâncias. Recorre, então, ao bispo de Hipona, conhecido até pela sua arte retórica, que se sente obrigado a acolher o pedido de ajuda, movido "pelos sentimentos de caridade e disponibilidade para com a Mãe Igreja",[3] além da atenção para com o irmão Deogratias.

Primeira catequese

"Catequese" indica, aqui, a instituição da Igreja em vista da iniciação no mistério

cristão dos pagãos que desejavam entrar na comunidade pelo batismo. Distinguem-se, na maneira de falar, as noções de *kerygma*, anúncio quase profético de Cristo a quem quer que seja, inclusive a quem nem sequer pediu que o conhecesse, e "catequese", feita a quem manifesta o desejo de conhecer o cristianismo e chegar, talvez, ao batismo.

Os "rudes" do título não são, simplesmente, os ignorantes ou gente da zona rural. Agostinho usa o termo "rudes" num sentido quase técnico, para indicar os pagãos que se aproximam, pela primeira vez, em busca de um conhecimento inicial da realidade cristã: é um pré-catecumenato, que chamamos aqui de "Primeira catequese" (*Prim. cat.*).

Trata-se de um processo inicial de informações sobre o que se crê no cristianismo, de verificação das intenções e disposições do candidato, sua aceitação e decisão de vivência coerente com a verdade aprendida e o desejo do batismo.

Esta fase encerra-se com o rito do sinal da cruz.

Estrutura do escrito

O *Prim. cat.* tem uma introdução (1-4) tratando:

a) da ocasião do escrito: I, 1-2

b) de observações preliminares: II, 3-4 e duas partes: III, 5 - XIV, 22 e XV, 23 - XXVII, 55.

No final da introdução, Agostinho mesmo traça o plano do desenvolvimento da catequese, na primeira parte (III, 5 - XIV, 22):

a) modo de narrar: III, 5 - VI, 10

b) como expor e exortar: VII, 11 - IX, 13

c) como adquirir a alegria: X, 14 - XIV, 22

Numa segunda (XV, 23 - XXVII, 55) parte oferece exemplos práticos:

a) Exemplo de catequese: XV, 23 – XXVI, 50

b) Exemplo de catequese breve: XXVI, 51 – XXVII, 55

Conteúdo

O *Prim. cat.* parece ter sido escrito às pressas, trazendo sinais de espontaneidade própria do estilo epistolar e até de um relacionamento cordial e amigo.[4] Por isso mesmo, traz o pensamento mais comum de Agostinho, aquilo que o penetra profundamente e que vaza com facilidade.

Sem dificuldade, descobrem-se alguns verdadeiros "princípios" para uma catequese inicial.

O grande eixo da catequese agostiniana é a *narratio*, a narrativa. O candidato é inserido numa história de salvação. Contam-se fatos e dizeres da presença e ação de Deus na história do homem.

O objetivo, porém, da narrativa não se percebe na apresentação meramente linear e horizontal dos fatos, mas na descoberta, em profundidade e altura, do sentido e alcance dos mesmos fatos.

Desconstroem-se fatos e palavras numa interpretação que transcende os limites do tempo e do espaço. O Senhor Deus aparece conduzindo os fatos e dando-lhes um alcance e significado sobretudo escatológico.

Partindo da criação, a narrativa passa pelo povo escolhido, com todas as suas vicissitudes, caminhando em ascensão para o Cristo e seu corpo que é a Igreja.

O Antigo Testamento é visto como tipo, figura, com dimensão carnal, mistérica e profética, apontando para a plenitude espiritual, de realidade cumprida, do Novo Testamento.

O dinamismo que impulsiona e dá sentido à caminhada da história é o amor de Deus, manifestado, no seu máximo brilho, no Verbo, Filho de Deus que se fez homem. Cumprem-se profecias e garante-se o cumprimento das outras.

A Igreja, videira de abundantes frutos, podada, através das tribulações, fecundada pelo sangue dos mártires, atravessando o dia do julgamento, transformada pela ressurreição, há de chegar, com os seus santos, lá onde "Deus será toda a delícia e a plenitude da cidade santa, que vive nele e dele, na sabedoria e na felicidade".[5]

O candidato é convidado a participar nessa caminhada de salvação, promovida pelo amor do Pai, através do seu Filho encarnado, com a força do Espírito Santo: "Une-te aos bons que vês amarem contigo o teu Rei".[6]

Uma acentuação forte é colocada na característica de gratuidade do amor no relacionamento com Deus. É comportamento carnal buscar a Deus só por causa das vantagens terrenas. Os bons amam a Deus gratuitamente.

No *Prim. cat.,* a categoria que volta insistente e constantemente é a *caritas*, o amor.

O amor é de Deus, vem de Deus e é o fim para onde vai a história da salvação. O amor é também "base pedagógica da instrução".[7] "O fato é que, quanto mais amamos aqueles a quem falamos, mais desejamos que eles gostem do que lhes oferecemos para a sua salvação".[8] "Tudo o que deve ser narrado e discutido sobre a fé, sobre os costumes, sobre as tentações, tudo deve ter como referência, como já disse, aquele caminho mais eminente da caridade".[9]

A alegria na catequese é uma das suas tantas exigências psicológicas e pedagógicas: "Uma coisa é verdade: os outros nos ouvem com muito mais prazer, quando nós mesmos estamos contentes com o que fazemos. Pois a nossa alegria afeta a própria qualidade da nossa fala, que sai mais fácil e aceitável. Por isso mesmo, não é difícil recomendar por onde começar e até onde levar a narrativa daquilo que se deve crer; nem como se deve diversificar essa mesma narrativa, a fim de que seja sempre completa e perfeita, mesmo que, às vezes, mais breve, e outras, mais longa. Quando é melhor uma narrativa mais breve e quando, mais longa? O mais importante é que a pessoa catequize com alegria, seja qual for a maneira que usar (de fato, quanto mais alegre ela for, mais será agradável). O máximo empenho deve ser colocado nisso".[10] "Anunciar a mensagem da salvação é, teologicamente, motivo suficiente para causar alegria naquele que se encarrega disto",[11] aquela alegria que vem da bondade de Deus. Na catequese, a alegria

deve estar no catequista e, através dele, ser comunicada àquele a quem se dirige.

Conclusão

Como conclusão desta breve introdução, aqui, a preciosa página de abertura à Introdução de P. Siniscalco, que vale como síntese e testemunho do valor do escrito de Agostinho:

> O *De catechizandis rudibus* é um breve escrito composto por Agostinho de Hipona, exatamente há 1600 anos. Ele continua mantendo seu frescor também hoje, por muitas razões de diversa natureza. Numa *perspectiva histórica*, permite identificar características e prerrogativas de um ambiente cristão do fim do IV século d.C., situado na África do Norte, e faz conhecer os elementos essenciais do conteúdo da primeira educação religiosa, como era praticada naquele tempo e naqueles lugares. Na *perspectiva pedagógica e didática*, coloca sob o olhar do leitor uma série de indicações consideráveis e originais relativas aos modelos precedentes de catequese: basta notar o lugar que tem, junto ao mestre, o aluno com a humanidade, a cultura, as qualidades e os limites sempre diversos em cada pessoa, que interpelam, sem cessar, a sagacidade do catequista. Na *perspectiva psicológica*, sinaliza, com grande argúcia, um conjunto de "verdades" que todo mestre conhece: do tédio, fruto da rotina, ao ambiente como fator positivo ou negativo no processo do aprendizado, da ligação que existe entre a eficácia do orador e a atenção do ouvinte ao "contágio" benéfico que a alegria de quem fala transmite a quem escuta. E ainda: na *perspectiva do conhecimento*, o escrito apresenta observações fundamentais e originais para o mundo antigo, sobre a relação entre intuição e expressão ou sobre a teoria da linguagem.
>
> Mas não é tudo: na *perspectiva eclesial*, não se pode deixar de sublinhar a função que Agostinho pretende exercer com os *rudes*: é um modo com o qual a Igreja quer difundir o Reino de Deus, antes de tudo, com o anúncio que chama à conversão e que culmina com o batismo. Um compromisso que, com certeza, ela não esquece hoje. E também tem certo destaque o confronto entre o seu conteúdo doutrinal e as propostas de hoje. Tudo isso leva a perceber o interesse que a breve obra de Agostinho apresenta e a sua atualidade.[12]

O texto

O texto usado para a tradução é o editado no *Corpus Christianorum. Series Latina,* XLVI, Turnhout, 1969, que traz também as referências bíblicas, acrescentando os subtítulos.

BIBLIOGRAFIA

ALLARD, J.-B. *La nature du Prim. cat. de Saint Augustin.* Roma, 1976.
COLOMBO, S. *Il trattato catechistico Prim. cat.* Turim, 1933.

DANIÉLOU, J. – DU CHARLAT, R. *La catéchèse aux premiers Siècles.* Paris, 1968.
NOVAK, M. da G. *A instrução dos catecúmenos – Teoria e prática da catequese.* Petrópolis: Vozes, 1973.
PATANE, L. R. *Il pensiero pedagogico di Sant'Agostino.* Bolonha, 1967.
Santo Agostinho. *De Catechizandis Rudibus*. In: *Corpus Christianorum. Series latina*, XLVI. Turnhout, 1969.
SINISCALCO, P. *Sant'Agostino, Prima catechesi per i non cristiani. Introduzione e note di P. Siniscalco.* Tradução de Chiara Fabrizi e Paolo Siniscalco. Roma: Città Nuova Editrice, 1993.

1 Esta breve introdução, assim como as notas explicativas do texto, de modo geral, se apoiam na obra de SINISCALCO, P., em SANT'AGOSTINO, *Prima catechesi per i non cristiani*. Introduzione e note di Paolo Siniscalco. Tradução de Chiara Fabrizi e Paolo Siniscalco, Roma, Città Nuova Editrice, 1993 [Nuova Biblioteca Agostiniana], e nas obras indicadas na Bibliografia, ao final desta Introdução.
2 Cf. SINISCALCO, P., *op. cit.*, p. 11.
3 *Prim. cat.* I, 2.
4 Cf. SINISCALCO, P., *op. cit.*, p. 76.
5 *Prim. cat.* XXV, 47.
6 *Prim. cat.* XXV, 49.
7 SINISCALCO, P., *op. cit.*, p. 67.
8 *Prim. cat.* X, 14.
9 *Prim. cat.* VIII, 12.
10 *Prim. cat.* II, 4.
11 SINISCALCO, P., *op. cit.*, p. 62.
12 SINISCALCO, P., *op. cit.*, p. 5; o itálico é meu.

PRIMEIRA CATEQUESE AOS NÃO CRISTÃOS

Santo Agostinho

A ocasião do escrito

I. 1. Deogratias, meu irmão, tu me pediste que escrevesse alguma coisa que te servisse para a primeira catequese a não cristãos.[1] De fato, contaste que, em Cartago, onde exerces o diaconado, muitas vezes, conduzem a ti pessoas a serem iniciadas na fé cristã,[2] devido à fama de tua excelente capacidade de catequista, ao teu método de ensinar a fé e ao teu jeito agradável de falar. Dizes, porém, que, quase sempre, te questionas sobre a maneira mais fácil de transmitir aquilo que nos torna cristãos pela fé: por onde começar e até onde levar a narrativa;[3] se, após terminada, seria necessário acrescentar alguma exortação ou apenas aduzir aqueles preceitos, que o nosso ouvinte, depois de observá-los, poderia abraçar a vida cristã e a profissão de fé.

Contrariado, admitiste também já ter acontecido, muitas vezes, que tu mesmo ficaste abatido e entediado com teu discurso longo e sem vida; e que a mesma coisa acontecia, muito mais ainda, com aquele que instruías e com os outros que ouviam.

Essa situação desagradável levou-te a apelar para a caridade de que te sou devedor e te escrevesse algo sobre esse assunto, no meio das minhas ocupações, sem, contudo, sobrecarregar-me.

I. 2. De minha parte, movido por sentimentos de caridade e disponibilidade, não somente para contigo, mas também, de modo geral, para com a Mãe Igreja, sinto-me obrigado a não recusar, mas a acolher prontamente e de coração, todo trabalho, de que sou capaz, por bondade de Nosso Senhor, em favor dos irmãos que Deus me deu. Pois, quanto mais desejo distribuir abundantemente os tesouros do Senhor,[4] tanto mais sou obrigado a fazer o que posso para que os meus companheiros, que encontram dificuldade nesse trabalho,[5] diligente e ardentemente desejado por eles, consigam levá-lo a bom termo fácil e prontamente.

Observações iniciais

II. 3. Vamos, portanto, à tua questão. Não gostaria que te preocupasses tanto com o fato de achares o teu discurso sem valor e tedioso. De fato, poderia muito bem acontecer que aquele que instruías não pensasse dessa mesma forma; tu é que gostarias que ele ouvisse coisa melhor, uma vez que, para ti, o que dizias não merecia ser ouvido pelos outros.

Pois, comigo também acontece de o meu discurso quase nunca me agradar. Busco sempre algo melhor, mais conforme com o que, tantas vezes, saboreio interiormente, antes de expor com palavras. Gostaria que aquele que me ouve entendesse tudo o que eu

entendo; mas percebo que não falo de um jeito que consiga que ele entenda, principalmente porque a inteligência das coisas penetra na mente com a rapidez do relâmpago; a palavra, porém, é lenta e longa, de longe diferente do pensamento; e enquanto a palavra é pronunciada, o pensamento já se recolheu na sua profundidade; contudo, visto que a inteligência deixa, de maneira admirável, marcas de pensamento impressas na memória, elas permanecem enquanto duram as sílabas. Com essas marcas de pensamento, elaboramos sinais sonoros que compõem uma língua, como a latina, a grega, a hebraica ou outra qualquer, seja que esses sinais sejam pensados, seja que os expressemos. Como essas marcas de pensamento não são latinas, nem gregas, nem hebraicas, nem próprias de qualquer povo, aparecem na mente como o rosto no corpo. Assim, "raiva" se diz de um modo na língua latina, de outro modo na grega, de diversas maneiras nas diversas línguas: mas uma fisionomia raivosa não é nem latina nem grega. É por isso que, quando alguém diz "iratus sum" ("estou com raiva"), nem todos o entendem, mas somente os latinos; mas se o sentimento da efervescência da raiva se manifestar no rosto e moldar a fisionomia da pessoa, todos os que a veem percebem que ela está com raiva. A palavra não consegue fazer chegar e como que suscitar na mente dos ouvintes aquelas marcas de pensamento que a inteligência imprimiu na memória, como o consegue o rosto aberto e a fisionomia: aquelas marcas são interiores, estão na mente; o rosto, ao invés, está fora, no corpo. Daí se vê quão grande é a distância entre o som da boca, a palavra, e aquela faísca da inteligência que é diferente até mesmo daquilo que foi impresso na memória.[6]

De nossa parte, desejando ardentemente o bem do ouvinte, queremos dizer-lhe tudo como o compreendemos; mas o que acontece é que, por causa da própria natureza da palavra, não o conseguimos; e porque não conseguimos, nos angustiamos, nos sentimos frustrados no trabalho, nos acabrunhamos de aborrecimento e, por causa desse tédio, a nossa palavra se torna ainda mais frouxa e desanimada do que antes.

II. 4. Mas o próprio interesse daqueles que querem me ouvir mostra, muitas vezes, que a minha palavra não é tão fria como penso eu; e pelo prazer que sentem, percebo que a minha palavra lhes é útil. Isso me leva a pensar seriamente em nunca desistir de exercer esse ministério, pelo qual vejo os meus ouvintes acolherem tão bem aquilo que lhes proponho. Assim também acontece contigo: pelo fato de, frequentemente, conduzirem a ti os que devem ser iniciados na fé, percebes que a tua palavra não lhes desagrada tanto quanto desagrada a ti mesmo; nem deves achar que a tua palavra não produza frutos, pelo fato de não conseguires explicar as coisas como desejarias. Pode até acontecer que nem tu mesmo consigas entender as coisas tão bem quanto gostarias. Aliás, não é somente de maneira enigmática que se vê nesta vida, e como que num espelho?[7] Nem o próprio amor é tão grande que consiga vencer a escuridão da carne[8] e penetrar na paz eterna, que ilumina estas mesmas realidades passageiras. Uma vez que os bons progridem cada dia mais,[9] em vista de alcançar aquele dia sem vicissitudes humanas e sem noite, dia que nenhum olho viu, nem ouvido ouviu, e que não chegou ao coração do

homem,[10] por isso mesmo, não existe nenhuma razão tão grande que diminua o valor da nossa palavra de instrução dos não cristãos, a não ser o fato de que nós é que gostamos de penetrar as coisas de modo novo e nos aborrecemos de expô-las sempre do mesmo modo.

Uma coisa é verdade: os outros nos ouvem com muito mais prazer quando nós mesmos estamos contentes com o que fazemos. Pois a nossa alegria afeta a própria qualidade da nossa fala, que sai mais fácil e aceitável. Por isso mesmo, não é difícil recomendar por onde começar e até onde levar a narrativa daquilo que se deve crer; nem como se deve diversificar essa mesma narrativa, a fim de que seja sempre completa e perfeita, mesmo que às vezes mais breve e outras mais longa. Quando é melhor uma narrativa mais breve e quando uma mais longa? O mais importante é que a pessoa catequize com alegria, seja qual for a maneira que usar (de fato, quanto mais alegre ela for, mais será agradável). O máximo de empenho deve ser colocado nisso. A regra está aí: "Deus ama quem dá com alegria";[11] se isso vale para os bens materiais, mais ainda vale para os bens espirituais. Mas para que essa alegria esteja presente no momento justo, depende da misericórdia daquele que tudo ordenou.

Portanto, de acordo com o teu desejo, que fiquei conhecendo, vamos tratar, como Deus inspirar, antes de tudo, do modo como narrar; depois, como expor e exortar; em seguida, da alegria que se deve adquirir.

A maneira de narrar

III. 5. A narrativa é completa quando a catequese começa com o que está escrito: "No princípio Deus criou o céu e a terra"[12] e vai até o tempo presente da Igreja. Contudo, nem por isso, na nossa narrativa, devemos citar de memória, se aprendemos de cor, palavra por palavra, ou estender e explicar, com as nossas palavras, todo o conteúdo de todo o Pentateuco, de todos os livros dos Juízes, dos Reis, de Esdras, do Evangelho e dos Atos dos Apóstolos, para o que o tempo não bastaria e, aliás, isso nem é necessário. Mas devemos abranger todas as coisas de modo resumido e geral, de tal maneira que escolhamos alguns dos fatos mais admiráveis, maravilhosos, que todos gostam de ouvir e que se constituem como eixos[13] da narrativa. Esses fatos maravilhosos, melhor do que apresentá-los de maneira encoberta por outros, e afastá-los logo da frente, é desenvolvê-los e expô-los vagarosamente, e abri-los ao coração dos ouvintes para serem contemplados e admirados.

As outras coisas, sim, devem ser inseridas no conjunto de maneira mais rápida. Assim, aquilo que queremos destacar mais sobressai no meio dos outros elementos de menor importância; e, então, a pessoa que desejamos animar com a nossa narrativa e que devemos ensinar e instruir não vai se achegar a ela desanimado, nem ficará com a mente confusa.

O fim do preceito é a caridade. Nas Santas Escrituras, a vinda do Senhor é

exaltada e a futura Igreja é preanunciada

III. 6. É evidente que, em tudo, é necessário ter em vista o objetivo do preceito, que é a caridade de coração puro, de boa consciência e de fé verdadeira,[14] referência para tudo o que falamos. Mas não somente isso, devemos também tocar o coração de quem ouve a nossa instrução e fazê-lo voltar-se para a caridade. Pois tudo o que lemos nas Santas Escrituras foi escrito antes da vinda do Senhor, com o único objetivo de recomendar a chegada dele, e dar a conhecer, com antecedência, a Igreja, isto é, o povo de Deus, em todas as nações, o corpo de Cristo,[15] em que estão incluídos e contados todos os santos, mesmo aqueles que viveram antes da vinda dele e creram que ele haveria de vir, como nós acreditamos ter ele já vindo. Jacó,[16] quando nasceu, colocou para fora do útero, em primeiro lugar, a mão, que segurava o pé do irmão, que estava nascendo antes dele; em seguida, sim, a cabeça e, por fim, naturalmente, os outros membros (é verdade, porém, que a cabeça precede em dignidade e autoridade não somente os membros que a seguiram, mas também a própria mão que a precedeu no nascimento: a cabeça tem precedência, não pelo momento em que aparece, mas pela ordem de natureza). Assim também o Senhor Jesus Cristo, Deus acima de todos, bendito pelos séculos,[17] mesmo antes de aparecer na carne, e de certo modo sair do útero do seu mistério e se manifestar aos olhos dos homens, como homem, mediador entre Deus e os homens,[18] enviou antes, nos santos Patriarcas e Profetas, uma parte do seu corpo que, como a mão de Jacó, anunciasse o seu futuro nascimento e amarrasse, com os laços da Lei, como que com os cinco dedos, aquele povo orgulhosamente presunçoso (visto que, também por cinco períodos de tempo, não parou de preanunciar e profetizar a sua futura vinda; e de acordo com isso, escreveu cinco livros por aquele pelo qual foi dada a Lei;[19] pensando de modo carnal[20] e pretendendo ter a própria justiça,[21] aqueles orgulhosos, em vez de se deixarem encher das bênçãos da mão aberta de Cristo, foram mantidos afastados pela sua mão fechada e apertada:[22] assim, os seus pés ficaram amarrados e caíram,[23] enquanto nós mesmos nos levantamos e ficamos de pé). Portanto, como disse, apesar de o Senhor Cristo ter enviado antes uma parte do seu corpo nos santos que o precederam no tempo, "é ele a cabeça do corpo da Igreja",[24] e todos aqueles santos estão unidos ao mesmo corpo de que ele é a cabeça, por crerem naquele que preanunciavam. Pois, por terem vindo antes, eles não foram separados; melhor, por se submeterem, foram unidos. Pois, mesmo que a mão possa ser enviada à frente em relação à cabeça, a sua ligação ao corpo é de submissão à cabeça. Por isso, tudo o que foi escrito antes, foi escrito para a nossa instrução[25] e são figuras a nosso respeito; como está escrito, "aconteciam com eles como figuras: foram escritas por nossa causa",[26] "em quem o fim dos tempos chegou".[27]

O maior motivo da vinda do Senhor é o amor de Deus pelos homens

IV. 7. Qual seria o maior motivo da vinda do Senhor, senão Deus mostrar o seu amor para conosco, recomendando-o fortemente? Pois o Cristo morreu por nós quando ainda éramos inimigos.[28] E isso, porque o fim do mandamento[29] e a plenitude da Lei é a caridade,[30] isto é, que nós nos amemos uns aos outros;[31] e, assim como ele deu a sua vida por nós, também nós demos a vida pelos irmãos.[32] Se antes hesitávamos em amar o próprio Deus, pelo menos, agora não hesitemos mais em retribuir amor àquele que nos amou primeiro[33] e não poupou o seu único Filho, mas o entregou por nós. Pois não existe maior convite para amar do que ser amado antes.

É mesmo duro o coração que, além de não oferecer amor, nem mesmo quer retribuir o amor recebido. Mesmo nos amores dissolutos e imundos, aqueles que querem receber amor não fazem outra coisa senão aduzir as provas que têm e demonstrar quanto amam e, a título de uma aparente justiça, de certa maneira, pretender ser correspondidos por aqueles que eles se esforçam por seduzir; e ficam mais inflamados ainda quando percebem que aqueles que eles cobiçam já estão também inflamados pelo mesmo fogo. Portanto, se até um coração apático se excita quando se sente amado, e aquele já inflamado acende ainda mais quando sabe que é correspondido no amor, é claro que não existe causa maior que faça começar a amar, ou crescer no amor, do que saber-se amado, para quem ainda não ama, ou, para aquele que amou primeiro, ser retribuído no amor ou, pelo menos, esperar que o seja ou já o experimentar. Se isso acontece nos amores torpes, quanto mais na amizade. De fato, nos tropeços da amizade, com o que mais nos preocupamos senão que o amigo não pense que não o amamos mais ou então que o amamos menos do que ele? Se, deveras, pensar assim, ficará mais frio naquele amor que cria laços de intimidade entre as pessoas. E se não é tão fraco que a ofensa o faça esfriar totalmente no amor, pelo menos continuará amando não por prazer, mas só porque quer amar. Vale a pena observar: mesmo que os superiores gostem de ser amados pelos inferiores e de receber suas atenções, e quanto mais o percebem, mais os amem, arde de muito mais amor o inferior quando se percebe amado pelo superior. Na verdade, é mais agradável o amor que brota da abundância de bondade, do que o amor dado por causa de árida necessidade. Esse amor do inferior vem da necessidade, enquanto aquele do superior vem da misericórdia. Ora, o inferior que nunca esperava pudesse ser amado pelo superior, será levado a oferecer-lhe um imenso amor se o superior, além de amar, ainda se dispuser a demonstrar o quanto ama o inferior, que nem poderia ousar imaginar para si essa felicidade. E agora, quem é superior a Deus Juiz? E quem mais sem esperança do que o homem pecador? De fato, o homem pecador mais se tinha entregue a potências orgulhosas, que não podem fazer feliz, para ser subjugado e morto por elas, quanto menos esperança tinha de ser cuidado por aquela potência, não de maldade, mas de sublime bondade.

Toda a Escritura divina fala de Cristo e exorta ao amor

IV. 8. Portanto, Cristo veio, principalmente, para que o homem soubesse quanto Deus o

ama e se inflamasse de amor para com aquele que o amou primeiro[34] e amasse o próximo, por ordem e exemplo daquele que, por amor, se fez próximo de quem não lhe era próximo, mas andava longe, afastado. Toda a Escritura divina escrita antes foi escrita para preanunciar a vinda do Senhor[35] e tudo o que, em seguida, foi ordenado pelas Escrituras e garantido por autoridade divina, fala de Cristo e recomenda o amor. Fica claro que não somente toda a Lei e os Profetas,[36] únicas Escrituras no tempo do Senhor, se apoiam naqueles dois preceitos do amor de Deus e do próximo, mas também todos os livros das Divinas Escrituras, posteriormente escritos para a nossa salvação e conservados pela tradição. Por isso, o Novo Testamento está escondido no Antigo e o Antigo Testamento está manifesto no Novo. Por causa daquele encobrimento e falta de clareza, as mentes carnais, entendendo de modo carnal[37] o Antigo Testamento, agora, como antes, são oprimidas pelo medo de castigo. Porém, por causa desta manifestação e clareza do Novo Testamento, as pessoas espirituais de antigamente, através de uma busca piedosa, conseguiram descobrir as coisas ocultas; as de hoje, que se colocam em busca com humildade, entendendo de modo espiritual aquelas coisas já manifestas, com receio de que elas de novo se lhes tornem ocultas, são libertadas pelo dom da caridade.

Visto que nada é tão contrário à caridade como a inveja, cuja mãe é o orgulho, o mesmo Senhor Jesus Cristo, Deus homem, se tornou a manifestação do amor divino para conosco e o exemplo de humildade junto a nós, a fim de que o nosso grande tumor do orgulho fosse curado por um remédio contrário ainda maior. O homem orgulhoso é uma grande desgraça; mas o Deus humilde é misericórdia ainda maior. Portanto, colocando esse amor como o teu grande objetivo, como a referência de tudo o que dizes, narra o que narrares de tal maneira que aquele que te ouve falando creia; crendo, espere; esperando, ame.[38]

A intenção do homem e a misericórdia de Deus: como conduzir o início do discurso

V. 9. A caridade deve ser edificada a partir até da própria severidade de Deus, que assusta, de modo salutar, os corações dos mortais; de maneira que, feliz por ser amado por aquele de quem tem medo, a pessoa tenha a coragem de retribuir-lhe o amor e receio de ofender aquele amor com que é amada, mesmo que o pudesse fazer impunemente. De fato, raramente, até mesmo nunca, acontece que alguém venha para se tornar cristão e não sinta certo medo de Deus. Se alguém quer ser cristão, visando alcançar vantagens das pessoas que pensa desagradar se não o fizer, ou pretendendo evitar prejuízos daqueles de cuja ofensa ou inimizade têm medo, de fato, não está querendo ser cristão, mas somente fingir ser cristão. Pois a fé não é uma questão de ter uma aparência que agrade aos outros,[39] mas de um coração que crê. É verdade que, muitas vezes, a misericórdia de Deus interfere, através do ministério do catequista, fazendo com que, tocada pela palavra, a pessoa queira se tornar aquilo que tinha decidido fingir. Quando, de verdade, começar a querer ser cristão, consideremo-lo como admitido à catequese.

Nunca sabemos quando aquele que já vemos presente de corpo, estará deveras de coração; mas devemos tratá-lo de tal maneira que nasça nele essa vontade, se é que ainda não existe. Com essa atitude, não se perde nada, pois, se essa vontade já existe, tornar-se-á mais firme pela nossa ação, mesmo que ignoremos em que momento ou em que hora nasça essa vontade. Na verdade, seria útil, se fosse possível, aqueles que o conhecem informar-nos antes, em que estado de ânimo ele se encontra ou quais os motivos que o levaram a aceitar a religião. Se não houver ninguém que nos informe, ele mesmo deve ser interrogado, a fim de podermos começar a instrução a partir daquilo que ele responder. Mas, se ele se aproximou com falsa intenção, seja em busca de vantagens humanas, seja para evitar prejuízos, com certeza vai mentir. Contudo, pelo próprio fato de ele estar mentindo, devemos assumir a regra de não rejeitar a mentira como se já fosse coisa certa, mas fazer com que ele goste de ser aquilo que deseja parecer. Se ele disser que veio com boas intenções (no que se deve acreditar, esteja ele dizendo a verdade ou não), essas boas intenções devem ser aprovadas e elogiadas. Se, porém, ele manifestar motivos diferentes daqueles que devem estar no coração de quem quer ser formado na fé cristã, então deve ser corrigido mansa e delicadamente como alguém que ainda não tem experiência nem conhecimento, mas também recomendando e apresentando o verdadeiro fim da doutrina cristã, com convicção, mas brevemente, para não ocupar o tempo da narrativa, nem querer impô-la a um ânimo não preparado. De tua parte, te esforçarás para que ele acabe por desejar, de própria vontade, aquilo que ainda não estava querendo por engano ou por fingimento.

Advertências divinas e respostas mais certas das Escrituras

VI. 10. Se, por acaso, responder que foi induzido ou amedrontado por Deus para se tornar cristão, então ele nos oferece uma excelente oportunidade de iniciar a catequese, mostrando como Deus se interessa por nós. De fato, a mente dele deve ser elevada desse caminho de milagres e sonhos para o caminho mais seguro e para os oráculos mais certos da Escritura, para que compreenda com que bondade lhe foi concedido aquele aviso, antes mesmo de ele se aproximar das Escrituras. Assim, precisa mostrar-lhe que o próprio Senhor não o teria exortado ou mesmo induzido a se tornar cristão e ser incorporado na Igreja, e não o teria instruído com tais sinais e revelações, se já não tivesse decidido que ele percorreria o caminho mais seguro e garantido, já preparado nas Escrituras santas; aí haveria de se acostumar a não buscar milagres visíveis, mas a esperar os invisíveis, e receberia avisos acordado e não no sono.

A narrativa começa a partir do fato de que Deus fez todas as coisas muito boas[40] e deve ser estendida, como dissemos, até os tempos presentes da Igreja; de tal maneira que se deem as causas e as razões de cada coisa e de cada fato que narramos, colocando tudo em referência àquele fim do amor,[41] do qual nem quem faz alguma coisa nem quem fala devem tirar os olhos. Também aqueles que são chamados bons gramáticos procuram colocar as fábulas imaginosas dos poetas, que levam ao prazer as pessoas cujo alimento são as coisas fúteis, orientadas para alguma finalidade útil, mesmo que ela

também seja vã e desejosa de alimento mundano. Muito mais nós devemos nos precaver para que aquelas verdades que narramos, sem uma ordenada apresentação das suas causas, não sejam cridas por vão prazer ou por perigosa paixão. Porém, não devemos aduzir essas causas de tal maneira que se abandone o desenvolvimento da narrativa e o nosso coração e a nossa língua se emaranhem numa discussão complicada demais; mas cuidar que a própria verdade da razão aduzida seja como o ouro que liga uma série de pedras preciosas, sem, porém, estragar a sua ordem por algum exagero de enfeite.

O modo de dar preceitos e exortar

VII. 11. Terminada a narrativa, deve ser introduzida a questão da esperança da ressurreição. De acordo com a capacidade e as forças do ouvinte, conforme a disponibilidade de tempo e contra as caçoadas dos infiéis, trate-se da ressurreição do corpo, da bondade do futuro juízo final para os bons, da severidade para os maus, da verdade para com todos. Lembradas com repulsa e horror as penas reservadas aos ímpios, deve-se proclamar, com entusiasmo, o reino dos justos e fiéis, aquela cidade do céu e a sua felicidade. Então, deve-se educar e animar a fraqueza humana contra as tentações e escândalos, tanto os de fora como os de dentro da Igreja; fora, contra os pagãos, os judeus e os hereges; dentro da Igreja, contra a palha da eira do Senhor.[42] Não que se deva discutir com cada um desses tipos de desregrados e refutar, com devidos argumentos, todas as opiniões erradas deles; mas demonstrar, no curto tempo disponível, que tudo já tinha sido predito, a utilidade das tentações para educar os fiéis e o remédio que se encontra no exemplo da paciência de Deus, que dispôs permitir que as tentações continuem até o fim.[43] Quando, porém, se instrui o ouvinte contra aqueles desregrados cujos grupos enchem fisicamente as igrejas, devem-se trazer à sua memória, breve e convenientemente, os preceitos de uma convivência ao mesmo tempo cristã e honesta, a fim de que o catequizando não seja facilmente seduzido pelos beberrões, avarentos, fraudadores, jogadores, adúlteros, devassos, frequentadores de espetáculos, os que administram remédios sacrílegos, os que fazem encantamentos, os astrólogos, os adivinhos de qualquer arte fútil ou má e qualquer outra pessoa desse tipo; nem pense fazer o mesmo e ficar impune porque vê muitos, que têm o nome de cristãos, amarem, praticarem, defenderem, aconselharem e induzirem outros a fazer essas coisas. Com o apoio dos textos dos Livros divinos, deve-se ensinar qual sorte foi marcada para os que perseveram em tal vida, como devem ser tolerados na própria Igreja, da qual, no fim, deverão ser afastados. Deve-se também preveni-lo que vai encontrar na Igreja muitos cristãos bons, verdadeiros cidadãos da Jerusalém celeste,[44] se ele mesmo se tornar assim. Finalmente, deve-se recomendar-lhe insistentemente para não colocar a sua esperança no homem;[45] porque não é fácil julgar quem é justo; e mesmo que o fosse, nem por isso o exemplo dos justos nos é proposto para sermos justificados por eles, mas, para que, imitando-os, saibamos que nós também seremos justificados por aquele que os tornou justos. Por isso, é muito importante recomendar àquele que nos ouve, ou melhor,

que ouve a Deus através de nós, que não pretenda atribuir a si mesmo ou a nós o seu progresso no comportamento e no conhecimento, nem o seu entusiasmo no caminho de Cristo; mas ame aquele que o amou quando ainda era inimigo a fim de torná-lo amigo pela justificação,[46] e, nele e por causa dele, ame a si mesmo, a nós e a todos os outros considerados amigos. Aqui, acho que já não precisas que ninguém te ensine: quando o tempo de que dispões ou o daqueles que te ouvem for limitado, sê breve; prolonga a tua palavra quando houver um espaço de tempo maior: é a própria necessidade que impõe o que fazer, sem que ninguém o diga.

Quando o catequizando é pessoa culta nos estudos liberais

VIII. 12. Não se pode deixar passar o caso de a ti se apresentar um catequizando instruído nas ciências liberais, decidido a ser cristão e vindo em busca disso: é muito difícil não acontecer que ele já conheça muito das nossas Escrituras e de outros nossos escritos e, com essa instrução, venha somente para participar dos mistérios cristãos. Gente assim costuma investigar tudo diligentemente, discute e partilha, com aqueles que podem, o que se passa no seu coração, antes mesmo de se tornar cristã. Convém ser breve com essas pessoas e não insistir, importunamente, naquilo que já conhecem; tocar nos assuntos só de passagem discretamente, deixando entender que achamos que eles já conhecem este ou aquele assunto; e assim, recapitular rapidamente tudo o que se ensina aos ignorantes ou que não conhecem a doutrina, a fim de que, os cultos, apesar de já o saberem, não o ouçam como ouvindo de um mestre, e, mesmo só relembrando as coisas que nós cremos que já sabem, aprendam aquilo que ainda ignoram. Não é inútil interrogá-lo por que razões foi levado a querer ser cristão. Se percebes que ele foi persuadido pela leitura dos livros canônicos, ou então de outros bons tratados, logo no começo deves dizer alguma coisa sobre esses escritos, mostrando apreço por eles, conforme o seu diverso valor, tanto o da autoridade canônica como o da profundidade dos outros escritores, mas, recomendando-lhe, principalmente, a salutar simplicidade da admirável profundidade das Escrituras canônicas; e destacando nos outros livros, conforme o jeito de cada um, o estilo de discurso elaborado, próprio dos espíritos mais orgulhosos e, por isso mesmo, mais fracos. É bom também pedir a ele que indique o autor que preferiu ler, com que livros teve maior familiaridade, dos quais lhe veio a persuasão de querer fazer parte da Igreja. Se ele nos contar isso, e conhecermos aqueles livros ou pelo menos soubermos que são conhecidos na Igreja, por terem sido escritos por algum famoso autor católico, então nós os aprovamos com alegria. Se, porém, teve acesso a obras de algum herege, e, talvez sem saber o que é condenado pela verdadeira fé, se convenceu daquilo e o pensa ser doutrina católica, deve ser instruído cuidadosamente, sendo-lhe colocada, em primeiro lugar, a autoridade da Igreja universal e a de homens sábios e destacados, por debates e escritos sobre a verdade da Igreja. Acontece mesmo que alguns católicos que já partiram desta vida e deixaram à posteridade escritos cristãos não foram compreendidos corretamente, em alguns lugares dos seus escritos, ou, como acontece com a fraqueza humana, não foram capazes de

penetrar coisas mais profundas, e assim se afastaram da verdade por algo que se parecia com a verdade. Esses autores proporcionaram ocasião para alguns presunçosos e temerários elaborarem e fazerem nascer alguma heresia.

Isso não deve causar admiração, visto que, das próprias Escrituras canônicas, onde tudo é dito de maneira perfeita, muitos fizeram brotar doutrinas que quebraram a unidade da comunhão, não tanto porque interpretaram os textos de modo diferente do que pensou o autor ou do que a própria verdade o diz (se fosse assim, quem não perdoaria a fraqueza humana sempre sujeita à correção?), mas por terem defendido suas opiniões erradas e perversas com violência e arrogante maldade. Tudo isso deve ser tratado numa conversa serena com aquele que se aproxima da comunhão do povo cristão não como um ignorante, como se diz, mas como pessoa culta, instruída por livros de pessoas doutas; deve-se, contudo, assumir a autoridade de quem ensina (para que ele evite os erros da presunção) visto que percebemos que a humildade que o trouxe a acolhe. Desenvolvendo, em seguida, os outros assuntos, conforme as regras da doutrina da salvação,[47] tudo o que deve ser narrado e discutido, sobre a fé, sobre os costumes, sobre as tentações, tudo deve ter como referência, como já disse, aquele caminho mais eminente da caridade.[48]

Os gramáticos e oradores

IX. 13. Há também alguns que vêm de frequentadas escolas de gramáticos e de oradores e que não podem ser incluídos nem entre os ignorantes nem entre os mais cultos e experientes na investigação de grandes questões. Portanto, quando aqueles que parecem superar os outros na arte de falar chegam para se tornar cristãos, devemos dar a eles, mais do que aos iletrados, um sério conselho: que, revestidos de humildade cristã, aprendam a não menosprezar aqueles que evitam mais os vícios de comportamento do que os da linguagem; e que não tenham a ousadia de comparar com um coração puro a arte de falar que eles sempre colocaram em primeiro lugar. Devem aprender, principalmente, a ouvir as Escrituras divinas, para que não desdenhem, porque não pomposa, a palavra sólida, nem julguem que as palavras e os fatos humanos que lemos naqueles livros, envolvidos como estão por elementos carnais e secretos, devem ser entendidos ao pé da letra e não necessitam ser explicados e interpretados para serem entendidos. Aliás, a própria experiência com eles mostra a utilidade do sentido oculto das coisas – de onde vem também a palavra “mistério” –, o quanto vale a obscuridade dos enigmas, para acender o amor da verdade, para dissipar o torpor de quem anda entediado; às vezes, uma alegoria bem interpretada mostra e mexe mais do que se as coisas fossem ditas claramente. É importante que eles saibam que o pensamento vale mais do que as palavras, como a alma vale mais do que o corpo. Daí que devem preferir mais ouvir palavras verdadeiras do que palavras eloquentes, assim como devem preferir ter amigos prudentes do que bonitos. Saibam também que aos ouvidos de Deus não chegam palavras, mas o afeto do coração. Assim, não rirão se talvez perceberem alguns antístites[49] e ministros da Igreja invocando a Deus com erros de linguagem e incorreções

ou não entendendo as palavras que pronunciam e as articulando de modo confuso. Não que isso não deva ser corrigido (a fim de que o povo possa dizer "Amém" àquilo que entende claramente), mas, contudo, deve ser piamente tolerado por aqueles que sabem que, assim como no foro civil conta o som da palavra, na Igreja é a devoção que é abençoada. Por isso, aquela fala que em foro civil de vez em quando pode ser chamada de "boa palavra" (*bona dictio*) nunca pode ser chamada de "bênção" (*benedictio*). Sobre o sacramento que irão receber, basta aos mais instruídos ouvir o que ele significa. Com os mais atrasados, porém, é preciso trabalhar com um maior número de palavras e comparações para valorizarem o que veem.

Como adquirir a alegria

X. 14. A estas alturas, talvez queiras um exemplo de discurso, pelo qual eu mostre como se deve fazer tudo o que ensinei. É o que farei, quanto estiver na minha capacidade, com a ajuda do Senhor. Antes, porém, devo falar, como prometi, de como adquirir a alegria. De fato, cumpri, o bastante que me pareceu, o que tinha prometido a respeito das próprias regras de um discurso expositivo para catequizar aquele que veio para se tornar cristão. Não tenho a dívida de eu mesmo fazer neste livro aquilo que prescrevo para ser feito. Portanto, se eu o fizer, vale como "a mais"; porém, como posso transbordar no "a mais" antes de ter preenchido a medida do que é devido?

As causas do tédio em quem fala e os seus remédios

Sei que a tua maior queixa é achares sem valor e desprezível o discurso que fazes para formar um cristão, De uma coisa eu sei: esse tédio não vem dos assuntos que deves tratar, porque és bastante preparado e instruído; nem da pobreza da tua linguagem, mas de uma insatisfação do coração. O motivo dela poderia ser aquele a que me referi, isto é, que temos mais prazer e fazemos mais questão de trabalhar com a mente, em silêncio, sem querermos sair para o que é de longe diferente, o ruído das palavras. Outra razão poderia ser a seguinte: mesmo que a nossa fala seja agradável, gostamos mais de ouvir ou ler coisas ditas de maneira melhor e produzidas sem o nosso trabalho e preocupação, do que improvisar palavras adaptadas à capacidade de outra pessoa, sem a certeza de que vão servir para a compreensão e se serão aceitas com alguma utilidade. Outra razão poderia ser, porque é desagradável voltar sempre de novo àquilo que se ensina aos não cristãos, uma vez que tudo já nos é bem familiar e não nos traz mais proveito; nem dá mais gosto a quem já não é iniciante caminhar no meio de assuntos tão usuais e quase infantis. Para quem fala, um ouvinte impassível causa tédio. Não que se devam desejar elogios humanos, mas porque a palavra que oferecemos é dom de Deus. O fato é que, quanto mais amamos aqueles a quem falamos, mais desejamos que eles gostem do que lhes oferecemos para a sua salvação. Se isso não acontece, ficamos tristes e, no decurso da nossa atividade, esmorecemos e desanimamos como se tivéssemos trabalhado em vão. Às vezes, também, a insatisfação vem de que somos afastados daquilo que desejamos fazer e que nos agradava mais ou parecia mais necessário, e somos obrigados

a catequizar alguém, seja por ordem de quem não queremos ofender, seja por insistência inevitável de outros; e então vamos contrariados a um trabalho que exige grande serenidade, perturbados porque não conseguimos nem seguir o esquema de atividades que queremos, nem satisfazer a tudo. E assim, o discurso que vem da própria tristeza torna-se menos agradável, porque perde a sua exuberância por causa da aridez da melancolia. Do mesmo modo, de vez em quando, o nosso coração está apertado pela dor de algum escândalo e nos dizem: "Vem, fala a este tal que quer ser cristão". Isso é dito, naturalmente, por aqueles que não sabem do sofrimento que nos está ardendo por dentro; e se não convém abrir a eles o coração, acaba que vamos fazer, de má vontade, o que nos é pedido. Com certeza, será fraco e pouco agradável o discurso que passa através de uma veia quente e fumegante do coração. Sejam quais forem as causas que perturbam a serenidade do nosso ânimo, é preciso buscar-lhes remédios segundo Deus, que façam relaxar aquela tensão e nos tornemos exultantes de fervor de espírito e alegres na serenidade de um bom trabalho. "Pois Deus ama quem dá com alegria".[50]

Quando o candidato não entende aquele que fala

X. 15. Se, porém, o que nos entristece é o fato de o ouvinte não entender o nosso pensamento, então, descendo das alturas do pensamento, somos obrigados a nos demorar, com mais simplicidade, numa articulação lenta das sílabas e nos preocupar em que saia da boca, com longos e complexos torneios, aquilo que a mente vê com a rapidez de um respiro; e, visto que sai da boca muito diferente do que queremos, não gostamos de falar e preferimos calar; pensemos, então, no que nos foi doado antes por aquele que nos deu o exemplo para seguirmos os seus passos.[51]

O exemplo de Cristo

Se é verdade que a nossa palavra pronunciada é diferente da vivacidade da nossa inteligência, a fragilidade da carne é ainda muito mais diferente da imutabilidade de Deus. Contudo, mesmo sendo nessa mesma forma divina "esvaziou-se a si mesmo assumindo a forma de servo [...] até a morte de cruz".[52] Por que motivo, senão porque se tornou fraco com os fracos, para ganhar os fracos?[53] Ouve o que o seu imitador diz em outro lugar: "Se, pois, nos excedemos, é para Deus; se somos moderados, é para vós. Pois a caridade de Cristo constrange a nós que assim julgamos, porque um morreu por todos".[54] Mas como seria capaz de entregar-se pelas almas deles,[55] se relutasse em abaixar-se aos ouvidos deles? Por isso tornou-se pequeno no meio de nós, como a mãe que acalenta seus filhos.[56] Por acaso é agradável balbuciar palavras truncadas e cortadas, a não ser que o amor o peça? Contudo, as pessoas desejam ter crianças com quem agir assim: para a mãe, é mais doce dar na boca da criancinha minúsculos bocados mastigados do que ela mesma mastigar e devorar coisas grandes. Que o coração não se esqueça da galinha que cobre os filhotinhos com tenras penas[57] e chama com voz meiga

os pintainhos que piam. Os autossuficientes que escapam das tenras asas se tornam presa das aves de rapina. Se é verdade que a inteligência gosta de penetrar segredos ainda inviolados, então há de se deliciar em entender como, deveras, a caridade penetra tanto mais forte no coração, quanto mais ternamente se abaixar com a clara intenção de não querer outra coisa daqueles ao encontro dos quais veio, senão a sua salvação eterna.

É melhor ouvir ou ler coisas ditas por outros do que estruturar o que falar sem a certeza do bom êxito

XI. 16. Se nós gostamos mais de ler ou ouvir o que já está pronto e até dito melhor, e por isso nos incomoda estruturar um discurso, conforme as circunstâncias, sem a certeza do bom êxito, pode facilmente acontecer que, mesmo a mente não se afastando da verdade, alguma das nossas palavras desagrade o ouvinte, que, se é que entendeu o discurso, por isso mesmo, vai aprender que não deve dar tanto valor ao fato de que as palavras ditas para ele compreender não tenham sido ditas de maneira perfeita ou com a devida propriedade. Se, contudo, a limitada capacidade humana se afastar mesmo da verdade (mesmo que na catequese dos não cristãos, em que o itinerário é bem conhecido, dificilmente isso possa acontecer), então, para não acontecer que, por causa disso, o ouvinte seja prejudicado, somos levados a pensar que isso aconteceu por um único motivo: que Deus nos quis colocar à prova de aceitarmos a correção com serenidade de espírito e de não cairmos no erro ainda maior de defender o nosso erro. Se ninguém nos disser nada, e o erro não for percebido, nem por nós, nem por aqueles que nos ouviram, não temos motivo para lamentar-nos, contanto que não aconteça de novo. O mais das vezes, porém, quando nos lembramos do que dissemos, nós mesmos desaprovamos algumas palavras ditas e ficamos sem saber como foram recebidas; dói-nos ainda mais, quando deveras arde o amor em nós, que tivessem sido aceitas tranquilamente, apesar de serem erradas. Por isso mesmo, logo que se apresentar a ocasião, assim como nós mesmos nos repreendemos em silêncio, precisamos cuidar que sejam, sem perceber, corrigidos, aqueles que caíram no erro, não por força da palavra de Deus, mas por causa da nossa palavra. Porém, os maldizentes, detratores, odiados por Deus,[58] que, obcecados por uma violenta inveja, se alegram com o nosso erro, assim nos dão ocasião para exercer a paciência junto com a misericórdia, visto que também a paciência de Deus os conduz à penitência. Pois, que há de mais detestável e o que mais acumula a ira no dia da ira e da revelação do justo julgamento de Deus,[59] do que, à semelhança e à imitação do diabo, alegrar-se com o mal dos outros? Às vezes, mesmo quando se diz tudo corretamente e com verdade, ainda acontece que algum assunto não é bem entendido ou então, por ser novidade, vai contra a opinião e o hábito de erros antigos, melindra e perturba um ouvinte endurecido. Se ele se manifestar e se apresentar para ser curado, sem demora deve ser curado com abundantes argumentos e testemunhos. Se, porém, o seu mal-estar fica escondido no silêncio, então é com o remédio de Deus que deve ser socorrido. Mas, se resistir e recusar a cura, console-nos o exemplo do Senhor que, quando as pessoas ficaram ofendidas por causa da sua palavra e

a rejeitaram por a acharem dura, disse àqueles que tinham permanecido: "Por acaso também vós quereis ir embora?"[60] De fato, deve ficar firme e inabalável no coração que, passados os tempos determinados, a Jerusalém feita prisioneira pela Babilônia deste século será libertada e ninguém dela vai perecer; se alguém perecer, é que não pertencia a ela. Pois "é firme o fundamento colocado por Deus, que tem como sinal característico: o Senhor conhece os que lhe pertencem, e todo aquele que pronuncia o nome do Senhor se afaste do mal".[61] Pensando nisso e invocando o Senhor no nosso coração, não recearemos mais o êxito incerto da nossa palavra por causa das reações incertas dos ouvintes. Até nos dará prazer o próprio sofrer contrariedades em favor de uma obra de misericórdia, se não buscamos a nossa própria glória.[62] De fato, o trabalho é bom, de verdade, quando a intenção daquele que o faz é lançada, como flecha, pela caridade e, retornando ao seu lugar, de novo descansa na caridade. Aquela leitura que nos agrada ou a escuta de uma fala melhor que amamos, que, colocadas antes da nossa fala, como desejávamos, nos levariam a falar com preguiça e tédio, após o trabalho nos encontrarão mais alegres e se nos tornarão mais deleitáveis. Pediremos, então, com maior confiança, que Deus nos fale, como desejamos, se assumirmos, com alegria, que ele fale por nós, como podemos. Assim acontece que, "para aqueles que amam a Deus tudo concorra para o bem".[63]

É desagradável repetir muitas vezes coisas que nos são muito conhecidas

XII. 17. Se, pois, não é agradável repetir muitas vezes assuntos comuns e apropriados às crianças, contudo, adaptemo-nos aos ouvintes, com um amor fraterno, paterno e materno e, assim unidos de coração a eles, aqueles assuntos até parecerão novos mesmo para nós. De fato, o sentimento de compaixão tem tanto poder, que eles ficam impressionados quando falamos e nós, quando eles aprendem, de tal modo que habitamos uns nos outros: eles como que falam em nós o que ouvem, enquanto nós, de certo modo, aprendemos neles o que ensinamos. De fato, não costuma acontecer que, mostrando alguns lugares amplos e bonitos, tanto das cidades, como dos campos, pelos quais passávamos e víamos frequentemente sem nenhum prazer, tenhamos um prazer renovado por causa do prazer novo deles? Isso mais acontece quanto mais amigas são aquelas pessoas: porque quanto mais estamos neles pelos laços do amor, tanto mais as coisas antigas se tornam novas em nós. Ora, se na contemplação das coisas já fizemos algum progresso, logo queremos que aqueles que amamos se alegrem e admirem vendo as obras das mãos dos homens; mas desejamos elevá-los para a própria arte e o plano do criador[64] e daí levantá-los para admirarem e louvarem o próprio Deus criador de tudo, em quem se encontra o fecundíssimo fim do amor. Portanto, devemos nos comprazer ainda mais quando os homens se aproximam para aprender a conhecer a Deus, por causa de quem se deve conhecer tudo o que for possível conhecer, e nós mesmos nos renovarmos com eles, de tal maneira que, se a nossa pregação usualmente é fria, se aqueça com a atenção pouco comum dos ouvintes. Ajuda, também, para adquirir a

alegria, pensar e refletir como é mortal o erro do qual o homem passa para a vida da fé. Deveras, se sentimos uma alegria que faz bem, quando mostramos o caminho para alguém que estava sofrendo perdido e passamos até mesmo por lugares para nós conhecidíssimos, com quanto maior entusiasmo e maior alegria devemos passear por aqueles assuntos da doutrina da salvação[65] que, por nossa causa, não seria necessário recordar, quando conduzimos uma alma digna de compaixão e cansada pelos erros do mundo, através dos caminhos da paz, por ordem daquele que antes no-la concedeu?

O ouvinte impassível incomoda a quem fala

XIII. 18. Na verdade, torna-se longo continuar a falar, levando o discurso até o final, quando vemos o ouvinte não manifestar nenhuma reação: seja porque, amarrado por temor religioso, não ousa dar sinais de aprovação com a palavra ou com algum gesto do corpo, ou porque está oprimido pela vergonha humana; seja porque não entende o que lhe está sendo dito ou não lhe dá valor. Quando, porém, não conseguimos discernir o que se passa na sua mente e ficamos em dúvida, então deve-se tentar, com a palavra, tudo o que possa funcionar para o acordar e como que tirar da escuridão. Então, o medo demasiado que impede a manifestação do seu pensamento deve ser afastado com delicada exortação; a vergonha deve ser atenuada estabelecendo com ele um relacionamento fraterno; deve-se procurar saber, através de perguntas, se está entendendo o que está sendo dito; e, despertando a confiança dele, fazer com que fale, com liberdade, quando não estiver de acordo com algum assunto. É preciso também saber dele se já tinha ouvido alguma vez estas coisas, porque, talvez, não o interessem por lhe serem já conhecidas e familiares. Então, vai ser necessário agir conforme a resposta dele; seja falando com mais simplicidade ou mais clareza; seja refutando uma opinião contrária; seja não estendendo mais a explicação dos assuntos já conhecidos por ele, mas os resumindo brevemente e escolhendo algum assunto, seja dos livros santos, com sentido místico, seja principalmente na nossa própria narrativa, que, explicado e esclarecido, torne a nossa palavra mais agradável. Agora, se ele é lento demais para compreender e até mesmo surdo e contrário a tal suavidade, deve então ser suportado com misericórdia, e, depois de falar-lhe brevemente dos outros assuntos, deve-se insistir, com a finalidade de incutir-lhe um certo temor do juízo futuro, naqueles assuntos importantíssimos que tratam da unidade da Igreja católica,[66] das tentações, do modo cristão de viver e, mais do que dizer-lhe muitas coisas sobre Deus, falar a Deus em favor dele.

Se alguém primeiro ouvia de bom grado, depois se cansou de ouvir ou de ficar de pé, deve-se oferecer-lhe uma cadeira para sentar-se e dizer-lhe algo inesperado e extraordinário

XIII. 19. Acontece também muitas vezes que aquele que primeiro ouvia de bom grado, cansado de ouvir ou de ficar de pé, comece a abrir a boca, não para elogiar, mas para

bocejar, e, mesmo sem querer, mostre que quer ir embora. Quando percebermos isso, convém reanimar a atenção do ouvinte contando alguma coisa, dentro do assunto, temperada de humor sadio, ou então algo que provoque maravilha e admiração, ou então algo que comova e faça chorar; e ainda algo que diga respeito a ele pessoalmente, que desperte o seu interesse, sem contudo ofendê-lo ou ferir a sua susceptibilidade, com alguma palavra áspera, mas o conquiste com uma tonalidade familiar. Pode-se também ajudá-lo oferecendo-lhe uma cadeira; mesmo que, sem dúvida alguma, seja melhor, onde é possível fazê-lo de maneira prática, que, desde o início, ouça sentado. Muito mais convenientemente, em algumas Igrejas de além-mar, não somente os bispos falam ao povo sentados, mas há assentos também para o povo, para não acontecer que alguém mais fraco se canse de ficar de pé e perca a tão salutar atenção e até mesmo seja obrigado a ir embora. Mas é muito diferente se quem se afasta de uma grande reunião para recuperar as forças já é ligado pela comunhão dos sacramentos ou se é quem deve ainda ser instruído nos primeiros sacramentos que se afasta (o que, o mais das vezes, é inevitavelmente necessário, para não cair desmaiado), pois, de vergonha, não diz por que está indo embora e de fraqueza não aguenta mais ficar de pé. Digo isso por experiência própria, pois um homem do campo fez isso enquanto eu o catequizava, de onde aprendi que é necessário tomar todas as devidas precauções. Quem toleraria a nossa arrogância de não permitir que se sentem diante de nós homens nossos irmãos ou ainda mais aqueles de quem devemos cuidar, com mais atenção, para serem nossos irmãos, quando uma mulher ouvia sentada o próprio Senhor nosso, diante de quem os anjos estão de pé? [67] Naturalmente, se o discurso que vai ser feito é breve ou o lugar não é próprio para sentar, que se ouça de pé; isto, porém, somente no caso em que os ouvintes são muitos e não devem receber a iniciação naquela ocasião. Pois, quando uma, duas ou poucas pessoas vieram de propósito para se tornarem cristãs, não é bom que fiquem de pé enquanto lhes falamos. Se, porém, já começamos a falar, se lhe ofereça um assento, pelo menos quando se nota que o ouvinte está incomodado, ou melhor, deve-se até insistir que se sente e também dizer-lhe alguma coisa que o reanime e que afaste da sua mente qualquer preocupação que, eventualmente, começasse a distraí-lo. Quando, porém, não conhecemos os motivos pelos quais, sem nada dizer, ele se recusa a ouvir, então, quando ele já estiver sentado, diga-se, de maneira alegre ou triste, como já falei, algo contra os pensamentos que vêm dos cuidados deste mundo e que nos assaltam, a fim de que, se eram esses mesmos pensamentos que invadiam a mente dele, vão cessar, porque foram individuados quase que pelo nome. Se, porém, não eram esses os pensamentos que o distraíam, mas o fato de estar cansado de ouvir, então, para que ele recobre a atenção, é bom falar – daquele jeito que mencionamos – alguma coisa fora do comum e que cause surpresa, a respeito daquelas preocupações, como se fossem responsáveis pela situação (uma vez que não conhecemos a causa delas). Essa palavra, porém, deve ser breve, ainda mais que está fora do roteiro, para que o remédio não agrave ainda mais a doença do enfado que queremos curar. As coisas que faltam devem ser ditas rapidamente e se anuncie e se mostre a conclusão próxima.

Quando somos impedidos de fazer o que desejamos, já acessamos, perturbados, a outra atividade

XIV. 20. Se, por deixar de fazer uma atividade em que já estavas empenhado, por achá-la mais necessária, o teu ânimo se abater e, por causa disso, vais catequizar triste e insatisfeito, deves pensar que nunca sabemos o que seria mais útil fazer e o que seria mais oportuno interromper ou mesmo deixar de fazer totalmente (exceto o fato de sabermos que devemos agir sempre com misericórdia para com as pessoas, em tudo o que fizermos, com a obrigação de uma verdadeira e sincera caridade; portanto, exceto isto), porque não conhecemos quais são, junto de Deus, os merecimentos dos homens em favor de quem agimos, não compreendemos o que, no momento, mais lhes convém, ou melhor, fazemos suposições sem nenhuma ou com pouquíssima ou incertíssima garantia. Por isso mesmo precisamos estabelecer uma ordem do que devemos fazer, conforme a nossa capacidade; se conseguirmos realizar tudo do modo como decidimos, alegremo-nos, pois foi do agrado de Deus e não do nosso que assim acontecesse. Se, porém, sobrevier uma outra qualquer necessidade que perturbe aquele nosso esquema, dobremo-nos facilmente para não nos abatermos, a fim de que se torne nosso o esquema que Deus preferiu ao nosso. Pois é mais justo nós seguirmos a vontade de Deus, do que ele, a nossa. Porque também a ordem das coisas a fazer que queremos manter conforme decidimos será aprovada se as coisas mais importantes tiverem a precedência. Por que vamos nós homens sofrer por sermos precedidos pelo Senhor Deus, muito maior do que nós, e assim ficarmos na desordem porque amamos mais a nossa ordem? Ninguém coloca em ordem o que fazer melhor do que aquele que está mais preparado para não fazer o que é proibido pelo poder divino, do que aquele que teima em fazer o que pensa com a própria cabeça. De fato, "muitos são os pensamentos do coração do homem, o pensamento do Senhor, porém, permanece para sempre".[68]

O ânimo de quem fala perturbado por um escândalo não consegue proferir um discurso sereno e bonito

XIV. 21. Quando, chocado por um escândalo, o ânimo não consegue fazer um discurso sereno e agradável, mesmo assim, apesar de tudo, precisa ter uma grande caridade para com aqueles pelos quais o Cristo morreu, querendo, com o preço do seu sangue, redimi-los da morte dos erros do mundo.[69] Que o fato de nos dizerem, a nós que estamos tristes, que alguém deseja se tornar cristão, sirva para a consolação e libertação daquela tristeza, assim como a alegria do lucro apaga a dor do prejuízo. Pois o escândalo que alguém dá nos deixa tristes, só porque pensamos ou vemos aquele que escandaliza perder-se ou então uma pessoa fraca perder-se por causa dele. A esperança de que aquele que vem para ser iniciado há de progredir deve apagar a dor causada por aquele que falha. O medo de que um prosélito se torne filho da gehena,[70] porque, de fato, temos diante dos olhos muitos assim, dos quais vêm os escândalos que nos fazem sofrer, não deve desanimar-nos, mas, pelo contrário, nos deve encorajar e fazer crescer e assim

exortarmos aquele que estamos ensinando para que tome cuidado para não imitar aqueles que não são cristãos de verdade, mas só de nome, nem que, abalado pelo grande número deles, queira segui-los ou então, por causa deles, não queira seguir o Cristo e, em vez de entrar na Igreja de Deus, onde estão aqueles, queira ser como eles. Não sei como, nestas circunstâncias, ser mais ardente o discurso que a dor alimenta: que, sem desânimo, por causa disso mesmo digamos, com mais fervor e mais força, aquilo que, mais tranquilos diríamos de maneira mais fria e sossegadamente. Alegremo-nos por termos a ocasião de ver um sentimento do nosso coração não passar sem dar fruto.

De vez em quando nos envolve a tristeza por algum erro nosso ou pecado

XIV. 22. Quando nos envolve a tristeza por algum erro nosso ou pecado, lembremo-nos não somente que o espírito contrito é um sacrifício para Deus,[71] mas também daquela palavra: "A esmola apaga o pecado, como a água, o fogo".[72] Ainda diz: "porque eu prefiro a misericórdia ao sacrifício".[73] Assim como no perigo de incêndio, logo correríamos para a água para extingui-lo e agradeceríamos se alguém de perto no-la oferecesse, assim também, se da palha que somos acender-se uma chama de pecado que nos perturbe,[74] alegremo-nos, pela ocasião que se nos apresenta de fazer uma obra de misericórdia, como se uma fonte nos fosse oferecida, de onde pegar água para apagar o que estava queimando. A não ser que sejamos tão tolos de acharmos que devemos correr mais rapidamente com pão para encher a barriga de quem tem fome, do que com a palavra de Deus para instruir a mente de quem a saboreia.[75] Acrescente-se ainda que, se fazer isso é bom, mas não faria mal deixar de o fazer, infelizmente, no que diz respeito ao perigo de salvação, desprezaríamos o remédio oferecido, não tanto para a salvação do próximo, mas para a nossa própria salvação. Uma vez que, na verdade, sai da boca do Senhor ameaçadoramente esta palavra: "Servo mau e preguiçoso, deverias dar o meu dinheiro aos banqueiros",[76] não seria loucura o nosso pecado nos angustiar e querermos pecar de novo, por não darmos o dinheiro do Senhor a quem o quer e o pede? Afastadas as trevas do tédio por estes e semelhantes pensamentos e considerações, a vontade de catequizar se torna capaz de impregnar de doçura aquilo que brota, de modo animado e alegre, da fecundidade da caridade. Isto tudo, não sou eu que te digo, mas o diz a todos nós o próprio amor derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.[77]

Exemplo de um discurso mais longo

XV. 23. Quem sabe, agora, tu me cobres, como dívida, aquilo que eu não te devia antes de prometê-lo, isto é, que eu não me recuse a desenvolver e propor à tua consideração um exemplo de discurso, como se eu mesmo estivesse catequizando.

A diversidade das circunstâncias

Antes, porém, de o fazer, quero que penses que uma é a intenção de quem dita, pensando num futuro leitor; outra a intenção de quem fala a um ouvinte presente e atento. Assim mesmo, uma é a intenção de quem exorta cara a cara em particular, não havendo mais ninguém que nos julgue; outra a intenção de quem ensina em público, rodeado de ouvintes que têm opiniões diferentes. Nesse tipo de discurso, uma é a intenção de quem ensina a uma pessoa só, enquanto outros ouvem para julgar ou confirmar assuntos que já conhecem; outra é a intenção quando todos juntos estão atentos ao que lhes diremos. Aqui, de novo, uma é a intenção de quem senta junto, quase familiarmente em particular, para estabelecer uma conversa; outra, quando todo o povo, em silêncio, na expectativa, olha para aquele que vai falar, sozinho, de um lugar elevado. Quando se fala assim é muito diferente se são poucas as pessoas ou muitas, instruídas ou não, e se estão misturadas, gente da cidade ou do campo ou uns e outros juntos; se é um povo misturado com todo tipo de gente. É impossível que esta ou aquela situação não influencie, de modos diferentes, aquele que vai falar ou ensinar, e que o discurso que vai ser feito não traga como que traços do sentimento da alma daquele que o profere, e afete, de modo diferente, os ouvintes, assim como eles mesmos, pela própria presença, se afetam uns aos outros de modo diferente.

A diversidade dos ouvintes

Mas, visto que estamos tratando da instrução daqueles que devem ser iniciados na fé cristã, dou testemunho da minha própria experiência, que eu mesmo me comporto desta ou daquela maneira quando vejo diante de mim, para ser catequizada, uma pessoa erudita, um incapaz, um cidadão, um peregrino, um rico, um pobre, um cidadão privado, uma pessoa de posição com algum cargo, um homem desta ou daquela nação, desta ou daquela idade ou sexo, desta ou daquela seita, um que vem deste ou daquele erro popular. De acordo com a diversidade dos meus sentimentos, o discurso é encaminhado, desenvolvido e encerrado. E ainda que se deva a todos a mesma caridade, não se dá a todos o mesmo remédio. A própria caridade a uns dá à luz,[78] com outros se faz fraca;[79] procura edificar alguns;[80] receia ofender a outros; inclina-se para uns, levanta-se contra outros; com alguns, terna; com outros, severa; de ninguém, inimiga; para todos, mãe. Quem não fez experiência do que digo, com a mesma caridade, quando nos vê, acha que somos felizes porque uma qualquer capacidade que nos foi dada, agrada e é elogiada pela boca da multidão. Deus, porém, diante de quem chega o gemido dos prisioneiros,[81] veja a nossa pequenez e o nosso trabalho e perdoe todos os nossos pecados.[82] Portanto, se alguma coisa em nós te agradou, para que nos pedisses alguma observação sobre o teu discurso, aprenderias melhor vendo e ouvindo-nos, quando, na prática, o fazemos, do que lendo o que estamos ditando.

Os não cristãos da cidade a serem instruídos

XVI. 24. Imaginemos vir a nós, com intenção de ser cristão, alguém de família simples, não do campo, mas da cidade, como muitos que tu deves conhecer em Cartago. Interrogado se quer ser cristão por causa das vantagens da vida presente ou por causa do repouso esperado depois desta vida, responda que é por causa do repouso futuro. Então, talvez, ele poderia ser instruído com um discurso deste tipo.

Início do discurso: o verdadeiro repouso e felicidade nesta vida

Demos graças a Deus, meu irmão; eu te felicito fortemente e me alegro por ti, porque tu, no meio das grandes e perigosas tempestades deste mundo, te preocupaste com uma segurança verdadeira e certa. Porque os homens buscam, também nesta vida, repouso e segurança com grandes fadigas, só que não o encontram por causa de suas paixões perversas. Pois querem repousar em coisas instáveis e passageiras; e como, com o tempo, elas desaparecem e passam, os agitam e não os deixam repousar. Querendo colocar o repouso nas riquezas, o homem se torna mais soberbo do que seguro. Será que não vemos quantos as perdem de repente, muitos perecem por causa delas ou, então, enquanto cobiçam possuí-las ou, então, já as possuindo, são roubados pela violência de gente mais ambiciosa ainda do que eles? Aliás, mesmo que as riquezas permanecessem com a pessoa por toda a vida e não abandonassem o tal que as ama, vai ser ele a ter que abandoná-las quando morrer. Que tamanho tem a vida do homem, mesmo quando envelhece?[83] Quando as pessoas desejam a velhice, que desejam senão uma longa fragilidade? Assim também, que são as honras deste mundo senão orgulho,[84] vaidade e perigo de perdição? Pois assim diz a Santa Escritura: "Toda carne é feno e o brilho do homem, como a flor do feno. O feno morre, a flor cai; porém, a palavra do Senhor permanece para sempre".[85] Por isso, quem deseja o verdadeiro repouso e a verdadeira felicidade deve tirar a sua esperança das coisas mortais e passageiras e colocá-la na Palavra do Senhor, para que, aderindo a ela, que permanece para sempre, ele também permaneça com ela para sempre.

A firmeza da paz e a alegria não estão nos prazeres nem na loucura dos espetáculos

XVI. 25. Há pessoas que não querem ser ricas, nem ambicionam chegar às pompas das honrarias, mas querem gozar e divertir-se nas tavernas, nos prostíbulos, nos teatros e espetáculos frívolos, que se encontram de graça nas grandes cidades. Essas pessoas consomem os seus poucos haveres na luxúria ou da sua miséria se lançam aos furtos e arrombamentos, e até mesmo aos latrocínios, e logo são invadidas por muito e grande medo; e quem pouco antes cantava na taverna, agora sonha com os lamentos da prisão. Pela paixão dos espetáculos, as pessoas se assemelham aos demônios, gritando para instigar homens, que nunca se ofenderam, para se matarem uns aos outros, e partirem para lutas aguerridas, só pelo desejo de agradar o povo desvairado. Se percebem que os lutadores combinam entre si, então os odeiam e perseguem e gritam para que sejam

flagelados como cúmplices de tramas e até mesmo forçam o juiz, que deve fazer justiça, a cometer essa injustiça. Quando sabem das violentas inimizades que mantêm entre si (seja os assim chamados "sintas",[86] os atores, os músicos de teatro, seja os aurigas, seja os gladiadores que, coitados, provocam para combates não somente de homens contra homens, mas também de homens com animais), tanto mais gostam e se alegram, quanto mais enfurecida for a discórdia recíproca. Aplaudem os que eles incitam e incitam os que aplaudem, e, torcendo por um ou por outro, os próprios espectadores ficam mais furiosos ainda uns contra os outros, do que aqueles cuja fúria furiosos eles provocam, e a cujo espetáculo furiosos desejam assistir. Como pode um ânimo que se nutre de discórdias e brigas manter uma paz saudável? Tal comida, tal é a saúde que segue. Finalmente, ainda mesmo que as loucas alegrias, sejam quais forem, não sejam verdadeiras alegrias, mesmo que tanto agradem a ostentação das riquezas, a vaidade das honras, a voragem das tavernas, os combates dos teatros, a imundície das fornicações, [87] a excitação das termas, tudo isso uma febrezinha qualquer arranca e retira toda aquela falsa felicidade de quem ainda está em vida. Resta só uma consciência vazia e ferida, que vai fazer experiência de um Deus juiz, porque não quis tê-lo como protetor e vai encontrar-se com um Senhor severo, porque descuidou de procurá-lo e amá-lo como um pai de ternura. Tu, porém, porque buscas o verdadeiro repouso[88] prometido para depois desta vida, saborearás, mesmo aqui, essa vida doce e feliz, entre os amarguíssimos sofrimentos desta vida, se amares os preceitos daquele que a prometeu. Pois, logo perceberás que os frutos da justiça[89] são mais doces do que os da maldade, e que a pessoa se regozija mais verdadeiramente e com mais felicidade com uma boa consciência[90] no meio dos sofrimentos, do que com a má consciência no meio das delícias, porque não vieste unir-te à Igreja de Deus com a intenção de alcançar dela algum proveito temporal.

Há os que querem ser cristãos para alcançar algum proveito temporal da Igreja

XVII. 26. Há os que querem ser cristãos a fim de granjear a simpatia de pessoas de quem esperam obter vantagens temporais ou então porque não querem desagradar a pessoas de quem têm medo. Esses não são autênticos. Apesar de a Igreja os suportar por certo tempo, como a eira que contém a palha até o tempo da joeira, se não se corrigirem, querendo ser cristãos por causa do repouso futuro e eterno, no final serão excluídos.[91] Não se lisonjeiem pelo fato de poderem estar na eira junto com o trigo de Deus, porque não estarão com ele no celeiro, mas serão destinados ao fogo merecido.[92] Há também outros que têm uma esperança melhor, mas que correm perigo não menor; pois já temem a Deus e não riem do nome cristão, nem entram na Igreja de Deus com coração fingido, mas sonham com a felicidade nesta vida, para serem, mesmo nas coisas terrenas, mais felizes do que aqueles que não cultuam a Deus. Por isso, quando veem criminosos e ímpios gozarem e mesmo os excederem na prosperidade mundana e eles mesmos, tendo

menos ou perdendo tudo, então se abalam como se adorassem a Deus à toa e facilmente se afastam da fé.

Há os que desejam ser cristãos por causa da felicidade eterna e o repouso perpétuo prometido no futuro para os santos após esta vida: esses são os verdadeiros cristãos

XVII. 27. Quem, porém, quer ser cristão por causa da felicidade eterna e do repouso perpétuo[93] prometido aos santos no futuro, depois desta vida, para não ir com o diabo para o fogo eterno, mas para entrar no reino eterno[94] com Cristo, esse é o verdadeiro cristão: prudente em toda tentação a fim de não se corromper na prosperidade, nem se abater na adversidade, comedido e moderado na abundância dos bens terrenos, forte e paciente nas tribulações.[95] Progredindo, ele chega a tal estado de ânimo que, mais do que temer a gehena, ele ama a Deus; de tal maneira que, mesmo que Deus lhe diga: "Aproveita, para sempre, de prazeres carnais, peca quanto puderes, não morrerás nem irás para a gehena, somente não ficarás comigo", ficaria com horror e não pecaria nunca, não tanto para não cair no que temia, mas para não ofender aquele a quem tanto ama, em quem somente está o repouso que o olho não viu, o ouvido não ouviu,[96] nem subiu ao coração do homem e que Deus preparou para aqueles que o amam.[97]

O repouso de Deus e dos seus santos no sétimo dia

XVII. 28. A Escritura se refere a isto e não silencia que, no início do mundo, quando fez o céu e a terra e tudo o que está neles, Deus trabalhou seis dias e descansou no sétimo.[98] O onipotente poderia fazer tudo num único instante. Mas não trabalhou tanto que tivesse que descansar, quando: "Disse, e foi feito; ordenou, e foi criado",[99] mas isso era para significar que, após as seis idades deste mundo, na sétima idade, como se fosse o sétimo dia, descansará nos seus santos;[100] pois os santos repousarão nele, após todas as obras boas com que o serviram, que ele mesmo operou neles, ele que chama, ordena, perdoa os pecados passados[101] e justifica o ímpio.[102] Pois, como se diz justamente, quando eles agem bem por dom dele, é ele que age, assim também, quando eles repousam, se diz justamente que é ele quem repousa. Aliás, no que diz respeito a Deus, ele não busca o descanso porque não sente cansaço com o trabalho. Ele fez tudo mediante o seu Verbo,[103] e o seu Verbo é o próprio Cristo, em quem repousam os anjos e todos os puríssimos espíritos celestes, em santo silêncio. O homem, caído por causa do pecado, perdeu o repouso que tinha na divindade do Verbo, e o recebeu de novo, na humanidade dele. Por isso, no momento oportuno, em que o Verbo sabia ser conveniente, se fez homem e nasceu de uma mulher.[104] Aquele que ia purificar a carne não podia ser contaminado por ela. Os antigos santos, por revelação do Espírito,

souberam e profetizaram que ele haveria de vir.[105] Assim eles se salvaram crendo que viria, como nós somos salvos crendo que ele veio, a fim de amarmos a Deus que nos amou de tal maneira que enviou o seu Filho único,[106] que, revestido da nossa humilde mortalidade,[107] seria morto pelos pecadores e em favor deles. Esse profundo mistério não cessa de ser prefigurado e preanunciado, já desde os primeiros tempos.

A criação do mundo e do homem

XVIII. 29. Porque Deus todo-poderoso, bom, justo e misericordioso,[108] fez boas todas as coisas,[109] as grandes e as pequenas, as mais elevadas e as mais humildes; as visíveis, como o céu, a terra e o mar; no céu, o sol, a lua e os outros astros; na terra e no mar, as árvores, arbustos e os animais de toda espécie; e todos os corpos celestes ou terrestres; fez também os seres invisíveis como os espíritos pelos quais os corpos recebem vigor e vida. Fez o homem à sua imagem para que, com a inteligência, através da qual conhece e cultua o seu Criador, governasse todos os animais da terra, como ele, pela sua onipotência, governa todas as criaturas. Fez também a mulher como auxílio para o homem;[110] não em vista da concupiscência carnal, já que ainda não tinham corpos corruptíveis e estavam antes de a mortalidade os invadir como pena do pecado, mas para que ela fosse motivo de glória para o homem, quando ele caminhasse para Deus à frente dela e oferecesse a si mesmo a ela a imitar na santidade e na piedade; assim como o homem seria motivo de glória para Deus,[111] quando seguisse a sua sabedoria.

O paraíso e a queda do homem

XVIII. 30. Assim Deus os estabeleceu num lugar de felicidade perpétua, que a Escritura chama de paraíso.[112] Deu-lhes um preceito: se não o transgredissem, permaneceriam sempre naquela felicidade imortal. Se, porém, o transgredissem, sofreriam os suplícios da mortalidade. Deus sabia de antemão que eles o transgrediriam. Contudo, como Criador e realizador de todo bem, ainda mais os quis criar, visto que fez também os animais, para encher a terra de bens terrenos. Deveras, o homem, mesmo pecador, é superior aos animais. Deus, porém, deu o preceito que não observariam, mais para que fossem inescusáveis[113] quando ele começasse a puni-los. Pois Deus merece louvor em tudo o que o homem fizer. Se se comportar bem, o encontra merecedor de louvor[114] pela justiça da recompensa; se pecar, Deus merece louvor pela justiça dos castigos; se reconhecer os pecados e voltar a uma vida correta, ele merece louvor pela misericórdia do perdão. Porque, então, Deus não faria o homem, mesmo sabendo de antemão que pecaria, uma vez que o coroaria se continuasse firme de pé, que o poria em ordem se caísse e o ajudaria a se levantar, permanecendo Deus sempre glorioso pela sua bondade, justiça, perdão? Deus criou o homem, principalmente porque sabia de antemão que dos

descendentes mortais dele haveria santos que, em vez de buscarem glória para si,[115] a dariam ao seu Criador, e, cultuando-o, livres de toda a corrupção, mereceriam viver sempre e felizes com os santos anjos? De fato, quem deu aos homens o livre-arbítrio para que o servissem não por obrigação servil, mas de livre vontade, deu-o também aos anjos: por isso, o próprio anjo que, com os seus companheiros se afastou, por orgulho, da obediência a Deus e se tornou diabo, não prejudicou a Deus, mas a si mesmo. Deus sabe chamar à ordem as almas[116] que o abandonam e tirar, da justa miséria delas, enriquecimento para as suas criaturas mais humildes, através de leis muito convenientes e justas de um admirável desígnio. Assim o diabo não prejudicou a Deus em nada por ter ele mesmo caído ou seduzido o homem para a morte;[117] o próprio homem não diminuiu em nada a verdade, o poder ou a felicidade do seu Criador, pois, de própria vontade, concordou com a sua esposa, seduzida pelo diabo, naquilo que Deus havia proibido. Todos foram condenados pelas justíssimas leis de Deus, permanecendo Deus glorioso pelo justo castigo e os homens desonrados através da vergonha da pena, a fim de que o homem, afastado do seu Criador e vencido, ficasse submetido ao diabo; e o diabo fosse apresentado ao homem convertido ao seu Criador, para ser vencido por ele. De tal maneira que quem concordar com o diabo até o fim irá com ele para o castigo eterno e quem se humilhar diante de Deus e, com a sua graça, vencer o diabo, merecerá a recompensa eterna.[118]

As duas cidades

XIX. 31. Não nos deve impressionar o fato de muitas pessoas estarem de acordo com o diabo e poucas seguirem a Deus, porque também o trigo, em comparação com as palhas, é muito menos abundante. Assim como o lavrador sabe o que fazer com o grande acúmulo de palha,[119] Deus também sabe o que fazer com a multidão de pecadores, que é nada para ele, para que o governo do seu Reino não seja, de nenhuma parte, perturbado e deturpado.[120] Nem por isso se pense que o diabo venceu, só porque atraiu muitas pessoas, porque, com elas será vencido por poucas pessoas. Assim, duas cidades se estendem desde o início do gênero humano até o fim dos tempos: uma dos maus e a outra dos santos; agora misturadas quanto aos corpos, mas separadas quanto às vontades das pessoas; no dia do julgamento, porém, serão separadas também quanto aos corpos. Pois todas as pessoas que amam a soberba e a dominação terrestre pelo vão inchaço e pompa da arrogância, como também todos os espíritos que amam estas coisas e buscam a própria glória, humilhando as pessoas, se agrupam numa mesma sociedade; e, apesar de muitas vezes combaterem entre si pelo desejo destas coisas, contudo, todas são precipitadas no mesmo abismo, por causa do peso da mesma ambição, e estão unidas entre si pela igualdade dos costumes de vida e do que merecem. De outro lado, todas as pessoas e todos os espíritos que, com humildade, buscam a glória de Deus e não a sua[121] e o seguem piamente, pertencem a uma mesma sociedade. Mesmo assim, Deus,

cheio de misericórdia, ainda é paciente com os homens maus e lhes dá espaço para penitência e correção.[122]

O dilúvio

XIX. 32. Apesar de saber que os homens não se corrigiriam, mesmo assim Deus destruiu a todos os homens pelo dilúvio, exceto um justo com a sua família, que ele quis preservar numa arca.[123] Na verdade, durante os cem anos nos quais a arca foi construída,[124] se anunciava que a ira de Deus cairia sobre eles e que, se voltassem para Deus, ele os pouparia, aliás, como mais tarde poupou a cidade de Nínive que fez penitência[125] quando o profeta lhe preanunciou a destruição futura. Deus, porém, faz a mesma coisa com aqueles que ele sabe que vão continuar no mal, dando-lhes espaço para a penitência, a fim de exercitar a nossa paciência e moldá-la com o seu exemplo; disso aprendemos como devemos suportar os maus com tolerância, já que não sabemos como eles serão depois, visto que aquele que conhece o futuro, os poupa e deixa viver.

O mistério do dilúvio

O mistério do dilúvio, do qual os justos foram libertados por meio da madeira,[126] anunciava também a futura Igreja que seu Rei e Deus Cristo salvaria da submersão deste mundo pelo mistério da sua cruz. De fato, Deus não ignorava que, também dentre aqueles que tinham sido salvos na arca, haveria de nascer gente má que, de novo, encheria a terra de maldades: estava, porém, dando um exemplo do futuro julgamento e preanunciando a libertação dos santos pelo mistério da madeira. De fato, em seguida ao dilúvio, recomeçou a brotar a maldade pela soberba, imoralidade e cultos ilícitos, uma vez que, abandonando o seu Criador, os homens não somente se prostraram diante da criatura feita por Deus,[127] em vez do próprio Deus, mas também curvaram as suas almas até diante de obras das mãos humanas e invenções de escultores, onde o imundo diabo e os demônios podiam dominá-los do modo mais torpe, eles que se alegram em ser adorados e venerados em tais obras, alimentando os seus erros com os erros humanos.

Os Patriarcas e os Profetas

XIX. 33. Mesmo então, não faltaram justos que buscavam piedosamente a Deus e venceram a soberba do diabo, cidadãos da cidade santa, salvos pelo seu Rei, o Cristo humilde que viria, revelado pelo Espírito Santo. Entre eles, foi escolhido Abraão,[128] piedoso e fiel servo de Deus, a quem foi dado conhecer o mistério do Filho de Deus,[129] a fim de que, no futuro, imitando a fé dele, os crentes de todos os povos fossem chamados filhos dele.[130] De Abraão nasceu um povo que adorava o único Deus verdadeiro[131] que fez o céu e a terra,[132] enquanto os outros povos serviam a ídolos e

demônios. Naquele povo foi prefigurada, com muito mais clareza, a futura Igreja. Era uma multidão carnal que adorava a Deus por causa dos seus benefícios visíveis. Havia também um pequeno número que pensava no repouso futuro e buscava a pátria celeste.[133] A eles foi revelada, em profecia, a futura humildade de Deus, rei e Senhor nosso Jesus Cristo, para que, através dessa fé, fossem curados de toda a soberba e orgulho. Desses santos,[134] que, no tempo, precederam o nascimento do Senhor, não somente a palavra, mas a vida, os casamentos, os filhos e as ações se tornaram profecia deste tempo presente, em que a Igreja é reunida de todos os povos pela fé na Paixão de Cristo. Através daqueles santos Patriarcas e profetas, àquele povo carnal de Israel, depois também chamado de povo dos judeus, eram dados os benefícios visíveis que, segundo a carne, desejavam do Senhor, como também, como convinha à dureza deles, castigos de penas corporais que os assustavam conforme as circunstâncias. Em todas essas coisas encontravam-se sinais dos mistérios espirituais que diziam respeito ao Cristo e à Igreja, da qual eles também eram membros, apesar de terem vivido antes de o Cristo Senhor nascer segundo a carne. O próprio Filho unigênito[135] de Deus, o Verbo do Pai, igual e coeterno ao Pai, por meio do qual todas as coisas foram feitas,[136] se fez homem por nossa causa, para ser a cabeça de toda a Igreja, como a cabeça de todo um corpo.[137] Quando o homem nasce, no seu nascimento, primeiro coloca para fora uma mão: mas ela está junto e unida a todo o corpo sob a cabeça.[138] Do mesmo modo, alguns entre os patriarcas, como sinal desta realidade, nasceram como a mão que sai primeiro.[139] Assim também todos os santos que estiveram na terra antes do nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo, apesar de terem nascido antes, estavam, contudo, unidos, debaixo da cabeça, ao corpo todo, de que ele é a cabeça.[140]

Moisés tirou do Egito o povo de Deus pelo mar Vermelho. Sinais do futuro Cristo

XX. 34. Portanto, aquele povo, levado para o Egito,[141] foi escravo de um rei duríssimo e, educado com pesadíssimos trabalhos, buscou a Deus como libertador. Foi-lhes enviado um homem do próprio povo, o santo servo de Deus Moisés.[142] Assustando, com a força de Deus, o povo ímpio dos egípcios e fazendo grandes milagres, tirou dali o povo de Deus através do mar Vermelho.[143] Afastando-se, a água ofereceu um caminho aos que atravessavam. Os egípcios, porém, quando os perseguiam, morreram afogados nas águas que voltavam ao seu lugar. Assim como no dilúvio, pelas águas, a terra foi purificada da maldade dos pecadores, destruídos pela inundação, enquanto os justos escaparam pelo madeiro da arca,[144] assim, saindo do Egito, o povo de Deus encontrou o caminho através das águas, pelas quais os inimigos deles pereceram. Aqui também, não faltou o mistério do lenho. Pois, para acontecer aquele milagre, Moisés bateu na água com a vara.[145] Ambas as coisas são sinais do santo batismo, através do qual os fiéis

passam para uma vida nova,[146] enquanto os pecados deles, como inimigos, são apagados e morrem. Ainda mais claramente é prefigurada naquele povo a Paixão de Cristo, quando lhes foi ordenado matar e comer um cordeiro, marcar com sangue dele os batentes das portas, celebrar cada ano o acontecimento e chamá-lo de Páscoa do Senhor.[147] A profecia sobre o Senhor Jesus Cristo diz com toda a clareza que "foi levado para ser imolado como um cordeiro".[148] Hoje tu deverás ser marcado na fronte, como que num umbral, com o sinal da Paixão e da cruz de Cristo, como todos os cristãos.

O povo de Israel recebe a Lei escrita em tábuas de pedra pelo dedo de Deus

XX. 35. Dali, aquele povo foi conduzido durante quarenta anos[149] através do deserto e recebeu também a Lei escrita pelo dedo de Deus,[150] expressão que significa o Espírito Santo, como se diz claramente no Evangelho.[151] Não que Deus seja identificado com alguma forma corporal, nem que se devam imaginar nele membros e dedos, como vemos em nós. Mas, visto que os dons de Deus são distribuídos aos santos pelo Espírito Santo, de tal maneira que, mesmo sendo diversos, não se afastam da harmonia da caridade;[152] e, por outro lado, enquanto é bem evidente certa divisão entre os dedos, mas sem separar-se da unidade da mão, por este ou por outro motivo qualquer, o Espírito Santo é chamado de "dedo de Deus", sem que se deva pensar em forma de corpo humano, quando se ouve essa expressão. Portanto, aquele povo recebeu a Lei escrita pelo dedo de Deus, em tábuas que eram de pedra, para significar a dureza do coração deles,[153] porque não iam, na verdade, cumprir a Lei. Deveras, esperando do Senhor dons corporais, eram dominados mais pelo medo carnal do que pela caridade espiritual. Ora, somente a caridade cumpre a Lei.[154] Por isso, foram sobrecarregados com muitas observâncias visíveis, para serem oprimidos por um jugo de escravos,[155] feito de prescrições de alimentos, sacrifícios de animais e de inumeráveis outras coisas. Todas essas coisas, porém, eram sinais das realidades espirituais que dizem respeito ao Senhor Jesus Cristo e à Igreja. Porém, somente poucos santos as entendiam como benefício de salvação e as cumpriam conforme convinha àquele tempo; a multidão dos homens carnais, porém, somente as cumpria sem entendê-las.

Jerusalém, cidade terrena sinal da cidade celeste

XX. 36. Assim, através de muitos e diversos sinais das realidades futuras, que seria longo lembrá-las todas e que vemos cumprir-se agora na Igreja, foi conduzido aquele povo à terra prometida,[156] onde reinaria por algum tempo e de modo carnal, conforme o seu desejo, um reino terreno que, porém, carregava a imagem do reino espiritual. Ali foi fundada a famosíssima cidade de Deus Jerusalém,[157] escrava, como sinal da cidade livre

chamada de Jerusalém celeste,[158] nome hebraico que quer dizer "visão de paz". Seus cidadãos são todas as pessoas que já foram, são e serão santificadas, assim como todos os espíritos santificados, aqueles todos também que, nas partes mais altas dos céus, com amor se submetem a Deus e não imitam a ímpia soberba do diabo e dos seus anjos. Rei dessa cidade é o Senhor Jesus Cristo, o Verbo de Deus soberano dos anjos mais excelsos, o Verbo que assumiu a humanidade[159] para que também os homens fossem governados por ele e reinassem todos com ele na paz eterna. Como prefiguração desse Rei, sobressaiu de modo particular, no reino terreno do povo de Israel, o rei Davi, de cuja família devia vir, segundo a carne,[160] o nosso verdadeiro rei, o Senhor Jesus Cristo, "Deus bendito sobre todas as coisas para sempre".[161] Muitas coisas aconteceram naquela terra prometida como figura do Cristo que devia vir e da Igreja, e que tu poderás aprender, pouco a pouco, nos Livros santos.

O cativeiro da Babilônia, de modo figurado, é sinal da Igreja de Cristo que seria um dia submetida aos reis deste mundo

XXI. 37. Contudo, passadas algumas gerações, Deus mostrou outra figura que muito interessa ao nosso assunto. Pois aquela cidade foi escravizada e grande parte dos seus habitantes, deportada para a Babilônia.[162] Ora, assim como Jerusalém é símbolo da cidade e da sociedade dos santos, Babilônia é símbolo da cidade e da sociedade dos maus, já que se diz que o seu nome significa "confusão".[163] Já dissemos, pouco antes, que, desde o começo do gênero humano até o fim do mundo, estas duas cidades atravessam as diversas idades do tempo misturadas, mas que deverão ser separadas no juízo final. Que Jerusalém fosse tomada e o povo levado para a escravidão da Babilônia, o Senhor tinha ordenado através de Jeremias, profeta daquela época.[164] Houve reis da Babilônia, de quem eles eram escravos, que, impressionados com alguns milagres acontecidos por ocasião da presença deles, conheceram, adoraram e mandaram adorar o único verdadeiro Deus que criou todas as coisas.[165] O povo de Israel, porém, recebeu ordens para orar por aqueles que os escravizavam e para esperar a paz na paz deles, a fim de poderem gerar filhos, construir casas e plantar hortas e vinhas. Porém, após setenta anos, a libertação do cativeiro lhes foi prometida.[166] Ora, tudo isso, num sentido figurado, significa que a Igreja de Cristo em todos os seus santos, cidadãos da Jerusalém celeste,[167] estaria submetida à escravidão dos reis deste mundo. De fato, o ensinamento dos apóstolos diz que "toda alma seja submissa aos poderes mais altos"[168] e que se deve dar "tudo a todos, o tributo a quem deve ser dado, o imposto a quem deve ser dado o imposto"[169] e tudo o mais que damos às autoridades humanas, exceto o culto do nosso Deus. O próprio Senhor, para nos dar exemplo deste verdadeiro ensinamento,[170] se dignou pagar o tributo[171] devido à humanidade que revestia. Também é prescrito aos

escravos que se tornaram cristãos e bons fiéis, que sirvam aos seus senhores deste mundo[172] com justiça e fidelidade, pois irão julgá-los se os encontrarem maus até o fim ou então com eles irão reinar, como iguais, se estes senhores também se converterem ao verdadeiro Deus. Recomenda-se, porém, a todos servir aos poderes humanos e terrenos, até quando, terminado o tempo marcado, significado pelos setenta anos, a Igreja for libertada da confusão deste mundo, como Jerusalém o foi do cativeiro da Babilônia. Por ocasião desse cativeiro, mesmo reis terrenos, abandonando os ídolos por causa dos quais perseguiam os cristãos, conheceram e adoraram o único verdadeiro Deus e o Cristo Senhor; por eles o apóstolo Paulo manda rezar, mesmo se perseguiam a Igreja. Assim diz ele: "Peço, portanto, em primeiro lugar, que se façam súplicas, orações, pedidos, ação de graças pelos reis, por todas as pessoas e por todos os que estão no alto, para que tenhamos uma vida segura e tranquila, com toda a piedade e caridade".[173] Assim, através dos reis da terra, a Igreja tem paz, mesmo se temporal, tranquilidade temporal para, no sentido espiritual, construir casas e plantar hortas e vinhas.[174] Vê, agora mesmo te estamos construindo e plantando com este discurso. Isso acontece em todo o mundo, na paz dos reis cristãos, como o mesmo Apóstolo diz: vós "sois a seara de Deus, a edificação de Deus".[175]

A paz e a liberdade restituída aos judeus após setenta anos: prefiguração da vinda do Senhor

XXI. 38. Portanto, após os setenta anos profetizados por Jeremias[176] no sentido místico, para prefigurar o fim dos tempos, foi feita a reconstrução do edifício do Templo de Deus,[177] a fim de que a própria figura fosse cumprida. Visto que tudo acontecia de maneira figurada, também a paz e a liberdade restituídas aos judeus não eram firmes. Assim, em seguida, foram derrotados pelos romanos e se tornaram tributários deles. Desde o tempo em que receberam a terra da promessa e começaram a ter reis, a fim de não julgarem ter sido realizada em algum dos seus reis a promessa do Cristo libertador, o Cristo foi profetizado com mais clareza através de profecias, não somente pelo próprio Davi no livro dos Salmos, mas também por outros grandes e santos profetas, até o tempo do cativeiro da Babilônia; e mesmo durante o cativeiro, houve profetas que profetizaram a vinda do Senhor Jesus Cristo, como libertador de todos os homens. Passados setenta anos, após a reconstrução do Templo, os judeus sofreram opressões e calamidades tão grandes da parte dos reis dos gentios que entenderam ainda não ter vindo o libertador. Mas não entendiam que os libertaria espiritualmente, e não no sentido carnal como desejavam.

As cinco primeiras idades do mundo

XXII. 39. Passaram-se, portanto, as cinco idades do mundo, das quais a primeira vai do início do gênero humano, isto é, de Adão, primeiro homem criado, até Noé, que fez a

arca no tempo do dilúvio;[178] a segunda vai até Abraão, escolhido como pai de todas as gentes[179] que imitariam a sua fé,[180] mas também pai do futuro povo dos judeus, pela descendência da carne, o único povo, entre todos os povos da terra que, antes da fé cristã dos gentios, adorou o único verdadeiro Deus, e do qual viria o Cristo salvador, segundo a carne. Esses momentos das duas idades sobressaem nos antigos Livros; os momentos das outras três idades são tratados também pelo Evangelho, quando recordam a origem carnal do Senhor Jesus Cristo.[181] Portanto, a terceira idade vai de Abraão até o rei Davi; a quarta vai de Davi até aquele cativeiro pelo qual o povo de Deus emigrou para a Babilônia; a quinta vai daquele exílio[182] até a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.

A sexta idade

A sexta parte da sua vinda, a fim de que a graça espiritual, conhecida então somente por poucos Patriarcas e Profetas, se manifestasse a todos os povos e ninguém mais adorasse a Deus a não ser gratuitamente, desejando dele não recompensas visíveis pela sua submissão, nem a felicidade da vida presente, mas somente a vida eterna, onde gozar do próprio Deus; para que, nessa sexta idade, a mente humana fosse renovada à imagem de Deus,[183] como, no sexto dia, o homem foi feito à imagem de Deus.[184] Então, sim, se cumpre a Lei,[185] já que todas as coisas prescritas são cumpridas, não por ambição das coisas temporais, mas por amor daquele que as prescreve. Pois quem não deseja retribuir com amor a Deus justíssimo e misericordiosíssimo, que por primeiro amou de tal modo os injustíssimos e soberbíssimos homens, que, por causa deles, enviou o único Filho,[186] por meio de quem fez todas as coisas,[187] que se fez homem,[188] e, sem mudar-se a si mesmo, assumiu a humanidade,[189] não somente para poder viver com eles, mas também ser morto por eles e em favor deles?

A manifestação do Evangelho

XXII. 40. Assim, Cristo manifestou o Novo Testamento da herança eterna,[190] no qual, renovado pela graça, o homem viveria vida nova,[191] isto é, vida espiritual. Com isso mostrou que se tornou envelhecido o primeiro Testamento, em que o povo carnal, vivendo como homem velho[192] – com exceção dos poucos Patriarcas e Profetas, que chegaram a um verdadeiro conhecimento, e alguns santos que permaneceram desconhecidos –, vivendo de modo carnal, desejava coisas carnais do Senhor Deus e as recebia como figura dos bens espirituais. O Senhor Cristo, feito homem, desprezou os bens terrenos, para mostrar que devem ser desprezados. Suportou todos os males terrenos que ele ordenava devessem ser suportados, a fim de que não se buscasse a felicidade naqueles bens terrenos, nem se temesse a infelicidade nestes males terrenos.

Jesus Cristo Senhor: vida, morte e ressurreição

Nascido de uma mãe que, apesar de ter concebido sem relação com homem e ter permanecido sempre intacta,[193] virgem concebendo, virgem dando à luz, morrendo virgem, mesmo sendo esposa de um carpinteiro,[194] Cristo acabou com toda a vaidade da nobreza carnal. Nascido também na cidade de Belém,[195] tão pequena entre todas as cidades da Judeia, que ainda hoje é chamada de vila, não quis que ninguém se orgulhasse da nobreza de qualquer cidade terrena. Tornou-se pobre[196] aquele a quem tudo pertence e por meio de quem tudo foi criado,[197] para que aquele que nele crer não ousasse se orgulhar de suas riquezas terrenas; não quis ser feito rei pelos homens[198] porque queria mostrar o caminho da humildade aos infelizes separados dele pela soberba, apesar de todas as criaturas darem testemunho do seu reino eterno.[199] Teve fome,[200] aquele que alimenta todos; teve sede,[201] aquele por meio de quem foi criado tudo o que se bebe; ele, que, no sentido espiritual, é o pão dos que têm fome e a fonte dos que têm sede;[202] aquele que se tornou para nós caminho para o céu,[203] cansou-se andando pelos caminhos terrestres;[204] ficou como mudo e surdo diante dos que o insultavam,[205] aquele por quem o mudo falou[206] e o surdo ouviu;[207] foi amarrado,[208] aquele que soltou as amarras das doenças;[209] foi flagelado,[210] aquele que expulsou dos corpos das pessoas os flagelos de todas as dores; foi crucificado,[211] aquele que acabou com os nossos tormentos; morreu,[212] aquele que ressuscitou mortos.[213] Mas também ressuscitou[214] para nunca mais morrer,[215] para que ninguém aprendesse dele a desprezar a morte como se nunca mais fosse viver.

A ascensão do Senhor. Pentecostes. A nova Lei

XXIII. 41. Daí, confirmados os discípulos, o Senhor ficou com eles quarenta dias[216] e, diante do olhar deles, subiu para o céu.[217] Completados cinquenta dias depois da ressurreição,[218] enviou-lhes o Espírito Santo (pois o havia prometido),[219] por meio de quem derramou a caridade nos corações deles,[220] e os tornou capazes de cumprir a Lei,[221] não somente sem peso,[222] mas com alegria. A Lei tinha sido dada aos judeus em dez mandamentos que eles chamam de decálogo[223] que, por sua vez, se resumem em dois: que amemos a Deus de todo o coração, de toda a alma, de toda a mente, e amemos o próximo como a nós mesmos.[224] Pois destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas, como o próprio Senhor disse no Evangelho[225] e mostrou com o seu exemplo. Depois de o povo de Israel pela primeira vez celebrar a páscoa, como

imagem,[226] matando e comendo um cordeiro com cujo sangue foram marcados os batentes das portas,[227] como garantia de salvação, completou-se o quinquagésimo dia,[228] e receberam a Lei escrita pelo dedo de Deus,[229] expressão que já dissemos significar o Espírito Santo; assim como, no quinquagésimo dia depois da Paixão e ressurreição do Senhor, a verdadeira Páscoa,[230] o próprio Espírito Santo foi enviado aos discípulos,[231] não mais significando, pelas tábuas da Lei, os corações duros.[232] Quando, pois, estavam reunidos num mesmo lugar em Jerusalém, de repente se fez um barulho do céu, como se levantasse um vento impetuoso, e apareceram-lhes línguas como de fogo repartidas. Eles começaram a falar em diversas línguas, de tal maneira que todos os que se tinham reunido junto deles, reconheciam, cada um, a sua própria língua (de fato reuniam-se naquela cidade judeus vindos de todas as partes onde estavam dispersos, que tinham aprendido as várias línguas dos diversos povos).[233] Daí em diante, pregando o Cristo com toda a confiança, faziam, no nome dele, muitos milagres,[234] a tal ponto que a sombra de Pedro que passava tocou um morto e o ressuscitou.[235]

A vida dos primeiros fiéis. A conversão dos judeus

XXIII. 42. Quando os judeus viam milagres tão grandes feitos no nome daquele que tinham crucificado, em parte por inveja[236] e em parte por erro,[237] alguns foram incitados a perseguirem os apóstolos pregadores de Cristo;[238] outros, porém, muito admirados por causa dos grandes milagres feitos em nome daquele de quem tinham rido como oprimido e derrotado por eles, arrependidos e convertidos, em milhares de judeus, creram nele.[239] Eles não desejavam mais, da parte de Deus, vantagens temporais nem um reino terreno, nem esperavam o Cristo, rei prometido, de modo carnal, mas o entendiam agora de maneira imortal e amavam aquele que, como mortal, tinha suportado tão grandes coisas deles e em favor deles e lhes tinha perdoado os pecados até derramar o próprio sangue, e tinha mostrado, pelo exemplo da sua ressurreição, que eles deviam esperar e desejar dele a imortalidade. Assim, fazendo morrer os desejos terrenos do homem velho,[240] cheios de entusiasmo com a novidade da vida espiritual, vendiam tudo o que tinham, como o Senhor havia ordenado no Evangelho,[241] e colocavam o preço das suas coisas aos pés dos apóstolos, para eles distribuírem a cada um conforme lhe era necessário.[242] Vivendo em harmonia no amor cristão, ninguém dizia que alguma coisa era sua própria,[243] mas tudo lhes era comum e eram uma só alma e um só coração para Deus.[244] Em seguida, eles também sofreram perseguição da parte dos cidadãos judeus carnais da sua própria raça e se dispersaram,[245] a fim de que, por meio da dispersão deles, o Cristo fosse mais largamente pregado e eles também imitassem a paciência do

seu Senhor, porque aquele que os tinha suportado com mansidão ordenava que eles também, tornando-se mansos, sofressem por ele.

Paulo perseguidor e depois apóstolo. Conversão dos gentios. Perseguições contra a Igreja de Cristo

XXIII. 43. Também o apóstolo Paulo tinha estado entre os perseguidores dos santos,[246] e tinha maltratado muito os cristãos.[247] Mas, depois, transformado em homem de fé e apóstolo[248] foi enviado para pregar o Evangelho aos gentios e suportou, em favor do nome de Cristo, sofrimentos maiores do que os que tinha causado contra o nome de Cristo. Fundando Igrejas entre todos os gentios onde semeava o Evangelho,[249] mandava, insistentemente, que eles fizessem ofertas para os pobres dos santos,[250] que estavam nas Igrejas da Judeia que tinham acreditado no Cristo; visto que, tendo vindo do culto dos ídolos e ainda inexperientes no culto de um só Deus, dificilmente conseguiriam vender e distribuir as suas próprias coisas e servir a Deus. Com o ensinamento apostólico estabeleceu uns como soldados, outros como tributários provinciais,[251] colocando no meio deles o Cristo, como pedra angular,[252] como já tinha sido preanunciado pelo profeta,[253] Cristo, no qual ambos seriam unidos pela caridade fraterna, como paredes vindas de lados diferentes, isto é, dos judeus e dos gentios.[254] Mais tarde, porém, surgiram perseguições ainda mais graves e mais frequentes da parte dos gentios infiéis contra a Igreja de Cristo e se cumpria, todos os dias, a palavra do Senhor que predissera: "Eis que vos envio como ovelhas no meio de lobos".[255]

A Igreja mais se desenvolve quanto mais abundantemente é regada pelo sangue dos mártires

XXIV. 44. Mas aquela videira que espalhava ramos cheios de frutos, por toda a terra, como tinha sido profetizado[256] e preanunciado pelo próprio Senhor,[257] se desenvolvia mais abundantemente quanto mais era regada pelo sangue dos mártires. Diante da morte de inúmeros deles pela verdadeira fé, em todas as partes, os próprios reis que os perseguiam, dobrando a cabeça orgulhosa, cederam e se voltaram para conhecer e venerar a Cristo. Era, porém, necessário que esta mesma videira fosse podada, como tinha sido predito diversas vezes pelo Senhor, e dela fossem cortados os ramos que não davam frutos,[258] através dos quais apareceram heresias e cismas,[259] em diversos lugares, e, sob o nome de Cristo, buscavam a própria glória e não a dele.[260] Era necessário que, por causa das adversidades vindas deles, a Igreja fosse mais e mais experimentada e colocada à prova e brilhasse pela sua doutrina e paciência.[261]

O último dia do julgamento

XXIV. 45. Portanto, reconhecemos que todas essas coisas aconteceram como lemos terem sido preditas muito antes. E como os primeiros cristãos que, para crer, eram movidos pelos milagres, porque ainda não viam a realização delas, assim nós fomos edificados na fé,[262] porque vimos todas essas coisas se cumprirem, como lemos nos livros escritos muito antes que fossem cumpridas, em que eram contados como futuros estes fatos que hoje vemos como presentes; a fim de que, firmes e perseverantes no Senhor, creiamos sem dúvida que também aquelas coisas que ainda faltam acontecer, se realizarão. De fato, lê-se nas mesmas Escrituras que virão outras tribulações no futuro[263] e o próprio dia do juízo final,[264] em que todos os cidadãos de ambas as cidades, recuperados os seus corpos, ressuscitarão e prestarão contas da própria vida diante do tribunal do Cristo juiz. Virá, então, com o seu brilhante poder,[265] aquele que se dignou vir antes na humildade da condição humana; separará, então, todos os pios dos ímpios, que não somente são aqueles que não quiseram absolutamente crer nele, mas também aqueles que creram nele, mas em vão e sem frutos. A uns dará o reino eterno junto consigo; a outros, o castigo eterno com o diabo.[266] E assim como nenhuma alegria vinda das coisas temporais pode, de modo algum, comparar-se com a felicidade da vida eterna que os santos receberão, assim também nenhum tormento vindo de castigos temporais pode comparar-se com os tormentos eternos dos maus.

A fé na ressurreição

XXV. 46. Portanto, fica firme, irmão, no nome e na ajuda daquele em quem crês, contra aqueles que falam mal e riem da nossa fé: é o diabo que, por meio deles, diz palavras sedutoras, querendo levar a rir especialmente da fé na ressurreição. A partir de ti mesmo, podes ter confiança que existirás no futuro, uma vez que estás existindo agora, enquanto antes não existias. Pois, onde estava esta massa do teu corpo, esta forma e conjunto de membros há poucos anos, antes que nascesses ou até mesmo antes de seres concebido no seio de tua mãe, onde estava essa massa e esse tamanho do teu corpo? Porventura não veio à luz dos segredos ocultos desta criação, por ação invisível do Senhor Deus, e, desenvolvendo-se conforme a idade, cresceu até este tamanho e este jeito de ser? Porventura é difícil para Deus, que rapidamente junta cúmulos de nuvens e cobre o céu num instante,[267] fazer voltar esse tamanho do teu corpo como era, ele que foi capaz de o fazer desse jeito, quando ainda não existia? Crê, portanto, forte e inabalavelmente, que todas as coisas que se veem e passam e desaparecem dos olhos humanos, continuam salvas e inteiras para a onipotência de Deus. Se ele quiser, vai recompor, sem demora e sem dificuldade, as coisas que a sua justiça achar que devem ser restabelecidas, a fim de que os homens prestem contas, nos seus corpos, das ações que praticaram neles. Com os corpos, merecerão, então, ou a sua transformação na incorruptibilidade celeste,[268] como recompensa pela sua piedade, ou então a condição de corruptibilidade do corpo, como castigo pelo mal praticado, condição que não desaparece com a morte, mas que fornece matéria para os sofrimentos eternos.[269]

A vida eterna dos santos

XXV. 47. Portanto, foge, por meio de uma fé inabalável e de bons costumes, foge, irmão, desses tormentos, em que não faltam algozes nem morrem os torturados. É morte que não tem fim, eles não poderem morrer pelos sofrimentos.[270] Inflama-te de amor e de desejo da vida eterna dos santos, onde a atividade não será penosa, nem o repouso ocioso. O louvor de Deus será sem cansaço, nem interrupção; nenhum aborrecimento no ânimo, nem dor no corpo; nenhuma carência, nem tua, que quisesses satisfazer, nem do próximo, que te apressasses para preencher. Deus será toda a delícia e a plenitude da cidade santa que vive nele e dele na sabedoria e na felicidade. Como ele nos prometeu e nós esperamos e aguardamos, seremos feitos iguais aos anjos de Deus,[271] e, juntamente com eles, gozaremos, na contemplação direta e na mesma medida, da Trindade, em que agora vivemos pela fé.[272] Pois cremos no que não vemos,[273] para merecermos, pelos próprios méritos da fé, ver e abraçar o que cremos. Então, não mais proclamaremos com palavras e com sonoros poemas a igualdade do Pai e do Filho e do Espírito Santo, a unidade da própria Trindade, como os três são um só Deus, mas, por tudo seremos penetrados no silêncio e em puríssima e ardentíssima contemplação.

Exortação ao candidato

XXV. 48. Guarda tudo isso bem firme no teu coração, invoca a Deus em quem crês, para te proteger contra as tentações do diabo. Tu mesmo, toma cuidado para que o inimigo não se insinue de alguma outra parte, ele que procura com quem ser condenado, como consolo cheio de perversidade, para a sua condenação. De fato, ele ousa tentar os cristãos, não somente por meio daqueles que odeiam o nome cristão e sofrem porque o mundo todo é ocupado por esse nome e querem continuar servindo aos ídolos e aos desejos[274] dos demônios. De vez em quando, tenta do mesmo modo através daqueles, pouco antes lembrados, cortados da unidade da Igreja, como a videira podada, chamados de hereges ou cismáticos. Ele procura também a mesma coisa, às vezes, tentando e seduzindo por meio dos judeus. É preciso tomar cuidado, principalmente, que ninguém seja tentado e enganado pelo inimigo através de pessoas da própria Igreja Católica, que ela suporta, como a palha, até o tempo da joeira. [275] É por isso que Deus é paciente[276] com estes últimos, para confirmar a fé e a prudência dos seus eleitos, colocando-os à prova, através da perversidade dos outros, e também porque muitos dentre eles melhoram e, deplorando a situação de suas almas, com grande entusiasmo se convertem para agradar a Deus. Pois nem todos, por causa da paciência de Deus, acumulam a ira para si, no dia da ira do justo julgamento dele;[277] mas, pelo contrário, a mesma paciência do Todo-Poderoso conduz muitos à dor, utilíssima para a salvação, da penitência.[278] Até que isso aconteça, aqueles que já estão no caminho reto exercem para com eles a misericórdia, além da tolerância. Portanto, tu verás muitos bêbados, avarentos, fraudadores, jogadores, adúlteros, fornicadores, os que aplicam a si mesmos

remédios sacrílegos, aqueles que são dados a encantamentos e à astrologia ou a qualquer outra arte ímpia de adivinhação. Notarás também que as mesmas multidões que enchem as igrejas nas festas dos cristãos, enchem também os teatros nos dias festivos dos pagãos. Vendo tudo isso, serás tentado a imitá-los. E o que vou dizer, verás que mesmo agora já o sabes: pois não ignoras que muitos que se dizem cristãos praticam todas essas coisas más que brevemente recordei. Talvez conheças alguns que se dizem cristãos que fazem até coisas mais graves. Se vieste, porém, com a intenção de fazer tais coisas e ficar tranquilo, estás muito enganado. De nada te adiantará o nome de Cristo, quando ele, que antes se dignou socorrer-te com toda a misericórdia, começar a julgar-te com toda a severidade. Preanunciando tudo isso, ele diz no Evangelho: "Nem todo aquele que me diz Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai. Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, nós comemos e bebemos no teu nome".[279] O fim para todos os que perseveram em tais obras é a condenação.[280] Portanto, quando vires muitos não somente fazerem isso, mas também o defenderem e convidarem para fazê-lo, fica firme na Lei de Deus, e não sigas os prevaricadores dela. Pois serás julgado não segundo o pensamento deles, mas segundo a verdade de Deus.

Esperança a ser colocada em Deus, não no homem

XXV. 49. Une-te aos bons, que vês amarem contigo o teu Rei. Encontrarás muitos deles se começares a ser assim também. Nos espetáculos, desejavas estar junto e ligar-te àqueles que contigo amavam um auriga, ou um gladiador ou algum ator; quanto mais deves gostar da companhia daqueles que, contigo, amam a Deus que nunca desaponta quem o ama, porque além de não poder ser derrotado, torna invencíveis também aqueles que o amam. Contudo, não deves colocar a tua esperança nem mesmo naquelas pessoas boas que te precedem ou acompanham no caminho para Deus, pois não deves colocar a esperança nem mesmo em ti, apesar do teu grande progresso, mas naquele[281] que, pela justificação, torna tais como sois, a ti e aos outros. De Deus podes estar seguro, porque ele não muda;[282] no homem, porém, ninguém, prudentemente, pode ter segurança.[283] Se devemos amar aqueles que ainda não são justos, para que o sejam, quanto mais ardentemente devemos amar aqueles que já o são. Mas uma coisa é amar o homem, outra é colocar no homem a esperança. A diferença é tão grande, que Deus ordena aquele amor e proíbe esta confiança.[284] Se sofreres alguns insultos ou tribulações pelo nome de Cristo[285] e não abandonares a fé nem te desviares do bom caminho, receberás uma recompensa maior; aqueles, porém, que nestas coisas cederem ao diabo, perdem até a recompensa menor. Sê humilde diante de Deus, para que ele não permita que sejas tentado além das tuas forças.[286]

Iniciação do candidato

XXVI. 50. Após dizer tudo isso, deve-se interrogar o candidato se crê em tudo e se

deseja observá-lo. Se responder que sim, então deve ser solenemente marcado com o sinal da cruz e ser tratado conforme o costume da Igreja. A respeito do sinal que recebe, seja-lhe bem esclarecido que os sinais das realidades divinas são visíveis, mas nele honramos as próprias realidades invisíveis; que aquela matéria santificada pela bênção não deve mais ser considerada como uma coisa comum. Deve-se também explicar o significado da palavra que ele ouviu, que riqueza se encontra nela, símbolo de qual realidade carrega. Em seguida deve ser exortado para, dali em diante, quando ouvir algo da Escritura com som carnal, mesmo sem entender, creia que tem um sentido espiritual dizendo respeito aos santos costumes e à vida futura. Assim ele aprende em pouco tempo que o que ele ouvir dos Livros canônicos que não pode ser colocado em referência ao amor da eternidade, da verdade e da santidade, nem ao amor do próximo, ele deve crer dito ou acontecido de modo figurado; e assim procure entendê-lo referente àquele duplo amor.[287] Assim, não vai mais compreender "próximo" de maneira carnal, mas como todo aquele que poderá estar com ele na santa cidade, que isto já apareça ou ainda não, e nunca vai perder a esperança de correção de nenhuma pessoa, pois, como diz o Apóstolo, a paciência de Deus não o deixa viver por nenhum outro motivo, senão o de ser conduzido à penitência.[288]

Exemplo de um discurso mais breve

XXVI. 51. Se este discurso, com o qual instruí um candidato como se estivesse presente, te parece longo, então podes dizê-lo de maneira mais breve; mais longo, porém, é que acho não deva ser. Contudo, o que mais importa é o que a situação aconselha, o que os ouvintes presentes não somente aguentam, mas mostram também desejar. Quando, porém, precisa ser rápido, presta a atenção à maneira como se pode explicar facilmente todo o assunto. Imagina, de novo, que se apresente alguém que queira ser cristão: vê se, interrogado, responde a mesma coisa que o candidato anterior respondeu; porque, se não responder do mesmo modo, deve-se dizer-lhe que deveria ter respondido assim. Em seguida, serão expostas as outras coisas do modo que segue.

A história da salvação de Adão até Cristo

XXVI. 52. Na verdade, irmão, a grande e verdadeira felicidade é aquela, no mundo futuro, prometida aos santos. De fato, todas as coisas visíveis passam e toda a pompa, os prazeres e a curiosidade deste mundo perecerão[289] e arrastam consigo para a morte aqueles que as amam. Deus misericordioso quer libertar os homens desta morte, isto é, das penas eternas, contanto que eles não sejam inimigos de si mesmos e não resistam à misericórdia do seu Criador. Enviou, então, o seu único Filho,[290] o seu Verbo, igual a ele,[291] mediante o qual criou todas as coisas.[292] Permanecendo na sua divindade, não se afastando do Pai, nem se mudando em outra coisa, porém assumindo a humanidade,[293] veio ao encontro dos homens, aparecendo-lhes numa carne mortal,[294]

a fim de que, assim como a morte entrou no gênero humano através de um homem,[295] o primeiro que foi feito, Adão, visto ter consentido com sua mulher, seduzida pelo diabo, para transgredirem o preceito de Deus,[296] assim também, através de um homem, que também é Deus, o Filho de Deus, Jesus Cristo, apagados todos os pecados passados, todos os que creem nele entrem na vida eterna.[297]

Muitas profecias já se cumpriram

XXVII. 53. Tudo o que agora vês acontecer na Igreja de Deus e sob o nome de Cristo, em toda a terra, já tinha sido predito nos séculos anteriores. Por vermos acontecer como tínhamos lido, nós somos edificados na fé.[298] Um dia aconteceu o dilúvio em toda a terra, para que desaparecessem os pecadores;[299] contudo, aqueles que se salvaram na arca, mostravam o mistério da futura Igreja, que navega agora no meio das ondas do mundo e é libertada do naufrágio pelo madeiro da cruz de Cristo. Foi predito a Abraão, servo fiel de Deus, um único homem, que dele nasceria todo um povo[300] que adoraria o único Deus, entre os outros povos que adoravam os ídolos; e todas as coisas que tinham sido preditas àquele povo que aconteceriam no futuro, aconteceram como tinham sido preditas. Foi profetizado também, naquele povo, que o Cristo, rei de todos os santos e Deus, viria da família do próprio Abraão, segundo a carne, que ele assumiu, para que também se tornassem filhos de Abraão todos os que imitassem a sua fé;[301] e assim aconteceu. Cristo nasceu de Maria Virgem, que era daquela família. Foi predito pelos Profetas que ele sofreria na cruz por mãos daquele mesmo povo dos judeus, de cuja raça era segundo a carne;[302] e assim aconteceu. Foi predito que ressuscitaria;[303] ressuscitou e subiu para o céu, conforme o que tinha sido predito pelos Profetas,[304] e enviou aos seus discípulos o Espírito Santo.[305] Foi predito, não somente pelos Profetas, mas também pelo próprio Senhor Jesus Cristo, que a sua Igreja, espalhada pelos martírios e sofrimentos dos santos, estaria presente no mundo inteiro.[306] Isso tinha sido predito, então, quando o nome de Cristo ainda era desconhecido aos gentios; e onde era conhecido, era objeto de caçoada. Contudo, quando estas profecias agora são anunciadas e cridas, pela força dos milagres feitos por ele, por si mesmo ou através dos seus servos, vemos que o que foi predito se realizou e que os próprios reis da terra que antes perseguiam os cristãos, agora se submetem ao nome de Cristo.[307] Foi predito também que cismas e heresias surgiriam de dentro da sua Igreja[308] e, sob o nome de Cristo, pelos lugares onde o conseguiriam, buscariam a sua própria glória e não a de Cristo.[309] Também essas coisas se cumpriram.

As profecias que faltam se cumprir

XXVII. 54. Porventura não se cumprirão as profecias que faltam? É claro que, como as coisas preditas já aconteceram, assim também as outras irão acontecer, sejam quais forem as tribulações dos justos que ainda faltam; virá também o dia do juízo que vai separar, na ressurreição dos mortos, todos os ímpios dos justos; e vai separar, para o fogo merecido,[310] não somente aqueles de fora da Igreja, mas também as palhas da própria Igreja, que ela precisa suportar, com toda a paciência, até a última joeira. Aqueles, porém, que riem da ressurreição, achando que, porque apodrece,[311] esta carne não pode ressuscitar, vão ressuscitar nela para os castigos; Deus então vai lhes mostrar que ele, que foi capaz de criar estes corpos antes de existirem, pode, num instante, recompô-los como eram.[312] Porém, todos os fiéis que irão reinar com o Cristo ressuscitarão no mesmo corpo, para também merecerem ser transformados na incorruptibilidade angélica, para se tornarem iguais aos anjos de Deus, como o próprio Senhor prometeu,[313] a fim de louvá-lo sem cessar e sem se cansarem, vivendo sempre nele e dele, com tal alegria e felicidade, que o homem não pode expressar nem imaginar.

Exortação final. Cuidados a tomar com as tentações que vêm dos maus que se encontram também na Igreja. União com os bons. Toda esperança em Deus

XXVII. 55. Portanto, tu que crês tudo isso, toma cuidado com as tentações (pois o diabo procura quem se perca com ele[314]), para que o inimigo não te seduza, não somente por meio daqueles que estão fora da Igreja, pagãos, judeus ou hereges, mas também para que não penses em seguir o exemplo daqueles que vês vivendo mal mesmo dentro da própria Igreja Católica, entregues aos prazeres excessivos do ventre e da boca, impudicos, dados às curiosidades vãs ou ilícitas seja de espetáculos ou de remédios e adivinhações diabólicas, seja no luxo e na vaidade da avareza e da soberba, ou em qualquer outro tipo de vida que a lei condena e pune. Antes, cuida de te unires aos bons, que facilmente encontrarás se tu fores um deles, para juntos adorarem e amarem gratuitamente a Deus; porque ele próprio será toda a nossa recompensa, de modo a gozarmos, na vida eterna, da sua bondade e da sua beleza. Mas ele deve ser amado não como algo que os olhos veem, mas como é amada a sabedoria, a verdade, a santidade, a justiça, a caridade e qualquer outra coisa destas; e não como se encontram nos homens, mas como são na própria fonte da incorruptível e imutável sabedoria. Portanto, une-te a todos os que percebes amarem estas coisas, para seres reconciliado com Deus através do Cristo,[315] que se tornou homem, para ser mediador entre Deus e os homens.[316] Não penses, porém, que os homens perversos entrarão no reino dos céus porque entram nos muros da Igreja; pois, se não mudarem a si mesmos para melhor, no momento certo, serão colocados à parte. Segue, portanto, o exemplo dos homens bons, tolera os maus, ama a todos, pois não sabes o que será no futuro aquele que hoje é mau. Não ames a injustiça deles, mas ama-os para que conquistem a justiça; pois não é só o amor de Deus que nos é ordenado, mas também o amor do próximo, em cujos dois preceitos se apoia

toda a Lei e os Profetas.[317] Somente quem receber o dom do Espírito Santo,[318] igual ao Pai e ao Filho, cumpre a Lei; porque a própria Trindade é Deus, e é nesse Deus que deve ser colocada toda a esperança. Ela não deve ser colocada no homem,[319] seja ele quem for. Pois são distintos: aquele por quem somos justificados e aqueles com quem somos justificados. O diabo tenta não somente através das paixões, mas também através do medo dos insultos, das dores e da própria morte. Tudo, porém, o que a pessoa tiver sofrido, seja o que for, pelo nome de Cristo e pela esperança da vida eterna, e o tolerar com perseverança, tornará maior a sua recompensa; pois, se ceder ao diabo será condenado com ele. As obras de misericórdia, porém, juntamente com a piedosa humildade, conseguem do Senhor, que não permite que os seus servos sejam tentados mais do que podem suportar.[320]

1 "Não cristãos": o termo usado no latim é *rudes*. São pagãos que desejam conhecer o cristianismo e, sem compromisso, recebem uma instrução, aqui chamada de "catequese". Após a catequese, se declara aceitar a doutrina ensinada e a disciplina da Igreja, recebe o "sinal da cruz", o símbolo (chamado de *sacramentum*) do sal e a unção. Daí em diante, faz parte do grupo dos *auditores*, isto é, ouvintes, aqueles a quem era permitido participar na instrução da comunidade cristã. Participavam da liturgia da Palavra, mas deviam afastar--se no início da celebração dos mistérios (cf. SINISCALCO, P., *op. cit.*, p. 95).

2 O texto usa a expressão: "qui fide cristiana primitus imbuendi sunt", isto é, aqueles que "devem ser imbuídos, pela primeira vez, da fé cristã". Estes, exatamente, é que Agostinho chama de *rudes*, a quem se quer catequizar.

3 "Narrativa": a palavra usada é *narratio*. Esse substantivo aparece 10 vezes neste escrito; e seu verbo correspondente, *narrare*, 9 vezes. Provavelmente, o termo vem do uso retórico. Aqui é usado para significar a história da salvação, cujo núcleo central é Jesus Cristo Senhor, preanunciado no Antigo Testamento e manifestado no Novo.

4 Mt 25,14ss.

5 Cf. 1Cor 4,2; 1Pd 4,10.

6 Uma espécie de lógica do pensamento, segundo Agostinho, neste texto, poderia ser assim estruturada: a inteligência da pessoa tem intuições, como faíscas de relâmpago; estas intuições marcam, de certa forma, a memória; a mente elabora o pensamento, a ideia correspondente à intuição, do qual a palavra é um sinal que o expressa. Mas a palavra nunca expressa total e perfeitamente o pensamento, o sentimento. Outro sinal visível do pensamento, do sentimento, é o gesto, a fisionomia. Pode acontecer que a fisionomia expresse o pensamento de maneira mais fiel e forte do que a palavra.

7 Cf. 1Cor 13,12.

8 A palavra "carne" tem muitos sentidos. Em âmbito de fé, como aqui, carne pode significar: a pessoa humana com as próprias forças, raça, família, origem, significado material de uma realidade, de uma palavra, de um acontecimento. Muitas vezes é contraposta a "espírito", com o sentido de realidade da graça, da vida cristã, do Espírito Santo, sentido mais profundo de uma palavra, acontecimento. Na mesma direção, entenda-se "carnal, espiritual".

9 Cf. 2Cor 4,16.

10 Cf. 1Cor 2,9; cf. Is 64,1-3 e 65,17.

11 2Cor 9,7.

12 Gn 1,1.

13 "Eixos": o texto latino traz a palavra *articulus*, significando aqui momento importante, momento decisivo (cf. SINISCALCO, P., *ad l.*).

14 Cf. 1Tm 1,5.

15 Cf. Cl 1,18.

16 Cf. Gn 25,26.

17 Cf. Rm 9,5.

18 Cf. 1Tm 2,5.

19 Cf. Jo 1,17.
20 Cf. Rm 8,5.
21 Cf. Rm 10,3.
22 “Aqueles orgulhosos ... afastados pela sua mão fechada e apertada”. O texto poderia ser traduzido também: “aqueles orgulhosos, em vez de, com a mão aberta, serem enchidos pela bênção de Cristo, se mantiveram com a mão fechada e apertada”.
23 Cf. Sl 20(19),9.
24 Cf. Cl 1,18.
25 Cf. Rm 15,4.
26 1Cor 10,6.
27 1Cor 10,11.
28 Cf. Rm 5,8-9.
29 Cf. 1Tm 1,5.
30 Cf. Rm 13,10.
31 Cf. Jo 13,34; 1Jo 4,11.
32 Cf. 1Jo 3,16.
33 Cf. 1Jo 4,10.
34 Cf. 1Jo 4,10-19; Rm 8,32.
35 Cf. Lc 24,27.
36 Cf. Mt 22,40.
37 Cf. Rm 8,5.
38 Cf. 1Cor 13,13.
39 “Aparência que agrade”: a nossa tradução está lendo o latim *salutantis corporis*. Outra edição traz *saltantis corporis*, que poderia ser traduzido “ter um corpo que representa teatro”, que sintonizaria com a ideia de “fingir ser cristão”, que aparece anteriormente, referindo-se a máscara de teatro.
40 Cf. Gn 1,1ss.
41 Cf. 1Tm 1,5.
42 Cf. Mt 3,12; Lc 3,17.
43 Cf. Mt 13,30.
44 Cf. Hb 12,22.
45 Cf. Jr 17,5.
46 Cf. Rm 5,9-10.
47 Cf. 1Tm 1,10; 2Tm 4,3; Tt 1,9 e 2,1; *sana doctrina*.
48 Cf. 1Cor 12,31.
49 “Antístite” no ambiente cristão pode significar guardião, quem está à frente, supervisor, ministro, sacerdote, bispo.
50 2Cor 9,7.
51 Cf. 1Pd 2,21.
52 Fl 2,6-8.
53 Cf. 1Cor 9,22.
54 2Cor 5,13-14.
55 Cf. 2Cor 12,15.
56 Cf. 1Ts 2,7.
57 Cf. Mt 23,37.
58 Cf. Rm 1,29ss.
59 Cf. Rm 2,4ss.
60 Jo 6,67.
61 2Tm 2,19; Nm 16,5; cf. Is 52,12 e 26,13.
62 Cf. Jo 7,18.
63 Rm 8,28.
64 *Criador*: a palavra usada é “institutor”, que aqui tem o sentido de criador, mas com o matiz de soberania e fonte do ser de todas as coisas (cf. *Siniscalco*, P., *ad l.*).
65 Cf. 1Tm 1,10; 2Tm 4,3; Tt 1,9; 2,1.
66 *Igreja católica*: o texto traz só “catholica”, que aqui designa a Igreja Católica (cf. *Siniscalco*, P., *ad l.*).
67 Cf. Lc 10,39; Mc 1,13.
68 Pr 19,21.

69 Cf. 1Pd 1,18ss.
70 Cf. Mt 23,15.
71 Cf. Sl 51(50),19.
72 Eclo 3,31 (cf. a *Septuaginta*), ou 3,33 (cf. a *Vulgata*).
73 Os 6,6.
74 Cf. Is 40,6.
75 Cf. Dt 8,3; Mt 4,4.
76 Mt 25,26-27.
77 Cf. Rm 5,5.
78 Cf. Gl 4,19.
79 Cf. 1Cor 9,22.
80 Cf. 1Cor 8,1.
81 Cf. Sl 79(78),11.
82 Cf. Sl 25(24),18; Mt 6,12.
83 Cf. Sl 90(89),10.
84 "Orgulho": a palavra usada é *typhus*, do latim tardio, com o significado, aqui, de orgulho, vaidade, vanglória (cf. SINISCALCO, P., *ad l.*).
85 Is 40,6.8; 1Pd 1,24-25.
86 *Sintae* só se usa aqui e seu sentido não é claro. Poderia significar palhaço (cf. SINISCALCO, P., *ad l.*).
87 Cf. Ap 17,4.
88 Cf. Hb 4,10; Ap 14,13.
89 Cf. Tg 3,18; Am 6,13; Pr 16,8.
90 Cf. Hb 13,18.
91 Cf. Mt 3,12.
92 Cf. Mt 3,12; 13,30.
93 Cf. Hb 4,10; Ap 14,13.
94 Cf. Mt 25,34.41.46.
95 Cf. Rm 12,12.
96 Cf. Is 64,3.
97 Cf. 1Cor 2,9.
98 Cf. Gn 1,1; 2,1-3.
99 Sl 33(32),9; 148,5.
100 Cf. Hb 4,10; Ap 14,13.
101 Cf. Sl 24(23),18.
102 Cf. Rm 4,5.
103 Cf. Jo 1,3.
104 Cf. Gl 4,4
105 Cf. 1Pd 1,10.
106 Cf. Jo 3,16; 1Jo 4,10.
107 Cf. Fl 2,7-8.
108 Cf. Sl 116(114-115),5.
109 Cf. Gn 1,1ss.
110 Cf. Gn 2,18.
111 Cf. 1Cor 11,7
112 Cf. Gn 2,8.16.17.
113 Cf. Rm 1,20.
114 Cf. Sl 48(47),2; 96(95),4; 145(144),3.10.
115 Cf. Jo 7,18; Sl 113,9.
116 Em *Retractationes* II,14, Agostinho corrige o texto. Diz ser melhor usar *spiritus*, em vez de *anima*.
117 Cf. Gn 3,1ss; 1Tm 2,14.
118 Cf. Mt 25,41.46.
119 Cf. Mt 3,12; Lc 3,17.
120 "Perturbado e deturpado": note-se o jogo de palavras: *turbetur* e *turpetur*.
121 Cf. Jo 7,18.
122 Cf. Rm 2,4.
123 Cf. Gn 6,5ss.

124 Cf. Hb 11,7; 2Pd 2,5.
125 Cf. Jo 3,1ss.
126 Cf. Gl 3,13.
127 Cf. Rm 1,25; At 17,29.
128 Cf. Gn 18,3; 12,1ss.
129 Cf. Ef 1,9.
130 Cf. Gl 3,7.
131 Cf. Jo 17,3.
132 Cf. Sl 124(123),8.
133 Cf. Hb 11,16.
134 Cf. Os 1,2ss; Is 8,1ss.
135 Cf. Jo 3,16.
136 Cf. Jo 1,1.3; Cl 1,16.
137 Cf. Cl 1,18.
138 Cf. 1Cor 12,12.
139 Cf. Gn 25,26.
140 Cf. Cl 1,18.
141 Cf. Ex 1,8ss.
142 Cf. Ex 7,1ss.
143 Cf. Ex 14,16-21.
144 Cf. Gn 6,5ss.
145 Cf. Ex 14,16.
146 Cf. Rm 6,4.
147 Cf. Ex 12,3ss.
148 Is 53,7.
149 Cf. Ex 15,22ss.
150 Cf. Ex 31,18; 8,15; Sl 8,4.
151 Cf. Lc 11,20; Mt 12,28.
152 Cf. 1Cor 12,4-11.
153 Cf. Mt 19,8; 2Cor 3,3.
154 Cf. Rm 13,10.
155 Cf. Gl 5,1.
156 Cf. Hb 11,9; Gn 12,7; Ex 3,8.17.
157 Cf. Hb 12,22.
158 Cf. Gl 4,26.
159 Cf. Jo 1,14. “Assumir a humanidade” é expressão que Agostinho usa para referir-se ao mistério da encarnação (Cf. SINISCALCO, P., *ad l.*).
160 Cf. Rm 1,13.
161 Rm 9,5.
162 Cf. 2Sm 24,10-16.
163 Cf. Gn 11,9.
164 Cf. Jr 21,1-10; 27,1ss.
165 Cf. Dn 2,46ss; 3,95-96; 4,34; 6,26ss.
166 Cf. Jr 25,12; 29,4ss.
167 Cf. Hb 12,22.
168 Rm 13,1.
169 Rm 13,7.
170 Cf. 1Tm 1,10; 2Tm 4,3; Tt 1,9; 2,1.
171 Cf. Mt 17,24ss.
172 Cf. Cl 3,22; Ef 6,5ss.
173 1Tm 2,1-2.
174 Cf. Jr 29,5.
175 1Cor 3,9.
176 Cf. Jr 25,12; 29,10.
177 Cf. Ag 1,1ss; 2,1ss; Esd 6,13ss.
178 Cf. Gn 6,14.

179 Cf. Gn 17,5.6.
180 Cf. Gl 3,7.
181 Cf. Mt 1,17.
182 Cf. Mt 1,11-12.
183 Cf. Cl 3,10.
184 Cf. Gn 1,26.27.
185 Cf. Rm 13,10.
186 Cf. 1 Jo 4,19; 4,9.10; Jo 3,16.
187 Cf. Jo 1,3.
188 Cf. Fl 2,6.7.
189 Cf. Jo 1,14.
190 Cf. Hb 9,15.
191 Cf. Rm 6,4.
192 Cf. Rm 6,6.
193 Cf. Lc 1,27ss.
194 Cf. Mt 1,16.18; 13,55.
195 Cf. Mt 2,1; 2,6; Lc 2,4; Jo 7,42; Mc 5,1-2.
196 Cf. 2Cor 8,9
197 Cf. Cl 1,16.
198 Cf. Jo 6,15; 18,36-37.
199 Cf. Dn 7,27.
200 Cf. Mc 11,12.
201 Cf. Mc 25,35.
202 Cf. Jo 6,51; 4,10ss; Ap 21,6.
203 Cf. Jo 4,6.
204 Cf. Jo 14,5.
205 Cf. Mt 26,63; Is 53,7.
206 Lc 11,14; Mt 9,32-33; 15,31; Mc 7,32ss.
207 Mc 7,32ss.
208 Mt 27,2.
209 Cf. Lc 5,15; Is 53,4.
210 Cf. Mt 27,26.
211 Cf. Mt 27,32ss.
212 Cf. Mt 27,50.
213 Cf. Mt 27,52; 9,25; Mc 5,41-42; Lc 7,11-15; Jo 11,43.
214 Cf. Mt 28,9.
215 Cf. Rm 6,9.
216 Cf. At 1,3.
217 Cf. At 1,9.
218 Cf. At 2,1.
219 Cf. Jo 14,16-17; 15,26; At 1,8.
220 Cf. Rm 5,5.
221 Cf. Rm 13,10.
222 Cf. 1 Jo 5,3.
223 Cf. Ex 20,1ss; 34,28; Dt 4,13; 5,6ss; 10,4.
224 Cf. Mt 22,37ss.
225 Cf. Mt 22,40.
226 Cf. Ex 12,1ss.
227 Cf. Ex 12,7.
228 Cf. Ex 19,1.
229 Cf. Ex 31,18.
230 Cf. 1Cor 5,7.
231 Cf. At 2,1ss.
232 Cf. Mt 19,8.
233 Cf. At 2,1-13.
234 Cf. At 2,43; 5,12.

235 Cf. At 5,15; 9,36ss.
236 Cf. Mt 27,18.
237 Cf. Lc 23,34; At 3,17.
238 Cf. At 4,1ss.
239 Cf. At 2,41; 4,4.
240 Cf. Ef 4,22; Cl 3,9.
241 Cf. Mt 19,21; Lc 12,33; 18,22.
242 Cf. At 2,44-45; 4,35.
243 Cf. At 2,42.44.
244 Cf. At 4,32.
245 Cf. At 8,1-4.
246 Cf. 1Tm 1,13.
247 Cf. At 8,3; 9,1.
248 Cf. At 9,3ss; 13,1ss.
249 Cf. At 14,21.
250 Cf. At 24,17; 1Cor 16,1ss.
251 Cf. 1Cor 9,7.14. "Soldados" designa o clero, enquanto "tributários provinciais", os leigos. Assim como os soldados eram mantidos por aqueles que protegiam, assim a relação entre o clero e os leigos (cf. Siniscalco, P., *ad l.*).
252 Cf. Mt 21,42; Lc 20,17; At 4,11; Ef 2,20; 1Pd 2,6-7.
253 Cf. Is 28,16; Sl 118(117),22.
254 Cf. Ef 2,14.
255 Mt 10,16; cf. Lc 10,3.
256 Cf. Os 10,1; Sl 128(127),3.
257 Cf. Jo 15,1ss.
258 Cf. Jo 15,2.
259 Cf. 1Cor 1,10; 11,18-19; 12,25.
260 Cf. Jo 7,18.
261 Cf. 1Cor 11,19.
262 Cf. Jt 20.
263 Cf. Mt 24,21; Mc 13,19; At 14,21.
264 Cf. 2Pd 2,9; 3,17; 1Jo 4,17.
265 Cf. Mt 25,31ss; 16,27.
266 Cf. Mt 25,31-46.
267 Cf. 1Cor 15,52.
268 Cf. 1Cor 15,52.
269 Cf. Mt 25,46.
270 Cf. Ap 9,6.
271 Cf. Mt 22,30; Mc 12,25; Lc 20,36.
272 Cf. 2Cor 5,7.
273 Cf. Jo 20,29; Hb 11,1.
274 Aparece aqui *curiositates*, que a tradução italiana lê "superstições".
275 Cf. Mt 3,12; Lc 3,17.
276 Cf. Eclo 18,9.
277 Cf. Rm 2,5.
278 Cf. Rm 2,4; 2Cor 7,10.
279 Mt 7,21ss; Lc 13,26.
280 Cf. Fl 3,19.
281 Cf. Sl 73(72),28; 78(77),7.
282 Cf. Ml 3,6.
283 Cf. Sl 118(117),8; Jr 17,5.
284 Cf. Mt 5,43-44; Jr 17,5.
285 Cf. At 5,41.
286 Cf. 1Cor 10,13.
287 Cf. Mt 22,37ss.
288 Cf. Rm 2,4.

289 Cf. 1Jo 2,16ss.
290 Cf. 1Jo 4,9.
291 Cf. Jo 1,1.
292 Cf. Jo 1,3.
293 Cf. Fl 2,6ss.
294 Cf. Jo 1,9.
295 Cf. Rm 5,12.
296 Cf. Gn 3,6; 1Tm 2,14.
297 Cf. Rm 5,17ss.
298 Cf. Jt 20.
299 Cf. Gn 6,13ss.
300 Cf. Gn 12,2ss.
301 Cf. Gl 3,7.
302 Cf. Is 53,4ss; Zc 12,10; Sl 22(21),17-18.
303 Cf. Os 6,3; Am 4,12-13.
304 Cf. Mc 16,19.
305 Cf. Gl 2,28-32; 3,1; At 2,1.
306 Cf. Is 2,1ss; Mq 4,1ss; Mt 24,14.
307 Cf. Sl 72(71),11; 148,11.
308 Cf. 1Cor 11,19.
309 Cf. Jo 7,18.
310 Cf. Mt 3,12.
311 Cf. 1Cor 15,15.35.
312 Cf. 1Cor 15,51ss.
313 Mt 22,30; Mc 12,25; Lc 20,36.
314 Cf. 1Pd 5,8.
315 Cf. Rm 5,10.
316 Cf. 1Tm 2,5.
317 Cf. Mt 22,37-40.
318 Cf. At 2,38.
319 Cf. Sl 78(77),7; Jr 17,5.
320 Cf. 1Cor 10,13.

A DISCIPLINA CRISTÃ
INTRODUÇÃO

Heres Drian de O. Freitas

A leitura do *Catálogo* que Possídio, companheiro e primeiro biógrafo de Agostinho, fez das obras do bispo de Hipona[1] e do simples elenco das *Retractationes* do próprio Agostinho pode deixar perplexo o leitor que desejasse situar o *A Disciplina Cristã* (*De disciplina christiana*) no quadro das obras do Santo de Hipona, porque não se encontra nem num, nem noutro.[2] De fato, a obra é um sermão. Além das frases curtas e da multiplicidade de perguntas,[3] o próprio texto contém alguns outros elementos que o revelam. Por exemplo, o pedido para ser ouvido, já que o Bispo falará pouco (I, 1), a observação que esse faz acerca da inquietação dos ouvintes, ao mencionar a morte (XII, 11), e a oração típica da conclusão agostiniana de sermões (XIV, 16: "voltados ao Senhor...").[4]

O texto, então, seria mais apropriadamente indicado como *Sermão sobre a disciplina cristã* (*Sermo de disciplina christiana*). E como Agostinho não revisou seus sermões,[5] temos a explicação da ausência de citação da obra nos textos indicados no início do parágrafo anterior. Mas, não obstante ter havido, na tradição manuscrita, quem reconhecesse tratar-se de um *sermão*, a obra foi veiculada como um opúsculo,[6] por isso o leitor o encontra aqui, e não no conjunto dos sermões do bispo de Hipona.

Datação

Como normalmente acontece com os sermões patrísticos, não só os de Agostinho, precisar sua datação é, mesmo quando possível, tarefa complexa – salvo raras exceções[7] –, o que se dá também com relação ao local em que foi feita a pregação.

T. C. Madrid propõe que o sermão tenha sido pregado "entre os anos 411-416, na ocasião de alguma Conferência plenária de bispos em Cartago, depois da condenação oficial do donatismo".[8] Mas Agostinho, em 411, começa a manifestar-se contra o pelagianismo – ainda que o faça mais enfaticamente a partir de 415 –, e Adolar Zumkeller bem notou não haver aceno algum a esse respeito no *A disciplina cristã*.[9] Assim, tendo em conta uma observação de Agostinho (XI, 12: "por que vós, bispos, não ensinais..."), o agostinólogo considera-o seguramente do período do episcopado.[10]

Com efeito, além do que se acaba de expor, A. Zumkeller aduz dois motivos mais para concluir sua datação. O primeiro deles é que a eclesiologia do Cristo Cabeça e membros (XIV, 15), ainda que esteja presente desde o presbiterato de Agostinho, torna-

se fundamental no episcopado. O segundo, e talvez seu argumento mais forte, é que nesse período o bispo de Hipona começa a usar Is 10,23, ou Rm 9,28, como texto bíblico que lhe permite sintetizar a Lei e as prescrições veterotestamentárias no duplo mandamento do amor a Deus e ao próximo (II, 2 – III, 3). E como o referido texto comparece mais em obras antipelagianas e – já o dissemos acima – nada de antipelagiano há neste sermão, Zumkeller estabelece sua data: 411, ou pouco depois.[11]

No entanto, se o sermão tivesse sido pronunciado depois de 411, cremos que haveria mais referências ao donatismo, essas seriam mais diretas e acompanhadas de alguma menção à Conferência de Cartago (411), que teria posto fim ao cisma; e não foi bem o que aconteceu.[12] O silêncio, então, tanto acerca do donatismo quanto do pelagianismo, talvez nos autorize a situar nosso texto no início de 411.

Estrutura e aspectos doutrinais

Como sermão, a obra é bastante breve e de estrutura bastante simples. Ao ler o primeiro parágrafo nos damos conta, imediatamente, da divisão das partes, feita pelo próprio autor:

Introdução (I, 1), onde ele anuncia:

– "Primeiramente, pois, vejamos o que é viver bem" (II, 2 – XI, 12);

– "e, depois, quais os prêmios pela boa vida" (XII, 13);

– "em terceiro lugar, quem são os verdadeiros cristãos e," (XIII, 14);

– "em quarto lugar, quem é o verdadeiro mestre" (XIV, 15).

Segue-se uma Oração conclusiva (XIV, 16).

Estas partes também aparecem, na Introdução (I, 1), noutros termos, igualmente usados pelo bispo de Hipona, como questões postas a seus ouvintes:

1) o que se aprende;

2) por que se aprende;

3) quem aprende e

4) quem ensina.

A distribuição das partes evidencia que o que se deve aprender é o viver bem, e é justamente esse o fim da Palavra de Deus e da Igreja de Cristo, *casa da disciplina*, porque é onde se aprende a Palavra de Deus. Agostinho desenvolve isso a partir de Eclo 51,36.31: "adquiri a instrução na casa da disciplina";[13] citação, em dois versículos justapostos, como a justaposição do duplo objetivo mencionado no início deste parágrafo, o da Palavra de Deus e o da Igreja. O do primeiro é lido em Eclo 51,36: instruir, ensinar; e em Eclo 51,31, o do segundo: ser lugar desse ensino (cf. I, 1). Assim, a reflexão agostiniana, além de um tom eclesiológico, tem também um antropológico-teológico: tanto a Palavra de Deus, quanto a Igreja são para o homem, para que aprenda a viver bem.

As expressões ensinar, aprender, aprendizado (ou instrução ou ensino) são termos importantes aqui. Tanto que, à citação do Eclesiástico Agostinho apõe a etimologia de

disciplina, que explica o ensinamento dado pela Palavra de Deus na Igreja de Cristo e que o homem é admoestado a receber. São estas expressões, inspiradas na citação do Eclesiástico, que, com essa, dão o título, marcam o ritmo, a divisão das partes e o caráter do sermão. De fato, o substantivo *disciplina* (ou instrução, ou aprendizado, ou ensino, na tradução) comparece cerca de vinte vezes no texto original[14] e o verbo latino *discere*[15] (= aprender), variado em modos, tempos e pessoas, ocorre outras tantas vinte. A insistência no ensino/aprendizado do viver bem, então, mostra tratar-se de uma obra de marcado cunho moral, mas não moralista.

Com efeito, na Introdução, o bispo de Hipona deixa claro que o bem viver é algo que deve superar os muros da igreja e chegar a toda a vida daquele que se encontra no templo, *casa da disciplina*. Isto é, o ensino recebido na Igreja é para a vida, não para *um* momento da vida, o momento em que se está na igreja.[16] Mas ele reconhece haver dentre seus ouvintes quem está no templo, mas não quer a instrução; quer a indisciplina, mesmo na Igreja

(I, 1).[17] A formalidade ritual – por bela e necessária que possa ser – para não ser vazia, requer um coração que acolha o ensinamento como terra que recebe a semente e frutifica (cf. Mt 13,4-8).[18] Nesse processo de ensino e aprendizado, o pregador é como cesta em que as sementes do semeador são recolhidas para ser espalhadas. Com essa imagem, Agostinho, humildemente, designa a si mesmo, ao fechar a sua introdução.[19]

A primeira e mais estensa parte (II, 2 – XI, 12), dedicada ao que é o viver bem, o que se aprende na Igreja de Cristo, é o núcleo do sermão. De fato, essa parte é consideravalmente mais longa que as outras. Aí, primeiramente, o bispo de Hipona sintetiza todos os inumeráveis preceitos para o viver bem no duplo mandamento do amor, a Deus e ao próximo (II, 2 – III, 3).[20] Mas esse duplo mandamento pode, ainda, sob inspiração de Rm 13,9-10, ser reduzido a *amar o próximo como a si mesmo* (V, 5). É isso que a Palavra de Deus ensina; é isso que se ensina na Igreja.

Enquanto o amor a Deus não tem comparação, o amor ao próximo, sim: esse deve ser amado exatamante como alguém ama a si mesmo. Agostinho considera importante tratar disso para que se saiba, primeiro, quem é o próximo de cada um (III, 3 – IV, 4), e, em seguida, como alguém sabe que ama a si mesmo (III, 3 – VI, 6), porque, em se tratando de amor entre pessoas, não se pode amar de qualquer jeito (III, 3). Com relação ao amor ao próximo, *próximo* não se refere a parentesco ou consanguinidade, mas à humanidade, toda ela. E ainda que se pensasse no próximo como parente, em Adão e Eva somos todos irmãos na humanidade; e se somos cristãos, somos irmãos ao ter Deus por Pai e a Igreja por mãe (III, 3). Assim, viver bem é amar a todo e qualquer ser humano.

Mas, se alguém ama algo de mau – no parágrafo seguinte temos alguns exemplos –, não ama a si mesmo realmente; antes, odeia a si mesmo (cf. Sl 10,6). Como o Sl 10,6 fala de odiar, na verdade, a alma, Agostinho, então, comparativamente, passa ao ódio pela própria carne, pelo corpo. Aquele que não ama sua alma, sua parte superior,

comparativamente, como ama e como trata a parte inferior? “Os que amam o mal e odeiam suas almas, tratam a carne torpemente”. E se alguém não ama, antes, odeia o que há de superior no seu próprio ser, como pode amar o próximo? Amar-se amando algo mau é amar-se de modo a perder-se, é amar de modo equivocado. E quem ama assim a si mesmo, igualmente amará o próximo de modo a deixar que ele se perca. Agostinho é taxativo: ou se corrige o modo de amar, ou é preciso afastar-se dos relacionamentos humanos (IV, 4).[21] Aprender a viver bem é aprender a amar-se e a amar de modo justo, de modo a salvar-se e a salvar-se com o próximo.[22]

Agostinho, então, oferece dois exemplos bastante concretos para indicar como é possível amar-se, e amar o próximo, de modo equivocado. O primeiro deles, aparentemente banal, é o da embriguez. Para o bispo de Hipona, a posição ereta do ser humano e sua possibilidade de voltar sua face para o alto são sinais de sua dignidade, pois sua disposição natural indica, dentre as criaturas, o mais elevado grau de semelhança com o Criador.[23] Em V, 5, a embriaguez é posta em comparação com o comportamento dos animais: não eretos, prostrados, que não se voltam para o alto, circunscritos ao que é da terra; inferiores, portanto, à dignidade humana. A partir dessa comparação, pode-se concluir que o embriagado rebaixa-se de sua dignidade e, na verdade, assim, não ama devidamente a si mesmo.

Em VI, 6 temos o segundo exemplo, o da avareza, que Santo Agostinho, novamente, põe em relação aos animais. Ele o faz, aqui, a partir da etimologia de riqueza. O termo latino *pecunia*, riqueza, procede de *pecus*, rebanho. A relação vale para, de novo, evidenciar o ser humano circunscrito ao que é terreno, mas com dois acréscimos. Primeiro, Agostinho fala do homem que *pensa* que pode ser feliz com o que cultiva, “cria” para si, como as riquezas. Mas, assim como o ser humano não se bastou a si mesmo para ter a vida, não pode bastar-se a si mesmo para ter a felicidade. É quem cria o ser humano que o torna feliz. A felicidade, então, está ligada à origem do homem[24] e não ao que o homem pode ter e que lhe é inferior. Sem essa perspectiva, o homem circunscreve-se em si mesmo e não pode ser, de fato, feliz. Segundo, a avareza leva o ser humano a fechar-se ao outro com justificativas logicamente legítimas,[25] mas que, na verdade, impedem de dar a Cristo – como necessitado e companheiro de caminhada neste mundo[26] – bens que recebemos dele mesmo.[27] Tal comportamento é paralelo ao do animal do primeiro exemplo e, uma vez mais, não condiz com amar devidamente a si mesmo. Assim, conforme os exemplos, o homem pode amar-se, respectivamente, de modo indigno – ou vergonhoso – e injusto. E nenhum desses modos é segundo a instrução que se recebe na casa da disciplina.

Por isso, o bispo de Hipona exorta os avaros à conversão (IX, 10 – XI, 12). Sua exortação, nestes parágrafos, desenvolve-se a partir da relação entre ver, crer e possuir. Essa relação tem seu referencial na morte, ou na eternidade (cf. X, 10; XI, 12 e XII, 13). Pois a possessão avarenta é, de fato, um *crer possuir* bens. Isso porque os bens não são realmente possuídos, já que o avarento, morto, não os vê (IX, 10 – X, 10 e XI, 12).

Assim, tem-se, mesmo, aquilo que se vê, tendo-se passado pela morte. Daí o convite ao avarento a amar a Deus, que ele *ainda* não vê, porque atado a seus bens. Mas se amar a Deus – e se o amar quanto ama o dinheiro[28] –, verá Deus (X, 10) e possuirá Deus, já que a morte não o impedirá de vê-lo.

Agostinho conclui, em seguida (XI, 12), a primeira e central parte de seu sermão lamentando-se – num texto que facilmente evoca *Confissões*[29] – que os estudos normais preparem o aluno para, no fundo, o amor pelas riquezas, enquanto a Igreja, só mais tarde, para o amor a Deus.

Na segunda parte (XII, 13), brevemente – ainda que o parágrafo seja mais longo que os demais – trata dos prêmios pela boa vida, ou do por que se aprende.

Aí, o bispo de Hipona desvincula a morte má daqueles modos de morrer que, normalmente, consideramos horríveis.[30] O referencial para se considerar uma morte má ou boa não está no modo de morrer, mas no *aonde* a morte conduz: perdição ou salvação. E isso depende do modo de vida que se leva, porque a morte consegue a morte, e a vida consegue a vida.

Dito diversamente, o amar-se – e, daí, o amar o próximo – equivocadamente tem como consequência o viver mal, o pecado, a morte má, a perdição. Já o amar-se – e, daí, o amar o próximo – de modo reto, justo, aprendido da Palavra de Deus, tem como consequência o viver bem, a boa morte e a salvação eterna. O primeiro amor, o equivocado, fecha no que é terreno; o segundo, o certo, abre ao que é eterno. Por isso, um permanece e o outro, não. Agostinho faz, então, suas considerações julgando o amor na vida terrena a partir do amor na vida eterna. A eternidade, ou o amor que dura para a eternidade, é seu critério de valorização do que é terreno.

Mas o bispo de Hipona não julga a partir do que *ele* considera que deva ser valorizado lá e, consequentemente, aqui; o que a Escritura diz sobre a eternidade, a partir de Lc 16,19ss., ou sobre o que permanece lá em relação ao como se vive aqui, é que determina o valor das realidades nesta vida. Isso não significa que Santo Agostinho possa determinar – ninguém o pode – quem recebe a salvação e quem a condenação; mas autoriza-o a promover um viver segundo um amor que, a partir das e conforme as Escrituras, constitui, de fato, amar e viver, porque não destinados a perecer. Igualmente autoriza-o a condenar um *modo* de vida que, aqui, a partir das e conforme as Escrituras, constitui, de fato, não amar e não viver, uma vez que o que se ama, na verdade, é morte (cf. XII, 13).

Diversamente da segunda, a terceira parte (XIII, 14) não tem mais que algumas linhas: quem aprende a viver bem, quem aprende o amor ao próximo são os verdadeiros cristãos; não por *estarem* no tempo, mas por ouvirem com atenção, por deixarem que a semente da palavra caia em seus corações, por se afastarem da iniquidade para crescerem em Deus.[31]

Por fim, a quarta parte (XIV, 15), breve também esta: quem ensina é Cristo, o verdadeiro Mestre. Mas Cristo ensina mediante Cristo, o Cristo-cabeça mediante o Cristo-corpo. Por isso, o Apóstolo – Paulo, por antonomásia – pode falar por Cristo, e

Agostinho pode considerar-se cesta que recolhe as sementes do semeador (cf. I, 1). Eles aprenderam a Palavra de Deus – ou de Cristo, que é Deus (XIV, 15) – como verdadeiros cristãos, cuja vida é frutífera no ensinamento recebido. Assim, a casa – ou escola – da disciplina acaba por designar mais que o templo (cf. I, 1, *passim*). A escola da instrução, do bem viver, do amor, é o próprio Cristo-corpo. Onde quer que se encontre, nele é, por assim dizer, veiculado o amor recebido do Cristo-Cabeça.

Terminada a exposição, Agostinho faz uma prece.[32] Terminada a introdução, deixamos o leitor com Agostinho.

1 Cf. POSSIDIUS, *Indiculus librorum, tractatuum et epistolarum S. Augustini*, em *Miscellanea Agostiniana*, 2 vol., Roma, Tipographia Poliglotta Vaticana, 1930-1931, vol. 2, p. 149-233. A respeito dessa, ver DOLBEAU, F., *Indiculum, -us*, em MAYER, C. (org.), *Augustinus-Lexikon*, Basel, Schwabe, 2004-2010, vol. 3, colunas 571-581.

2 O silêncio de Possídio e de Agostinho sobre a obra levou a se considerá-la como dúbia, de autenticidade não comprovada e mesmo a atribuí-la a outros escritores patrísticos. Contudo, sua atenticidade é hoje comumente aceita; cf. TORCHIA, N. J., *Disciplina christiana, De*, em FITZGERALD, A. (org.), *Agostino. Dizionario enciclopedico*, Roma, Città Nuova, 2007, p. 580-581, p. 580; ZUMKELLER, A., *Disciplina Christiana (De-)*, em MAYER, C. (org.), *Augustinus-Lexikon*, Basel, Schwabe, 1996-2002, vol. 2, colunas 464-471, coluna 466.

3 Praticamente todos os parágrafos as contêm, e em não pequeno número: I, 1; II, 2; III, 3; IV, 4, VII, 7; VIII, 8; VIII, 9; IX, 10; XI, 12; XII, 13; XIV, 15.

4 Para considerações gerais acerca da obra como sermão, vejam-se TORCHIA, N. J., *op. cit.*, p. 580 e ZUMKELLER, A., *op. cit.*, coluna 464. Acerca do método e estilo agostinianos de pregação, ver DOYLE, G. W., *Augustine's Sermonic Method*, em *The Westminster Theological Journal*, vol. 39 (1977), p. 213-238 e LAWLESS, G., *Augustine of Hippo as Preacher*, em LeMOINE, F. e KLEINHENZ, Ch. (orgs.), *Saint Augustine the Bishop*, Nova York, Garland, 1994, pp. 13-38. Sobre a oração conclusiva, ver KLÖCKENER, M., *Conuersi ad dominum*, em MAYER, C. (org.), *Augustinus-Lexikon*, Basel, Schwabe, 1986-1994, vol. 1, colunas 1280-1282.

5 Ainda que tivesse intenção de fazê-lo; cf. *Retractationes*, Prologus, 1.

6 Cf. VANDER PLAETSE, R., *Praefatio*, em *Corpus Christianorum. Series Latina*, vol. 46, Turhout, Brepols, 1969, pp. 203-205 e 207. Em algumas edições contemporâneas, como a das *Opere di Sant'Agostino. Nuova Biblioteca Agostiniana*, Roma, Città Nuova Editrice, dedicadas à publicação de todas as obras de Agostinho, nas quais este sermão é restituído ao conjunto dos sermões do bispo de Hipona, a obra comparece como *sermo* 399.

7 Como o *A fé e o símbolo* (*De fide et symbolum*), publicado neste volume.

8 MADRID, T. C., *Introdución*, em *Obras Completas de San Agustín*. *Sermon sobre la disciplina cristiana*, Madri, La Editorial Católica, 1988 [BAC vol. XXXIX], pp. 619-625, p. 621. Tradução nossa. T. C. Madrid parece considerar a presença de bispos a partir de *A disc. crist.* XI, 12 ("por que, vós, bispos..."). Essa suposta presença de bispos justificaria a localização do sermão em Cartago e a datação proposta pelo agostinólogo. Agostinho poderia ter estado aí, com tais bispos, para tratar de eventos posteriores à Conferência de Cartago (411; acerca da Conferência, ver, abaixo, nota 12). Mas a presença destes bispos pode não ser acertada, nem indicar, necessariamente, Cartago, pois Agostinho pode ter se referido ao episcopado, em geral, no qual ele já estaria incluído. Aliás, TORCHIA, N. J., *op. cit.*, p. 580, provavelmente seguindo ZUMKELLER, A., *op. cit.*, coluna 466, vê aqui um indício para datar o sermão, isto é, posteriormente ao início do episcopado de Agostinho.

9 Tampouco o termo *graça* ocorre; ZUMKELLER, A., *op. cit.*, col. 466-467. A partir de 411, talvez mesmo já em 410, Agostinho começa a manifestar-se contra o pelagianismo. Sobre o pelagianismo, em geral, ver BONNER, G., *Pelagius/Pelagianischer Streit*, em MULLER, G., *Theologische Realenzyklopädie*, Berlim, De Gruyter, 1996, vol. 26, p. 176-185 e TeSELLE, E., *Pelagius, Pelagianism*, em FITZGERALD, A. (org.), *op. cit.*, p. 1078-1089,

10 Cf. ZUMKELLER, A., *op. cit.*, colunas 466-467. TORCHIA, N. J., *op. cit.*, p. 580-581, não obstante afirme que se possa, pelo menos, supor que o sermão seja do período do episcopado de Agostinho – acompanhando A. Zumkeller quanto à anotação de Agostinho em XI, 12 –, considera incerta sua datação. QUARTIROLI, A. M., em *Opere di Sant'Agostino. Discorsi/6*, Roma, Città Nuova, 1989 [Nuova Biblioteca Agostiniana XXXIV], p. 733, em nota, também tinha considerado tanto a datação como a localização simplesmente *imprecisas*.

11 Cf. ZUMKELLER, A., *op. cit.*, colunas 466-467. Agostinho usava o referido texto e falava do duplo mandamento do amor já desde o presbiterado. Antes, porém, de 411, Is 10,23, ou Rm 9,28, era associado à "brevidade da profissão de fé" (cf., por exemplo, SANTO AGOSTINHO, *Exposição de algumas proposições da carta aos Romanos*, 59 [67], São Paulo, Paulus, 2009 [Coleção Patrística 25], p. 57. A esse respeito, ver RING, T. G. (org.), *An Simplicianus zwei Bücher über verschiedene Fragen*, Würzburg, Augustinus-Verlag, 1991 [Sankt Augustinus - der Lehrer der Gnade - Prolegomena 3], p. 351ss.

12 Na referida conferência, oficialmente, a polêmica donatista foi concluída. Oficialmente, mas não de fato, pois a parte "perdente", a donatista, não aceitou as decisões tomadas e "pospôs" seu desfecho efetivo ainda por algum tempo (cf. por exemplo, AUGUSTINUS, *Sermones* 112 e 90). A propósito da *Conferência de Cartago*, vejam-se LANCEL, S., *Introduction Générale*, em *Actes de la Conférence de Carthage en 411* [Sources Chrétiennes 194] e WILLIAMS, J., *Collatio del 411*, em FITZGERALD, A. (org.), *op. cit.*, p. 426-428. Acerca do donatismo em geral, vejam-se LANCEL, S. e ALEXANDER, J. S., *Donatistae*, em MAYER, C. (org.), *op. cit.*, vol. 2, colunas 606-638 e MARKUS, R., *Donato, Donatismo*, em FITZGERALD, A. (org.), *op. cit.*, pp. 589-593. Acerca de obras agostinianas e eventos posteriores, mas relacionados à Conferência de Cartago, ver ALEXANDERSON, B., *Après la Conférence de Carthage (411): Augustin et les réactions des Donatistes*, em *Comunicazione e ricezione del documento cristiano in epoca tardoantica. XXXII Incontro di studiosi dell'antichità cristiana. Roma, 2003*, Institutum Patristicum Augustinianum, Roma, 2004 [Studia Ephemeridis Augustinianum 90], p. 195-203.

13 Que, talvez, se pudesse traduzir, ainda, em "recebei a instrução na casa da instrução", ou mesmo "a disciplina na casa da disciplina". O termo *disciplina*, aqui, não é técnico ao ponto de não poder ser "sinonimizado".

14 Destas vinte vezes, aproximadamente onze ou são da citação de Eclo 51,31 (*na casa da disciplina*) ou a essa se referem.

15 Daí, em português, o substantivo *discente*, aquele que aprende.

16 Ver também XII, 13: "... se somos cristãos, se nos lembramos de pertencer à *casa da disciplina*, seja quando estamos nela e escutamos, seja quando fora dela não esquecemos, mas nos lembramos do que ouvimos...". O cunho moral, mas não moralista, do sermão é perceptível também em IV, 4. Aí Santo Agostinho insiste no *autoexame*, relembrado em VI, 6, sobre o como se ama o próximo. A Palavra de Deus, o ensinamento do viver bem, é para o *eu*-ouvinte, o indivíduo, para que se torne *eu*-amante; isto é, para que *eu* aprenda que viver bem é amar o próximo. Daí a preocupação pela, digamos, dimensão comunitária ou social do amor e da salvação aparecer nas *minhas* atitudes de amor aprendido (cf. IV, 4 – X, 10). (A ênfase que se acaba de dar ao *eu* não quer indicar de modo algum primazia do eu como sujeito-agente do amor – o que Agostinho talvez não aprovasse –, mas reforçar o *autoexame*.)

17 Ver também, XIII, 14. MADRID, T. C., *op. cit.* p. 627, nota 3, vê aqui uma referência ao donatismo. Não nos parece impossível, no entanto, que se possa tratar de referência a alguma remanescência de costumes pagãos, cujos cultores frequentavam a igreja por formalismo, uma vez que o paganismo fora, oficialmente, condenado, e o cristianismo se tornara religião oficial. A esse respeito, ainda que referido a anos antes, mas que bem pode aplicar-se ao período desta obra, ver p. 11, neste volume.

18 Ver também XIII, 14.

19 Quem ensina, de fato, é a própria Verdade (cf. IV, 4), o Mestre (IX, 9).

20 Interessante que ele parece considerar que quase cada página da Escritura contenha estes preceitos (II, 2: páginas e preceitos inumeráveis). Não se trataria, então, somente do Decálogo.

21 Mas, como o Santo Bispo sabe que isso não é possível, é preciso admoestar os outros do perigo de serem corrompidos pelas companhias; cf. IX, 9.

22 A esse respeito, ver, acima, nota 16.

23 Cf. FREITAS, H. D. de O., *Illuminatio, electio e salus paganorum em convergência. Algumas considerações*, em *Cadernos Patrísticos. Textos e Estudos*, Faculdade Católica de Santa Catarina, vol. (2012), nota 27.

24 A esse respeito, ver também IX, 10.

25 Assim Agostinho apresenta a fala hipotética de um avaro para não partilhar daquilo que tem: "Se eu dividir minha riqueza com o próximo, terei menos eu, e terá menos ele: diminuiriam os bens que amo, e nem tudo que tinha seria dele e nem tudo seria meu, mas por que o amo tanto como a mim, desejo que ele tenha tanto quanto eu, para que o que é meu não diminua e o que é dele se iguale ao que é meu" (VI, 6). Outro exemplo de justificativa é dado em VIII, 8: guardar e acumular posses para prover os filhos. A justificativa, na verdade, mascara a inveja experimentada pelo avarento (cf. VII, 7). Agostinho, aqui, não considera a inveja em seu senso costumeiro, mas secundário, de *desejo de possuir o que é de outrem*, normalmente acompanhado de ódio pelo

possuidor, mas em seu senso primário de *desgosto pelo bem alheio*, normalmente acompanhado, pelo menos, do desejo de que o outro não descubra ou não goze desse bem. O bispo de Hipona define a inveja como "vício diabólico", cuja mãe é a soberba (cf. VII, 7). Essas justificativas bem se juntam aos dois exemplos de amar-se de modo equivocado (o indigno, em V, 5, e o injusto, em VI, 6), para indicar um terceiro: o falso, ou fundado na mentira.

26 Agostinho desenvolve a ideia a partir de Mt 25,40-45.

27 Cf. VII, 7 – VIII, 8.

28 Note-se, como sublinha o próprio Agostinho, que não se trata de comparação entre Deus e o dinheiro, mas entre o amor por um e por outro. Assim, se o avarento faz qualquer coisa por amar tanto o dinheiro, passe a amar tanto Deus ao ponto de fazer qualquer coisa por ele; cf. X, 11.

29 Cf. *Confissões* I, 9, 14 e I, 12, 19. Aqui, como em *Confissões*, Agostinho critica os pais cristãos que enviam seus filhos à escola com o mesmo objetivo dos pais pagãos.

30 Ele nomeia, provavelmente, as mais comuns em sua época: naufrágios, ser transpassado por espadas e, claramente referindo-se aos mártires, ser devorado por feras.

31 Por se lembrarem do que ouviram, não como conteúdo da memória somente, mas como atitudes, mesmo fora da igreja; cf. XII, 13.

32 A oração conclusiva (XIV, 16) é tipicamente agostiniana. Nessa, com um gesto que indicava a atitude interior do dirigir-se a Deus, o bispo voltava-se para o leste e: 1º) dava graças a Deus, 2º) dizia a intenção de sua oração (normalmente pela própria comunidade) e 3º) a concluía com fórmula cristológica. Além disso, concluir o sermão com uma oração convidava a comunidade a fazer da palavra proclamada e explicada sua própria oração. Esse costume agostiniano parece ter encontrado herdeiros somente em São Fulgêncio de Ruspe e em São Cesário de Arles. Hoje – se é possível alguma comparação – os "parentes" mais próximos dessa oração são, na liturgia oriental, os invitatórios diaconais e, na ocidental, a invocação *corações ao alto*. Para detalhes, ver KLÖCKENER, M., *Conuersi ad dominum*, em MAYER, C. (ed.), *op. cit.*, vol. 2, colunas 1280-1282.

A DISCIPLINA CRISTÃ

Santo Agostinho

Na Igreja, os cristãos são instruídos por Cristo a viver bem

I. 1. A Palavra de Deus nos foi dirigida, e nos foi dirigida para nos exortar, como diz a Escritura: "Adquiri a instrução na casa da disciplina".[1] A palavra disciplina deriva da palavra aprender,[2] e a Igreja de Cristo é onde se aprende. Quem aprende? E quem ensina, e o quê? Ensina-se a viver bem. Quem aprende são os cristãos, e quem ensina é o Cristo. Primeiramente, pois, vejamos o que é viver bem, e depois quais são os prêmios pela boa vida; em terceiro lugar, vejamos quem são os verdadeiros cristãos e em quarto lugar, quem é o verdadeiro Mestre. Falaremos pouco, conforme nos concede o Senhor, e vós, dignai-vos ouvir. Todos estamos *na casa da disciplina*,[3] mas muitos não querem conhecê-la, e o que é pior, nem dentro desta *casa de disciplina* querem ser instruídos, quando deveriam aplicar a disciplina também em suas próprias casas, para dela servirem-se; estes, ao invés, querem a indisciplina não somente em suas próprias casas, mas querem levá-la consigo à *casa da disciplina*.[4] Assim, aqueles que recebem a Palavra de Deus, e a escutam com o coração, e que não são um caminho do qual as aves tomam a semente caída, e que não são um terreno de pedras onde tal semente não pode firmar raiz – onde logo germina, mas seca com o calor –; aqueles que não são como um campo espinhoso – onde a semente, tendo germinado e começado a crescer, é sufocada pela densidade dos espinhos –, mas os que são terra boa preparada para receber a semente e render frutos, ou cem, ou sessenta, ou trinta vezes mais[5] (lembro, aos que estão há pouco na escola da disciplina, que tirei estas imagens do Evangelho). Que estes acolham o que o Senhor dignou-se dizer através de mim. Se Ele é o semeador, quem sou eu, então? Sou a cesta do semeador, na qual são colocadas as sementes pra que eu as espalhe. Não esperai que a cesta tenha algum valor, mas esperai a qualidade da semente e o poder do semeador.

A síntese de todos os preceitos da Lei

II. 2. Então, o que é viver bem? O que se aprende aqui? Na lei, há muitos preceitos que têm a ver com o viver bem, que o ordenam e que o ensinam. Tais preceitos são muitos, são inumeráveis. As páginas que contêm tais preceitos são tantas que quase não se consegue contar, nem as páginas nem os preceitos. Deus não quis que ninguém se desculpasse por não conhecer a lei, ou porque não sabem ler ou porque não a entendem facilmente; e para que ninguém se desculpe no dia do juízo, quis, como está escrito, consumar em um breve momento o Verbo sobre a terra, como predissera o profeta: "O Senhor completará sobre a terra o seu Verbo em um só momento".[6] E Deus quis ser este

Verbo consumado, breve e claro, para que tal brevidade não pudesse não ser lida, e assim não se dissesse: "Não tive tempo de ler". As Sagradas Escrituras são um tesouro que contém em si preceitos tão maravilhosos quanto pedras preciosas, joias, vasos e grandes metais. Mas quem pode perscrutar tal tesouro, e descobrir tudo o que nele é contido? Eis a imagem que o Senhor incluiu em seu Evangelho: "o reino dos ceus é igual a um tesouro encontrado no campo";[7] e para que ninguém se considere inapto a perscrutar tal tesouro, acrescentou a tal imagem em seguida: "O reino dos céus é igual a um negociante que sai à procura de boas pérolas, e quando encontra uma preciosa vende tudo o que tinha, e a compra".[8] Se foste preguiçoso ao procurar um tesouro, não o sejas ao levar uma pérola sob a língua, e assim vai seguro aonde queres.

Cada homem é o próximo de cada homem

III. 3. Qual é a palavra breve e completa? "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua mente; e amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois preceitos dependem toda a Lei e os Profetas".[9] Eis o que se ensina *na casa da disciplina*: amar a Deus, amar ao próximo; a Deus como Deus, e ao próximo como a ti mesmo. De fato, não encontrarás alguém como Deus para que te seja dito: ama a Deus como amas a este; mas com relação ao próximo, saberás que o amas a partir do teu próprio amor, pois és igual ao teu próximo. Queres saber como deves amar ao próximo? Olha para ti, para o quanto amas a ti mesmo, e dessa maneira ama o próximo, sem errar. Quero aproximar-te de teu próximo, para que o ames tanto quanto amas a ti mesmo. Quero, mas hesito, pois quero te dizer: "Ama teu próximo como a ti mesmo". Por isso preciso agora discorrer sobre como deves amar a ti mesmo. Não me interpretes mal. Não posso deixar passar facilmente a ocasião, pois se trata de uma pessoa; e não se pode amar uma pessoa de qualquer jeito. Tu és um homem, mas o teu próximo são muitas pessoas. Não deves entender o próximo como teus parentes próximos, como teu irmão ou cunhado ou outros; toda pessoa é o próximo de todas as outras. Por quanto se diga que o pai é próximo ao filho e o sogro próximo ao genro, não são tão próximos quanto uma pessoa é próxima de outra. Mas se acreditamos serem próximos somente os que nascem na mesma família, pensemos em Adão e Eva, e seremos todos parentes. E se somos irmãos enquanto pessoas, mais ainda somos irmãos como cristãos. O homem tem Adão como pai e Eva como mãe; o cristão tem Deus como Pai e a Igreja como mãe.

Como amar-se a si mesmo

IV. 4. Vede, pois, quantos são os próximos de cada pessoa. Todas as pessoas com as quais um homem se encontra, todas as pessoas com as quais um homem pode se unir são seus próximos. Por isso, devemos discorrer sobre como amar a si mesmo, já que o amor inclui tantas pessoas. Que ninguém se irrite com o fato de eu discorrer sobre essa questão. Enquanto discorro a esse respeito, cada um reflita sobre si próprio. Por que discorro sobre isso? Aonde quero chegar? Discorro para que cada um examine a si

mesmo, e compreenda a si mesmo, não se escondendo, para que cada um se coloque diante de si mesmo convicto do que está fazendo. Enquanto eu falo, que cada um faça esse exame de consciência sem que eu saiba o que cada um pensa. De que jeito amas a ti mesmo? Quem quer que sejas tu que me ouves, ouve a Deus através de mim, nesta *casa da disciplina* e, então, pensa em como amas a ti mesmo; e, perguntando, responde a ti mesmo: "Sim, eu me amo". Pergunta a ti mesmo se alguém se odeia. Se alguém se ama, não ama o mal. Pois se ama o mal, não sou eu quem diz, mas o Salmo: quem ama o mal, odeia a sua alma.[10] Então, se amas o mal, ouve a verdade. Não uma verdade que sussurra, mas a verdade que te diz em alta voz que odeias a ti mesmo. Quanto mais dizes que te amas, mais te odeias, pois quem ama a maldade odeia a sua alma. O que direi da carne, a parte mais desprezível do homem? Odiando a alma, como se pode amar a carne? Os que amam o mal e odeiam suas almas tratam a carne torpemente. E se amas o mal, como podes querer que te seja confiado o próximo, para que o ames tanto quanto a ti mesmo? Oh! homem, o que estás perdendo? Se, de fato, amas a ti mesmo, mas de um modo que te perdes, certamente perderás aquele a quem amas como a ti. Se te amas assim, eu preferiria que não amasses ninguém, pois assim perder-te-ias somente a ti mesmo. Deves corrigir teu jeito de amar, ou deves afastar-te de qualquer relacionamento.[11]

Ter o coração no alto é viver o amor a Deus e ao próximo como uma coisa só

V. 5. Tu assim me dirás: "Amo meu próximo como a mim mesmo". Ouço-te claramente. Queres embriagar-te com aquele a quem amas como a ti mesmo, e dizes: "Bebamos o quanto pudermos; bebamos hoje!". Vês? Amas ao ponto de trazeres para ti aquele que amas, para que faça o que tu gostas. Pessoa humana que ama como os animais! Deus fez os animais com seus rostos prostrados ao chão, procurando na terra o seu alimento; a ti, ergueu em dois pés sobre a terra; quis que a tua face olhasse para o alto. Que o teu coração não esteja em desacordo com a tua face; não tenhas o coração voltado para as coisas baixas, enquanto tua face se volta para o alto.[12] Ouve a verdade! Pratica a verdade! Coração ao alto! Nada de mentir *na casa da disciplina*. Mas ao ouvires, responde, e que seja verdadeira a tua resposta. Ama a ti mesmo e ao próximo como a ti mesmo. O que significa ter o coração no alto, senão aquilo que foi dito antes: "Ama o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua mente"?[13] Dois são os preceitos, mas não seria suficiente se estes fossem um só? Bastaria, se fosse compreendido. De fato, quando a Escritura diz, por Paulo, o Apóstolo: "Não cometerás adultério, não matarás, não desejarás, e qualquer outro mandamento que esteja contido nestas palavras: ama o teu próximo como a ti mesmo. O amor não causa mal ao próximo. A caridade é a plenitude da lei".[14] O que é a caridade? É o amor. As palavras de Paulo parecem nada dizer do amor a Deus, mas somente do amor ao próximo, que basta para que se cumpra a Lei. Qualquer que seja o mandamento, está contido nessa frase, e nela se completa. Em qual frase? "Ama o próximo como a ti mesmo".[15] É

somente esse o mandamento. E nesse estão ambos os mandamentos dos quais "dependem a Lei e os Profetas".[16]

VI. 5. Vede como tudo se resume, e ainda assim somos preguiçosos. Eis que eram dois, e os dois se transformaram em um. Em resumo, ama o próximo e basta. Mas ama-o como amas a ti mesmo, e não como odeias a ti mesmo. Ama o próximo tanto quanto a ti, mas antes, ama a ti mesmo.

Amar a Deus é necessário para amar verdadeiramente a si mesmo

VI. 6. Se perguntares como deves amar a ti mesmo, ouvirás: "Ama o Senhor teu Deus de todo o teu coração, com toda a tua mente, e de toda a tua alma".[17] Como, de fato, o homem não pôde criar-se a si mesmo, assim também não pode ser feliz por si mesmo. Uma outra coisa fez o homem, e não é homem; de algo virá a sua felicidade, de algo que não é homem. O homem, enquanto erra, percebe que não pode, por si mesmo, ser feliz. Mas, mesmo podendo amar aquilo que o faz feliz, ama o que pensa que pode fazê-lo feliz. O que acreditamos que o homem ama e que pode fazê-lo feliz? O dinheiro, o ouro, a prata, os bens; em resumo, a riqueza. Tudo aquilo que os homens possuem na terra, tudo de que são senhores é dito riqueza: servos, tesouros, campos, árvores, gado, tudo é riqueza. E por que se chama riqueza? Porque a riqueza para os antigos era possuir animal; então, da posse de animais tem-se riqueza.[18] Lemos que nossos pais, os patriarcas, foram ricos pastores. Então, amas a riqueza, ó homem, pois acreditas que a riqueza te possa fazer feliz, e muito a amas. Se queres amar o teu próximo como a ti mesmo, divide com ele a tua riqueza. Já sabes o que significa amar o próximo: conheces a ti, te examinaste e refletiste sobre ti. Não estás pronto a dividir com o próximo aquilo que tens? O que me dizes da avareza? "Se eu dividir minha riqueza com o próximo, terei menos eu, e terá menos ele: diminuiriam os bens que amo, e nem tudo que tinha seria dele e nem tudo seria meu, mas porque o amo tanto como a mim, desejo que ele tenha tanto quanto eu, para que o que é meu não diminua e o que é dele se iguale ao que é meu."

Cristo fez-se pobre para que tivesses a quem dar e com quem caminhar

VII. 7. Espero que tu nada percas, mas que se realize aquilo que dizes e esperas. Temo que sejas invejoso. Como podes ter uma felicidade que atormenta a felicidade de outrem? Por acaso, não é verdade que, quando o teu vizinho começa a enriquecer-se e a levantar-se, e a socialmente aproximar-se de ti, tu temes que te possa alcançar e te superar? E amas o teu próximo como a ti mesmo! Mas não quero falar dos invejosos. Que Deus afaste esta peste, que é a inveja, de todas as pessoas, e mais ainda dos cristãos, pois ela é um vício diabólico, do qual somente o diabo é réu de culpa inexpiável. De fato, não se diz que o diabo tenha sido condenado por cometer adultério, furto, ou por roubar a casa de alguém, mas por ter invejado o ser humano íntegro. A inveja é um vício diabólico que tem uma mãe: a soberba. A soberba torna as pessoas invejosas. Por

isso, mata a mãe e não nascerá a filha. Cristo ensinou a humildade, por isso não falo aos invejosos, mas aos que desejam o bem. Mas não aos que desejam o bem aos amigos, para que tenham tanto quanto eles mesmos têm; ou que desejam o bem aos que nada têm, para que tenham tanto quanto eles, mas que não querem dar-lhes do que possuem. E te gabas, cristão, de desejar o bem?! O mendigo é superior a ti, pois ele te deseja mais e não tem coisa alguma. Se é coisa boa desejar o bem, dá-lhe uma recompensa. Tremes porque um pobre te deseja o bem? Digo ainda: estás *na casa da disciplina*. E ainda aquilo que te disse antes: dá àquele que te deseja o bem, dá ao próprio Cristo. É Ele mesmo a pedir-te o que te deu. Envergonha-te! Ele, rico, quis ser pobre para que tivesses um pobre a quem dar. Dá alguma coisa ao teu irmão; dá algo ao teu próximo, dá algo a quem caminha contigo. És rico e ele é pobre; esta vida é o caminho pelo qual seguis juntos.

As riquezas não impeçam, mas ajudem a ir ao encontro do Cristo indigente

VIII. 8. Talvez dirás: "Eu sou rico e ele é pobre". Caminhais juntos ou não? O que significa dizer: "Eu sou rico e ele é pobre"? Significa que tens um fardo pesado a carregar, enquanto ele tem um fardo leve. "Eu rico e ele pobre". Lembras do peso que levas, e te gabas de teu fardo. E carregando mais peso, te amarraste ao teu fardo de modo que não podes estender a mão. Pesado, amarrado, de que te gabas? Por que te vanglorias? Solta estas cordas com as quais te amarraste ao teu fardo e diminui o seu peso. Dá ao companheiro, assim o ajudas e te alivias. Enquanto te vanglorias do teu fardo, Cristo te pede e nada recebe; e ofendes o nome da piedade com palavras cruéis, dizendo: "Mas o que deixarei aos meus filhos?". Eu os coloco diante de Cristo, e Ele me coloca os seus filhos. É esta, por acaso, a verdadeira justiça: que o teu filho se exceda nos prazeres, e falte ao teu Senhor? "O que fizerdes a um destes meus pequeninos, é a mim que o fizestes". Não leste esta frase, não a conheces? "O que fizerdes a um destes meus pequeninos, é a mim que o fizestes."[19] Não leste? Não temeste? Enquanto pensas em teus filhos, há alguém em necessidade. Separa para teus filhos, mas acrescenta um entre eles, o teu Senhor. Se tens um filho, Ele será o segundo; se tens três, Ele será o quarto etc. Mas não queres nenhuma destas opções. Eis como amas o próximo: unindo-o a ti na tua perdição.

Não deixar-se seduzir pelos prazeres e pelas riquezas

VIII. 9. Devo perguntar-te de novo: Amas teu próximo? Falas, ó homem avarento, ao ouvido do teu filho, do teu irmão e do teu pai dizendo que o que é realmente bom é possuir bens enquanto vivemos aqui; ou não? "Quanto mais coisas tiveres, melhor estarás."[20] "Parte a lua, faz fortuna!"[21] Essa resposta, que sussurras ao ouvido do próximo, não a ouviste nem a aprendeste *na casa da disciplina*.

IX. 9. Não desejo que ames o próximo desta maneira, e se pudesse, te manteria longe de

todos, pois, de fato, "as más companhias corrompem os bons costumes".[22] Mas não posso, não posso impedir que te unas a alguém, para impedir que difundas estas coisas que não queres desaprender, e não só não as queres desaprender, mas queres ensiná-las a outros. Quero, mas não posso impedir que outros te escutem, porém, devo advertir estes, cujos ouvidos ambicionas penetrar, e aos quais queres atingir o interior através do coração. Ó tu, que recebes a sã doutrina *na casa da disciplina*: cerra com espinheiros teus ouvidos.[23] "As más companhias corrompem os bons costumes".[24] *Cerra com espinheiros teus ouvidos*. Cerra, e cerra com espinheiros, para que aquele que ousa entrar importunamente, não só seja repelido, mas também derrotado. Repele-o de ti dizendo que és cristão: "Sou cristão, não foi isto que aprendemos *na casa da disciplina*, não foi isto que recebemos naquela escola que gratuitamente frequentamos; não foi isto que aprendemos daquele Mestre cuja cátedra está no céu. Que não se diga a mim estas coisas nem se aproxime de mim!" Isto é cerrar os ouvidos com espinheiros.

Sem luz, não se veem as riquezas

IX. 10. Volto-me agora, àquele que é avarento e ama o dinheiro: queres ser bendito? Ama o teu Deus. O dinheiro não pode fazer-te feliz; tu honras o dinheiro, mas ele não te dá a beatitude. E porque amas muito o dinheiro, vejo que mergulhas lá onde o desejo te manda. Preguiçoso! Mergulha onde te manda a caridade; olha com atenção, e vê que há muito entre o teu dinheiro e o teu Deus; é mais belo este sol que o teu dinheiro, e nem este sol é o teu Deus. Logo, se é mais bela esta luz que o teu dinheiro, quanto mais é belo aquele que fez esta luz? Ou por acaso queres comparar o teu dinheiro com a luz? Eis que o sol se pôs: mostra-me a tua riqueza. Tua riqueza brilha, mas de noite, se te tiro a lâmpada, certamente és rico, então, mostra-me tuas riquezas. Privado da luz, não podes ver o que possuis; onde estão as tuas riquezas?

X. 10. Os olhos não podem enxergar o profundo abismo da avidez, do qual está repleto o espírito. Também os cegos podem ser avaros. Os cegos são avaros, pois não veem o que têm e o que não têm. E também o cego é avaro. Por quê? Porque crê possuir. A fé o faz rico: ele crê que é rico, mas não vê sua riqueza. Quanto melhor seria a sua fé se convertesse a Deus! Tu não vês o que possuis, e assim eu te anuncio Deus. Tu ainda não o vês; mas ama e o verás. Ó cego, amas a riqueza que nunca verás; possuis sem vê-la e sem vê-la morrerás, deixando tudo o que possuías. É assim também enquanto vivias, pois não vias o que tinhas, logo, não o possuías.

É preciso corrigir-se quanto ao amor pelo dinheiro

X. 11. O que sabes a respeito de Deus? Eis o que disse a própria sabedoria: "Ama-o tanto quanto o dinheiro".[25] É indigno e injurioso comparar a sabedoria e o dinheiro, mas não o é o amor comparado ao amor. Eu vejo, porém, que vós amais o dinheiro a tal ponto, que fazeis qualquer esforço que vos ordene o dinheiro: suportais o jejum,

atravessais o mar, vos confiais aos ventos e às marés. Quero separar-vos daquilo que amais, e não aumentar o amor que haveis pelo que amais. Deus diz querer ser amado nesta medida, não mais. Deus fala aos avaros e aos ímprobos: "Amai a mim tanto quanto amais ao dinheiro. É óbvio que sou incomparavelmente melhor, e quero de vós um amor mais profundo, ou seja, que me ameis o quanto amais as riquezas". Ao menos nos envergonhemos, confessemos, e batamos no peito, para não construirmos uma base sólida para os nossos pecados; quem bate no peito sem corrigir-se, solidifica os pecados sem que estes sejam apagados. Batamos no peito, e cedamos à correção, para que não ceda também Ele que é nosso Mestre. Dissemos aqui o que aprendemos, mas por que aprendemos?

A busca de bens terrenos, o medo da morte e a não preparação para ela

XI. 12. Por que foste à escola, apanhaste com a régua, levado pelos pais? Por que, depois que fugiste, foste encontrado e reconduzido à escola e ali te colocaste por terra? Por que apanhaste? Por que suportaste na tua infância tanto mal? Para aprender? Mas o quê? As letras! Para quê? Para ter riquezas, ou conquistar honras que te dariam um *status*. Vê! Tu que és perecível aprendeste coisas também perecíveis com tanta fadiga e com tantas penas. E justo quem te amava te conduzia às penas. E mesmo amando-te te conduzia às bastonadas para que aprendesses; mas o quê? As letras! As letras são um bem? Sei que me dirás: Por que também vós, bispos, não ensinais as letras, por que não ensinais as Sagradas Escrituras enquanto ensina-se a ler? Realmente, não é assim, e não foi com esse intuito que aprendemos as letras, e não era para isso que nos conduziam à escola os nossos pais, pois não diziam: Aprendei as letras para poder ler a Palavra de Deus. Nem mesmo os pais cristãos assim falam aos seus filhos. "Aprendei as letras!" Para quê? "Para ser homem". Por acaso sou um animal? O que quer dizer este ser homem? Significa ser eminente entre os homens, como diz o provérbio: "Teu valor é o valor do que possuis",[26] para que tenhas tanto quanto os outros, mas poucos outros; ou para que tenhas mais que os outros, ou mais que os poucos; para que tenhas dignidade e honra. Mas onde estarão todas estas coisas quando chegar a morte? Como nos atormenta o medo da morte! Quando menciono a palavra "morte", o vosso coração se inquieta! O vosso gemido, a vossa reação manifesta tal medo. Eu ouvi, gemestes, pois temeis a morte! Se temeis a morte, por que não vos preparais? E sabeis por que a temeis? Porque virá. E ela virá quer a temamos quer não, cedo ou tarde ela virá. Mesmo temendo, não podemos impedi-la de vir porque a tememos.

Somente morre bem aquele que vive bem

XII. 13. Teme sobre tudo aquilo que, querendo, podes impedir que aconteça. Queres saber o quê? O pecado. Tem medo de pecar, pois, se amares o pecado, encontrarás uma morte que poderia não se aproximar de ti, caso não amasses o pecado. No pecado amas mais a morte que a vida. "Não é verdade! Qual homem ama mais a morte que a vida?" Convencer-te-ei de que tu mesmo amas mais a morte que a vida. Eis como te convenço:

amas a tua roupa, e queres que esta esteja em bom estado; amas a tua fazenda, e também esta queres que esteja em bom estado; amas teu filho e queres que este esteja bem; amas teu amigo, logo queres que este esteja bem; amas tua casa, e queres que esta esteja bem. E por que queres uma boa morte? Todos os dias rezas para ter uma boa morte, dizendo: "Deus me dará uma boa morte, e mantém longe de mim a morte má". Logo, amas mais a morte que a vida. Temes morrer de maneira que não seja boa, mas não temes viver de maneira má. Deves corrigir o mal viver para temeres o mal morrer. Não pode morrer mal quem viveu bem. Certamente confirmo e ouso dizer que *acreditei e assim falei*:[27] não pode morrer mal quem viveu bem. Então poderias pensar contigo mesmo: Não morreram muitos justos em naufrágios? Certamente não pode morrer mal quem viveu bem. E pensas: Não pereceram muitos justos nas espadas dos inimigos? Certamente não pode morrer mal quem viveu bem. Objetas: Os ladrões não mataram muitos justos? As feras não devoraram muitos justos? Certamente não pode morrer mal quem viveu bem. Então, eu responderia: Todas essas te parecem mortes horríveis? Morrer em um naufrágio, ser transpassado pela espada ou devorado pelas feras não são boas mortes? Não foram essas mortes que sofreram os mártires dos quais celebramos o nascimento? Qual tipo de morte estes não sofreram? Se somos cristãos, se lembramos de pertencer à *casa da disciplina*, seja quando estamos nela e escutamos, seja quando fora dela não esquecemos, mas nos lembramos do que ouvimos, não honramos aos mártires? Olha a morte dos mártires e pensa; morreram mal aos olhos da carne. Agora pensa examinando com os olhos da fé: "É preciosa diante do Senhor a morte de seus santos".[28] O que quer que seja que te apavore com relação à morte, não te causaria pavor se imitasses a estes. Se assim fizeres, terás uma vida boa; qualquer que seja a ocasião para deixar este corpo, o deixarás para o descanso, o deixarás para a beatitude, onde não há temor e para a qual não há fim. Parece uma boa morte a do rico, entre púrpuras e bons tecidos, mas é uma morte atormentada pelo desejo de uma gota d'água.[29] E é como se fosse má a morte do pobre que jaz diante da porta do rico, entre a língua dos cães, a fome e a sede, desejoso de migalhas:[30] morte tão horrenda que a queremos longe de nós. Olha o fim, já que és cristão; olha com os olhos da fé. "Eis que morreu aquele miserável, e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão."[31] De que adiantou ao rico o sepulcro de mármore, se sofre a sede no inferno? Por que ligar para as roupas sujas pelas feridas do pobre se ele repousa no seio de Abraão? De longe o rico vê o descanso daquele a quem havia desprezado. Então, escolhe e dize-me qual morreu bem e qual morreu mal? "Penso que o pobre morreu melhor que aquele rico." Preferes ser sepultado com aromas e ser sedento no inferno? Responderás: Longe de mim! Creio saber qual escolhes. Aprenderás a morrer bem se aprendeste a viver bem. O prêmio pela boa vida é a vida eterna.

Os cristãos aprendem a destacar-se do mundo e a crescer em Deus

XIII. 14. Os que aprendem são cristãos; os que ouvem e não aprendem desprezam o

semeador; mas pedras e espinhos não impedem a mão do semeador, pois ele lança à terra o que tem. E se temesse que a semente caísse em terra má, não atingiria a terra boa. E nós dizemos, lançamos e espalhamos a semente. Há os que desprezam, os que criticam e que riem, mas, se nós os temêssemos, não semearíamos e passaríamos fome. Então, vem a semente à terra boa; sei que quem ouve, e ouve com atenção, afasta-se e cresce; afasta-se da iniquidade e cresce em Deus.

Cristo tem sua cátedra nos céus, mas ensina aqui

XIV. 15. Quem é então o Mestre que ensina? Não é um homem qualquer, mas um Apóstolo. Certamente o Apóstolo, mas não é ele que fala, pois diz: "Por acaso quereis uma prova de que é Cristo que fala em mim?"[32] Então, é Cristo quem ensina. Ele tem uma cátedra no céu, como eu disse há pouco;[33] mas sua escola é aqui na terra, e a sua escola é o seu próprio corpo. A cabeça instrui os seus membros, a língua fala aos pés. É Cristo quem ensina: ouçamos, temamos, façamos o que ele diz. Não desprezeis o Cristo, pois ele por vós nasceu na carne, envolto em mortalidade, por vós sofreu sede e fome, e sentou-se ao poço sedento; por vós adormeceu no barco e ouviu injustamente injúrias; por vós não afastou o rosto quando lhe cuspiam, por vós recebeu tapas em sua face, por vós pendeu da cruz e por vós entregou o espírito; por vós foi colocado no sepulcro. Desprezas todas estas coisas em Cristo? Queres saber quem ele é? Reflete o que ouviste no evangelho: "Eu e o Pai somos um".[34]

Oração conclusiva

XIV. 16. Voltados ao Senhor, supliquemos a Ele por nós e por todo o seu povo, presente aqui, conosco, no átrio de sua casa, que se digne guardar-nos e proteger-nos, por Jesus Cristo seu Filho, Senhor nosso, que com Ele vive e reina pelos séculos dos séculos. Amém.

1 Cf. Eclo 51,36.31. "Instrução", no latim disciplina.
2 "Disciplina, a dicendo", do verbo disco (aprendo); ver "disco, -is, didici, discere" em ERNOUT, A. e MEILLET, A., *Dictionaire Étymologique de la Langue Latine*, Paris, Klincksieck, 1967, p. 176.
3 Cf. Eclo 51,31. "Casa da disciplina" é como Agostinho, seguindo o texto de Eclo, chama a Igreja.
4 Ver *Introdução*, p. 15, 1.
5 Cf. Mt 13,4-8.
6 Is 10,23 ou Rm 9,28.
7 Mt 13,44.
8 Mt 13,45-46.
9 Mt 22,37.39-40.
10 Cf. Sl 10,6.
11 Ver *Introdução*, p. 157.
12 Ver *Introdução*, p. 155.
13 Mt 22,37.
14 Rm 13,9-10.
15 Mt 22,39.
16 Cf. Mt 22,40.

17 Mt 22,37.
18 Riqueza, *pecunia*, em latim, que Agostinho, com propriedade, lê originado de *pecus*, animal; cf. *sub voce* "pecunia" em ERNOUT, A. e MEILLET, A., *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*, Paris, Klincksieck, 1967, p. 492.
19 Mt 25,40.
20 Cf. LUCÍLIO, *fragmento* 1119; HORÁCIO, *Sátiras*, 1, 1, 62; APULEIO, Apologia, 23.
21 *Frange lunam, fac fortunam.* Dito popular, provavelmente, que MADRID, T. C., *op. cit.*, p. 620, nota 7, sugere ser de origem púnica.
22 1Cor 15,33.
23 Cf. Eclo 28,28.
24 1Cor 15,33.
25 Cf. Pr 2,4.
26 Cf. LUCÍLIO, *fragmento* 1119; HORÁCIO, *Sátiras*, 1, 1, 62; APULEIO, *Apologia*, 23.
27 Cf. Sl 116(115,1),10.
28 Sl 116(115,6),15.
29 Cf. Lc 16,19.23-25.
30 Cf. Lc 16,20-21.
31 Lc 16,22.
32 2Cor 13,3.
33 IX, 9.
34 Jo 10,30.

A CONTINÊNCIA
INTRODUÇÃO

Gerson F. de Arruda Júnior
Marcos Roberto Nunes Costa

Embora o próprio Agostinho, em uma carta de 429 d.C., dirigida ao Comissário Imperial Dário (*Ep*. 231,7), faça referência ao *De Continentia* (*A Continência*),[1] mas, por não ter sido elencado em suas *Retratações*, durante séculos, muita gente colocou em dúvida a sua autoria agostiniana, chegando ao ponto de Erasmo atribuir sua autoria a Hugo de São Vítor. Foi somente em 1685, na Edição Beneditina dos textos agostinianos, que, baseado no estilo e no assunto nele escrito, o texto foi, finalmente, reconhecido como sendo de Santo Agostinho.

A irmã Mary F. McDonald,[2] ao introduzir sua tradução do *De Continentia*, diz que este *Sermão*[3] foi escrito, provavelmente, em 395 d.C, ou seja, um ano antes de Agostinho se tornar bispo de Hipona, em refutação ao Maniqueísmo. Isto é o que propõe, igualmente, a famosa Edição Mauriana. Já Hunter[4] sugere que a obra tenha sido escrita entre 418-429 d.C., e que seja antipelagiana, visto que, por este período, Agostinho não estaria mais em debate com os maniqueus. Finalmente, Vincenzo Terulli,[5] ao introduzir sua tradução do *De Continentia*, questiona esta data e propõe como data provável entre 416-418 d.C.

A princípio, por sua temática, devemos concordar com a irmã Mary F. McDonald de que a obra seja declaradamente antimaniqueia, visto refutar, do começo ao fim, as posições maniqueias, no que se refere à luta por parte do homem em superar os desejos que o conduzem ao mal, especialmente aquele da carne, que para estes era fonte ou a raiz de todos os males. Para tal, buscando superar o dualismo maniqueu (e de quebra os platônicos), em que o corpo não passa de um acidente e que, portanto, deva ser desprezado pelo homem,[6] aqui, e noutras obras, Agostinho diz que o corpo foi criado por Deus, por isso, enquanto tal, é um bem, de forma que não é o corpo que peca, pois este não tem vontade, mas sim a alma, que apenas se utiliza do corpo para pecar. Daí, tomando como ponto de partida as palavras do salmista: "Põe guarda, Senhor, à minha boca; vigia a porta de meus lábios. Não deixes que meu coração se incline para a maldade" (Sl 141[140],3), ele diz que a vigilância (continência) deve começar pela vontade (a alma), ou seja, pela "inclinação do coração" (*declinatio cordis*), para que este não consinta a prática do mal por parte do corpo, conforme vemos no início da obra:

Assim, tudo o que de dentro não soa, fora não ressoa; mas o que, sendo mal emanar

de dentro, mesmo que não mova a língua, contamina a alma. A continência, portanto, precisa ser colocada lá onde a consciência, mesmo no silêncio exterior, fala. Em suma, é a porta da continência que impede brotar do interior algo que contamine a vida e a mente, ainda que estejam calados os lábios da carne (*De cont*., I, 2).

Entretanto, se a tônica geral do *De Continentia* é refutar as posições maniqueias, as quais estão alicerçadas na tese central de que o mal se encontra deterministicamente na natureza corpórea do homem, que em si é má, na hora de propor uma nova moral, centrada na ideia de que o mal tem sua origem no livre-arbítrio da vontade humana, a obra toma um caráter, também, antipelagiano, conforme sugere o supracitado comentador Hunter,[7] especialmente ao propor o antídoto para esse tipo de mal – o mal moral. Ou seja, ao detectar a insuficiência do livre-arbítrio em se libertar, com suas próprias forças, do mal, visto que este se encontra danificado pelo pecado original, Agostinho aponta a necessidade da graça divina como remédio eficaz para torná-lo capaz de vencer os desejos concupiscentes da alma e, consequentemente, em consentir que o corpo os pratique.

Portanto, concluindo, podemos dizer que o *De Continentia* enquadra-se perfeitamente na chamada "moral das intenções" agostiniana, em que a noção de castidade é, antes de tudo, intelectual ou espiritual: aquele esforço da alma para ser reta, mas, também, uma forma de vida material, enquanto restrição ou controle dos prazeres da carne, o que acaba por ser um modelo de vida virtuosa para o homem. Tal moral está, por sua vez, alicerçada em seu eudaimonismo antropológico, que se caracteriza por um esforço por parte do homem em viver bem ou retamente aqui na terra, com vista na "verdadeira felicidade", a ser alcançada na vida eterna, ou seja, em Deus, o único Ser capaz de torná-lo verdadeiramente feliz. Dessa forma, podemos dizer que, em última instância, o *De Continentia* tem uma dimensão escatológica, de preocupação com a salvação do homem.

Por isso, Agostinho acaba por apontar a vida continente (que passa a ser sinônimo de vida celibatária), como a forma de vida mais perfeita ou ideal. É o que vemos não só aqui, mas em muitas outras obras agostinianas, como, por exemplo, no *Sobre a virgindade consagrada*, na qual, embora não condenando totalmente o matrimônio, o classifique como uma forma de vida inferior à vida casta:

> Alerto aqueles e aquelas que professaram continência perpétua e a santa virgindade a preferir esse bem sem julgar as núpcias um mal. Sabemos que o Apóstolo disse sem engano, mas com toda a verdade: "Quem esposar uma mulher faz bem; quem não esposar faz melhor" (1Cor 7,38). Esta é a doutrina do Senhor e do Apóstolo, a doutrina verdadeira, a doutrina sã: escolher as coisas melhores sem condenar as menores [...]. Quem, portanto, quer permanecer sem casar-se, não julgue o matrimônio como uma fossa de vícios, senão que o supere como colina de um monte menor, para ir refugiar-se no monte da perfeita continência (XVIII, 18).

Muito embora, no *Sobre os bens do matrimônio*, chegue a dizer que é melhor um casamento casto que uma continência ilícita:

> [...] são dois bens: o matrimônio e a continência, dos quais o segundo é melhor [...]. Entretanto, do mesmo modo que os ágapes dos justos são melhores que os jejuns dos sacrílegos, assim as núpcias dos fiéis são preferíveis à virgindade das ímpias [...]. A fidelidade das casadas é melhor que a infidelidade das virgens [...], as mulheres fiéis se casam para viver castamente com seus maridos, enquanto algumas virgens ímpias fornicam, traindo o Deus verdadeiro [...]. Vê-se claramente que a virgindade pode dar-se sem a obediência, porque a mulher, depois de ter aceitado o conselho da virgindade, e permanecendo virgem, pode transgredir ou menosprezar os mandamentos. Conheço muitas virgens consagradas, que são tagarelas, curiosas, ébrias, rixentas, avaras, orgulhosas: coisas que são contra os mandamentos, ultrapassando a Eva no pecado de desobediência. Consequentemente, não só a obediente deve ser preferida à desobediente, mas a casada mais obediente é preferível a uma virgem menos obediente (VIII, 8; XXIII, 30).[8]

É por isso que Agostinho estabelece uma estreita relação entre vida religiosa-sacerdotal e a continência (celibato), motivo pelo qual, nas *Confissões*, faz da concupiscência, ou de sua dificuldade em ser continente, o último empecilho para se converter ao Cristianismo (cf. *Conf.* VII, 17, 23; VIII, 7, 17), que só aconteceu após a leitura da Epístola de São Paulo, que fala exatamente do tema da continência: "Não caminheis em glutonarias e embriaguez, nem em desonestidades e dissoluções, nem em contendas e rixas; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis a satisfação da carne com seus apetites" (Rm 13,13), na famosa "cena dos Jardins de Milão", que o levou a renunciar aos prazeres carnais, dentre eles ao matrimônio, e abraçar definitivamente o Cristianismo.[9]

1 Igualmente Possídio, seu primeiro biógrafo, no *Indiculum*, faz referência ao *De continência* como um dos Tratados de Santo Agostinho.

2 Cf. AUGUSTINE, Saint, *Continence. Translated, introduction by Sister Mary Francis McDonald.* Foreword by Roy J. Deferrari, St. Paul Editions, 1952, p. 7.

3 Aqui, Mary Francis McDonald (1952, p. 7) refere-se a este texto como sendo um *Sermão.* Igualmente CILLERUELO, P. Lope, *Introducción*, em AGUSTÍN, San, *De la continencia*, em *Obras completas de san Agustín*. Trad., introd. e notas de P. Lope Cilleruelo, La Editorial Católica (BAC), 1954, tomo XII, p. 319, faz referência ao *De Continentia* como sendo um *Sermão*. Muito embora a própria BAC o coloque num Tomo dedicado aos "Tratados Moraes". Já Possídio, no *Indiculum*, fala dele como sendo um *Tratado*. Igualmente SCHLABACH, G. W., *Continecia*, em FITZGERALD, Allan D. (ed.). *Diccionario de san Agustín: San Agustín a través del tiempo*. Trad. de Constantino Ruiz-Garrido, Editorial Monte Carmelo, 2001, p. 324, diz: "quando escreveu um tratado *De Continentia*, em algum momento entre os anos 418-420...". Por isso, a supracitada editora espanhola – La Editorial Católica (BAC), em sua tradução das "Obras completas de san Agustín", o coloca no tomo (XII) dedicado aos "Tratados Morais".

4 Cf. HUNTER, D. G., *De continentia*, em FITZGERALD, Allan D. (org.), *op. cit.*, p. 325.

5 Cf. TERULLI, Vincenzo, *Introduzione*, em AGOSTINO, Sant. *La continenza*, em *Opere di Sant'Agostino*. Trad., introd. e note di Vincenzo Terulli, Città Nuova Editrice, 1978, v. 7/1, p. 321.

6 A esse respeito diz DUFFY, Stephen J., *Antropologia*, em FITZGERALD, Allan D. (org.), *op. cit.*, p. 86: "Agostinho contempla a pessoa humana como estruturada hierarquicamente, sendo a alma superior ao corpo. Sem embargo, seria precipitado concluir que ele adere simplesmente às tendências neoplatônicas, ao dualismo metafísico. O modelo clássico de pessoa é o de uma mescla ou justaposição de alma e corpo [...]. O modelo do cristianismo primitivo é o de uma unidade e integração [...]. Agostinho se desviou da antropologia neoplatônica

em pontos cruciais: para ele, o corpo não é uma prisão da alma; nem tampouco a presença da alma no corpo representa um castigo divino. Antes, pelo contrário, Deus quis que os seres humanos sejam corpo e alma, e os criou desta maneira". Igualmente, MASUTTI, *Il problema del corpo in s. Agostino*, Roma, 1989, p. 24-31 e 62-79, mostra que, embora o dualismo platônico – mundo inteligível e mundo sensível – influencie fortemente a concepção dualista de homem de Agostinho, não podemos esquecer que esta é, também, fruto de suas leituras bíblicas, especialmente de São Paulo (2Cor 4,16; Rm 7,7-25; Ef 3,16; Gl 5,17, onde o Apóstolo interpreta Gn 1,26 e 2,7), no qual encontrou os conceitos de homem velho ou exterior (carnal) e homem novo ou interior (espiritual). Na concepção bíblica, o dualismo não é ontológico (duas naturezas: uma boa, outra má, visto serem ambas criadas por Deus e, portanto, boas), mas ético. Igualmente diz RIGBY, P., *Pecado original*, em FITZGERALD, Allan D. (org.), *op. cit.*, p. 1025: "Agostinho não condenava o corpo. A ideia de que o corpo seja a prisão da alma é uma ideia alheia à doutrina de Agostinho. Ele se esforça muito para rechaçar qualquer sugestão de que haja duas naturezas ou dois princípios. A ideia de que o corpo se encontra em conflito com a alma, ou que é um meio pelo qual a alma é arrastada para baixo, são ideias que repugnam a Agostinho. A divisão está na vontade, não na natureza. Sempre é a mesma alma que quer diferentes fins, seja o fim eterno ou o fim ínfimo, ou ambos. É a vontade que quer carnalmente, assim como é também a vontade que quer espiritualmente. A vontade não está atada pelo corpo. A vontade se ata a si mesma". Daí Agostinho não aceitar a ideia platônica do corpo como acidente, conforme diz GILSON, E., *A evolução da cidade de Deus,* trad. de João Camillo de Oliveira Tôrres, São Paulo, 1995, p. 153: "Por mais influência que tenha sofrido do neoplatonismo, Agostinho não admitiu um só instante que a matéria fosse ruim, nem que a alma fosse unida ao corpo como castigo do pecado".

7 Cf. HUNTER, D. G., *De continentia*, em FITZGERALD, Allan D. (org.), *op. cit.*, p. 325.

8 Igualmente, em muitas outras obras, Agostinho alerta os religiosos celibatários para que não se sintam mais importantes que os casados, pois o matrimônio é, também, uma forma de vida abençoada por Deus. Cf. *Sobre o trabalho dos monges*, XXV, 33; *Sobre os costumes da Igreja católica e dos Maniqueus*, I, 35, 79-80.

9 A esse respeito diz CLARK, E. A., *Ascetismo*, em FITZGERALD, Allan D. (org.), *op. cit.*, p. 128: "Sem embargo, a apresentação que Agostinho faz de sua difícil luta interior com seus desejos sexuais sugere que sua conversão foi, ao mesmo tempo, uma conversão à continência e uma conversão ao Cristianismo".

A CONTINÊNCIA

Santo Agostinho

O dom da continência

I. 1. A virtude da alma chamada continência é difícil de ser discutida adequadamente bem, ou mesmo como merece ser discutida. Porém, esta nossa deficiência será compensada por Aquele que é maior do que esta enorme virtude. Ele, que a dá para o fiel, é o mesmo que capacita seus ministros para discursar sobre ela. Por isso, qualquer um que dele recebe o chamado para ser proclamador dessa virtude testifica e prova, primeiramente, que a continência é um dom de Deus. No Livro da Sabedoria está escrito que, a menos que Deus dê este dom, é impossível alguém ser continente.[1] Além disso, com relação àquela principal e também mais renomada continência, através da qual a pessoa renuncia ao vínculo conjugal, o Senhor diz: "Nem todos são aptos para receber este conceito, mas apenas aqueles a quem é dado".[2] Até mesmo a castidade conjugal, que não pode ser guardada sem que haja renúncia de relacionamentos ilegais, é, conforme proclamou o Apóstolo, um dom de Deus, pois, quando falou sobre os dois modos de viver, o casado e o solteiro, disse: "Quero que todos os homens sejam tais como também eu sou, no entanto, cada um tem de Deus o seu próprio dom; um, na verdade, de um modo; outro, de outro".[3]

A continência da boca

I. 2. Para que não pensemos que a continência necessária seja só para a luxúria das partes inferiores da carne, nos Salmos é cantado: "Põe guarda, Senhor, à minha boca; vigia a porta de meus lábios".[4] Se, diante desse eloquente testemunho divino, entendêssemos a palavra "boca" como de fato devemos entendê-la, o guarda da boca citado é a continência, porque ela é um dom de Deus. Certamente, é algo trivial guardar a boca do corpo apenas para que não saia dela algo que não se deseja dizer através do som da voz.[5] É dentro da boca do coração, onde primeiro se dizem as palavras, que se deseja que um "guarda" e "uma porta" da continência sejam colocados pelo Senhor. Há muitas coisas que nós não falamos pela boca do corpo, mas gritamos com a boca do coração. E ainda: nenhuma palavra sobre qualquer coisa sai da boca do corpo cujo coração esteja em silêncio. Assim, tudo o que de dentro não soa, fora não ressoa; mas o que, sendo mal emanar de dentro, mesmo que não mova a língua, contamina a alma. A continência, portanto, precisa ser colocada lá onde a consciência, mesmo no silêncio exterior, fala. Em suma, é a porta da continência que impede brotar do interior algo que contamine a vida e a mente, ainda que estejam calados os lábios da carne.

A continência do coração

II. 3. Para confirmar que era da boca interior que estava falando quando disse: "Põe guarda, Senhor, à minha boca; vigia a porta de meus lábios", o salmista imediatamente acrescentou: "Não se incline meu coração para palavras más".[6] O que é esta inclinação do coração, senão o consentimento? Por isso, não fala nada quem não consente com as inclinações e sugestões do coração. Se, portanto, consentir, já falou em seu coração, mesmo que não tenha produzido qualquer som com a sua boca. E, ainda que não tenha feito qualquer movimento com sua mão, ou com qualquer parte do corpo, já cometeu o ato porque determinou em sua mente fazê-lo; é réu da lei de Deus, ainda que seus atos permaneçam ocultos aos sentidos humanos, porque falou no seu coração, embora nenhuma ação tivesse sido cometida pelo corpo. Dessa maneira, nenhum membro do corpo pode realizar uma ação exterior, sem que essa ação seja precedida interiormente por uma palavra. Corretamente está se dizendo que uma palavra é o começo de toda ação. Na verdade, são muitas as coisas que os homens fazem com a boca fechada, língua quieta e voz muda. Mas, eles não fazem nenhuma ação por meio do corpo, sem que primeiro tenham falado no coração. Por essa razão, há muitos pecados nas palavras interiores que não são expressos em ações exteriores, mas não há ações exteriores que não sejam precedidas por palavras interiores. Assim, se nos lábios interiores, isto é, no coração, fosse colocada a porta da continência, em ambas as situações teríamos a pureza da inocência.[7]

II. 4. O próprio Senhor disse com sua boca: "Limpe primeiro as coisas de dentro, e o que sair também será limpo".[8] Igualmente, em outro lugar, quando Ele estava refutando os tolos judeus que haviam criticado os seus discípulos por estarem comendo sem ter lavado as mãos, disse: "O que entra na boca não contamina o homem; mas o que sai da boca, isto contamina o homem".[9] É absurdo acreditar que todas essas palavras estão se referindo unicamente à boca do corpo. O vômito não contamina a quem a comida não contamina. A comida, na verdade, entra na boca; e o vômito procede dela. Mas, sem dúvida alguma, quando Ele diz: "O que entra na boca não contamina o homem", a palavra "boca" se refere à boca da carne; porém, a segunda parte do versículo, quando Ele diz: "mas o que sai da boca, isto contamina o homem", a palavra "boca" se refere à boca do coração. E quando o apóstolo Pedro buscou do Senhor uma explicação desta parábola, Ele respondeu: "Vocês também ainda não entenderam? Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce para o ventre e, depois, é lançado em lugar escuso?"[10] Esta boca, certamente, por onde entra a comida, nós entendemos ser a boca da carne; porém, nas palavras seguintes, Ele trata da boca do coração. Por causa da torpeza de nosso coração, essa verdade só poderia ser compreendida por nós, se fosse concedida lentamente. Diz, pois, a continuação: "O que sai da boca vem do coração";[11] é como se dissesse: Quando vocês ouvem *da boca*, entendam *o coração*. Eu disse "boca" e "coração", mas uso uma para explicar a outra. O homem interior tem uma boca interior,

e um ouvido interior que discerne isto. As coisas que procedem da boca vêm do coração, e elas contaminam o homem. Então, usando a palavra "boca", que poderia ser entendida também como a boca do corpo, Ele explica mais claramente o que quer dizer: "Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem".[12] É certo que nenhum desses males pode ser executado pelos membros do corpo, sem que antes sejam precedidos por um mau pensamento, e isso é o que contamina um homem, mesmo que as ações sujas e perniciosas dos membros do corpo não aconteçam. Estará alguém livre da culpa de um crime de homicídio só porque à sua mão não foi dada a oportunidade de matar? Ou, deixará alguém de ser ladrão em sua intenção só porque não é capaz de remover a posse alheia como deseja? Ou, se um homem puro desejar uma mulher impura, não ficou impuro o seu coração? Ou, alguém que procura uma meretriz no bordel, mas não a encontra, não cometeu fornicação em sua mente? Ou, se em algum tempo ou lugar alguém desejar prejudicar seu vizinho por meio da mentira, já não tem levantado falso testemunho no interior de sua boca? Ou, não será culpado do crime de blasfêmia alguém que diz em seu coração: "Não há Deus",[13] mas, por temer aos homens, não pronuncia essa blasfêmia com a sua língua? Então, todas as outras ações maléficas dos homens que não são externadas com movimentos no corpo, e que não sejam completamente realizadas, tornam os homens responsáveis por elas; mesmo que eles as façam ocultamente são culpados, pois essas ações já são contaminações por consentimento do pensamento, isto é, pelas palavras más contidas na boca interior, no coração. Temendo ter seu coração inclinado para estas coisas, o Salmista pediu a Deus que a porta da continência seja colocada nos lábios da boca interior, de forma que ela não se inclinasse para palavras más. Isto também significa o não permitir que os pensamentos maus avancem para o seu consentimento e, assim, de acordo com o preceito do Apóstolo: "Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeças às suas paixões; nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumento de iniquidade".[14] Não cumprem esse preceito aqueles que não movem seus membros para o pecado somente quando não há força para realizar tais ações; pois, se pudessem, logo apresentariam o pecado reinando nas ações de seus membros. Desse modo, até onde é possível, eles oferecem seus membros para o pecado como instrumentos de iniquidade, porque desejam isso; e aqueles que não o fazem, porém, é porque estão sem condições de fazê-lo.

II. 5. Por essa razão, aquela virtude de modéstia que refreia os membros genitais do corpo, e que é usual e corretamente chamada de continência, não é violada se a mais alta continência, da qual nós estamos falando, a do coração, é mantida. Por isso, quando nosso Senhor disse: "Do coração procedem maus desígnios", exemplificou-os, imediatamente: "assassinatos, adultérios" e assim por diante. Ele não mencionou todos; mas, nomeando certamente alguns, para ilustrar, pretendeu assim que os outros também pudessem ser entendidos. De todos esses, nenhum pode ser executado a menos que seja precedido por um mau pensamento, pelo qual se planeja, interiormente, o que será

executado exteriormente. E isso, ao proceder da boca do coração, já contamina o homem; embora não seja, de fato, realizado exteriormente nos membros do corpo, por falta de capacidade para tal. Quando, então, a porta da continência é colocada na boca do coração, de onde vem tudo o que contamina o homem, nada impuro é permitido sair de lá; e o resultado disso é uma pureza pela qual a consciência pode alegrar-se, embora ainda não seja alcançada uma perfeita continência que não precise lutar mais contra o vício. Porém, agora, a "inimizade da carne contra o espírito e do espírito contra a carne"[15] é suficiente para não consentir os males que nós sentimos dentro de nós. Pois, quando o consentimento acontece, sai da boca do coração aquilo que contamina o homem. Mas, quando através da continência o consentimento da concupiscência carnal não é concebido, não há contaminação, pois contra ela luta uma "concupiscência", noutro sentido, espiritual.

A continência e a carne: uma luta

III. 6. Uma coisa é lutar bem, como agora o fazemos, resistindo à morte; e outra coisa é não ter um adversário, que será o caso quando a morte, nosso último inimigo, for destruída.[16] Enquanto a continência resiste e contém as nossas paixões, ao mesmo tempo, busca o bem da imortalidade, para o qual nós tendemos, e rejeita o mal contra o qual nesta presente mortalidade combatemos. Verdadeiramente, ela ama e aguarda o primeiro, mas é inimiga e testemunha contra o segundo; ela busca a nobreza, e evita o desprezível. A continência não labutaria contra os desejos se não tivesse neles algo que impede que sejamos livres, e se não ganhasse nada para o nosso bem nessa luta contra a concupiscência má. Quanto a isso, o Apóstolo proclama: "porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo".[17] Agora, é possível o bem ser realizado, quando não nos rendemos à concupiscência má; mas o bem é completado ou aperfeiçoado, porém, quando não mais existir a concupiscência. E do mesmo modo, na mesma *Epístola*, o Doutor dos Gentios proclama: "porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo, nos meus membros, outra lei que guerreia contra a lei da minha mente".[18]

III. 7. Não experienciam esta luta dentro de si aqueles que não são defensores das virtudes e vencedores dos vícios, nem os que nada fazem para jogar fora o mal da concupiscência, mas só jogam fora o bem da continência. Há alguns que, totalmente ignorantes da Lei de Deus, não consideram as concupiscências más como inimigas, mas, miseravelmente presos às suas próprias escravidões, consideram-se a si mesmos como bastante felizes quando as acumulam, ao invés de suprimi-las. De fato, pela Lei eles as conhecem – "pela lei vem o pleno conhecimento do pecado",[19] e "eu não teria conhecido a cobiça", diz o Apóstolo, "se a lei não dissera: não cobiçarás"[20] –, mas são vencidos pelos seus ataques, porque vivem sujeitos à Lei, que exige o que é bom, mas não o dá. Não vivem sujeitos à graça que, através do Espírito Santo, dá o que é exigido

pela Lei. A estes, a Lei foi dada para que o pecado pudesse abundar.[21] Assim, é proibindo a concupiscência e tornando-a invencível que a transgressão (que não existe sem Lei, e muito menos sem pecado) sobressai, "pois onde não há lei, também não há transgressão".[22] Desse modo, quando a Lei proíbe o pecado, não havendo a ajuda da graça, ela se torna uma força para o pecado, como o próprio Apóstolo diz: "A força do pecado é a lei".[23] E não é nada bom sabermos que a fraqueza humana utiliza a força da Lei, que é boa, para realizar o mal, quando tenta cumprir a Lei confiada em sua própria força.[24] Ignorando a justiça de Deus (da qual necessita a fraqueza humana, mesmo quando busca estabelecer a sua própria justiça), o homem não se submete à justiça de Deus e, por isso, torna-se réprobo e orgulhoso.[25] Mas, quando alguém se torna um transgressor e é ferido tão severamente que precise de um médico, é a Lei que, como um pedagogo, o conduz até a graça. Contra a suavidade nociva pela qual a concupiscência estava, antigamente, vencendo a batalha, o Senhor dá uma suavidade benéfica pela qual a continência é mais desejada e, assim, "nossa terra produz seu fruto",[26] o fruto pelo qual o soldado, com a ajuda de Deus, combate o pecado.

III. 8. A tais soldados, a trombeta apostólica convoca para a batalha com este brado: "Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões; nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniquidade; mas oferecei-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça. Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da Lei, e sim da graça".[27] E em outro lugar: "Assim, pois, irmãos, somos devedores, não à carne como se constrangidos a viver segundo a carne. Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente vivereis. Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus".[28] Assim, é estando a nossa vida mortal debaixo da graça que o pecado, isto é, a concupiscência do pecado (como o pecado às vezes é denominado) não reina em nosso corpo mortal. Ela, porém, reina somente quando seus desejos são obedecidos. Há, de fato, a concupiscência do pecado dentro de nós, e ela precisa ser impedida de reinar; há desejos que precisam não ser obedecidos, ou, caso contrário, eles reinarão sobre quem lhes obedece. Portanto, não deixemos que a concupiscência usurpe para si, mesma nossos membros, mas deixemos à continência reivindicá-los para si, para que eles possam servir de instrumentos da justiça de Deus, e não sejam instrumentos de iniquidade para o pecado. Desse modo, o pecado não terá domínio sobre nós; pois, não estamos debaixo da Lei que, de fato, prescreve o bem, porém não o concede; mas estamos debaixo da graça que, fazendo-nos amar o que a Lei prescreve, pode imperar livremente sobre nós.

III. 9. Além disso, quando somos atenciosos ao toque da trombeta apostólica para não vivermos de acordo com a carne (que nos leva à morte), mas para mortificarmos as

ações da carne através do Espírito (pelo qual podemos viver), os sons dessa trombeta nos mostram claramente a guerra na qual estamos comprometidos, e, também, nos desperta a lutar ferozmente para matarmos os nossos inimigos, antes que sejamos mortos por eles. Na realidade, esses inimigos são muitos; e são eles, isto é, as obras da carne, que desejamos mortificar. Como está dito: "Mas, se, pelo Espírito, mortificardes as obras da carne, vivereis". E, para sabermos quais são essas obras, escutemos, novamente, o que diz o Apóstolo na sua *Epístola aos Gálatas*: "Ora, as obras da carne são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, embriaguez, glutonarias e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já, outrora, vos prescrevi, que não herdarão o reino de Deus".[29] Ao expressar essas coisas, o Apóstolo estava anunciando essa guerra e, com a mesma trombeta divina e espiritual, convocava os soldados de Cristo para matarem esses inimigos. Antes, ele tinha dito apenas: "Digo, porém: andai em Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne. Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja o vosso querer. Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei".[30] Com isso, ele deseja que os que estão constituídos debaixo da graça se comprometam nesta batalha con-
tra as obras da carne. E, para identificar estas obras da carne, ele acrescentou a passagem que acima citei:
"Ora, as obras da carne são conhecidas e são: fornicação" etc.; e não somente essas mencionadas, mas, também, as que, a partir delas, estão subentendidas; pois ele especialmente acrescentou: "e coisas semelhantes a essas". Contudo, nessa batalha contra esse exército carnal, o Apóstolo coloca outro exército de ordem espiritual: "o fruto do Espírito", que é: "amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra tais coisas não há lei".[31] Ele não diz "contra essas", para que não creiamos que não haja outras; e, ainda que ele tivesse dito "essas", nós deveríamos ser obrigados a entender todos os outros tipos de bens que podemos pensar. Mas, ele diz: "contra tais", significando, certamente, contra coisas semelhantes a essas. Todavia, dentre essas coisas que ele mencionou está a continência (sobre a qual nós temos empreendido uma vasta discussão e já temos falado muito), que ele colocou em último lugar, desejando imprimi-la, especialmente, em nossas mentes. Assim, verdadeiramente, nesta guerra em que o Espírito luta contra a carne, esta virtude é especialmente poderosa, uma vez que ela crucifica as muitas concupiscências da carne. É por isso que, ao tratar disso, o Apóstolo imediatamente acrescenta: "E os que são de Cristo Jesus crucificam a carne, com as suas paixões e concupiscências".[32] Essa é a ação da continência e, dessa maneira, as obras da carne são postas à morte. Todavia, quando estas obras não são dominadas pela continência, elas se deixam ser arrastadas pela concupiscência e consentem com seus feitos.

A força humana, somente, não vence a concupiscência

IV. 10. Para não nos apartarmos da continência, devemos ser especialmente vigilantes contra as desleais sugestões diabólicas, sem presumirmos de nossas próprias forças. Pois, como diz o profeta Jeremias, "maldito o homem que confia no homem".[33] E quem é esse homem? Quem confia em si, sendo homem, não poderá afirmar, com verdade, que não põe sua confiança no homem. Sendo assim, o que é viver segundo o homem senão viver segundo a carne? Escutem, pois, aqueles que se sentem tentados por tal sugestão e tremem quando percebem que carecem desse senso cristão; ouçam, pois: se viverdes segundo a carne, morrereis.

IV. 11. Mas, alguém pode replicar: uma coisa é viver segundo o homem, e outra coisa é viver segundo a carne. Porque o homem, certamente, é uma criatura racional, e nele está uma alma racional, pela qual se distancia de tudo. A carne, porém, é a parte fraca e terrena do homem, e viver segundo essa parte é um defeito. Nesse caso, quem vive segundo o homem, seguramente não vive segundo a carne; mas vive segundo a parte do homem pela qual ele é homem, isto é, vive segundo o espírito de sua mente, pela qual ele é superior a tudo. Tal discussão poderia ter algum valor nas Escolas dos filósofos.[34] Mas, para nós entendermos o Apóstolo de Cristo, devemos nos acostumar com o estilo dos Escritos cristãos.[35] Certamente, desde que Cristo veio, é uma matéria de fé para todos nós que o Verbo de Deus assumiu uma completa humanidade, e não uma humanidade sem alma, como sustentam alguns heréticos.[36] Entretanto, nós lemos: "E o verbo se fez carne".[37] Que significa carne aqui, senão homem? "E toda carne verá a salvação de Deus".[38] Que quer isso dizer senão todo o homem? "A ti virá toda a carne".[39] Quem há de vir senão todo homem? "Assim como lhe conferiste poder sobre toda carne".[40] Que quer isso dizer senão todo o homem? "Pelas obras da lei nenhuma carne será justificada".[41] Que significa isso, senão que nenhum homem será justificado? E, em outro lugar, o Apóstolo diz isso mais claramente: "Sabemos, contudo, que o homem não é justificado pelas obras da lei".[42] Aos Coríntios, ele repreende: "Não é assim que sois carnais e andais segundo o homem?"[43] Quando os chama de carnais, ele não diz: "Vós andais segundo a carne", mas afirma: "Andais segundo o homem". E, neste caso, o que significa andar "segundo o homem" senão andar "segundo a carne"? Se fosse culpável viver segundo a carne e virtuoso andar segundo o homem, ele não repreenderia dizendo: "Vós andais segundo o homem". Receba o homem a repreensão, mude seu propósito, evite a ruína. Escuta, homem: não andes segundo o homem, mas segundo Aquele que fez o homem. Não te apartes daquele que te fez nem para buscar a ti mesmo. Isso nos diz um homem que não vivia segundo o homem: "Não que, por nós mesmos, sejamos capazes de pensar alguma coisa como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus".[44] Não poderia viver segundo o homem quem verdadeiramente disse essas palavras. Admoestando-nos o Apóstolo a não vivermos segundo o homem, retorna o homem para Deus. Quando alguém não vive

segundo o homem, mas segundo Deus, certamente não vive segundo si mesmo, porque também é homem. Quem vive segundo o homem, vive segundo a carne, como temos indicado, pois, ao citar a carne, o Apóstolo está se referindo ao homem, da mesma maneira que se compreende todo o homem quando se cita a palavra *alma*. Onde se diz: "Toda alma esteja sujeita às autoridades",[45] nada mais é do que "todo homem"; e quando é dito: "Setenta e cinco almas saíram do Egito com Jacó",[46] quer-se dizer: 75 homens.[47] Não vivas, ó homem, segundo ti mesmo! Por isso, tens perecido, mas estás sendo buscado. Repito: não vivas segundo ti mesmo; pois tens perecido e te encontraram. Não acuses a natureza da carne quando ouvires dizer: "Se viverdes segundo a carne, morrereis", pois também poderia ser dito assim: "Se viverdes segundo vós mesmos, morrereis". O diabo não tem carne; e, não obstante, porque quis viver segundo si mesmo, não permaneceu na verdade.[48] Sendo assim, por que seria estranho o que verdadeiramente diz a Verdade sobre ele ao afirmar que, por viver segundo si mesmo, "quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio"?[49]

Desculpas para o próprio pecado

V. 12. Quando, entretanto, tu ouvires: "O pecado não reinará em vós", não confies em ti mesmo, para que o pecado não te domine, mas confies nele, a quem aquele santo disse quando estava orando: "Firma os meus passos na tua palavra, e não me domine iniquidade alguma".[50] Mas, para que não nos exaltemos quando ouvirmos: "O pecado não terá domínio sobre vós", nem atribuamos isto à nossa própria força, o Apóstolo acrescentou: "pois não estás debaixo da Lei, e sim da graça".[51] Portanto, a graça é a causa de o pecado não ter poder sobre ti. Assim, não confies em ti mesmo, para que assim o pecado não tenha mais domínio sobre ti. E quando nós ouvimos: "Se pelo Espírito mortificardes os feitos do corpo, certamente vivereis",[52] não podemos jamais atribuir esse bem ao nosso espírito, como se ele, em si mesmo, pudesse fazer essas coisas. E, para que nós não facultemos esse sentimento carnal a um espírito morto antes que mortificador, o Apóstolo fortemente acrescenta: "pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus".[53] Assim, quando nosso espírito opera a mortificação das obras da carne, é o Espírito de Deus que age e concede a continência pela qual nós reprimimos, dominamos e vencemos a concupiscência.

V. 13. Nesta magna batalha, o homem que vive sob a graça (e com a ajuda dela luta bem), exulta no Senhor com tremor. Mas, ainda há, nos mais leais combatentes e naqueles que mortificam as obras da carne, algumas chagas do pecado. E, para sanar essas chagas, esses lutadores dizem, cotidianamente: "Perdoa-nos as nossas dívidas".[54] Contra os vícios e contra o Diabo – príncipe e rei do vício –, eles lutam acirrada e vigilantemente mediante muitas orações, de maneira que as sugestões mortíferas do Diabo, com as quais ele incita os pecadores a negarem seus pecados, em vez de assumi-

los, não têm poder algum. Sendo assim, aquelas chagas não só não são curadas, mas, embora ainda não mortalmente, esses homens podem ser profunda e fatalmente infectados. É justamente aqui onde necessitamos de uma mais cautelosa continência, pela qual o homem possa coibir seus desejos orgulhosos, ao invés de se passar por inculpável; e, quando pecar, estar convicto de que pecou, aceitando sua própria acusação com saudável humildade, e não procurar desculpas por ruinoso orgulho. Para coibir tal orgulho, o salmista, cujas palavras eu citei acima e recomendei tanto quanto fui capaz, pediu ao Senhor a continência dizendo: "Põe guarda, Senhor, à minha boca; vigia a porta de meus lábios. Não permitas que meu coração se incline para o mal". E, para explicar mais claramente por que disse isso, acrescentou: "para a prática da perversidade".[55] O que, de fato, é mais maligno do que aquelas palavras pelas quais um homem mal nega que é mal, embora completamente convencido de ter realizado uma obra má que ele não pode negar? E, desde que ele não pode ocultar o ato, nem dizer que é um ato bom, nem mesmo negar que o ato foi feito por ele, procura deslocar e se referir a outro ato que tem feito, como se pudesse, com isso, escapar da sanção. Não querendo ser culpado, aumenta a sua culpa; e, por negar e não assumir seus pecados, esquece que o castigo não lhe é removido, e, sim, o perdão. Quando os juízes são homens e podem enganar-se, parece oportuno, pelo menos por um momento, purgar uma culpa por meio de qualquer falácia. Porém, com Deus, que jamais se engana, nós precisamos utilizar, não uma defesa falaciosa, mas uma verdadeira confissão de pecados.

V. 14. Há alguns que, sendo acostumados a desculpar os seus pecados, queixam-se de que são impelidos pelo destino a pecarem, como se as estrelas lhes impusessem isso, e como se, primeiramente, os céus determinassem tais coisas, e os homens as cometessem depois. Outros, defendendo que todas as coisas acontecem por circunstâncias casuais, preferem culpar o acaso pelos seus pecados; e ainda asseveram alegremente que essa convicção não é uma questão de fortuita temeridade, mas de planejado raciocínio. Que tipo de loucura, então, é atribuir suas controvérsias à razão e, ao mesmo tempo, submeter suas ações ao acaso? Outros atribuem todo o mal que fazem ao diabo, e negam ter alguma relação com ele. Apesar de poderem imaginar que o diabo os têm persuadido com ocultas sugestões, não podem duvidar de que eles consentem com aquelas sugestões, não importando de onde elas venham. E há também outros que estendem suas desculpas em acusação contra Deus. Esses, pelo julgamento de Deus são miseráveis; e pelas suas próprias fúrias, blasfemos. Contra Deus, inventam – como princípio contrário – a substância rebelde do mal, que Deus não poderia ter resistido sem que misturasse, com essa substância rebelde, uma parte de sua própria natureza e substância, tornando-a contaminada e corrompida. Então, quando pecam, dizem que a natureza do mal prevalece sobre a natureza divina.[56] Esta é a mais ridícula loucura dos Maniqueus, cujas maquinações diabólicas são muito facilmente superadas pela inquestionável verdade da incontaminável e incorruptível natureza de Deus. Que perversa contaminação e corrupção podemos imputar àqueles por quem Deus, que é suma e incomparavelmente bom, está sendo considerado como contaminado e corruptível?

Deus, até do mal, faz o bem

VI. 15. Há também aqueles que, ao desculpar os seus pecados, acusam Deus, dizendo que esses pecados lhe agradam. Se esses pecados desagradassem a Deus, dizem eles, certamente Ele, por sua onipotência, não permitiria que fossem cometidos; como se Deus, de fato, não punisse os pecados, mesmo no caso daqueles a quem Ele livra da eterna punição pela remissão dos pecados. Ninguém recebe o perdão da culpa de um pecado sem ter pago algum tipo de penalidade, embora menor do que a merecida; e, dessa maneira, a graça da misericórdia é exercida sem comprometer a justiça da disciplina. E mesmo o pecado que parece estar sem penalidade tem seu correspondente castigo: ou a amargura, se admite a culpa; ou a cegueira, se não a admite. Logo, dizes tu: "por que Ele permite, se não lhe agrada?". E eu digo: "por que castiga, se o agrada?". Assim, confesso eu que essas coisas simplesmente não poderiam acontecer se não fossem permitidas pela onipotência de Deus; por outro lado, confessas tu que aquelas coisas que são punidas por um Deus justo não deveriam ser realizadas, para que, não fazendo o que Ele castiga, merecêssemos saber por que Ele permite o que castiga. "Mas o alimento sólido", como está escrito no *Livro dos Hebreus*, "é para os maduros",[57] e é através desse alimento que aqueles que já têm amadurecido entendem que pertence à onipotência de Deus permitir os males para que o livre-arbítrio tenha o seu lugar. Visto que sua bondade é onipotente, Ele pode realizar o bem até mesmo a partir do mal: quer seja perdoando; quer seja curando; quer seja adaptando e transformando o mal, utilizando-o para o bem; ou até mesmo punindo-o mais justamente. Todos esses atos são bons e mui dignos de um Deus bom e onipotente, e não seriam realizados se não houvesse o mal. O que, então, é melhor e mais onipotente do que Ele que, embora não realize nenhum mal, extrai o bem até mesmo do mal? Os que têm feito o mal clamam a Ele: "Perdoa-nos as nossas dívidas";[58] Ele escuta e perdoa. E os que têm sido prejudicados pelos seus próprios pecados, Ele vem e ajuda-os, e cura as suas fraquezas. Contra os inimigos de seus servos, Ele mostra o seu furor; e utiliza esse furor para fazer esses servos mártires. Enfim, Ele condena aqueles a quem julga dignos de danação; e, enquanto eles padecem seus próprios males, Ele faz o que é bom. Não é possível para o que é justo não ser bom; e, certamente, como é injusto o pecado, a sua punição é justa.[59]

VI. 16. Não faltou a Deus, contudo, poder para formar um homem que não pudesse pecar. Mas Ele preferiu formá-lo com a possibilidade para pecar, se desejasse, e para não pecar, se não tivesse vontade: aquela, o proibiu; esta, o preceituou. Consequentemente, teria o homem, em primeiro lugar, um bom mérito (se não pecasse), e, posteriormente, a justa recompensa de não poder mais pecar.[60] No fim, Deus fará isto com os seus santos, de tal modo que eles não serão mais capazes de pecar. Tal já é agora a situação de seus anjos, os quais nós amamos, e que, sem medo, temos a certeza de que nenhum deles pode tornar-se um diabo pelo pecado. Não presumimos isso de nenhum homem justo nesta vida mortal, mas nós confiamos que tudo será assim na imortalidade da vida futura.

Que tipos de bens o Deus onipotente – que tira o bem do mal – nos concederá quando tiver nos libertado de todos os males? Muito poderia ser dito mais fluentemente e sutilmente acerca do bom uso do mal, mas não temos essa pretensão neste *Tratado*.

Continência e justiça igualmente tendem à paz

VII. 17. Agora, então, vamos retornar para aquilo que estávamos falando anteriormente. A continência é necessária para nós, e reconhecemos que ela é uma dádiva divina para nosso coração não se inclinar às palavras más, e para que não inventemos desculpas para os pecados. Mas, que pecado não terá necessidade da continência para ser evitado, desde que ela também, em si mesma, evita que se defenda o pecado cometido com nefasto orgulho? Universalmente, então, a continência é necessária para nos afastarmos do mal. Mas, para fazermos o bem, temos que recorrer a outra virtude, a saber: a justiça. O santo salmista nos adverte isso, quando lemos: "Aparta-te do mal e pratica o que é bom"; e, a fim de que pudéssemos fazer isso, ele acrescenta: "Procura a paz e empenha-te em alcançá-la".[61] Teremos paz perfeita quando nossa natureza se unir inseparavelmente a seu Criador, e quando nada, em nós mesmos, lutar contra nós. O Salvador desejou que entendêssemos isso – pelo menos é o que me parece – quando diz: "Cingido esteja o vosso corpo, e acesas, as vossas candeias".[62] O que significa cingir o corpo? É restringir a libido; e isto é próprio da continência. Mas ter candeias acesas é brilhar e incandescer com obras boas; e isso é próprio da justiça. E Ele não deixou passar em silêncio o motivo pelo qual deveríamos fazer essas obras assim, pois disse na continuação: "Sede vós semelhantes a homens que esperam pelo senhor, ao voltar ele das festas de casamento".[63] Quem assim agir será recompensado quando Ele voltar, pois restringiram o que a concupiscência sugeriu e cumpriram o que a caridade exigiu, para que desse modo reinemos em sua perfeita e sempiterna paz, livres de todo o mal, e desfrutando o supremo prazer do bem.

VII. 18. Todos nós, portanto, que cremos no vivo e verdadeiro Deus, que é supremamente bom e imutável por natureza, e que não faz nem sofre nenhum mal, de quem procede todo bem (bem esse que pode ser diminuído, sem que Ele em si mesmo possa ser menos bondoso), ouvimos o Apóstolo dizer: "Andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne. Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostas entre si; para que não façais o que, porventura, seja o vosso querer".[64] Ao ouvirmos isso, longe esteja de nós crermos na loucura que o maniqueísmo professa, isto é, que aqui há duas naturezas de princípios contrários (uma do bem e a outra do mal), e que elas estão em conflito entre si.[65] De fato, essas duas naturezas são boas; o espírito é bom e a carne é boa. E o homem, que consiste de ambas (uma imperante, e a outra servente), é bom, ainda que mutável. Isto não poderia ser assim, a menos que o homem fosse feito pelo Bem imutável, de quem procede todo bem, grande ou pequeno. E não importa quão pequeno o bem seja, ainda

assim é obra do Grande Bem; e ainda que seja um grande bem, não pode ser comparado com a grandeza do seu Criador. De fato, nesta natureza do homem, bem estabelecida e organizada pelo grande Bem, há também guerra, por causa de suas debilidades e fraquezas. Quando a debilidade é curada, há paz. Mas essa debilidade, que decorre da culpa, não é natural. E essa culpa, a graça de Deus já tem removida dos fiéis por meio da lavagem da regeneração. Porém, a natureza do homem ainda está em conflito com suas debilidades, e precisa de tratamento. Em tal conflito, uma saúde perfeita só seria possível com a vitória completa; uma saúde não temporal, mas eterna, onde não apenas esta debilidade teria um fim, mas nenhuma outra poderia surgir. Consequentemente, o homem justo fala para sua alma e diz: "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nem um só de seus benefícios. Ele é quem perdoa todas as tuas iniquidades; quem sara todas as tuas enfermidades".[66] Mostra-se propício com as iniquidades quando perdoa os pecados; e cura as doenças quando controla os desejos maldosos. Mostra-se propício com as iniquidades através da indulgência; e cura as fraquezas concedendo a continência. O primeiro é feito no batismo, aos confessantes; o segundo é dado no conflito, aos combatentes; e nesse conflito nós precisamos superar nossas fraquezas com a ajuda da continência. Além disso, o primeiro se realiza também agora quando nós oramos, dizendo: "Perdoa-nos as nossas dívidas"; e o outro quando Ele nos escuta clamando: "e não nos deixes cair em tentação".[67] Porque, como disse o Apóstolo Tiago, "cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz".[68] Contra tal ataque, recorremos à ajuda medicinal daquele que pode curar todos os tipos de fraqueza sem precisar tirar qualquer natureza estranha a nós, mas apenas reparando a nossa própria natureza. Por isso, o Apóstolo Tiago não diz simplesmente: "Cada um é tentado pela sua cobiça", mas especifica: "por sua própria cobiça", para que, seja quem for que ouça isso, saiba como deve suplicar: "Disse eu, compadece-te de mim, Senhor; sara a minha alma, porque pequei contra ti".[69] Então, a alma não teria necessidade alguma de ser curada, a menos que ela não tivesse sido prejudicada pelo pecado e sua própria carne não lutasse contra ela, ou seja, se ela não tivesse que lutar com a parte que, na carne enferma, é repugnante.

A carne tem desejos contrários aos do espírito, não por sua natureza, mas por vício

VIII. 19. A carne não deseja nada sem a mediação da alma; mas a carne luta contra o espírito quando a alma, através da concupiscência carnal, luta contra ele. Eis o que somos. A carne, que morre quando a alma se aparta dela, é a nossa parte ínfima, não é abandonada definitivamente, mas é colocada à parte para ser recebida novamente e, quando for recebida, não será jamais abandonada. De fato, "semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual".[70] Então, finalmente, quando em si mesma também for chamada espiritual, a carne não desejará nada contra o espírito; pois, desde que viverá eternamente, não só não desejará nada contra o espírito, mas até mesmo viverá sem

qualquer necessidade de alimento corporal. Portanto, oremos e diligentemente roguemos para que estes dois elementos, que agora lutam um contra o outro dentro de nós (pois consistimos de ambos), possam estar em harmonia e acordo. Nenhum dos dois são inimigos nossos, mas sim a imperfeição, pela qual a carne luta contra o espírito. E, quando essa imperfeição for curada, não mais existirá. Daí, ambas as substâncias serão salvas, e não haverá qualquer conflito entre elas. Ouçamos o Apóstolo: "Eu sei", disse ele, "que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum".[71] O que ele quer dizer é que a imperfeição da carne (que é boa) não é um bem, e, quando ela for eliminada, a carne ainda subsistirá, porém não mais imperfeita. E o mesmo Apóstolo, para mostrar que carne pertence à nossa natureza, afirma, primeiramente: "eu sei que em mim"; e, para explicar isso, acrescenta: "isto é, na minha carne, não habita bem algum". Desse modo, ele afirma que sua carne é ele mesmo. A carne, então, não é nossa inimiga; e quando seus vícios são resistidos, a amamos e cuidamos dela, "porque ninguém jamais odiou a própria carne",[72] como diz o Apóstolo. E em outro lugar ele afirma: "de maneira que eu, de mim mesmo, com a mente, sou escravo da lei de Deus, mas, segundo a carne, da lei do pecado".[73] Quem tem ouvidos para ouvir, ouça: "de maneira que eu", mente e também carne; com a mente, porém, escravo da lei de Deus; mas com a carne serve à lei do pecado. O que significa, então, dizer que com a carne ele é escravo da lei do pecado? Acaso está ele consentindo com a concupiscência carnal? Jamais! É que ele sente na carne um movimento de desejos contra a sua vontade. Contudo, por não consentir com esses desejos em sua mente, é escravo da lei de Deus e restringe seus membros para que não possam se tornar instrumentos do pecado.

VIII. 20. Há em nós, portanto, desejos maus; mas, se não consentimos com eles, não vivemos maldosamente. Há em nós as concupiscências do pecado; mas, se não lhes obedecermos, não realizaremos o mal, ainda que não seja efetuado qualquer bem quando as sentimos. E o Apóstolo mostra ambos os casos, a saber: que nem é perfeito o bem, onde o mal é desejado; nem é realizado o mal, onde a concupiscência não é satisfeita. O primeiro, de fato, é expresso quando ele diz: "O querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo";[74] e ele mostra o segundo quando afirma: "Andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne".[75] Na primeira passagem, ele não diz: "fazer o bem não está presente em mim", mas "o efetuá-lo"; e na outra, ele não diz: "e jamais tereis desejos da carne", mas: "e jamais satisfareis à concupiscência da carne". Portanto, ocorrem em nós desejos maus sempre que os permitimos, mas eles não são satisfeitos quando, sendo escravos da lei de Deus com a mente, restringimos as paixões. E o bem é feito quando não realizamos o mal, porque triunfa em nós o deleite santo. Mas a perfeição do bem não é alcançada enquanto a carne, sendo escrava da lei do pecado, nos inclina aos desejos ilícitos. Embora seja restringida, ela ainda age; pois não precisaria ser restringida se não agisse. Há de ser cumprida a perfeição do bem: quando realmente for consumido o mal. Aquele, estará no auge; este, será nulo. Porém, se pensarmos que isto é para ser esperado nesta vida mortal, erramos. Essa perfeição existirá quando não

houver morte e a vida for eterna. Naquela era e naquele reino, teremos o supremo bem, quando e onde o amor à sabedoria será o mais elevado possível, e o trabalho da continência será desnecessário. Se, porém, a carne está isenta do mal, isto é, do defeito pelo qual o homem está viciado e corrupto (não porque foi feito mal, mas porque a si mesmo se fez assim), ela não é má. Cada parte do homem, tanto a alma quanto o corpo, foram feitos bons por um Deus Bom, e foi o próprio homem que fez o mal que o tornou mau; e, embora ainda esteja absorvido da culpa de seu pecado pelo perdão, ele ainda luta, através da continência, contra a sua própria natureza defeituosa, e assim não pensará que foi leviano o que fez. Nesta batalha diária, não apenas o pecado, mas também a concupiscência (com a qual nós entramos em conflito quando não consentimos e pela qual nós pecamos quando consentimos), é diminuída; pois nenhum vício poderá reinar naqueles sobre os quais aquela paz futura está para vir.

VIII. 21. Estamos certos de que a carne luta contra o espírito, porque nenhum bem habita em nossa carne e porque a lei em nossos membros luta contra a lei de nossa mente. Não há mistura de duas naturezas de princípios contrários, mas há uma divisão de uma contra si mesma, imposta como consequência do pecado. Não foi assim em Adão, antes de nossa natureza desprezar e ofender ao seu Autor, e escutar e obedecer ao enganador. Esta não é a vida constitutiva do homem criado, mas a consequência do castigo do homem condenado. Aqueles que têm sido libertados desta condenação pela Graça de Jesus Cristo são livres, embora ainda lutem contra esta condenação, sem saúde perfeita, têm a garantia da plena saúde. Contudo, aqueles que não estão libertos são culpados dos pecados e envolvidos em sua punição. Além disso, depois desta vida, a punição da culpa durará eternamente para aqueles que são culpados; já os livres permanecerão eternamente sem culpa e sem castigo, e ambas as substâncias, espírito e corpo, permanecerão boas, pois o Bom e Imutável Deus as criou boas, embora mutáveis. Elas subsistirão, então, melhoradas; e jamais serão mudadas para pior, quando cada mal estiver completamente consumido: tanto aqueles que o homem cometeu injustamente como os que ele sofreu justamente. Quando esses males forem completamente destruídos (o da iniquidade precedente e o outro da infelicidade consequente), a vontade do homem será reta, sem qualquer oscilação. Nesse momento, ficará claro e notório para todos o que agora muitos fiéis creem, mas poucos entendem: que o mal não é uma substância, e que, como uma ferida no corpo (ferida essa que é em si um defeito), ele começou a existir com o começo da defecção do homem, e deixará de existir quando sua saúde estiver completamente restaurada. Como será cada uma dessas nossas substâncias quando todo mal estiver destruído em nós, e o nosso bem aumentado e aperfeiçoado até o ápice da abençoada imortalidade e incorrupção? Vivemos agora nesta corrupção e mortalidade, onde "o corpo corruptível é uma carga sobre a alma",[76] e, como disse o Apóstolo: "o corpo está morto por causa do pecado".[77] Mas como serão essas substâncias se, contudo, o Apóstolo dá testemunho de nossa carne, isto é, da nossa parte débil e terrena, dizendo que: "Ninguém jamais odiou a própria carne", e imediatamente acrescenta: "antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a Igreja"?[78]

A carne não é um mal

IX. 22. Qual é, não digo o erro, mas a loucura dos maniqueus, quando atribuem nossa carne a algumas fabulosas pessoas das trevas, afirmando que elas já possuem, desde o começo, essa natureza má, diante da veraz exortação do Apóstolo aos homens para amarem suas esposas como a sua própria carne, dando, para esse fim, o exemplo de Cristo e de sua Igreja? Toda essa passagem da Epístola apostólica, excessivamente pertinente aqui, diz: "Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a Igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para apresentar a si mesmo Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito. Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama. Aí então, ele adiciona o que citei anteriormente: ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a Igreja".[79] O que diz sobre isso a insanidade dessa torpe impiedade? O que dizer disso, maniqueus? Vocês tentam nos impor duas naturezas sem princípios, uma do bem e outra do mal,[80] e não quereis ouvir a Epístola apostólica, que vos corrige deste sacrilégio perverso. Assim, do mesmo modo como vocês leem: "a carne milita contra o espírito",[81] e: "na minha carne, não habita bem algum"; deveriam ler também: "ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a Igreja".[82] Da mesma forma que vocês leem: "mas vejo, nos meus membros, outra lei que guerreia contra a lei da minha mente,[83] devíeis ler também isto: "Assim como Cristo amou a Igreja, também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo".[84] Não sejais astuciosos no uso do primeiro grupo de passagens da Escritura Sagrada, nem surdos com o outro, e sereis corretos em ambos. Porque, se aceitais estas últimas como devem ser interpretadas, vocês entenderão a verdade das primeiras passagens.

IX. 23. O Apóstolo tem chamado nossa atenção para três distintas uniões: Cristo e a Igreja, marido e mulher, espírito e carne. Destas, a primeira cuida das outras; e as últimas servem à primeira. Todas são boas, e mantêm a beleza da ordem entre si: algumas como superiores e outras convenientemente sujeitas. Quanto à maneira de como devem se comportar nos seus relacionamentos um com o outro, o marido e a esposa recebem um preceito e um exemplo. O preceito é: "As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher e maridos, amai vossa mulher".[85] O exemplo da Igreja, portanto, é dado para as esposas, e o de Cristo para os maridos: "Como a Igreja", diz o Apóstolo, "está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido".[86] Do mesmo modo, depois de dar aos maridos o preceito de que eles devem amar suas esposas, ele apresenta o exemplo: "como também Cristo amou a Igreja".[87] Mas aos maridos, o Apóstolo ainda instrui, não

apenas pelo elevado exemplo de seu Senhor, mas também através de um exemplo inferior, isto é, por meio de seu próprio corpo. Ele não diz apenas: "Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a Igreja, que é o exemplo por excelência"; mas também diz: "Assim também os maridos devem amar sua mulher como ao próprio corpo",[88] porque ambos os exemplos são bons, tanto o excelente quanto o inferior. Quanto ao comportamento da mulher, porém, não nos é dado o exemplo do corpo da carne para mostrar como ela deve ser sujeita ao seu marido, como a carne ao espírito. Ou o Apóstolo desejou que isso, embora omitido, fosse entendido como consequência de sua exposição; ou, possivelmente porque, uma vez que na condição desta vida mortal a carne milita contra o espírito, ele não quis sustentar isso como um exemplo de submissão para as esposas. Mas o citou para os maridos, porque ainda que o espírito lute contra a carne, esse o faz para o bem da carne. Já quando a carne luta contra o espírito, ela nem faz o bem ao espírito, nem sequer a si mesma. Por outro lado, um espírito bom poderia não fazer o bem para sua carne (seja alimentando e cuidando dela pela providência, ou resistindo a seus vícios pela continência), se não se reconhecesse que Deus, demonstrando seu decoro da ordem, é o criador de ambas as substâncias, tanto do espírito como da carne. Por que é, portanto, que vocês em verdadeira insanidade e jactância se consideram cristãos, se com tamanha perversidade contendem com as Escrituras Cristãs; com seus olhos fechados, ou melhor, realmente cegos, afirmam que Cristo apareceu aos mortais numa carne aparente;[89] que a Igreja, em sua alma, pertence a Cristo, mas em seu corpo pertence ao diabo; que os sexos, macho e fêmea, são obras do diabo, e não de Deus; e que a carne está unida ao espírito como uma substância má adere a uma substância boa?

Os erros dos maniqueus

X. 24. Se estas declarações que citamos das Epístolas do Apóstolo parecem não decisivas, escutem ainda outras, se vocês têm ouvidos. O que disse o mais insano maniqueu sobre a carne de Cristo? Que ela não era verdadeira, e sim aparente. Mas o que o abençoado Apóstolo tem a dizer sobre isso? "Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado de entre os mortos, descendente de Davi, segundo o meu Evangelho".[90] E o próprio Cristo disse: "Apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem osso, como vedes que eu tenho".[91] Como pode haver verdade na doutrina maniqueia, se ela ensina que a carne de Cristo era falsa? Como poderia Cristo ser isento de todo mal se nele houvesse tamanha mentira? Certamente, para esses homens demasiado puros, a carne verdadeira é algo mau; no entanto, defender a carne falsa como verdadeira não o é. Para eles, é um mal a carne de Cristo, enquanto descendente da semente de Davi;[92] porém, não seria um mal a língua de Cristo dizer falsamente: "Apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem osso, como vedes que eu tenho". E o que diz acerca da Igreja o sedutor dos homens nesse mortífero erro? Diz que: quanto à alma, a Igreja pertence a Cristo; mas, quanto ao corpo, pertence ao Diabo. E o que acerca disso

afirma, com fé e verdade, o Doutor dos gentios? "Não sabeis", diz ele, "que os vossos corpos são membros de Cristo?"[93] E o que diz a respeito dos sexos masculino e feminino o filho da perdição? Diz que os dois sexos não procedem de Deus, mas sim do Diabo. E o que diz sobre isso o vaso eleito? "Porque, como provém a mulher do homem, assim também o homem é nascido da mulher; e tudo provém de Deus".[94] O que diz o espírito imundo, através do maniqueísmo, sobre a carne? Que ela é uma substância má, criada, não por Deus, mas pelo inimigo.[95] E o que diz o Santo Espírito, através de Paulo, acerca disso? "Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo".[96] E logo após: "Deus dispôs os membros, colocando cada um deles no corpo, como lhes aprouve".[97] E mais adiante acrescenta: "Deus coordenou o corpo, concedendo muito mais honra àquilo que menos tinha, para que não haja divisão no corpo; pelo contrário, cooperem os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros. De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos se regozijam".[98] Como, então, é má a carne, visto que até suas próprias almas são aconselhadas a imitarem a harmonia de seus membros? Como é ela obra do inimigo, visto que as próprias almas que governam os corpos, para não ter discórdias em si, devem seguir o exemplo dos membros do corpo, e anelam ter, pela graça, o que Deus concedeu ao corpo por natureza? Corretamente escreveu Paulo aos Romanos, dizendo: "Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus".[99] Em vão discutiremos que as trevas não são a luz, nem a luz, trevas, se, nos corpos pertencentes às pessoas das trevas, fosse possível apresentar um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus.

A carne e a Igreja: uma comparação

XI. 25. Mas, dizem eles: Onde está a semelhança para se comparar a carne com a Igreja? Porventura a Igreja milita contra Cristo, já que o Apóstolo disse que "a Igreja está sujeita a Cristo"?[100] Claramente, a Igreja está sujeita a Cristo e, por isso mesmo, o espírito milita contra a carne para que a Igreja esteja completamente sujeita a Ele. Por outro lado, a carne milita contra o espírito porque a Igreja ainda não recebeu a perfeita paz que lhe foi prometida. Por essa razão, a Igreja está sujeita a Cristo por causa da promessa da salvação, enquanto a carne milita contra o espírito por sua própria fraqueza. Porque, não foi para os não membros da Igreja que se disse: "Digo, porém, andai em Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne. Porque a carne milita contra o Espírito e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja o vosso querer".[101] Estas coisas falou ele para a Igreja, a qual, se não estivesse submissa a Cristo, o espírito não poderia lutar contra a concupiscência carnal, através da continência, nem mesmo teria condições de abster-se de tal

concupiscência. Porém, enquanto a carne militar contra o espírito, esse pode não fazer o que ela deseja, isto é, pode não cumprir a concupiscência da carne. Assim, por que não reconhecemos que a Igreja está sujeita a Cristo nos homens espirituais, e que os carnais militam contra Ele? Porventura não lutavam contra Cristo aqueles a quem foi dito: "Acaso Cristo está dividido?[102], e ainda:
"Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, e sim como a carnais, como a crianças em Cristo. Leite vos dei a beber, não vos dei alimento sólido; porque ainda não podíeis suportá-lo. Nem ainda agora podeis, porque ainda sois carnais. Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnais e andais segundo o homem?"[103] Contra quem o ciúme e a contenda militam senão contra Cristo? Por si próprio, Cristo, apesar de não amá-las, cura estas concupiscências da carne. Por isso, a santa Igreja, enquanto tiver tais membros, não está sem mancha nem ruga. A esses são acrescentados aqueles pecados pelos quais clama diariamente toda a Igreja, dizendo: "e perdoa-nos as nossas dívidas".[104] Para que não pensemos que os homens espirituais estão completamente livres desses pecados, e muito menos alguns dos homens carnais, afirmou aquele que descansou sobre o peito do Senhor, "aquele a quem ele amava":[105] "se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós".[106] Assim, em todo pecado, tanto o maior dos maiores, como o menor dos menores, há concupiscência contra a justiça. E de Cristo está escrito: "o qual se tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção".[107] Portanto, em todo o pecado, há, sem dúvida alguma, concupiscência contra Cristo; mas quando Ele, "que sara todas as nossas enfermidades",[108] conduzir a Igreja à prometida cura das fraquezas, não haverá nenhum de seus membros com qualquer mancha ou ruga. Então, a carne não mais militará contra o espírito e, portanto, também, não haverá motivo pelo qual o espírito milite contra a carne. Com isso, toda essa batalha terá um fim; e haverá uma excelente harmonia entre essas duas substâncias. Nada será carnal, visto que até a carne, em si, também será espiritual. O caminho no qual agora vivem os que seguem a Cristo – lutando, na sua carne, contra a concupiscência má, restringindo-a para curá-la (pois ela não está sarada), e nutrindo e alimentando sua natureza boa (pois "ninguém jamais odiou a sua própria carne") –, também é o mesmo caminho feito por Cristo com a Igreja, quando comparamos as coisas pequenas com as grandes. Ele a controla com suas correções, para que ela não seja dissolvida pela impunidade; e a reanima pelas consolações, para que ela não pereça sob o peso de sua fraqueza. Quanto a isso, nós temos as palavras do Apóstolo: "Porque, se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas, quando julgados, somos disciplinados pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo";[109] e aquelas palavras dos Salmos: "Nos muitos cuidados que dentro de mim se multiplicam, as tuas consolações me alegram a alma".[110] A perfeita saúde de nossa carne, então, deverá ser esperada para aquele tempo quando a Igreja de Cristo obtiver a plena segurança.

A falsa continência dos maniqueus e dos hereges

XII. 26. Estes pontos que mencionamos já seriam suficientes para defender a verdadeira continência contra a enganosa continência dos maniqueus. Seriam suficientes também para atestar que o frutuoso e glorioso labor da continência, ao restringir nossa parte ínfima (o corpo) da imoderação e prazeres ilícitos, não seja considerado como um hostil assalto, e sim como um castigo saudável. O corpo é, por natureza, diferente da alma, mas não é estranho à natureza do homem. A alma não é composta pelo corpo, mas o homem é composto de alma e corpo; e, certamente, quando Deus torna o homem livre, Ele o liberta por completo.[111] O Salvador, por si mesmo, assumiu a natureza humana completa, designando libertar a totalidade com a qual nos havia criado. Quanto àqueles que sustentam opiniões contrárias a esta verdade, qual é então a vantagem que eles têm ao conter suas paixões? O que neles pode ser limpo pela continência, uma vez que a continência, para eles, é algo sujo? Nem sequer podemos chamar isso de continência. Na verdade, pensar isso seria sustentar um veneno diabólico, enquanto a continência é um dom de Deus. Mas nem todo aquele que sofre algo, ou que sofre mais tolerantemente algum tipo de dor, tem aquela virtude chamada paciência, que também é um dom de Deus. Há muitos que suportam numerosos tormentos para não denunciar os seus próprios crimes, nem aqueles que maldosamente são cúmplices dele; outros, para satisfazer a mais ardente paixão, para obtenção ou para não perder aqueles objetos nos quais estão presos pelas garras de um constrangido amor; outros, pelos vários e perniciosos erros nos quais são presos. Longe esteja de nós dizer que algum destes possuem a verdadeira paciência. Do mesmo modo, não podemos dizer que todos os que contêm algo (mesmo aqueles que, de uma maneira maravilhosa, contenham os muitos prazeres da carne ou da mente) possuem aquela continência, de cuja utilidade e beleza nós estamos aqui falando. Certas pessoas (e pode parecer estranho dizer isto), por incontinência, se contêm a si mesmas. Por exemplo, uma mulher poderia reter-se da relação com o seu marido porque já teria jurado isso a um amante. Outros se contêm por injustiça, como é o caso quando um cônjuge não cumpre o seu dever conjugal com o outro, porque ele ou ela já dispensa e supera tais apetites da carne. Além disso, alguns "são continentes" enganados por uma falsa fé, pondo sua confiança na vaidade ou mesmo pretendendo-a. Entre estes estão todos os heréticos e aqueles que estão sendo enganados por algum erro em nome da religião. A continência de tais pessoas seria verdadeira, se a fé que eles têm também o fosse. Mas, porque não podemos chamar a "falsa fé" de fé, esta "continência" não é digna de tal nome. Estamos dizendo, com isso, que a continência que falamos como sendo um dom de Deus é um pecado? Longe de nossos corações tão detestável loucura! Contudo, o abençoado Apóstolo diz: "Tudo o que não provém de fé é pecado".[112] Portanto, aquilo onde não há fé não pode ser chamado de continência.

XII. 27. Há também alguns que, servindo aos espíritos malignos, são "continentes" quanto a certos desejos do corpo, mas satisfazem seus desejos execráveis, a cujos

impulsos e ardor não podem resistir. Mencionarei apenas um exemplo, para não me estender nesta discussão. Alguns não tocam suas próprias mulheres – de tão puros que são –, mas são diligentes nas artes mágicas para se aproximarem das mulheres alheias.[113] Oh! Admirável continência! Na verdade: crime e imundícia singular! Pois, se essa fosse a verdadeira continência, melhor seria para o adultério a sua perpetração, que a concupiscência carnal restringisse o dever conjugal. A continência conjugal limita a concupiscência da carne e lhe impõe moderação, de modo que não permite, até mesmo dentro do próprio matrimônio, nenhuma licença para a imoderação. Guarda-se essa moderação: ou quando se paga o que é devido à fragilidade do cônjuge; ou quando decidem, por consentimento mútuo, privarem-se um do outro, por algum tempo, para se dedicarem à oração (fato que o Apóstolo permite, mas não o exige por mandamento);[114] ou quando se unem para a procriação de filhos, que foi, no passado, o único motivo para as relações sexuais entre os santos patriarcas. Quando a continência age assim, isto é, quando modera e limita – na medida certa – a concupiscência da carne em pessoas casadas, e ordena seus inquietos e desordenados movimentos para certos fins, ela usa bem o mal do homem, para o tornar bom e perfeito, tal como Deus também usa o homem mau por causa daqueles a quem Ele aperfeiçoa no bem.

A continência rege não somente o corpo, mas principalmente o espírito

XIII. 28. Nunca digamos, portanto, que a continência – da qual a Escritura diz: "E já era sabedoria o saber que ela (continência) é um dom de Deus"[115] – pertencem àqueles que servem aos erros ou superam alguns desejos menores para satisfazer outros que, pela grandeza, não podem superar. A verdadeira continência, aquela que vem do alto, não deseja reprimir certos males para motivar outros, mas cura todos os males, através do bem. Deixe-me, resumidamente, descrever suas atividades. Primeiro, é dever da continência reprimir e curar todos os prazeres da concupiscência que são opostos aos prazeres da sabedoria. Portanto, reduz a sua verdadeira função todos aqueles que limitam a ação restringidora da continência apenas para os desejos do corpo. Melhor a define quem não acrescenta a palavra "corpo", uma vez que o governo de todas as luxúrias e paixão pertence à continência. Quando essa paixão é um vício, não o é apenas do corpo, mas também da alma. Pois os prazeres corporais que estão na raiz da fornicação e da embriaguez (inimizades, contendas, rivalidades, e, por fim, ódio) porventura não estão nos movimentos e perturbações da alma? O Apóstolo, porém, chamou a tudo isso obras da carne (tanto os vícios que estão ligados à mente, como os que são propriamente da carne), pois ele chamou de carne o homem em si.[116] Estas obras realmente são do homem, e não se referem a Deus, já que o homem, quando as executa, vive segundo si mesmo, e não segundo Deus. Entretanto, há outras obras humanas que poderiam ser chamadas obras de Deus: "porque Deus", diz o Apóstolo, "é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar".[117] E também: "pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus".[118]

XIII. 29. Assim, quando o espírito do homem se une ao Espírito de Deus, milita contra a carne, isto é, contra si mesmo. Mas essa luta é em seu próprio benefício, pois as ações que ele executa por causa da fraqueza adquirida (tanto as da carne como as da alma, que são segundo o homem, e não segundo Deus) são restringidas pela continência, gerando saúde. Com isso, o homem que não vive segundo o homem pode dizer: "Logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim".[119] Onde não vive o "eu", vive-se mais feliz; pois sempre que alguma ação má, segundo o homem, se levanta, aquele que com a mente serve a Deus, diz: "Quem faz isto já não sou eu".[120] Para estes, de fato, são dirigidas aquelas palavras que nós, como seus companheiros e parceiros, também devemos escutar: "Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra; porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória".[121] Entendamos para quem são ditas estas palavras; e o que é mais importante: escutemos-nas mais atentamente. O que é mais óbvio do que elas? O que é mais evidente? Certamente, elas são endereçadas a quem já ressuscitou com Cristo, não ainda na carne, mas na mente. O Apóstolo os chama de "mortos" e, por isso mesmo, mais vivos, pois "vossa vida", diz ele, "está oculta juntamente com Cristo, em Deus". De tais mortos é o dito: "Logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim".[122] Portanto, esses, cujas vidas estão ocultas em Deus, são aconselhados e incitados a mortificarem seus membros que estão sobre a terra, pois na continuação do texto diz: "Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena". E, para que alguém não pense que tais pessoas devem realmente mortificar os membros visíveis do corpo, o Apóstolo imediatamente os descreve: "prostituição, impureza, paixão, lascívia, desejo maligno e a avareza, que é idolatria".[123] Acaso poderíamos pensar que estes que já estão mortos, cujas vidas estão ocultas com Cristo em Deus, ainda fornicam? Ainda vivem nos costumes e obras impuros? Ainda servem às perturbações das más concupiscências e da avareza? Que homem louco poderia pensar tal coisa? O que é, então, que eles mortificam pela atividade da continência, senão estas muitas ações que nos interpelam, sem o consentimento de nossa mente e sem a operação dos membros de nosso corpo? E como são essas mortificadas pela continência, senão pelo não consentimento delas em nossa mente, e não lhes oferecendo os membros do corpo como instrumentos? Quanto maiores forem essas ações más, maior precisa ser a vigilância da continência para que até mesmo se as nossas próprias cogitações forem, de certo modo, afetadas pelas sugestões e sussurros maus, sejam evitadas (para que não sejamos iludidos), e sejam convertidas para refletir coisas mais elevadas e que dão mais prazer. É por isso que essas ações são mencionadas no texto: não para serem vividas, mas para serem abandonadas; porém, elas só serão abandonadas se nós escutarmos, com eficácia, o princípio dito pelo Apóstolo: "Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus.

Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra".[124]

Deve-se lutar constantemente contra os vícios da carne

XIV. 30. Quando, porém, menciona essas ações, o Apóstolo acrescenta: "Por estas coisas é que vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência".[125] Isso ele fez para infundir nos fiéis um salutar temor para que eles não pensem que podem viver nesses vícios e, ainda assim, serem salvos unicamente pela sua fé. Contra essa opinião e na mais manifesta desaprovação temos as palavras do Apóstolo Tiago: "Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?"[126] Por isso, disse o Doutor dos Gentios (na passagem que há pouco citamos): que a ira de Deus vem sobre os filhos da desobediência por essas ações más. Quando, porém, ele diz: "Ora, nessas mesmas coisas andastes vós também, noutro tempo, quando vivíeis nelas", mostra claramente aos fiéis que eles já não vivem mais nessas obras. Para elas, eles estão mortos, uma vez que suas vidas estão escondidas com Cristo em Deus. E, não vivendo nelas, eles são ordenados a mortificarem tais coisas. As obras más não viviam neles; eles é que viviam nelas, como há pouco indiquei. Do mesmo modo, chamavam de membros os vícios que habitavam nos seus membros (fazendo uso da maneira de falar que toma o conteúdo pelo que o contém), do mesmo modo como é dito que o fórum inteiro fala, quando na verdade quem fala são os homens que estão no fórum. Por essa mesma figura de linguagem cantou o salmista: "Prostra-se toda a terra perante ti",[127] isto é, todos os homens que estão sobre a terra.

XIV. 31. Logo em seguida o Apóstolo diz: "Agora, porém, despojai-vos, igualmente, de tudo isto",[128] e menciona outros males. Por que não é suficiente para ele dizer apenas: "Despojai de tudo isso", mas acrescenta e enfatiza o "vos"? Foi para que os fiéis não pensassem que poderiam viver impunes se realizassem esses males, acreditando que a sua fé os livraria da ira de Deus que vem sobre os filhos da desobediência que tais vícios realizam e que vivem sem fé. Ele disse: "despojai-vos, igualmente" de todos os males sobre os quais a ira de Deus que vem sobre os filhos da desobediência, todavia, não prometeu impunidade para os que os cometem, por causa dos méritos da fé. O Apóstolo não diria: "despojai-vos" para aqueles que já se despojaram desses males, que não consentem em tais vícios, nem dão seus membros como seus instrumentos, se não fosse necessária, à vida mortal dos santos, tal atividade. Enquanto o espírito milita contra a carne, a magna intenção é (através da suave santidade, do amor à castidade, do vigor espiritual, e da formosa continência): resistir às paixões, aos imundos desejos e às ações carnais e torpes. Assim é que se despojam dos vícios os que estão mortos para eles, isto é: os que nem vivem neles, nem os consentem. Assim se despojam, repito, através de uma ininterrupta continência para que esses males não ressuscitem. Qualquer um que se sentir seguro e cessar de despojar esses males, é certo que os vícios se levantarão com ímpeto contra a fortaleza da mente, e a reduzirá à servidão, mantendo-a num deformado cativeiro. E, então, o pecado reinará no corpo mortal do homem, levando-o a obedecer

aos seus desejos. Com isso, ele apresentará os seus membros "ao pecado como instrumentos de iniquidade",[129] e "seu último estado será pior do que o primeiro".[130] Muito mais tolerável é não ter começado este combate, do que, tendo começado, abandonar o conflito e, de um bom lutador e vencedor, tornar-se um cativo. Por isso, o Senhor não disse: "ao que começar", mas: "Aquele, porém, que perseverar até o fim será salvo".[131]

XIV. 32. Entretanto, se estamos lutando ferozmente para não sermos vencidos nessa luta, ou se estamos vencendo com uma facilidade surpreendente e inesperada, vamos dar a glória a quem nos deu a continência. Lembremo-nos daquele justo que disse na sua abundância: "Jamais serei abalado", demonstrando como audacioso era atribuir para si próprio o que lhe foi dado do alto. Aprendemos isto da sua própria confissão, pois imediatamente acrescenta: "Tu, Senhor, por teu favor fizeste permanecer forte a minha montanha; apenas voltaste o rosto, fiquei logo conturbado".[132] O Governador de todas as coisas, através de sua medicinal providência, abandonou o salmista por um pouco de tempo para que ele não abandonasse (com um orgulho ruinoso) aquele que tudo governa. Portanto, se aqui – onde lutamos para conter e reduzir nossos vícios a nada –, ou se lá, no fim futuro – onde estaremos livres de todo e qualquer inimigo e peste –, tudo o que acontecer conosco é salutar e, sendo assim, "aquele que se gloria, glorie-se no Senhor".[133]

1 Cf. Sb 8,21.
2 Mt 19,11.
3 1Cor 7,7.
4 Sl 141(140),3.
5 Aqui, Agostinho está criticando a moral maniqueia, que prescrevia a observância das três regras, selos ou marcas (s*ignacula*), a saber: "*signaculum oris, manuum et sinus* – selo da boca, das mãos e dos seios" (*De mor. Eccl. cath. et mor. man.,* II, 10, 19), mais especificamente do primeiro selo, através do qual exigia-se dos adeptos da seita um autopoliciamento para não proferir qualquer palavra nociva: blasfêmias, mentiras etc., conforme atesta Santo Agostinho, na supracitada obra: "É próprio do selo da boca a abstenção de toda blasfêmia, que consiste em falar mal dos bons; e daqui a opinião geralmente admitida de que a blasfêmia são palavras más contra Deus; porque da bondade dos homens se pode duvidar, já com relação à de Deus nunca" (*Ibid.,* II, 11, 20). Para um maior aprofundamento do tema, recomendamos nossa obra: COSTA, Marcos Roberto Nunes, *Maniqueísmo: história, filosofia e religião*, Vozes, 2003, cap. 4 – *A moral maniqueia*, p. 88-111. Ver, também, nota n. 47.
6 Sl 141(140),3-4.
7 Aqui, conforme comenta ARENDT, Hannah, *Entre o passado e o futuro,* Trad. de Mauro W. Barbosa de Almeida, Perspectiva, 1992, p. 188-220, em relação aos filósofos antigos, especialmente Aristóteles, Agostinho mudou radicalmente os termos do problema da liberdade, ao fazer dela a essência da vontade, e não a ação dela decorrente. Para Agostinho, a vontade opera até mesmo na ausência total da ação. Pois "o querer é uma faculdade interior, que não precisa se expressar em ação para possuir sua essência. Podemos obrigar alguém a fazer alguma coisa, mas nunca a querê-la" (BIGNOTTO, Newton, *O conflito das liberdades: santo Agostinho*, em *Síntese Nova fase*, Belo Horizonte, v. 19, n. 58, 1992, p. 333). Assim sendo, em Agostinho, a liberdade do homem é experimentada, em primeiro lugar, em sua relação consigo mesmo, com seus desejos, com suas limitações. Só num segundo momento, a presença de outros homens, assim como das instituições sociais e políticas vão ter sua importância. Para Agostinho, a escolha por si só já é uma ação, mesmo que não se manifeste no mundo exterior. A interiorização da vontade e da ação significa transformar a moral individual em moral das intenções, pois cada ato resulta de uma decisão da vontade, cuja essência não é o "fazer", mas a intenção. Nesse

caso, toda responsabilidade recai sobre a intenção, pois, "se ela é boa, mas nos enganamos na hora do agir, o ato é bom, pois a vontade escolheu corretamente; se, ao contrário, nos enganamos na escolha, mas praticamos o bem, ainda assim, o ato é ruim, pois a intenção o era [...] A moral é uma moral da intenção" (GILSON, *apud* BIGNOTTO, 1992, p. 342).

8 Mt 23,26.

9 Mt 15,11.

10 Mt 15,16-17.

11 Mt 15,18.

12 Mt 15,19-20.

13 Sl 14(13),1.

14 Rm 6,12-13.

15 Gl 6,17.

16 Cf. 1Cor 15,26.

17 Rm 7,18.

18 Rm 7,22-23.

19 Rm 3,20.

20 Rm 7,7.

21 Cf. Rm 5,20.

22 Rm 4,20.

23 1Cor 15,56.

24 A partir daqui, ao introduzir a necessidade da graça divina para que o homem possa vencer o mal, a obra torna-se não só antimaniqueia, mas também antipelagiana.

25 Cf. Rm 10,3.

26 Sl 85(84),13.

27 Rm 6,12-14.

28 Rm 8,12-14.

29 Gl 5,19-21.

30 Gl 5,16-18.

31 Gl 5,22-23.

32 Gl 5,24.

33 Jr 17,5. Aqui Agostinho critica os pelagianos, os quais, mantendo-se numa linha naturalista, ou intelectiva, afirmam que a graça divina foi concedida a todos os homens no momento do nascimento. Todos temos esse dom, ele é inerente à nossa natureza, que é essencialmente boa. Daí que, "para ascender à santidade, não precisamos de uma graça diferente da que nos foi obtida, de uma vez por todas, pelo Salvador. A boa vontade é suficiente, se ao menos se apropria dos meios. Ou seja, a graça específica de Cristo torna-se inútil, sendo idêntica à graça genérica da criação; essa graça é suficiente para a santidade" (GILBERT, 1999, p. 49). Agostinho, por sua vez, reconhece que os princípios defendidos pelos pelagianos – de que toda natureza em si é boa, uma vez que todo ser vem de Deus, e que o livre-arbítrio da vontade é a única causa do mal – devem ser tomados como axiomáticos. Entretanto, para não ter que negar a graça divina, ou "para não tornar inútil a cruz de Cristo", é forçado a defender que a natureza humana encontra-se decaída, impossibilitada de levantar-se por conta própria.

34 Além dos pelagianos, aqui Agostinho critica os filósofos, os quais acreditavam que o homem, por suas próprias forças, ou mediante um esforço puramente racional, podia alcançar a perfeição. É por isso que, apesar de reconhecer a grande contribuição dos neoplatônicos, especialmente Plotino, cuja doutrina do *Noûs* é análoga ao *Verbo* de São João (*cf*. *Conf*. VII, 9, 13 e *De civ. Dei* X, 29, 2), Agostinho lamenta que tais filósofos tenham caído em um lamentável fracasso, porque sua soberba envergonhava-os de confessar a encarnação do Verbo. Agostinho dedicaria três livros inteiros do *Sobre a Cidade de Deus* (Livro VIII a X, intitulados, respectivamente, "Teologia Natural e Filosófica", "Cristo Mediador" e "O Culto ao Verdadeiro Deus"), para elogiar a filosofia platônica, mas também para mostrar os seus limites, ou seja, que pela razão filosófica não se chega à verdade, mas, tão somente, a uma falsa verdade, ou soberba.

35 Nas *Confissões*, ao narrar a importância que a filosofia neoplatônica teve em sua conversão, Agostinho mostra que, apesar de serem os que mais se aproximam das verdades da fé, que chegaram aos últimos limites do que a razão humana pode dizer de Deus, nos neoplatônicos faltava um último degrau para se alcançar a verdade; que estes, ao identificarem o *Verbo* de Deus com o *Noûs,* ou razão natural, esqueceram que o *Verbo* não é somente Deus, mas Deus encarnado; que o "Verbo se fez carne e habitou entre nós". Entendemos que, mais tarde, depois de convertido, Agostinho diria que os "filósofos" chegaram até as portas do céu, mas não entraram, atolaram-se no seu próprio orgulho racional, ao pensarem que o mais alto grau da felicidade, a eudaimonia, se

encerrava no pleno desenvolvimento da razão natural que eles imaginavam ter alcançado, ou como diz COURCELLES, Dominique de, *Agustín o el genio de Europa*, Trad. de Francisca Santa Cruz L., Caracas, 1998, p. 111: "Os platônicos acreditavam na autonomia espiritual dos homens. Pois, segundo seu discípulo Porfírio, estas teriam sido as últimas palavras de Plotino: 'Esforço-me por fazer remontar o que há de divino em nós ao que há de divino no universo'. Deste modo, o eu de origem divina não esperava uma libertação, só devia tomar consciência de sua origem divina". Por isso, Agostinho, denunciando o seu próprio orgulho racional e, ao mesmo tempo, o dos neoplatônicos, afirma: "Tagarelava a boca cheia como um sabichão, mas, se não buscasse em Cristo Nosso Salvador o caminho para Vós, não seria *perito* mas *perituro*. Já, então, cheio do meu castigo, começava a querer parecer um sábio; não chorava e, por acréscimo, inchava-me com a ciência" (*Conf.,* VII, 20, 26). As palavras de São Paulo mostraram-lhe que a "verdadeira sabedoria", sinônimo de "verdadeira felicidade", não se encontra neste mundo, mas tão somente em Deus, e que este não se atinge pela razão, mas, para alcançá-lo, é preciso transcender a razão; que só mediante a humildade cristã, pela gratuidade de pensamento, por contemplação, o homem pode alcançá-lo.

36 Aqui Agostinho refere-se ao maniqueísmo, o qual seguia o docetismo, que "é uma doutrina gnóstica do séc. II, segundo a qual o corpo de Cristo não era real, porém só aparente, bem como negava que Ele fosse nascido de Maria" (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Novo dicionário da língua portuguesa*, 2ª ed., Nova Fronteira, 1986, p. 605). Ou seja, "os maniqueus atalhavam as dificuldades escriturísticas: rejeitavam em bloco o Antigo Testamento. O Novo aceitavam, sim, mas negando, como interpolado, tudo o que se refere ao Antigo. A genealogia de Cristo era uma destas interpolações. De resto, Cristo não tinha assumido um corpo verdadeiro, mas só um corpo aparente; não podia ter, por isso, uma genealogia" (TRAPÈ, Agostino, *S. Agostino: l'uomo, il pastore, il místico*, Editrice Esperienze, 1971, p. 64).

37 Jo 1,14.

38 Lc 3,6.

39 Sl 65(64),3.

40 Jo 17,2.

41 Rm 3,20.

42 Gl 2,16.

43 1Cor 3,3.

44 2Cor 3,5.

45 Rm 13,1.

46 Gn 46,27.

47 Ao fazer uma leitura alegórica das palavras do Apóstolo, Agostinho pretende demonstrar que, apesar de considerar a alma ontologicamente superior ao corpo, nem por isso o corpo, considerado como parte inferior, deixa de fazer parte da natureza humana, conforme vemos já nas obras compostas como recém-convertido, como em *Solilóquios* I, 12 e no *Sobre a Vida Feliz,* II, 2, e, principalmente, no *Sobre os Costumes da Igreja Católica e os Costumes dos Maniqueus,* onde diz: "Que bem pode existir superior ao homem? É difícil saber se não se examina e resolve antes qual a natureza do homem. Não se trata aqui agora da exigência de definir que é o homem, quando quase todo mundo, ou pelo menos meus adversários (os maniqueus) e eu estamos de acordo com a afirmação de que somos um composto de corpo e alma. A questão é muito distinta: qual das substâncias que mencionamos é a que constitui o homem? São as duas, ou o corpo somente, ou só a alma? – Resposta: O corpo e a alma são duas realidades distintas e nem uma das duas sem a outra é homem; não é o corpo sem a alma que o anima, nem a alma sem o corpo a que dá vida [...]. O que chamamos, pois, homem? É o corpo e a alma, unidos como dois cavalos que puxam uma carruagem ou à maneira de um centauro" (*De mor. Eccl. cath. et mor. man.,* I, 4, 6). Posição essa que seria reforçada nas obras da maturidade, como, por exemplo, no So*bre a Cidade de Deus*, onde diz que não podemos denominar o homem nem só pela alma, nem só pelo corpo: "É grande verdade não ser a alma do homem todo homem, mas sua parte superior, nem seu corpo todo o homem, mas sua parte inferior" (*De Civ. Dei,* XIII, 24). Ou seja, mesmo que a alma seja uma substância superior, ela necessita de um corpo para com ele formar uma substância completa: o homem. Temos, então, uma visão positiva do corpo, como algo que faz parte, também, da natureza do homem, conforme diz na supracitada obra: "Com efeito, o corpo não é apenas ornamento do homem, adjutório exterior; faz parte de sua natureza" (*Idem,* I, 8). Nesse sentido, Agostinho superaria o dualismo maniqueu e/ou platônico, no qual o corpo não passa de um acidente, de algo desnecessário à alma e que, portanto, deve ser desprezado ou neutralizado pelo homem, conforme comenta Stephen Duffy: "Agostinho contempla a pessoa humana como estruturada hierarquicamente, sendo a alma superior ao corpo. Sem embargo, seria precipitado concluir que ele adere simplesmente às tendências neoplatônicas, ao dualismo metafísico. O modelo clássico de pessoa é o de uma mescla ou justaposição de alma e corpo [...]. O modelo do cristianismo primitivo é o de uma unidade e integração [...]. Agostinho se desviou da

antropologia neoplatônica em pontos cruciais: para ele o corpo não é uma prisão da alma; nem tampouco a presença da alma no corpo representa um castigo divino. Antes, pelo contrário, Deus quis que os seres humanos fossem corpo e alma, e os criou desta maneira" (*in:* FITZGERALD, Allan D., org., 2001, p. 86). Ver nosso artigo: COSTA, Marcos Roberto Nunes. *O problema do corpo na filosofia/teologia patrístico-agostiniana*, *in:* COSTA, Marcos Roberto Nunes; CORREIA JUNIOR, João Luiz (orgs.), *Os mistérios do corpo: uma leitura multidisciplinar*, Recife, INSAF, 2004, p. 105-128.

48 Jo 8,44.

49 Jo 8,44.

50 Sl 119(118),133.

51 Rm 6,14.

52 Rm 8,13.

53 Rm 8,14.

54 Mt 6,12.

55 Sl 141(140),3.

56 Neste capítulo, Agostinho critica todos aqueles que buscam uma causa determinística para o mal, especialmente os maniqueus, que, para tal, criaram um sistema ontológico dualista, anunciando a existência de dois princípios originantes: de dois mundos ou duas naturezas, conforme declara Agostinho, criticando-os: "Se os maniqueus quisessem refletir, sem que um zelo funesto os levasse a defender o seu erro, e se temessem a Deus, não blasfemariam impiedosamente ensinando que há duas naturezas, uma boa, a que chamam de Deus, e outra má, não criada por Deus" (*De nat. boni* I, 41. Já, em outras obras antimaniqueias, aparecem outras nomenclaturas, como, por exemplo, no *Contra Fort. man.* I, 14, Agostinho fala de "duas substâncias"; no *De mor. Eccl. cath. et mor. man.,* II, 2,5, no *Contra Felic. man.* I, 17 e no *Contra ep. quam man. voc. fund.* I, 13, de "dois reinos", e ainda no *Contra Felic. man.* I, 17, de "duas terras" ou "dois mundos"; no *Contra Fort. man.* I, 22, fala de "duas raízes"). Ou seja, dois princípios ontológicos, e não dois deuses, conforme diz o maniqueu Fausto, em debate com Agostinho: "É certo que confessamos dois princípios, mas a um chamamos de Deus e ao outro matéria (*hylê)*, ou para utilizar uma expressão comum e frequente, demônio" (*Contra Faust. man.* XXI, 1). Ver capítulo de nosso livro: COSTA, 2003, cap. 3 – *A cosmologia maniqueia*, p. 39-87. Dessa cosmologia dualista, deriva uma moral, igualmente, dualista, em que acreditavam que o homem não era totalmente livre, pois uma de suas partes, o corpo ou a matéria, era ontologicamente má, sendo o homem deterministicamente condenado a praticar o mal, conforme diz Agostinho, em uma de suas obras antimaniqueias, o *Sobre as Duas Almas, Contra os Maniqueus*, ao narrar a sua condição enquanto fora maniqueu: "Acreditava eu que minha liberdade somente poderia se identificar com uma parte de mim mesmo, a minha alma boa. A outra, a maior parte de mim mesmo, era totalmente estrangeira a este oásis da pureza. A febre de minhas paixões, minhas cóleras, minha sexualidade, meu corpo fonte de corrupção e tudo mais pertenciam ao universo onde prolifera a natureza má" (*De duab. an. contra man.* I, 1). Ou ainda o maniqueu Fortunato, em debate com Agostinho, no *Contra Fortunato Maniqueu:* "Fortunato: Nós afirmamos que uma natureza contrária força a alma a pecar" (*Contra. Fort. man.* I, 21). Ver capítulo de nosso livro: COSTA, 2003, cap. 4 – *A moral maniqueia*, p. 88-111.

57 Hb 5,14.

58 Mt 6,12.

59 Para Agostinho, o mal, ou melhor, os efeitos do mal, em nada perturbam a ordem do universo programada por Deus. Pelo contrário, mesmo os efeitos do mal (sinais do mal no universo) são perfeitamente abarcados pela ordem, contribuindo para a harmonia de seu conjunto, conforme diz no *Sobre a Ordem,* respondendo à pergunta se os erros dos néscios também estariam dentro da ordem estabelecida por Deus: "Também a vida inconstante dos néscios não se faz ordenada por eles mesmos, mas a divina Providência a encaixa dentro de uma ordem e a assenta como em certos lugares dispostos por sua lei inefável e eterna, sem permitir-lhe estar onde não deve. Assim considerada em si mesma, com um espírito estreito, nos ofende e enoja por sua fealdade. Mas se levantarmos e estendermos os olhos da mente à universalidade das coisas, nada falaremos que não está ordenado e ocupando um lugar distinto e acomodado" (*De ord.* II, 4, 11). Mais do que isto, Deus pode até fazer bom uso dos males para manter a ordem do universo, como, por exemplo, através do castigo para corrigir o infrator, trazendo-o de volta à ordem. Por isso Agostinho diz: "Que coisa mais horrível que um carrasco? Nem mais truculenta e feia que seu espírito? E, no entanto, tem lugar necessário nas leis e está incorporado à ordem com que se deve reger uma sociedade bem governada. É um ofício degradante para o espírito, mas contribui à ordem alheia castigando os culpados" (*De ord.* II, 4, 12). Não que, com isso, o mal seja algo necessário, ou que passe a ser um bem em si, mas Deus, na sua divina Onipotência, o permite e, uma vez o admitindo, o encaixa na ordem. Por isso, na obra *Sobre o Gênesis Contra os Maniqueus*, rebatendo a pergunta dos maniqueus: "É bom o diabo

porque é útil?" (*De Gn. contra man.* II, 28, 42), Agostinho responde: "Pelo contrário, é mau enquanto é diabo, mas Deus é onipotente e bom, e até das malícias do diabo obra muitas coisas justas e boas. Ao diabo, pois, se lhe imputa sua má vontade, com a qual se esforça para fazer o mal, e à divina Providência os bens que tira do diabo" (*Ibid.,* II, 28, 42). Por isso, por exemplo, "a divina Providência permite que haja muitos hereges com diversos erros, para que, quando nos insultam e nos perguntam coisas que ignoramos, sacudamos a preguiça e nos aguce o desejo de conhecer as Letras divinas. Por isso disse o Apóstolo: 'É necessário que haja heresias, para que entre vós se manifestem os bons'" (*Ibid.,* I, 1, 2). Portanto, diz Agostinho no *Contra a Epístola dos Fundamentos*: "Ele (Deus) permite (o mal), quando o julga conforme a ordem e a justiça, segundo a hierarquia dos seres e os méritos das almas" (*Contra ep. fund.* 4).

60 Esta é exatamente a questão levantada no *Sobre o Livre-Arbítrio*, quando, depois de chegar à conclusão de que a origem do mal está no livre-arbítrio da vontade humana, ainda no final do Livro I, Evódio – interlocutor de Agostinho – questiona: "Mas quanto a esse mesmo livre-arbítrio, o qual estamos convencidos de ter o poder de nos levar a pecar, pergunto-me se aquele que nos criou fez bem de no-lo ter dado. Na verdade, parece-me que não pecaríamos, se estivéssemos privados dele" (*De lib. arb*. I, 16, 35). Ou seja, não será o livre-arbítrio um mal para o homem, visto ser unicamente por ele que pecamos? Não seria melhor que Deus não no-lo tivesse dado? E, uma vez tendo sido dado por Deus, não será Ele responsável indiretamente por nossas más ações? O livre-arbítrio fora dado ao homem para que este viva retamente. Caso contrário, Deus não agiria com justiça, ao castigar o homem infrator por seus pecados, ou ao premiar o benfeitor, por ter usado livremente do livre-arbítrio para o fim a que lhe foi dado. O argumento de Agostinho para defender que o livre-arbítrio fora dado ao homem repousa sobre o princípio da justiça divina. Pois, primeiro, se o homem não tivesse livre-arbítrio, não seria merecedor do castigo, já que seu pecado não seria culposo. Segundo, se o livre--arbítrio tivesse sido dado igualmente para levá-lo a pecar, Deus não poderia castigá-lo. Logo, é necessário que o livre-arbítrio tenha sido dado ao homem unicamente com o objetivo de torná-lo reto, e que o prêmio ou o castigo recaiam sobre o homem com justiça, conforme diz: "É verdade que o homem em si seja certo bem e que não poderia agir bem, a não ser querendo; seria preciso que gozasse de vontade livre, sem a qual não poderia proceder dessa maneira [...]. Há, pois, uma razão suficiente para ter sido dada, já que sem ela o homem não poderia viver retamente. Ora, que ela tenha sido dada para esse fim pode-se compreender logo, pela única consideração de que, se alguém se servir dela para pecar, recairão sobre ele os castigos da parte de Deus. Ora, seria isso uma injustiça, se a vontade livre fosse dada, não somente para se viver retamente, mas igualmente para se pecar. Na verdade, como poderia ser castigado, com justiça, aquele que se servisse de sua vontade para o fim mesmo para o qual ela lhe fora dada?"(*De lib. arb.* II, 1, 3). Portanto, para que a justiça divina recaia sobre o homem, com retidão, é necessário que o homem seja livre: "Se Deus não tivesse outorgado o livre-arbítrio ao homem, não poderia existir nenhum juízo justo que o castigasse, nem mérito ao bem obrar, assim como tampouco o preceito divino de fazer penitência pelos pecados, nem o mesmo perdão dos pecados que Deus nos tem dado por Jesus Cristo nosso Senhor. Com efeito, quem não peca livremente, não peca" (*Contra Fort. man.*, 20). Entretanto, apesar de admitir a premissa de que Deus deu o livre-arbítrio ao homem, para que este viva retamente, e que o homem não pode ser considerado reto ou não, senão sendo livre, mas considerando-se que o livre-arbítrio pode ser usado tanto para o bem como para o mal, Evódio ainda não se dá por satisfeito e pergunta se não seria melhor que o livre-arbítrio fosse dado ao homem para levá-lo unicamente ao bem, assim como foi dada a justiça, da qual ninguém pode se servir a não ser com retidão; ou, então, não seria melhor que Deus não no-lo tivesse dado, mas que o homem fosse deterministicamente programado a fazer só o bem? (Cf. *De lib. arb.,* II, 2, 4.) Contra a objeção de Evódio, Agostinho argumenta que, primeiro, embora o homem possa usar mal da liberdade, a sua vontade livre deve ser considerada como um bem. Para tanto, usando de analogia, diz que, assim como "entre os bens corpóreos, encontram-se no homem alguns de que ele pode abusar, sem que por isso digamos que esses bens não lhe deveriam ter sido dados, pois reconhecemos serem eles bens, que há de espantoso que existam no espírito também abusos de alguns bens, mas que, por serem bens, não pudessem ter sido dados por aquele de quem procede todo bem?" (*De lib. arb*., II, 18, 48). E cita, como exemplo, o caso das mãos, dos pés e dos olhos, com os quais o homem pode cometer ações cruéis ou vergonhosas, mas nem por isso defendemos que o homem carecesse de tais órgãos corporais: "Por conseguinte, do mesmo modo como aprovas a presença desses bens no corpo e que, sem considerar os que deles abusam, louvas o doador, de igual modo deve ser quanto à vontade livre, sem a qual ninguém pode viver com retidão". E conclui: "Deves reconhecer que ela é um bem e um dom de Deus, e que é preciso condenar aqueles que abusam desse bem, em vez de dizer que o doador não deveria tê-lo dado a nós (*Ibid.*). Portanto, para Agostinho, a livre vontade no homem é um bem, e não só um bem, mas algo necessário, pois, mesmo os que vivem vida perversa, possuindo o livre-arbítrio, podem voltar a ter vida reta, caso queiram. Ao contrário, se não o tivessem, não poderiam vir a ter vida reta. Por isso, a livre vontade é um bem necessário, sem o qual ninguém pode viver retamente. Ver nosso artigo: COSTA, Marcos Roberto Nunes, *O*

livre-arbítrio, segundo santo Agostinho: um bem ou um mal? em *Ágora Filosófica* – UNICAP, Recife, ano 7, n. 1, p. 79-98, jan./jun. 2007.

61 Sl 34(33),15.

62 Lc 12,35.

63 Lc 12,36.

64 Gl 5,16-17.

65 Os maniqueus acreditavam que no homem há uma alma ontologicamente boa, um "eu original", consubstancial com Deus ou o Bem, mas que na sua fusão com o corpo se vê envenenada por tendências perversas, passando a ser uma alma má, um "eu demoníaco", uma "consciência sombria" ou uma "inteligência obscura", conforme deixa claro Agostinho no início de sua obra *Sobre a Verdadeira Religião*: "Este opúsculo, porém, vai mui principalmente dirigido contra aqueles (maniqueus) que admitem duas naturezas ou substâncias a lutarem entre si. Pelo fato de certas coisas trazerem infortúnio, e outras produzirem deleite, querem eles que Deus seja o autor não do que os aborrece, mas somente do que lhes agrada. Escravizados por seus costumes e prisioneiros dos laços carnais, sustentam que no mesmo corpo habitam duas almas: uma divina que, naturalmente, é como Deus, e outra oriunda da raça das trevas, a qual não foi criada por Deus. Ele não a produziu nem a repeliu. Essa alma, porém, mantém sua própria vida, sua terra, suas produções e animais. Enfim, possui seu reino e um princípio coeterno" (*De vera rel.* I, 9, 16). A partir de tais palavras, muitos comentadores, dentre eles O'Meara, chegam a dizer que o maniqueísmo admitia a existência de duas almas no homem: "O homem, no maniqueísmo, é um microcosmo: ele traz em si duas partes antagônicas, duas almas: a boa, que vem de Deus, é incapaz de fazer o mal ela mesma, mas, contaminada pela tendência ao mal, que é a concupiscência da carne e que vem do demônio, ela faz aquilo que não deveria fazer" (O'MEARA, John J., *La jeunesse de saint Augustin: son évolution intérieure jusqu' à l'époque de la conversion*, Trad. Jeanne Henri Marrou, Paris, 1954, p. 93). Entretanto, Puech chama atenção de que não se trata de duas almas, mas de duas substâncias: "A dualidade de direito das duas substâncias não comporta – como numerosos críticos têm repetido depois de Agostinho – a existência em cada homem de 'duas almas', uma boa e racional, a outra malvada e irracional: a alma é sempre boa e racional. O que temos é uma alma boa em uma situação cativa, e a oposição não é entre duas almas, mas entre duas naturezas: entre a alma gerada por Deus e o corpo nascido do Demônio" (PUECH, Henri-Charles, *Sul manicheismo e altri saggi*, Trad. de Augusto Combra, Giulio Einaudi Editore, 1995, p. 51). Assim sendo, o ponto de partida para o pecado é, pois, a mescla do bem e do mal, de que a alma boa não é responsável, pois nesse nível está subordinada a necessidade. O pecado é conatural à alma em sua situação carnal. Ou seja, o mal é algo natural e não moral, daí dizer TERZI, Carlo, *Il problema del male nella polemica antimanichea di s. Agostino,* Istituto delle Edizioni Accademiche, 1937, p. 12, que "o mal moral no sistema maniqueu não podia encontrar explicação, porque toda realidade espiritual era entendida materialisticamente" (ou seja, o mal moral, ou o pecado propriamente dito não existe no maniqueísmo, já que não existe a responsabilidade ou culpa pessoal, mas só o mal físico ou cósmico. Ver, também, notas 47 e 56.

66 Sl 103(102),1-3.

67 Mt 6,12-13.

68 Tg 1,14.

69 Sl 41(40),5.

70 1Cor 15,44.

71 Rm 7,18.

72 Ef 5,29.

73 Rm 7,25.

74 Rm 7,18.

75 Gl 5,16.

76 Sb 9,15.

77 Rm 8,10.

78 Ef 5,29.

79 Ef 5,25-29.

80 Ver notas n. 47 e 56.

81 Gl 5,17.

82 Ef. 5,29.

83 Rm 7,23.

84 Ef 5,25-28.

85 Ef 5,22-25.

86 Ef 5,24.

87 Ef 5,25.
88 Ef 5,28.
89 Aqui volta a criticar o docetismo maniqueu, conforme vimos na nota n. 36.
90 1Tm 2.
91 Lc 24,39.
92 Novamente critica o docetismo maniqueu, conforme vimos na nota n. 36.
93 1Cor 6,15.
94 1Cor 11,12.
95 Partindo do princípio judaico-cristão de que todas as coisas foram criadas por Deus a partir do nada (*ex nihilo)*, Agostinho defende que toda natureza não pode ser senão um bem. No *Sobre a Cidade de Deus*, encontramos por diversas vezes a seguinte afirmativa: "Nenhuma natureza, absolutamente falando, é um mal" (*De civ. Dei* XI, 27). E Agostinho argumenta que toda natureza, que em si é boa, recebe a sua bondade de seu grau de participação em Deus, que a fez: "Todas as coisas boas, quer grandes ou pequenas, em qualquer dos seus graus, não podem existir senão por Deus, e toda a natureza, enquanto natureza, é um bem" (*De nat. bon.* I, 1). Mais do que isto, só o bem existe, ou num sentido inverso, onde não existir o bem não existe o ser, e vice-versa: "As coisas em que o modo, a espécie e a ordem são grandes, são grandes bens; as coisas em que são pequenas, são pequenos bens; onde não existem, nenhum bem existe. Finalmente, onde estas três coisas são grandes, são grandes as naturezas; onde são pequenas, são pequenas as naturezas, onde não existem, nenhuma natureza existe. Logo, toda a natureza é boa" (*Idem.* I, 3). Assim sendo, toda natureza é boa, inclusive a matéria – "*hylé"*, que, ao contrário, para os maniqueus era considerada um mal.
96 1Cor 12,12.
97 1Cor 12,18.
98 1Cor 12,24-26.
99 Rm 12,1.
100 Ef 5,24.
101 Gl 5,16-17.
102 1Cor 1,13.
103 1Cor 3,1-3.
104 Mt 6,12.
105 Jo 13,23.
106 1Jo 1,8,
107 1Cor 1,30.
108 Sl 103(102),3.
109 1Cor 11,31-32.
110 Sl 94(93),19.
111 Volta a defender a unidade corpo-alma no homem, conforme vimos na nota n. 47.
112 Rm 14,23.
113 Aqui Agostinho volta a criticar a moral maniqueia dos três selos, a qual prescrevia a observância das três regras, selos ou marcas (s*ignacula),* a saber: "*signaculum oris, manuum et sinus* – selo da boca, das mãos e dos seios" (*De mor. Eccl. cath. et mor. man.,* II, 10, 19); desta feita, o último selo caracteriza--se por uma total continência a todos os prazeres naturais, principalmente os sexuais e de outras naturezas, visto ser a libido ou concupiscência o pior de todos os males para os maniqueus, conforme explica Puech: "Uma vez que a 'concupiscência', a *libido*, é a expressão extrema e mais temível da Matéria, dessa nasce o pecado capital: a fornicação. E quem aspira a recuperar a pureza do seu ser ou a manter-se nessa deve em primeiro lugar fugir das tentações e dos gozos carnais" (PUECH, 1995, p. 63). Por conta disso, os maniqueus pregavam uma condenação radical à procriação ou geração de toda e qualquer espécie, inclusive do próprio homem, por parte da classe dos "eleitos" ou religiosos. Consequentemente, aos religiosos não era permitido casar-se e procriar, uma vez que isso significava a reprodução de almas contaminadas e presas à matéria ou retardamento da libertação definitiva das partículas luminosas encarceradas nos corpos vivos, conforme narra Vannini: "A geração humana, a procriação são, por isso, vistas pelo maniqueísmo como o pecado por excelência. No momento em que cada criança vem ao mundo, prolonga-se a prisão de determinado número de partículas da luz, concentradas no esperma" (VANNINI, Marco, *Invito al pensiero di sant'Agostino*, Milão, 1989, p. 22). Entretanto, Agostinho considera uma falsa moral, visto que, segundo relata no *Sobre os Costumes da Igreja Católica e os Costumes dos Maniqueus*, Agostinho dedica o último livro, intitulado "Os Crimes dos Maniqueus descobertos também em Roma", para relatar os pecados ou erros dos maniqueus vistos por ele, durante os tempos em que fora maniqueu, e, dentre outras coisas, diz: "Durante os nove anos íntegros que ouvi as explicações de vossa doutrina com grande

vigilância e assiduidade, não pude conhecer nem um só de vossos eleitos que, do ponto de vista de vossos preceitos, não tenha sido surpreendido em pecados e não haja dado o que suspeitar. Ouvimos que muitos se davam ao vinho e à carne e aos prazeres do banho; e a outros se lhes acusou, sem possibilidade de réplica, de corruptores das mulheres do próximo" (*De mor. Eccl. cath. et mor. man.* II, 19, 67). Em seguida, Agostinho continua com os relatos dos erros. Mais do que foi dito acima, alguns maniqueus chegaram a defender, baseados no *Livro do Tesouro*, de Mani, que, assim como as partículas de luz eram liberadas dos alimentos quando ingeridos pelos eleitos, da mesma forma acontecia pelo ato sexual, conforme denuncia no *Sobre a Natureza do Bem:* "Entendem esses infelizes enganados e envenenados pelo erro mortífero que, se é por uma união sexual do masculino com o feminino que se prende a natureza de deus que – confessam – se liberta e purifica pela comida, a necessidade desse erro tão nefasto obriga-os a aceitar que não é apenas pelo pão, pelos legumes e pelos frutos (únicos alimentos que eles parecem tomar), mas é também pela união sexual que libertam e purificam a parte de deus aprisionada quando foi concebida num útero de mulher. Houve quem confessasse e declarasse em juízo público ter cometido tais atos [...]. E quando foram interrogados sob que autoridade da Escritura o faziam, citaram o *Tesouro* que há pouco mencionei" (*De nat. bon.* I, 47). Ao contrário dos maniqueus, Agostinho defende ser a união, entre homens e mulheres, uma tendência natural, ontológica, querida por Deus, desde o início da humanidade e tomada pela natureza mesma, essencialmente, social do homem, cujo fundamento último está assentado no famoso tripé de finalidades: a procriação, a fidelidade e o sacramento ou indissolubilidade (cf. *De boni conuig.,* XXIV, 32; *De sanct. virg.,* XII, 12; *De gen. ad litt.,* IX, 7, 12; *De nup. et concup.,* I, 11, 13; *Contra Jul.,* III, 25, 57 e V, 12, 46). Consequentemente, Agostinho tem uma visão positiva de sexualidade; o que caracteriza o pecado sexual não está, propriamente, no ato carnal ou corporal em si, mas na má intenção da vontade do homem que, não conseguindo controlar a sua própria vontade, também não consegue controlar o sexo, provocando a desordem, entre o espírito e a carne. Daí, a necessidade de sabermos distinguir entre a faculdade sensitiva, que é um bem, e a paixão desordenada, que, enquanto desordenada, é um mal: a esta chama, com termo bíblico, concupiscência, conforme esclarece o próprio Agostinho: "Uma coisa é a força do sentido, outra coisa a desordem da concupiscência: distingue estas duas coisas com diligência, se não queres errar gravemente" (*Contra Jul. op. incomp.,* IV, 29). Concretamente, a sexualidade é um bem. A paixão sexual desenfreada ou a luxúria – a má concupiscência –, ao contrário, *enquanto provém e resiste à razão*, é um mal. Não que a concupiscência em si seja um mal, visto que esta nos animais irracionais é um bem, uma vez que nestes não gera conflito, conforme diz no *Contra Juliano, Obra Incompleta*: "Nos animais, a concupiscência não é um mal porque nestes não há o bem da razão; por isso na sua carne não há desejos contrários ao espírito" (*Contra Jul. op. Incomp.,* IV, 58). Portanto, a rigor a concupiscência em si não é um pecado, ou podemos até falar de uma "boa concupiscência", como, por exemplo, a dos animais irracionais e, como vimos anteriormente, aquela encontrada nos primeiros seres humanos antes do pecado original, quando havia perfeita harmonia entre os desejos sexuais e a vontade racional, ou, dito de outra forma, quando esta era perfeitamente controlada pela razão. Para um maior aprofundamento, ver nosso artigo: COSTA, Marcos Roberto Nunes, "Sexo, mulher e matrimônio na doutrina ético-moral de santo Agostinho", em: *Revista Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, ano VIII, fasc. 17, p. 152-179, mai./ago. 2004.

114 Cf. 1Cor 7,6.
115 Sb 8,21.
116 Cf. Gl 5,19-21,
117 Fl 2,13.
118 Rm 8,14.
119 Gl 2,20.
120 Rm 7,17.
121 Cl 3,1-4.
122 Gl 2,20.
123 Cl 3,5.
124 Cl 3,1-2.
125 Cl 3,6.
126 Tg 2,14.
127 Sl 66(65),4.
128 Cl 3,8.
129 Rm 6,13.
130 Mt 12,45.
131 Mt 10,22.
132 Sl 30(29),8.

133 1Cor 1,31.

Coleção PATRÍSTICA

1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué
2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmias
3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma
4. Contra as heresias, Ireneu de Lião
5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão
6. Sermões, Leão Magno
7. A Trindade, S. Agostinho
8. O livre-arbítrio, S. Agostinho

9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho

9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho

9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho

10. Confissões, S. Agostinho
11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho
12. A Graça (I), S. Agostinho
13. A Graça (II), S. Agostinho
14. Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia
15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia
16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho
17. A doutrina cristã, S. Agostinho
18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio
19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho
20. Contra Celso, Orígenes
21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho
22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers
23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo
24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho
25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho
26. *Examerão – os seis dias da criação,* S. Ambrósio

27/1. Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homilias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homilias sobre a Carta aos Efésios, S. João Crisóstomo

27/2. Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homilias sobre a Segunda Carta aos Coríntios, S. João Crisóstomo

27/3. Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, S. João Crisóstomo

28. *Regra Pastoral,* S. Gregório Magno

29. *A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese,* S. Gregório de Nissa

30. *Tratado sobre os Princípios,* Orígenes

31. *Apologia contra os livros de Rufino*, S. Jerônimo

32. *A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência*, S. Agostinho
Títulos originais:
• *De fide et symbolo*

Tradução: *Fabrício Gerardi*

Introdução e notas: *Heres Drian de O. Freitas*

• *De catechizandis rudibus*

Tradução, introdução e notas: *D. Paulo Antonino Mascarenhas Roxo, OPraem*.

• *De disciplina christiana*

Tradução e notas: *Fabrício Gerardi*

Introdução: *Heres Drian de O. Freitas*

• *De continentia*

Tradução, introdução e notas: *Gerson F. de Arruda Júnior* e *Marcos Roberto Nunes Costa*

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*

Coordenação editorial: *Bento Silva Santos*

Supervisão: *Heres Drian de Oliveira Freitas*
Coordenação de desenvolvimento digital: *Erivaldo Dantas*

Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*

Revisão: *Tiago José Risi Leme, Iranildo Bezerra Lopes*

Capa: *Marcelo Campanhã*
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430
A fé e o símbolo [tradução Fabrício Gerardi]; Primeira catequese aos não cristãos [tradução D. Paulo A. Mascarenhas, Roxo, Opraem]; A disciplina cristã [tradução Fabrício Gerardi]; A continência [tradução Gerson F. de Arruda Jr. e Marcos Roberto N. Costa]. – São Paulo: Paulus, 2013 (Coleção Patrística; 32)

Título original: *De fide et symbolo / De catechizandis rudibus / De disciplina christiana / De continentia*
ISBN 978-85-349-3643-9

1. Cristianismo - Símbolos de fé 2. Religião - Aspectos simbólicos 3. Signos e símbolos - Aspectos religiosos - Cristianismo I. Título. II.

Série.

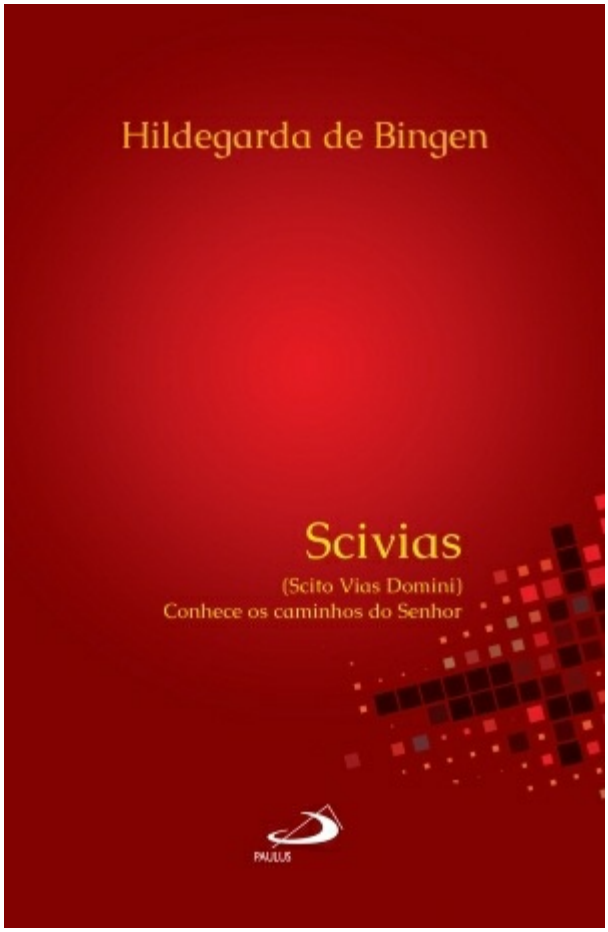
13-04836 CDD-263.9

Índices para catálogo sistemático:
1. Festas e símbolos religiosos 263.9

© PAULUS – 2013

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

eISBN 978-85-349-3774-0


Hildegarda de Bingen
Scivias
(Scito Vias Domini)
Conhece os caminhos do Senhor
PAULUS

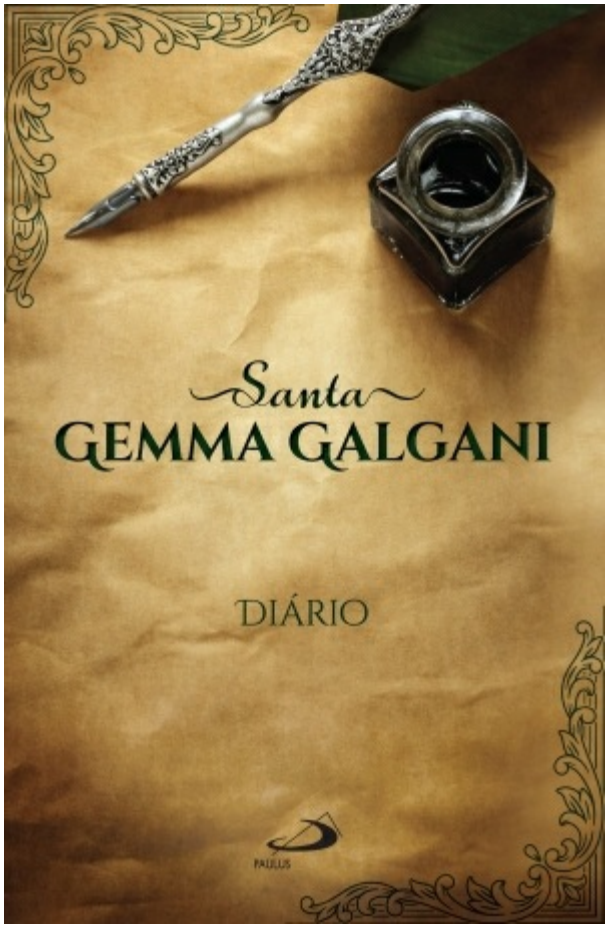
Scivias

de Bingen, Hildegarda
9788534946025
776 páginas

Compre agora e leia

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santifi cação e o fi m do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No fi nal de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

Compre agora e leia


Santa
GEMMA GALGANI
DIÁRIO
PAULUS

Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma
9788534945714
248 páginas

Compre agora e leia

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

Compre agora e leia

DOCAT
Como agir?

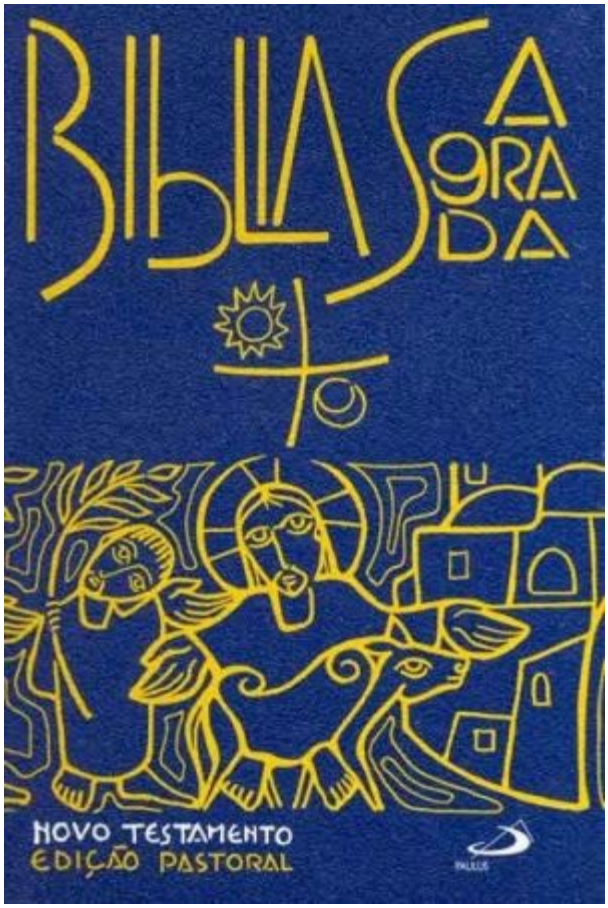
DOCAT

Vv.Aa.
9788534945059
320 páginas

Compre agora e leia

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do Papa Francisco, que manifesta o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

Compre agora e leia


BÍBLIA SAGRADA
NOVO TESTAMENTO
EDIÇÃO PASTORAL
PAULUS

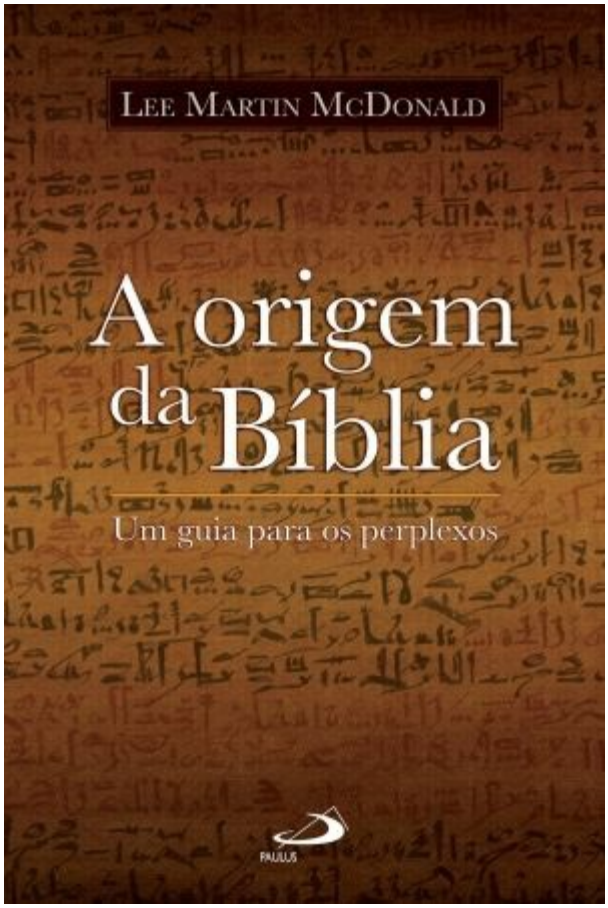
Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.
9788534945226
576 páginas

Compre agora e leia

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

Compre agora e leia


Lee Martin McDonald
A origem da Bíblia
Um guia para os perplexos
PAULUS

A origem da Bíblia

McDonald, Lee Martin
9788534936583
264 páginas

Compre agora e leia

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

Compre agora e leia

Índice

A FÉ E O SÍMBOLO - Introdução	8
A Fé e o Símbolo	21
PRIMEIRA CATEQUESE AOS NÃO CRISTÃOS - Introdução	39
PRIMEIRA CATEQUESE AOS NÃO CRISTÃOS	44
A DISCIPLINA CRISTÃ - Introdução	90
A DISCIPLINA CRISTÃ	98
A CONTINÊNCIA - Introdução	108
A continência	112